

TESE DE DOUTORADO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

ANGELA HARUMI TAMARU

**A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DA MULHER
NORDESTINA EM RACHEL DE QUEIROZ**

**Tese apresentada ao Curso de Teoria
Literária do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do título de
Doutor em Letras na Área de Teoria
Literária.**

**Orientadora:
Profa. Dra. Enid Yatsuda Frederico**

**Banca:
Prof. Dr. Haquira Osakabe
Prof.^a. Dr.^a. Maria Betania Amoroso
Prof. Dr. Luís Gonçalves Bueno de Camargo
Profa. Dra. Cilaine Alves Cunha**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

2004

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP**

T15c	Tamaru, Angela Harumi. A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz / Angela Harumi Tamaru. - Campinas, SP : [s.n.], 2004. Orientadora : Profa. Dra. Enid Yatsuda Frederico. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Modernismo (Literatura) - Brasil. 2. Queiroz, Rachel de, 1910-2003 – Personagens - Mulheres. 3. Matriarcado. I. Frederico, Enid Yatsuda. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
------	---

Nota e agradecimentos

Foi já no fechamento deste trabalho que, subitamente, Rachel de Queiroz interrompe sua existência de quase 93 anos. Sua posição de mulher forte, que marcou o século 20 no Brasil, aponta-a como uma figura feminina importante do Brasil, a ser lembrada tanto pela sua obra como pelo que representou, pois abriu espaço para a mulher na vida brasileira.

Por ter sobrevivido a quase todos os seus amigos, Rachel dizia-se pesarosa: “meus amigos eram todos mais velhos que eu, de forma que fui perdendo todos eles, de um em um. (Pedro) Nava, Graciliano (Ramos), Zé Lins (do Rego), amigos queridos que eram como irmãos, a gente se via todo dia”. Em “A matemática do tempo”,¹ ela interpela sobre essa mania de se pesar, escolher, dividir o tempo. Consola-se: “o tempo é que manda na gente, não somos nós que mandamos nele. Então, por que fingir controlá-lo, contá-lo?”

O livro *Tantos Anos*, biografia escrita com sua irmã Maria Luiza, diz que seu próximo projeto era “ir para o céu o mais rápido possível”. A figura da morte à espreita transformou-se numa constante tanto nas grandes obras como nas crônicas curtas que publicava nos jornais. O seu fascínio pela violência e a busca pela morte conduziram-na, de certa forma, a um relato de experiência no conjunto da obra ficcional. Ela afirma, em entrevista, ter censurado muitas partes do livro biográfico, que contavam de sua vida íntima, porque achava, paradoxalmente, que vida pessoal é coisa a se falar em romance, não nas biografias. Desta forma, coloca a morte como espécie de ousado projeto pessoal na biografia e diz não ter medo de morrer, já que para ela a morte é a libertação: “o que seria de nós se não fosse a morte? É a grande irmã, a grande amiga.”

Em suas crônicas, o que se vê não é diferente, mas verdadeiras reflexões acerca do tema. Na sugestiva “Você tem medo da morte?”,² ela confessa: “Eu me imaginava uma pessoa brava, sem medo de nada, principalmente da morte! E tinha até um certo orgulho disso.” Depois de um quase atropelamento, Rachel de Queiroz vê o seu equívoco com relação à sua valentia perante a morte e passa a fazer uma pesquisa sobre o tal medo da

¹ QUEIROZ, R. de. “A matemática do tempo” in *Estado de São Paulo*, 29 mar. 1997.

² QUEIROZ, R. de. “Quem tem medo da morte?” in *Estado de São Paulo*, 20 jan. 2001.

humanidade. Está curiosa para saber se outros também pensam nisso e se sentem o pavor que sentiu. Verdade ou ficção, o que ela nos relata é que o primeiro a ser investigado foi seu médico, que, talvez por viver em contato com pacientes em constante luta contra a morte, responde afirmativamente: “sou capaz de ver a magra rondando, preparando o bote – é, afinal, a grande inimiga do meu ofício”. O segundo a ser interpelado foi o padre: “tenho medo sim, mais do que qualquer outro, sei o que nos espera do outro lado; e a mim, portanto, tudo será cobrado em dobro”. A professora carrasca também não foge ao pânico: “como acredito que tudo não se acaba com a morte, sei lá o que me será cobrado nessa hora!” Até o que tinha fama de comunista confessou: “eu sou um ateu público, declaro sempre que a vida é o nosso bem mais precioso, como não ter medo de o perder?” A escritora conclui que “todos temem mesmo é o fim da vida, que acaba em mistério insondável, que nem crença nem religião seria capaz de ousar levantar-lhe o véu: mente quem diz que não tem medo da morte.”

Em outra crônica, também de título sugestivo, “Morrer sonhando”,³ escreve: “Sempre me sinto entre a vida e a morte, mais para a morte do que para a vida”. Aludia explicitamente ao calor do Rio, mas referia-se à sua constante reflexão acerca do tema: “Quando penso no fim do mundo e na infinidade de previsões com que sábios e adivinhos o descrevem, só faço a Deus um pedido: ‘Se o mundo se acabar ainda no meu tempo, por favor, que não seja pelo fogo!’ Pode vir por contaminação atmosférica, por peste, por colisão com outro astro, por uma grande maré que afogue os continentes. Contanto que não seja pelo fogo. Parece que o fim melhor ainda seria pelo frio. Nada de explosões e chamas, só o ar gelado tomando tudo. A gente vai se encolhendo, se amontoando uns contra os outros, tiritando, batendo o queixo. E aí, sendo o frio cada vez mais forte, baixa aquela sonolência; e se adormece e se morre, sonhando. Pelo menos assim me contou um russo, que quase morreu congelado e já foi salvo dormindo”.

Parece que suas preces foram ouvidas, pois, no dia 04 de novembro de 2003, faleceu a escritora às 6 horas da manhã, enquanto dormia. Meu agradecimento a essa figura, em cujos escritos pude me debruçar durante estes cinco anos de pesquisa, numa persistente busca por sua arte, que lapidou as inquietações femininas da mulher moderna.

³ QUEIROZ, R. de. “Morrer sonhando” in *Estado de São Paulo*, 2 fev. 2002.

Agradeço também à minha orientadora Enid Yatsuda Frederico, que me auxiliou nesta pesquisa, dando-me confiança e rigor necessários à escrita do trabalho; aos Professores Maria Betania Amoroso e Haquira Osakabe, pelas perspicazes e importantes leituras do texto da qualificação; às revisoras Ana Maria Nogueira Sabbag e Maria Aparecida Torres Morais, que deram inestimáveis contribuições ao intrincado texto que lhes ofereci; ao Eliniano, por ter sobrevivido às minhas intempestivas auto-afirmações durante estes cinco anos; à minha família, por sempre terem me apoiado, embora nem sempre compreendido, minha constante busca pelos estudos; a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram para que este fosse realizado; e à CAPES pelo apoio financeiro, concedido através da bolsa, que muito contribuiu no tempo necessário para a minha demorada definição profissional.

Palavras-Chave

1. Modernismo (Literatura) - Brasil. 2. Queiroz, Rachel de, 1910-2003 - Personagens - Mulheres. 3. Matriarcado.

Sumário

Introdução	11
1. ‘Brasilidade nordestina’ e o regionalismo de 30	15
2. Notas sobre a autora e suas obras	27
3. A busca da mulher nordestina	35
3.1. Conceição	43
3.2. A Beata Maria do Egito	55
3.2.1. Na hagiografia, Santa Maria Egípcíaca	56
3.2.2. O espírito religioso fanático e as forças políticas	62
3.2.3. As críticas ao texto dramático	74
3.3. Maria Moura	79
3.3.1. A inspiração na Rainha Elizabeth I	79
3.3.2. Uma matriz literária	81
3.3.3. As matriarcas	83
3.3.4. As cangaceiras	89
3.3.5. As heroínas guerreiras	94
3.3.6. A herança moura	97
3.3.7. Enfim, Maria Moura	101
4. As conquistas das personagens femininas	125
4.1. A orfandade	126
4.2. Linguagem e foco narrativo feminino	129
Conclusão	137
Bibliografia	143

Resumo

Neste trabalho, estuda-se Maria Moura e Beata Maria do Egito, personagens de Rachel de Queiroz, partindo da protagonista de estréia, Conceição, a primeira que não se casou, nem se dobrou ao destino das mulheres de sua época: forte e decidida, entrega-se aos prazeres das leituras, abdicando de sua ligação ao incompatível parceiro amoroso. Maria Moura e Beata Maria do Egito evocam uma multiplicidade de influências que as tornaram fortes e transgressoras das ordens vigentes, seja o patriarcalismo, seja a moral e virtude cristãs. Maria Moura é caracterizada como a chefe de um bando imerso no mundo do cangaço e aproxima-se da donzela-guerreira, trazendo as vestimentas masculinas e o cabelo cortado. Ao transgredir a lei, colocando-se na defesa dos perseguidos pela justiça e praticando inúmeros roubos e assassinatos, revela uma matriz maior, a da matriarca, caracterizada por ser: fazendeira, grande proprietária, destemida e dona do poder. Maria do Egito subverte a religião, entregando seu corpo como forma de continuar lutando pelo Juazeiro de Padre Cícero. Evoca uma matriz hagiográfica, a da Santa Maria Egípcíaca e lembra as hieródulas, cortesãs sagradas do mundo antigo.

São apresentadas as diversas matrizes para a concepção das personagens estudadas. Desta forma, são trazidas, quando necessárias, outras personagens da autora, como Guta, Noemi e Dora, e também D. Guidinha do Poço, de Manuel de Oliveira Paiva. São tomados da realidade vários modelos, que a auxiliaram na construção de suas personagens: figuras históricas, como a Rainha Elizabeth I; familiares, como dona Rachel e Bárbara de Alencar; matriarcais, como Dona Federalina de Lavras e Marica Macedo.

Abstract

The purpose of this thesis is to study the life and times of Maria Moura and Beata Maria do Egito, both characters of Rachel de Queiroz. Our starting point is Conceição, the first main character, and the first one to refuse to submit to the fate of women of her time. Strong and determined, Conceição devotes herself to the delights of reading and abdicates from her liaison with a bad match. Maria Moura and Beata Maria do Egito evoke a multiplicity of influences which made them strong and turned them into rebels against the establishment – be it patriarchal or Christian. Maria Moura is portrayed as a leader of a bandit gang, resembling a maiden knight with her short haircut and her man's clothing. By breaking the law, taking the side of the convicted and committing murder and robbery, she reveals a higher nature: that of a matriarch, characterized by being fearless, a landlord, and a ruler. Maria do Egito perverts religion and offers her body as a means to keep on fighting for Padre Cícero's home town, Juazeiro. By doing so she evokes the hagiographic tradition of Mary of Egypt and recalls the hierodules, the sacred courtesan of the ancient world.

Our thesis aims at displaying the different matrixes used for the conception of the characters we analyzed and we thus refer to other characters the author created, such as Guta, Noemi, and Dora, as well as D. Guidinha do Poço, a character created by the author Manuel de Oliveira Paiva. Again, the author draws on several real-life models to create them: historical personalities, such as Queen Elizabeth I, familiar ones, such as Dona Rachel and Bárbara de Alencar, as well as matriarchal ones, such as Dona Federalina de Lavras e Marica Macedo.

Introdução

Este trabalho parte da constatação de Adonias Filho a respeito da preocupação da escritora Rachel de Queiroz em destacar a personagem feminina e, através dela, penetrar em aspectos do universo cultural nordestino. A figura da mulher é tomada como a que aciona a ficção e é situada diante de três dramas: a seca, o cangaço e o fanatismo. Ele assim escreve: “É Conceição em *O quinze*, é Maria Bonita em *Lampião*, é a Beata em *A Beata Maria do Egito*.”¹

Se Conceição é a figura central do drama vivido por personagens que lutam perante a seca ocorrida em 1915, a Beata Maria do Egito representa a figura santificada do ambiente romeiro de Padre Cícero, sofrida e perseguida como o seu Patriarca. Ambas partilham um ideal de projeto histórico feminino, em que a mulher, comumente desprezada em casa e na sociedade, é valorizada. Já em *Lampião*, Rachel de Queiroz procura centrar a personagem Maria Bonita, companheira do cangaceiro, que abandona a pacata vida do lar e o marido para acompanhar Lampião em sua vida de banditismo. No entanto, a figura central feminina perde espaço para o líder cangaceiro, que lhe “rouba a cena”.

É somente com o *Memorial de Maria Moura* que Rachel de Queiroz consegue vingar-se de Lampião, pois, nesta obra, haverá uma espécie de “Lampiona”, que irá, numa vida de bandidagem e conquistas, concretizar o seu projeto de escritora, a ponto de Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa afirmar que os problemas não solucionados das protagonistas anteriores são retomados, mais tarde, pela personagem Maria Moura, sendo ela, desta forma, uma espécie de personagem-afirmação.²

Este trabalho, então, buscou construir o universo de relações das personagens Maria Moura e Beata Maria do Egito, partindo, para tanto, da personagem feminina de estréia da autora, Conceição, a que não se casou, nem se dobrou ao destino das mulheres de sua época: forte e decidida, entrega-se aos prazeres das leituras, abdicando até de sua ligação com o parceiro amoroso. Conceição, Maria Moura e Beata Maria do Egito evocam uma

¹ AGUIAR, A. Filho. *O romance brasileiro de 30*, p. 86.

² BARBOSA, M. de L. D. L. *Caminhos e descaminhos das protagonistas de Rachel de Queiroz*, p. 139.

multiplicidade de influências que convergem em personagens femininas fortes e transgressoras das ordens vigentes, seja a predominância do patriarcalismo no sertão nordestino, seja a vigência da moral e virtude cristãs. Conceição dedica-se à carreira de professora e ao amparo dos que sofrem com a seca; Maria Moura é caracterizada como a chefe de um bando imerso no mundo do cangaço; Maria do Egito é a beata que luta pelo Juazeiro de Padre Cícero.

Essas personagens femininas têm em comum o fato de se negarem a viver o destino padronizado das mulheres, o de ser mãe e esposa, desafiando a prescrição feita já a Conceição de *O quinze*: “mulher que não casa é um aleijão” – sentença dada pela avó.³ Ainda que seja professora – uma “segunda mãe” –, essa é a primeira profissão que dá a elas, mulheres, emancipação. Ao adotar como seu um filho entregue por uma flagelada da seca, em troca de um bocado de comida, a preocupação de Conceição não é somente satisfazer seus apelos maternos, mas também os sociais, prestando a um rebento da seca sua solidariedade.

Enquanto Maria Moura se aproxima da caracterização da donzela-guerreira, trazendo na sua personagem a tradição das vestimentas masculinas e do cabelo cortado, Maria do Egito lembra as hieródulas, as cortesãs sagradas do mundo antigo. Mais importante que isso, porém, é perceber que Maria Moura, ao transgredir a lei, colocando-se na defesa dos perseguidos pela justiça e praticando inúmeros roubos, ladroagens e, até mesmo, assassinatos, revela uma matriz maior, a da matriarca, caracterizada por ser fazendeira, grande proprietária, destemida e dona do poder. Já Maria do Egito, uma beata devota e santificada, subverte a religião, deitando-se com o Tenente, num acordo para conseguir sua libertação. Foi a forma que encontrou para continuar lutando ao lado daqueles que buscam justiça e fim do sofrimento na pequena cidade do Juazeiro. Não se converte numa prostituta, nem se macula, evocando, de modo tênue, uma matriz hagiográfica, a da Santa Maria Egípcíaca.

Afora a constatação de tais influências, este trabalho é conduzido para o tipo de projeto que Rachel de Queiroz demonstra possuir na construção de suas personagens femininas. Insatisfeita com Maria Bonita, desbancada pelo chefe dos cangaceiros em sua peça *Lampião*, a escritora tenta novamente, com Maria do Egito, a construção literária da

mulher nordestina. Mas todas as suas personagens, embora bravamente rompam com o comportamento estipulado convencionalmente para as mulheres, parecem titubear perante sua realização afetiva. Foi assim desde Conceição, a personagem inaugural. Elas sabem se impor, utilizando-se das forças que possuem, mas, não obstante, sucumbem no plano afetivo. Como a escritora concebe, então, suas mulheres nordestinas? É este o desafio deste trabalho: perseguir a caracterização das personagens femininas Maria do Egito e Maria Moura, a partir de Conceição.

A autora pôde, ao longo de suas obras, criar a personagem Maria Moura, fazendo com que essa muito devesse às inúmeras outras antecessoras, quase todas a contribuírem, de certa forma, à realização da última. Explicar, a partir da última, as outras personagens, ou, ainda o inverso, explicar como cada uma pôde contribuir para a representação final de Maria Moura, esse é o projeto deste trabalho, sem deixar, no entanto, de apresentar as diversas matrizes que contribuíram para a concepção das personagens literárias. Dessa forma, são trazidas, quando necessárias, outras personagens de Rachel de Queiroz como Guta, Noemi e Dora, assim como uma personagem literária, D. Guidinha do Poço, de outro autor cearense.

Além delas, Rachel de Queiroz parece tomar da realidade vários modelos que a auxiliaram na construção de suas personagens. Entre elas, despontam figuras históricas, como a Rainha Elizabeth I; familiares, como dona Rachel e Bárbara de Alencar; matriarcas, como Dona Federalina de Lavras e Marica Macedo. Buscando apreender o mistério de tais personalidades, a autora elabora sua própria interpretação do feminino que persegue, extraindo recursos deste grande arsenal do romancista, que é a memória – histórias de que tomou conhecimento, seja através de narrativas orais, seja através de livros antigos, e que lá permaneceram para servir como elementos de invenção da matéria ficcional.

³ QUEIROZ, R. de. *O quinze*, p. 10.

1. “Brasilidade nordestina” e o romance de 30

Participante ativa do ciclo de cultura regionalista da década de 1930, Rachel de Queiroz contribui para a construção e difusão de uma das mais bem sucedidas “identidades culturais”, a chamada “brasilidade nordestina”, que tem à frente Gilberto Freyre, criador da expressão. Ela relata a liderança exercida pelo sociólogo na crônica “O incrível centenário”:

Para nós, nordestinos, principalmente os que tínhamos maior contato com Pernambuco, Gilberto Freyre era uma espécie de orago. O homem que tinha descoberto o processo com que se fizera a civilização daquela região, baseado em informações locais, em documentação ainda não utilizada. A publicação de seu *Casa grande & Senzala* foi praticamente um escândalo. As relações dos patriciados com os escravos africanos e a população local eram vistos sob ângulo inédito. Quando o conheci, Gilberto já estava em sua plena glória. Só tive que reverenciá-lo como os demais da minha geração: ele era o mestre.⁴

Rachel de Queiroz, na mesma crônica, presta homenagem aos cem anos do nascimento de Gilberto Freyre, lembrando a consagração imediata do autor ao lançar *Casa grande & Senzala*. Observa como o sociólogo enaltece o ego nordestino ao apresentar o sertanejo nas suas fragilidades essenciais, sem, com isso, desvalorizá-lo. Nas limitações da pobreza e do atraso, o nordestino mostra sua paciente resistência à miséria e ao coronelismo.

Para alguns autores, essa imagem atribuída ao nordestino substitui a importância da ordem econômica perdida com o fim da oligarquia. O patriciado rural local nunca se refez do duro golpe desferido pela revolução de 1930 contra as oligarquias regionais do nordeste. Na ausência dos sólidos pilares da velha ordem senhorial, os seus herdeiros incumbiram-se da missão de garantir a sobrevivência desse universo no plano da ficção literária. O maior deles, Gilberto Freyre, criou a idéia da “brasilidade nordestina”; Rachel de Queiroz, o “homem telúrico”; Zé Lins do Rego, o velho engenho desbaratado pela usina; e o escritor

⁴ QUEIROZ, R. de “O incrível centenário” in *O estado de São Paulo*, 9 out. 1999.

Ariano Suassuna, o seu “sertão medieval”. Michel Zaidan Filho afirma que:

A criação literária de Rachel de Queiroz em torno de uma “humanidade telúrica” — esse “homos nordestinus” — em cujas veias escorre terra em vez de sangue e cujos traços psicológicos, “naturais”, seriam: a solidão, a solidariedade irrestrita, o apego à terra, o fatalismo etc., é o correlato dessa “brasilidade nordestina”, o seu suporte antropológico.⁵

A criação literária nordestina, sobretudo o romance, só se elucida no âmbito histórico-político se analisada à luz do projeto ideológico que lhe é subjacente: o de criar e difundir o conceito de uma região – o nordeste. Neste sentido, estaria acompanhando a poesia e a pintura de Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Ascenso Ferreira, Cícero Dias, Vicente do Rego, e outros. O conjunto desta produção cultural responde por um objetivo específico: definir e divulgar um espaço e uma cultura nordestinos a partir dos anos de 1920 no Brasil. Desta forma, realiza-se uma união perfeita entre modernista e regionalista, misturando elementos locais e universais, para obter a identidade nacional com um “ethos” cultural próprio, autêntico, avesso ao importado, estrangeiro e europeizante. Este projeto ideológico viabilizará a sobrevivência simbólica das elites agrárias destituídas do poder pela revolução.⁶

Através de práticas e discursos regionalistas, gestou-se, então, no começo do século XX, essa idéia de nordeste, espécie de identidade formulada por vários movimentos culturais – Regionalismo, Modernismo e, posteriormente, Tropicalismo –, a partir de uma cultura local existente. Essa concepção de nordeste foi introjetada por aqueles que ali habitavam. Desta forma, os movimentos culturais reelaboram, permanentemente, a sua própria concepção de existência.

Afirma Durval Muniz de Albuquerque Júnior que, ao tratar do nordestino, deve-se evitar cair na estereotipia, pois é perigoso arrogar-se no direito de dizer quem é o outro em poucas palavras. É importante observar que o nordeste e os nordestinos são invenções que se sustentam pelas próprias relações de poder vigentes nessa região. Propalados como os

⁵ ZAIDAN Filho, M. *O fim do nordeste e outros ensaios*, p. 18.

⁶ O ano de 1930 foi marcante na história do Brasil por corresponder às consequências da crise de 1929 na história americana, com reflexo na estrutura social e econômica do mundo todo. Em nosso país, a crise do café abala a estrutura política, levando à crise de 1930, que depõe o Presidente Washington Luís e leva ao poder uma geração jovem, com Getúlio Vargas no comando. A imigração, a industrialização, a urbanização daí resultante, a agitação político-militar e a crise econômica demonstravam que o sistema de produção agrária começava a ser destruído e substituído por uma era industrial capitalista. Desta forma, “o romance de 30” é integrante, produto e reflexo dos primórdios do Brasil moderno, que se superpunha ao Brasil arcaico/agrário.

constantemente derrotados, oprimidos, discriminados e explorados pela região sul e sudeste do país, os nordestinos, eles mesmos, emitem, em sua própria locução, o discurso do atrasado, do pobre, do necessitado. A forma de se conceber a região, portanto, é fruto de seu próprio discurso. O estudioso aponta que definir uma região não é pensá-la uma homogeneidade, uma idade presente na natureza, como se estaria propenso a fazer, mas é pensá-la um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos e épocas, com diversificados estilos.⁷

Segundo ele, a identidade surge como efeito da repetição regular de imagens e enunciados compostos de signos eleitos para representar a região. E, para o Modernismo, a identidade a ser construída deveria apoiar-se sobre a cultura. Para Mário de Andrade, cabia ao artista a construção dessa tradição, na qual se fundamentaria a identidade cultural. O artista, por conseguinte, estava encarregado de coletar um inconsciente artístico coletivo, não aquele pautado nos padrões europeus, porém numa tradição que emerge historicamente da cultura popular, da raça mestiça. Após uma fase consciente de construção dessa tradição, esta passaria a ser incorporada. As obras de arte que foram feitas com esse intuito não tiveram uma preocupação de relatar uma cultura existente, mas de criá-la a partir de um povo e de uma cultura popular.

Pensando assim, o nordeste foi uma espécie de invenção regional, que rompe com a antiga dualidade norte/sul, num momento em que o norte perdia poder com as alterações trazidas pelo fim da escravidão e pela crise da produção açucareira, e o sul se fortalecia com o desenvolvimento urbano e industrial. Estabelece-se, então, uma redistribuição das espacialidades no país, em que o nordeste reage ao processo de instauração da modernidade. Esta região volta-se para uma tradição e uma memória reinventadas através de uma prática discursiva autocentrada. Os temas escolhidos – a seca, o cangaço, o messianismo e as lutas pelo controle do Estado – são os que sensibilizam a opinião pública nacional e, assim, podem trazer novos recursos ao local, capazes de defender os privilégios ameaçados.

A sociologia freyreana havia sido responsável, em grande parte, por essa visão tradicionalista do nordeste. A influência do pensamento marxista, no entanto, amplamente divulgado entre intelectuais e militantes ligados ao Partido Comunista, atua não só no modo

de interpretar a realidade do país, mas surge como caminho a ser seguido tanto na política, como nas artes e na cultura: a denúncia de miséria, de injustiças sociais e de revolta. Desta forma, os intelectuais de esquerda, ao tematizarem o nordeste, encontraram-se com os tradicionalistas exatamente pela negação da modernidade. Por isso há uma tendência do discurso dos intelectuais marxistas em abordar fenômenos como o cangaço, o messianismo e o coronelismo a partir de seus determinantes sociais. O cangaceiro e o beato seriam indivíduos marginalizados, utilizados como exemplos de luta contra a opressão. A esquerda reordena o mito do bandoleiro e do santo para denunciar as condições de injustiça e miséria.

A descoberta do tema da seca, como um discurso, que emocionava e mobilizava recursos e obras, instaura um novo motivo diante da decadência das atividades econômicas principais da região. Ela não se torna apenas tema central no discurso dos representantes políticos, porém estende-se também a outros âmbitos. A reelaboração da região dá-se no plano cultural, mais do que no político. Ligados ao fenômeno da seca, vêm as temáticas do cangaço e do messianismo, que só reforçam a imagem do nordestino como homem violento e fanático, o nordeste como uma terra sem lei, submetida ao terror dos bandidos, além da loucura religiosa.

Os filhos da elite regional, sobretudo, é que vão propalar, através de obras sociológicas e artísticas, um nordeste onde não mais se sonha com a volta ao passado, mas com a construção de uma outra sociedade: realizar o novo através da revolta contra a exploração e a dominação. A literatura participa da sua invenção, elaborada a partir de fontes ali existentes. Durval Muniz de Albuquerque Júnior esclarece:

Embora sendo um grupo de autores muito diferenciados do ponto de vista estilístico, os romancistas do Nordeste se aproximam, pela posição que ocupam no campo literário e como representantes de uma área cultural do país em declínio em outros aspectos, e elegem a politização da cultura como o caminho para se fazer presente no cenário nacional.⁸

O romance de 30 emerge preocupado em definir os vários tipos humanos e as características sociais que compunham a nação, cruzando o ponto de vista psicológico com o social. No romance nordestino, irão se cruzar a crise de uma sociabilidade com a de uma intelectualidade tradicional, o problema individual de filhos de proprietários rurais em crise

⁷ ALBUQUERQUE Júnior, D. M. de. *O engenho anti-moderno: a invenção do nordeste*, p. 6,

⁸ ALBUQUERQUE Júnior, D. M. de. *O engenho ...*, pp. 170-1.

com o problema social equacionado como instância regional pela produção sociológica freyreana e toda uma produção discursiva anterior:

O ato de escrever para eles é, ao mesmo tempo, um ato de alegria por se reencontrarem com um tempo que se perdeu; uma redescoberta de um tempo que nega o esquecimento, pelas reminiscências e lembranças que procuram trazer de volta; mas também é um ato de tristeza por trazer a consciência da passagem do tempo, da inexorável destruição que este traz, inclusive das próprias lembranças.⁹

Ao elaborar, como tema central, a decadência da sociedade patriarcal e sua substituição pela sociedade urbano-industrial, os autores do romance de 30 procuram se aproximar do povo através da literatura, adotando temas e formas de expressão de origem popular como forma de denunciar as condições sociais em que viviam. Descendentes de famílias tradicionais e decadentes, estes intelectuais não estão mais comprometidos diretamente com os grupos dominantes, permitindo-se certa autonomia. O povo vive, de certa forma, marginalizado como esses intelectuais, pois ambos estão desvinculados da burguesia emergente. E a própria escolha da forma romance para falar do nordeste não é fortuita, já que se aproxima da tradicional narrativa popular.

Dentre estes autores, Rachel de Queiroz estaria junto daqueles que constróem a região como espaço de saudade, da tradição. Embora também se reporte ao litoral, o sertão é o espaço tradicional por excelência, aquele que dá originalidade ao nordeste. Para tanto, elabora obras tendo como material de invenção suas próprias lembranças, experiências, imagens, enunciados e formas de expressão conservados de uma identidade ameaçada de se perder.

Para ampliar a discussão, pode-se perceber que Rachel de Queiroz teve a preocupação, como participante do movimento Modernista, de fundar certa tradição nordestina e não apenas propalar uma já existente. E, para tanto, ao relatar fatos, memórias e lendas conhecidos na região, ela registra e, ao mesmo tempo, recria elementos a serem incorporados pela cultura própria local, pois os discursos e as práticas, que inventaram o nordeste, são também históricos à medida que se produzem em condições determinadas e projetam-se no futuro. Ao mesmo tempo em que criam tradições, ao inventar o passado, influenciam novos acontecimentos e fazem acontecer o presente. A história regional retrospectiva busca dar à região um estatuto ao mesmo tempo universal e histórico, espécie

⁹ ALBUQUERQUE Júnior, D. M. de. *O engenho ...*, p. 174.

de restituição de uma verdade, conjunto de indícios que já denunciavam sua existência ou a prenunciavam, como afirma Durval Muniz de Albuquerque Júnior:

Olha-se para o passado e alinha-se uma série de fatos, para demonstrar que a identidade regional já estava lá. Passa-se a falar de história do Nordeste, desde o século XVI, lançando para trás uma problemática regional e um recorte espacial, só dado a saber no início do século XX.¹⁰

A identidade regional permite costurar uma memória, inventar tradições, encontrar uma origem que religue os homens do presente a um passado, que atribua sentido a uma existência cada vez mais sem significado, tornando, desta forma, o nordeste tradicional num produto da modernidade. É de se prever, portanto, que as “tradições” nordestinas são sempre buscadas em reminiscências de um passado rural e pré-capitalista, sobretudo patriarcal, com forte ênfase na memória:

Essa memória espacial, esteticamente resgatada, inspiraria a criação de um futuro melhor, liberto dos arrivismos, artificialismos e utilitarismos burgueses. Um espaço regional, feito para permanecer no tempo; construído com o agenciamento de monumentos, paisagens, tipos humanos, relações sociais, símbolos e imagens que pontilham este território estriado pelo poder. É na memória que se juntam fragmentos de história, lembranças pessoais, de catástrofes, de fatos épicos que desenham o rosto da região.¹¹

É notória a tematização de elementos da cultura popular, nas obras de Rachel de Queiroz, presentes como forma de legitimar a tradição nordestina. Não só no imaginário (lendas, tradições, memórias), no comportamento (cangaço, fanatismo) e na linguagem (oralidade, uso de expressões coloquiais e ditados populares) estão o reavivamento desta cultura, mas também em formas de expressões artísticas (cordel, poesia, dança, música e espetáculo mambembe).¹² Na elaboração das suas personagens, eminentemente femininas, opera com experiências sociais fundamentais e típicas da região, capazes de promover a identificação do leitor.

Com o romance *O quinze*, de Rachel de Queiroz, e *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, a prosa nordestina se amplia. O caminho, que antes se fizera com Franklin Távora e Domingos Olímpio, finalmente se alarga, sobretudo em linguagem e estrutura,

¹⁰ ALBUQUERQUE Júnior, D. M. de. *O engenho ...*, p. 121.

¹¹ Ibid, p. 130.

¹² O circo-teatro, que consiste na incorporação da teatralidade pelo picadeiro, parece ter sido o grande responsável pela atenção da intelectualidade brasileira aos espetáculos mambembes. Por volta de 1920, artistas ligados à Semana da Arte Moderna incorporaram-no em sua arte, descobrindo o forte conteúdo ali manifesto. Não foi diferente com Rachel de Queiroz que percebeu, na arte popular, expressão mais autêntica do espírito regional.

com as conquistas do movimento Modernista. O material, poderoso em carga humana e complexidade social, apenas de leve tocado pelos ficcionistas anteriores, corresponde de fato a um universo capaz de alimentar, diariamente, as maiores vocações criadoras.

Assim, um aspecto interessante, ligado às condições específicas do decênio de 1930, foi a multiplicação das literaturas regionais e sua transformação em modalidades expressivas, cujos âmbito e significado tornaram-se nacionais, como se fossem coextensivos à própria literatura brasileira. É o caso do “romance do nordeste”, considerado por muitos como o romance por excelência. Fala-se de literatura regional e não regionalista no sentido pitoresco, de um nordeste representado na sua realidade viva pela literatura.¹³ Aglaêda Facó Ventura, no Seminário do Romance de 30 no Nordeste, recusa-se a denominar este tipo de obra de regionalista e oferece uma nova conceituação com o termo neo-realista, que, segundo ela, facilitaria a sua filiação à estética social e existencial do romance ocidental. Inclui *O quinze* nesta nova conceituação por considerá-lo um verdadeiro painel não só da realidade do nordeste, mas de todo o Brasil deste período.¹⁴

O romance do nordeste transformou o regionalismo ao eliminar a visão paternalista e exótica, substituindo-a por uma posição crítica, freqüentemente agressiva, assumindo o ângulo do espoliado com um acentuado realismo no uso do vocabulário e na escolha das situações. Os decênios de 1930 e 1940 foram momentos de renovação dos assuntos e busca da naturalidade, com a maioria dos escritores construindo uma nova maneira de escrever, tornada possível pela liberdade, que os modernistas do decênio de 1920 haviam conquistado e praticado.

No balanço feito sobre o movimento Modernista, em *Aspectos da literatura brasileira*, Mário de Andrade lamenta uma falta: “apesar da nossa atualidade, da nossa nacionalidade, da nossa universalidade, uma coisa não ajudamos verdadeiramente, duma coisa não participamos: o melhoramento político-social do homem. E esta é a essência mesma da nossa idade.”¹⁵ É somente com a geração posterior, a de 1930, que haverá empenho na questão político-social do homem, propiciando idéias políticas e,

¹³ CÂNDIDO, A. *A educação pela noite e outros ensaios*, p. 187.

¹⁴ VENTURA, A. F. *Seminário termina com painel sobre Rachel de Queiroz*, pp. 197-8. O termo neo-realismo também é utilizado por Flora Sussekind em *Tal Brasil, qual romance?*

¹⁵ ANDRADE, M. *Aspectos da literatura brasileira*, p. 255.

consequentemente, a divulgação do marxismo, o aparecimento do fascismo e, como contrapartida, o renascimento do catolicismo de cunho existencial.

A rebelião Modernista de 1922 – predominantemente de ordem estética, inspirada nos movimentos de vanguarda europeus, e que adquiriu aos poucos um sentido essencialmente brasileiro quer na poesia, quer na prosa – possibilitou a consolidação, em 1930, de um novo eixo em torno do qual passou a girar a cultura brasileira. Neste sentido, foi um marco histórico, daqueles que fazem sentir vivamente que houve um “antes” diferente de um “depois”, como diz João Luiz Lafetá, mas que gerou um movimento de unificação cultural. Por isso o romance de 30 é visto como **parte integrante** do movimento modernista e não apenas um desdobramento do Modernismo de 22, uma segunda fase da literatura surgida na Semana da Arte Moderna. O crítico harmoniza as diferenças entre os dois momentos, partindo do princípio de que todo movimento tem um projeto estético e um ideológico e, no caso do Modernismo Brasileiro, teria ocorrido uma ênfase maior no primeiro durante a fase heróica e, nos anos 30, a ênfase estaria no projeto ideológico.¹⁶

Tal forma de conceituar os dois momentos, o de 1922 e o de 1930, porém, foi apontada por Luís Gonçales Bueno de Camargo como falha, porque este considera não haver uma continuidade dos projetos estéticos e ideológicos de uma geração para outra, de forma que a ênfase num ou noutro não dá conta dos desacordos que separam essas duas gerações. Segundo ele, seria preciso saltar as enormes diferenças que há entre a geração de intelectuais formada antes da Primeira Guerra e a dos formados depois dela. A geração de 1922 privilegiou a poesia como forma, com uma forte influência das vanguardas européias a incitar uma renovação, ao passo que a de 1930 produz mais romances descrentes de uma transformação positiva via modernização. A diferença ideológica dos dois grupos é tão acentuada que, nos autores do verdeamarelismo, articulava-se uma utopia modernista e, nos romances de 30, priorizavam-se aspectos de uma pós-utopia, a constatação de um país injusto e atrasado.

Tal desalento é o que Antônio Candido descreve em sua crítica relativa ao período. Indica o atraso e o subdesenvolvimento como elementos de repercussão na consciência do escritor não só brasileiro, como latinoamericano. A noção de continente novo, que atribuía a si mesmo grandes possibilidades de futuro, não pôde se realizar, sendo sobreposto pela

noção de atrasado e de pobreza. Muda-se a perspectiva, outrora de celebração das grandes pátrias, para a realidade de populações miseráveis e incultas. Desta forma, diante de um presente paralisante, a visão resulta pessimista, pois um futuro problemático é o que se vê pela frente. Não se trata, todavia, de uma posição passiva. A falta de perspectiva leva à decisão de lutar, pois a agonia produzida na consciência, diante do comprovado atraso, suscita reformas políticas, construção ideológica transformada em ilusão compensadora. Daí a disposição de combate, que se estende por todo o continente, convertendo a idéia de subdesenvolvimento em força propulsora, que dá novo caráter ao tradicional empenho político dos intelectuais. Esta consciência se manifesta claramente no período pós Segunda Guerra, mas vinha sendo orientado desde a década de 1930, sobretudo na ficção regionalista.¹⁷

Neste grupo pós-utópico da “geração de 30”, Rachel de Queiroz figura juntamente com José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo, José Lins do Rego, para citar apenas os mais conhecidos. Além da preocupação social, José Hildebrando Dacanal explica tal agrupamento de autores pela proximidade de suas obras, com algumas características constantes, quais sejam: verossimilhança, linearidade, temática agrária e estruturas históricas identificáveis.¹⁸

Quanto ao conceito “romance de 30”, José Hildebrando Dacanal afirma não ter importância o fato de ter sido e continuar sendo usado de forma pouco rigorosa ou de não estar claramente delimitado. O que deve importar, na sua opinião, é que ele identifica um fato claramente constatável na evolução da ficção brasileira: nunca antes, em período de tempo tão curto, tantos autores haviam escrito tantas obras tão próximas entre si. A partir dessa evidência e tomando por base a década em que começaram a surgir tais autores e obras, nasceu o conceito.

Estas proximidades definidoras do romance de 30, no entanto, acabam sendo percebidas por Luís Gonçales Bueno de Camargo como um equívoco de leitura, pois contemplam apenas o romance social e, mais do que isso, o regional, deixando de fora do período escritores como Cornélio Penna, Marques Rebelo ou Lúcio Cardoso. Por isso

¹⁶ LAFETÁ, J. L. *1930: a crítica e o modernismo*.

¹⁷ CÂNDIDO, A. “Literatura y subdesarrollo”, pp. 335-7.

¹⁸ DACANAL, J. H. *O romance de 30*, pp. 13-5.

afirma: “Em sua busca pelo ‘típico’, Dacanal nunca olha para o elemento ‘dissonante’.” E o seu apontamento vai além, ao constatar que também a classificação dos romances psicológicos ou intimistas é falha pelo mesmo motivo, o de fazer uma série de afirmações categóricas numa lista didática de “características típicas”.¹⁹ E, ao se recusar essa divisão, pode-se ir mais adiante e apontar autores que escapam a esse círculo fechado. É esse o caso de Rachel de Queiroz:

É engraçado, por exemplo, como nos acostumamos a pensar na autora de *O quinze* como uma escritora regionalista levando em conta apenas o seu romance de estréia – e nem este é somente romance regionalista, diga-se. Embora sempre tocando em temas que poderiam ser chamados de sociais, seus romances seguintes são mais psicológicos do que qualquer outra coisa, a ponto de um crítico que procurou estudar o regionalismo como tendência geral das letras brasileiras afirmar [que] “a conclusão a que se pode facilmente chegar é que qualquer rótulo generalizante aplicado à ficção de Rachel de Queiroz, do tipo ‘romancista regionalista’ ou mesmo ‘romancista social’ constitui um simplismo e uma inexatidão.”²⁰

Através de uma estética neo-realista, Rachel de Queiroz mostra, em *O quinze*, personagens degradadas pelo flagelo da seca e baixas condições sócio-econômicas. O que temos é uma tentativa de análise do destino do homem com a consciência da conjuntura em que se situa – a seca. Avulta, porém, a posição da mulher, tendo, como pano de fundo, os problemas geográficos e sociais nordestinos, cuja temática sistematiza-se com base nos cenários e nos costumes, sem minimizar o papel da imaginação criadora perante esta nova personagem feminina emancipada. Deste modo, confluem, nesta obra, duas vertentes do romance de 30, a questão social e a modalidade mais “intimista”.

Esse tipo de junção põe por terra a idéia de categorização dos romances e salienta uma efervescência própria da década de 1930, com suas diversas perspectivas políticas, ideológicas e culturais. Estas permitiram o aparecimento de obras literárias multifacetadas, que surgiram tanto a partir do veio da heroína forte, independente e ambientada num meio rural, agreste, quanto de um tipo de heróis fracassados, cansados e próximos à desilusão, comumente localizados em ambientes urbanos, como quer Fernando Cerisara Gil. Este concorda com o fato de que, neste período, buscava-se a criação de um projeto estético que redesenhasse o mapa histórico e cultural do país e da nacionalidade. Ele vem com múltiplas faces e com infinitas descontinuidades, a personagem fracassada é situada como uma

¹⁹ CAMARGO, L. G. B. de. *Uma história do romance brasileiro de 30*, p. 28.

²⁰ ALMEIDA, J. M. G. de citado por CAMARGO, L. G. B. de. *Uma história...*, p. 14.

espécie de retorno do reprimido, de nossa inferioridade, de nosso conformismo, de nosso provincianismo como país atrasado.²¹

Com o urbano, ampliam-se as possibilidades temáticas e constitutivas de novos tipos de protagonistas: além do pobre-diabo, outros marginalizados surgem, como a criança nos contos de Marques de Rebelo; o adolescente em Octávio de Faria; o homossexual em Octávio de Faria e em José Lins do Rego; o desequilibrado mental em Lúcio Cardoso e Cornélio Penna; a mulher nos romances de Lúcia Miguel Pereira, Rachel de Queiroz, Cornélio Penna e Lúcio Cardoso. Uma abertura desse tipo traz para o intelectual, oriundo geralmente das classes médias ou de algum tipo de elite decaída, o problema de lidar com o diferente.²² A incorporação da mulher na literatura, alçada à posição de protagonista, permite o surgimento de uma literatura a partir da ótica feminina, como o faz Rachel de Queiroz:

Podem escandalizar-se os sociólogos e toda a gente mais: para o século XXI, eu prevejo a vitória social das mulheres. As mulheres deixarão de ser o elemento secundário na sociedade e na família para assumir a vanguarda de todos os atos e de todos os acontecimentos. (...) Como já salientei, tudo indica essa evolução sensacional: as mulheres penetrando em todos os setores da atividade masculina. (...) E eu só queria viver mais 100 anos para ver a reabilitação definitiva das mulheres, tão certo como 3 e 3 são 6.²³

Rachel de Queiroz deixa transparecer em suas obras a significativa importância dada às mulheres, às conquistas femininas, participando, enquanto escritora, dessas mudanças.

²¹ GIL, F. C. *O romance da urbanização*, p. 16.

²² CAMARGO, L. G. B. de. *Uma história...*, p. 15.

²³ QUEIROZ, R. de. In HOLANDA, H. B de, “O éthos Rachel”, *Cadernos de literatura brasileira*, p. 112.

2. Notas sobre a autora e suas obras

Rachel de Queiroz, desde os seus primeiros escritos sob o pseudônimo de Rita de Queluz, acumulou inúmeras vitórias. Obteve consagração profissional pelo premiado *O quinze*, reconhecido pela crítica literária modernista, incluindo-se aí importantes homenagens. Com um excepcional e constante sucesso de mercado, que lhe garantiu reedições em massa e traduções em quase todos os países, por mérito, conseguiu, na grande imprensa, uma carreira independente e largamente prestigiada, que se manteve por mais de 70 anos. Teve uma atividade prolífica como tradutora, dramaturga, cronista, radialista. E, finalmente, sua vitória mais simbólica: ter sido a primeira mulher a se eleger como membro da Academia Brasileira de Letras, tomando posse numa grande festa nacional.

Há, no entanto, certo consenso em se constatar, hoje, uma reduzida e repetitiva fortuna crítica, considerada razoavelmente inexpressiva em relação à posição que ocupou a romancista na história da literatura nacional. Heloísa Buarque de Hollanda atenta para esse fato em sua certeira crítica à autora e opõe-no à espantosa recepção de *O quinze*, obra saudada por críticos do porte de Alceu Amoroso Lima, Augusto Frederico Schmidt e Artur Mota. A consolidação da carreira de Rachel de Queiroz como romancista e jornalista ocorreu durante o período de 1930 a 1960, mas

hoje em dia, pouco se escreve sobre seu valor especificamente literário, sobre sua competência na economia da linguagem, “expertise” que lhe permitiu introduzir uma escrita sóbria, rigorosa, antibarroca, avessa a qualquer demagogia no moderno romance nordestino. Por que não existem estudos suficientes sobre este seu lugar tão particular no modernismo brasileiro? Ou mesmo agora, mais recentemente, quando entram em voga os estudos sobre gênero e feminismo nas letras, por que são minimizados sua escrita libertária, seu pioneirismo enquanto escritora mulher, enquanto uma profissional “stricto sensu”?²⁴

É bem verdade que Rachel de Queiroz tornou-se figura polêmica não tanto pelo conjunto de sua obra literária, reconhecido pela crítica, mas pelas posições políticas contraditórias tomadas ao longo de sua vida: como grande parte dos escritores de esquerda, militou no Partido Comunista no início da década de 1930, porém demonstrou simpatia ao

golpe militar de 1964, o que a faz sofrer um processo de “sombreamento” – para utilizar o termo de Heloísa Buarque de Hollanda – e de pouca estima por parte da nova geração da crítica acadêmica, responsáveis por tal laconismo. Em grande parte das entrevistas que concedeu, indagaram-na sobre sua movimentação política passada, que será comentada mais à frente.

Este capítulo consiste num rápido comentário sobre o conjunto do trabalho da escritora, em ordem cronológica, que se iniciou com *O quinze*. Este causa assombro pelo estilo seco. Tão forte era o preconceito que excluía as mulheres da literatura, que assim se pronuncia Graciliano Ramos a seu respeito: “Não há ninguém com este nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romances! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado.”²⁵ Essa reação não é de espantar se se olhar para o período em que surge o romance. A própria escritora rebate esse tipo de argumentação em crônica posterior:

É bom acabar com esse clima de anedota que cerca a literatura feminina, aqui no Brasil. Acabar com esse costume de sorrir e encolher os ombros quando se fala em escritora ou, pior ainda, essa maneira equívoca de elogiar: quando querem dizer que a gente escreve bem, dizem que escrevemos ‘como um homem’. Hoje não se precisa escrever como homem para escrever bem. Já existe realmente uma literatura feminina – sem pejorativo; excelentes escritoras femininas, escrevendo livros de mulher (...).²⁶

Em 1928, abria-se realmente uma nova fase nas letras modernas, com a restauração do espírito romântico, a instauração do africanismo (que seria para o Modernismo o que o indianismo fora para o Romantismo) e a entrada do norte e do nordeste num movimento vindo do centro e do sul e, dessa forma, unindo de novo o Brasil todo na renovação iniciada em 1922. Essa revolução estética só revelara até o momento um novo nome de escritora, o de Cecília Meireles. Raquel de Queiroz surge, então, com um romance lançado quase três anos depois de *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida (livro que ela não havia lido ainda, mas que muitos críticos apontam como influente na criação de *O quinze*, dada à semelhança do tema), relatando o problema da seca com crueza, obtendo o prêmio da Fundação Graça Aranha. Estas palavras relatam o impacto causado:

Parecia espantoso que uma jovem de vinte anos tivesse tomado como tema de suas veleidades literárias – ao contrário do lirismo religioso de uma Auta de Sousa ou do lirismo pagão de uma Gilka Machado e mesmo tão longe da novelística burguesa de D. Júlia Lopes

²⁴ HOLLANDA, H. B. de. “O ‘éthos’...”, p. 103.

²⁵ RAMOS, G. “Caminho de pedras” in *Linhas tortas*, p. 133.

²⁶ QUEIROZ, R. de. “Uma romancista”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº18, 13 fev. 1954.

de Almeida – uma realidade tão trágica como a do drama das secas. Foi enorme a repercussão de seu livro e seu nome se firmou definitivamente em nossos meios intelectuais, tanto pela sua obra de ficção, como pela sua atividade de cronista, isto é, de comentadora dos acontecimentos da vida real.²⁷

Rachel de Queiroz adveio de uma família de intelectuais, portanto não seria surpreendente o rigor que aplicou em seu ofício de escrita. Ela mesma relatou tal influência familiar: a mãe foi a primeira a colocar um livro em suas mãos assim que, sozinha, aprendera a ler, soletrando os cabeçalhos dos jornais. Em sua casa, todo mundo lia, a mãe, o pai, as tias e o avô. Seguindo a orientação materna, não a puseram em escola primária. Forneceram-lhe livros para ler e contar depois o que havia lido. O pai iniciava-a na política, lendo trechos de discursos de Rui Barbosa, que ele adorava, mas que ela achava bastante maçantes. Porém com ele aprendeu o que significava democracia, eleição, candidatura. Já a mãe não se interessava por política, mas por literatura. Fascinava-se com Tolstoi, Dostoiévski, Gorki, Balzac, Anatole France, Eça de Queiroz etc. e, no Brasil, Machado de Assis. Deixou à filha cerca de 5 mil volumes e os ensinamentos necessários à carreira de escritora:

Quando comecei a escrever, era ela a minha crítica mais severa. Censurava as banalidades, os lugares-comuns, os entusiasmos e o que ela chamava “as exclamações”. Até que a perdi, tão moça, tão linda ainda, em 1954, nunca publiquei livro que não passasse por severa revisão dela.²⁸

Seguindo a carreira incentivada pela mãe, em sua terra natal contribuiu para os jornais “O Ceará”, “A Jangada” e “O Povo”. Inseriu-se no jornalismo com êxito, tornando este ofício duradouro. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1930 e, adotada pela cidade, manteve sua identidade original, de grande dama do sertão. Residindo no Rio, colaborou com “O Jornal”, com o “Diário de Notícias” e com a “Folha Carioca”. Tristão de Athayde conta-nos sobre o caráter marcante da individualidade de mulher e de escritora que, talvez, fosse um dos segredos de seu enorme e merecido prestígio intelectual. Sem perder o contato com a vida de cada dia e ligada aos grandes problemas políticos e sociais da hora presente, conseguiu contribuir com crônicas semanais durante sua extensa carreira de escritora e jornalista, sempre reavivando os valores de sua terra natal.²⁹

²⁷ ATHAYDE, T. “Raquel” in *Meio século de presença literária*, pp. 110 e 111.

²⁸ QUEIROZ, R de. “Dia das mães”. *Estado de São Paulo*, 10 mai. 1996.

²⁹ ATHAYDE, T. “Raquel”..., p. 111.

Em 1932, publicou o romance *João Miguel*, narrativa em que expõe, com densidade psicológica, a vida de um preso, criminoso de morte, que “se perde” na cachaça. A autora expressou, nesse romance, um profundo amor ao homem espontâneo e sincero, que recusa os freios exteriores e, por isso, enfrenta a prisão pelo crime irreparável. Com linguagem sóbria e equilibrada, transpôs a vida interior para além das disciplinas sociais, ao apresentar um homem ciente do valor supremo da liberdade e da reconquista desta, fortalecido pelo sofrimento.

Neste mesmo silêncio individual, em *Caminho de pedras*, romance de 1937, temos Noemi, para quem a liberdade tem o preço da dor. Casada com João Jacques, encontra em Roberto o amor já ausente em seu casamento, pois o novo companheiro a completa nas idéias e no gosto. Como deixar João Jacques, que nunca lhe negou apoio, e tirar dele os filhos? Aqui há, mais uma vez, o sentido trágico da vida em que, para seguir as verdadeiras afeições e ter sinceridade em sua conduta, é necessário enfrentar as mazelas e as dores causadas a outros. O sofrimento é visto como sacrifício, e renunciar à liberdade interior é o pior de todos os sofrimentos, porque trata-se da negação da vida.

Neste romance, é abordado o drama do operariado e os problemas das lutas de classe, temas de preocupação da escritora. Durante o curto período que vai de 1931 a 1933, Rachel de Queiroz ligara-se ao Partido Comunista, do qual fora expulsa como trotskista, convicta de que o stalinismo traía o leninismo e a revolução transformara-se em simples fascismo soviético. Assim é narrado em seu livro de memórias, escrito a duas mãos com sua irmã Maria Lúiza de Queiroz:

Quando nele entrei, o Partido mal completara dez anos de vida no Brasil. E já havia uma rede de comunistas pelo país inteiro: onde a gente chegava, encontrava amigos. (...) Era mister dar provas durante anos, principalmente no que se referia à submissão ideológica ao stalinismo. Pois essa foi a fase mais temível do stalinismo, logo depois da morte de Lenine. Quando me tornei trotskista, Trotski já fora, havia três anos, expulso da Rússia. E o PC brasileiro de então já estava bem organizado. Talvez a rede não fosse imensa, mas era estendida, ocupava todo o país. E uma vez que no sistema de 1930, tempo de ilegalidade, ninguém podia ir abertamente se manifestar na rua, aproveitavam-se, então, os movimentos liberais, como, por exemplo, a revolução de São Paulo em 1932. A primeira vez em que o comunismo mostrou a cara na rua foi em 1935; mas, antes disso, descoberto qualquer movimento ilegal, a repressão era implacável. Talvez por isso mesmo nós víssemos na revolução um certo colorido romântico, o apelo, a fascinação do proibido. Na verdade, éramos os revolucionários mais ingênuos do mundo.³⁰

³⁰ QUEIROZ, R de & QUEIROZ, M. L. de. *Tantos anos*, pp. 73-4.

Em recente crônica, Rachel de Queiroz comentou tal ingenuidade: a revolução não se mostrou realizável, e as nações comunistas acabaram transformando-se nas tremendas fábricas de corrupção e tirania.³¹ Outro envolvimento político da vida da escritora, bastante polêmico, foi a sua amizade com Castelo Branco, um dos principais articuladores do golpe de estado de março de 1964. O ex-presidente foi grande amigo, parente de Rachel de Queiroz pela ascendência alencariana e costumava ir à sua casa, seja como amigo, seja como político. Assim se pronunciou a escritora quando escreveu sobre suas relações com os militares:

Naturalmente que comigo eles não se abriam ou se aprofundavam muito. Eles me usavam como jornalista, eu opinava muito e era muito lida. Mas os trâmites secretos da conspiração eu não me metia a saber. Mesmo porque não eram da minha alçada. Nem mesmo da de Adonias. Nunca se chegava aos detalhes militares. Mas o lado político, de pregação, de jornalismo de combate, de artigos de encomenda, de nos trazerem assuntos para a gente falar, isso era o nosso trabalho.³²

Sua postura irrequieta volta a aparecer no romance escrito em 1939, quando é lançado *As três Marias*, de estilo maduro, que faz merecer o Prêmio da Sociedade Felipe d'Oliveira, mas não aborda mais a política, que ficara restrita à obra anterior. Nesta, são narradas experiências autobiográficas de seu tempo de Colégio da Imaculada Conceição. Maria Augusta relata, em primeira pessoa, a convivência com as companheiras eleitas, Maria José e Maria da Glória, e a posterior tentativa de adaptação afetiva e social depois da saída do internato. Em nenhum momento se tem uma protagonista perfeitamente adaptada à situação estabelecida, contudo sempre à frente de seu tempo, aventurando-se às descobertas.

Em 1946, passou a redigir a “Última Página” da revista “O Cruzeiro”, como cronista exclusiva, e uma reunião de suas crônicas foi publicada em *A donzela e a Moura Torta* no ano de 1948. Também ao teatro Rachel de Queiroz dedicou-se, estreando em 1953 com *Lampião*, drama baseado na vida do lendário cangaceiro do Nordeste. A peça foi representada no Rio de Janeiro, no Teatro Municipal e no Teatro Leopoldo Froes em São Paulo, onde lhe foi conferido o Prêmio Saci pela autoria da melhor peça do ano. Em 1957, firmou contrato para uma reportagem quinzenal em “A Cigarra”, revelando brilhante capacidade em qualquer gênero do jornalismo em que empregasse o seu talento. Neste

³¹ QUEIROZ, R. de. “Um pão por dia” in *Estado de São Paulo*, 01 jun. 2002.

mesmo ano, recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de sua obra.

Uma nova peça, *A Beata Maria do Egito*, na qual a personagem-título comanda um grupo de fanáticos religiosos, foi publicada e encenada pelo Teatro Nacional de Comédia no Teatro Serrador do Rio de Janeiro em 1957, sendo-lhe conferido o prêmio Roberto Gomes como melhor peça dramática. Por ela, a autora obteve ainda o Prêmio de Teatro do Instituto Nacional do Livro. Ainda neste ano, publicou uma seleção intitulada *100 crônicas escolhidas*, que são obras-primas do gênero. No ano de 1959, escreveu *O padrezinho santo* e o romance *O galo de ouro*, este último publicado em folhetins pela revista “O Cruzeiro” e, posteriormente, em livro, pela editora José Olympio. Nele, a autora tematizou a vida suburbana carioca a partir da personagem Mariano, permitindo-nos acompanhar suas dificuldades, seus amores e suas profissões.

Em 1963, publicou *O brasileiro perplexo*, que contém histórias e crônicas. No ano seguinte, saiu *Mapinguari*, reeditado posteriormente com o título *O homem e o tempo*. Em 1966, viveu uma experiência diplomática, ao participar da 21ª sessão da Assembléia Geral da ONU, trabalhando na Comissão dos Direitos do Homem. No ano seguinte, um novo volume de crônicas, intitulado *O caçador de tatu*, selecionado e prefaciado por Herman Lima. *O menino mágico*, de 1971, inaugura o gênero infantil e é agraciado com o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro.

No ano de 1975, publicou o romance *Dôra, Doralina*, desenvolvido em três partes: a primeira, “O Livro de Senhora”, na qual a protagonista conta, em primeira pessoa, sua experiência com a mãe, uma relação pouco amistosa; a segunda, “O Livro da Companhia”, relativa à sua viagem, após a morte do marido Laurindo, junto à Companhia de Comédias e Burletas Brandini Filho; e a terceira, “O Livro do Comandante”, em que narra o seu amor pelo Comandante e as mudanças que ocorrem a partir dessa intriga amorosa.

Em 1977, tornou-se a primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras, mostrando que também na vida levou “a cabo” sua decisão pelas vitórias e conquistas femininas. Em 1979, publicou artigos semanais na “Última Hora”. Com a direção de Perry Salles, estreou, em 1981, a adaptação para o cinema de *Dôra, Doralina*. Retornou ao gênero infantil em 1986, com *Cafute & Pena-de-Prata*. De 1988 a 2003, escreveu,

³² QUEIROZ, R. de & QUEIROZ, M. L. de. *Tantos...*, p. 204.

semanalmente, crônicas no jornal “O Estado de São Paulo”, as mesmas publicadas no jornal *O povo*, de Fortaleza.

Em 1992, foi lançado *Andira*, novo livro da literatura infantil. O romance *Memorial de Maria Moura* foi deste mesmo ano. Conta a saga de uma líder nordestina no mundo dos cangaceiros, desafiando toda sorte de perigos e aventuras. Dois anos depois, uma adaptação desta obra foi apresentada em mini série pela televisão e reprisada mais uma vez após um intervalo de 4 anos.³³

Além de se dedicar à crônica, ao romance e ao teatro, Rachel de Queiroz mostrou-se excelente tradutora, transpondo para o português cerca de 40 obras de autores ilustres: Dostoiévski, Cronin, Samuel Butler, Tolstói, John Gaslworthy, Santa Tereza de Jesus, Elizabeth Gaskell, Emily Brontë, Charles Chaplin, entre outros. Realizou este trabalho junto à José Olympio, numa parceria, que se iniciou com a segunda edição de *O quinze* e continuou por 57 anos, até a morte do editor. No seu prefácio à tradução de *O morro dos ventos uivantes*, escrito em 1947, a escritora declarou ter Emily Brontë como ídolo. Ela pontuou: “je l’adore comme une brute” – tal como diziam Eça de Queiroz, referindo-se a Victor Hugo, e Victor Hugo, referindo-se a Shakespeare.³⁴

É preciso acrescentar que, na vida pessoal, também admirou uma figura feminina, sua avó, de mesmo nome, dona Rachel. Viúva aos 45 anos, com dez filhos e um grande patrimônio para administrar, delegou ao avô a educação dos seus filhos, mas tomou para si a administração e a direção da fazenda. Para a escritora, as matriarcas não exibiam, necessariamente, uma liderança pública, podendo se incumbir disso alguma autoridade judicial ou religiosa, mas uma sólida base econômica – a propriedade rural em plena expansão –, que lhe garantisse o poder, era o que caracterizava as “matronas sertanejas”.³⁵

Proprietária da fazenda Califórnia, foi muito criticada por parentes e amigos, que lhe aconselhavam a criar os filhos sem gastar em estudos, reservando esse dinheiro para empregarem em seus negócios futuros. Ela lhes respondia que a fazenda, dividida em dez partes e sujeita às vicissitudes da seca, não garantiria a prosperidade futura dos filhos, que corriam o risco de ficarem pobres e ignorantes, como freqüentemente acontecia. E ao

³³ Com a direção de Jorge Furtado e Carlos Gerbase, e a colaboração de Renato Campão e Glênio Póvoas, para a Rede Globo.

³⁴ QUEIROZ, R. de. Prefácio a *Morro dos ventos uivantes*, p. 5.

³⁵ HOLLANDA, H. B. de. “O ‘éthos’...”, pp. 106-7.

argumento ameaçador de que, gastando tudo com o estudo dos filhos, ela própria ficaria talvez reduzida à pobreza e ao abandono, dona Rachel, obstinada, retrucava, pois percebia que a garantia do futuro estava no estudo e no exercício de profissões liberais, que lhes dessem independência, importância social e trabalho menos árduo e precário do que o cultivo de terras, sempre incerto nas regiões nordestinas.³⁶

A geração seguinte, a da mãe e tias da escritora, era formada por matriarcas dissimuladas, submissas aparentes. Casadas com profissionais liberais, eram mais intelectuais, liam e opinavam. Parece ser esse o perfil seguido, também, por Rachel de Queiroz. Mas ela vai além, produzindo um conjunto de obras vasto e consistente, mostrando-se capaz, a partir da posição herdada das velhas matriarcas sertanejas, de contestar os valores vigentes, construindo personagens femininas de vanguarda.

³⁶ LIMA, E. de Q. *Antiga família do sertão*, p. 321.

3. A busca da mulher nordestina

Rachel de Queiroz, em sua crônica intitulada “A imagem feminina”, lamenta as figurações de mulheres feitas pelos homens, comentando sobre os escritores com tendência a estereotiparem as personagens femininas em boas ou más, fiéis ou infiéis e assim por diante. Resumindo-se em esposas ou prostitutas, elas não eram complexas na literatura. Se a heroína ousasse variar de amor, trair o prometido, era imediatamente castigada pelo autor, que não lhe consentia liberdade para tais assomos sem a devida punição:

Foi o nosso grande Machado que liquidou com o binômio “crime e castigo” em matéria de amor. Mas nem ele nem nenhum outro permitiu a uma heroína pecadora o direito de espezinhar, sem castigo, a lei e os bons costumes.

Isso se deu não apenas no Brasil, mas no geral da literatura universal. Os escritores chamados malditos, não recordo nenhum deles que fizesse a mulher triunfar dentro do crime e da maldição. Só é castigada com uma eventual condição de pobreza ou com a morte do amante. Quem quiser verificar essa afirmação é só correr a lista das amantes de romance: Mme. Bovary, a Dama das Camélias etc.³⁷

Continuando, ela afirma que mesmo o mais sutil dos romancistas brasileiros, Machado de Assis, só cria mulheres naturalmente tendentes para o engano, a mentira, a duplicidade. Portanto, só as muito ingênuas, as quase imbecis, são capazes de um amor fiel e leal. As outras estão sempre a oscilar entre uma mentira e um passo em falso, um pouquinho de traição junto a uma dose necessária de fidelidade. A autora conclui: o que os autores fazem é traduzir as informações que eles acham ter do eterno feminino:

Afinal, eles só conhecem a mulher pelo que vêem e ouvem dela: como é que iriam saber realmente o que se passa dentro de um coração de mulher? Flaubert, emérito conhecedor da alma feminina, traduz bem essa impotência masculina, diante do feminino, com a sua célebre frase: “Mme. Bovary c’est moi”. Quer dizer que ele, homem, pretende interpretar sua criação feminina com a sua própria alma de homem.³⁸

A autora pergunta: se elas são criadas a partir da experiência masculina, que crédito merecem? Constata que há, mesmo, total carência da alma feminina nesta espécie de monstro indecifrável, e por isso irresistível, do que pensam dela. Com a liberalização no

³⁷ QUEIROZ, R. de. “A imagem feminina” in *Estado de São Paulo*, 3 jun. 2000.

³⁸ Ibidem.

plano das idéias e dos costumes, a mulher permitiu-se adentrar no território dos autores, outrora exclusivamente masculino:

Essa intemperança atual tem o seu mérito. Acabaram-se os territórios fechados onde a mulher não poderia entrar. E, se há excessos porque os há, quanta coisa boa que hoje temos não seria escrita por mão de mulher, temerosa de pisar no terreno vedado dos autores masculinos. É o caso de dizer: liberdade, ainda que tarde.³⁹

Dentre as autoras destacadas por Rachel de Queiroz, que merecem consagração pela vitória disputada com os autores, estão: Georges Sand, escritora francesa que usava nome literário masculino e convivia com os colegas nas rodas de boemia de literatos; Jane Austen, inglesa, que conquistava grande público ainda em pleno século XVIII; Júlia Lopes de Almeida, cujos romances enlevavam donas e donzelas; Gilka Machado e Rosalina Coelho Lisboa, precedidas, naturalmente, por todo um rol de colegas que não atingiram a fama.⁴⁰

Em “Poetas e poetisas”, Rachel de Queiroz queixa-se da pequena porcentagem de mulheres que se dedicaram à poesia. A proporção delas, em relação aos poetas masculinos, não chega a 10%. Auta de Souza teria embalado gerações de donzelas com seus cantos tristes; Rosalina Coelho Lisboa era dona de versos parnasianos, medidos, sem audácias; Gilka Machado era toda audácia e paixão, provocando a ira dos puritanos:

Nesses tempos atrás, como já foi dito, mulher que fazia versos chamava-se “poetisa”. E não deixava de ser um pouco ridicularizada pela banda masculina do ofício. Até que a grande Cecília se insurgiu contra a discriminação, com o seu famoso poema, onde clamava: “Não sou alegre nem sou triste, sou poeta...”.⁴¹

Rachel de Queiroz acredita numa escrita capaz de mostrar o mundo da mulher de uma ótica diferente da masculina, que sempre a posiciona como frágil e necessitada de proteção. E as marcas dessa escrita estariam principalmente num discurso que combate a convenção do feminino, numa busca de afirmação do papel da mulher, com espaço para a sua rebeldia perante o lugar em que é colocada, para o raciocínio e argumentação que viabilize melhor posição e reconhecimento. Portanto, um assunto recorrente, seja nos seus romances, peças ou crônicas, é essa conquista de espaço pelas mulheres. A escritora afirma que o sexo frágil nunca foi o feminino. Assegura que, no par humano, a mulher sempre foi

³⁹ QUEIROZ, R. de. “A imagem...”.

⁴⁰ QUEIROZ, R. de. “O feminismo”. *Estado de São Paulo*, 13 set. 1998.

⁴¹ QUEIROZ, R. de. “Poetas e poetisas”. *Estado de São Paulo*, 8 nov. 1998.

a mais forte, aquela que agüenta a família e os seus problemas, a criação dos filhos, a economia doméstica e, atualmente, sua própria profissão. Inicialmente com carreiras permitidas às mulheres, como o magistério ou a enfermagem, expandindo-se, cada vez mais, a outras ocupadas pelos homens:

... hoje há mais juízas do que juizes dando conta de comarcas; mais promotoras, defensoras públicas, e em número sempre crescente. Já temos até desembargadoras e, em breve as veremos como ministras do Supremo. É só dar tempo ao tempo, esperar que as moças juízas amadureçam em sabedoria e cresçam na profissão. Há também mais médicas, engenheiras, arquitetas, soldadas, em todos os ofícios. E a mulher, conquistadora em terra nova, não se impõe pela audácia, mas pelo comportamento cuidadoso, a prudência, o estudo.⁴²

Alega que a invasão do mundo masculino pelas mulheres é hoje ponto tão pacífico que nem se imaginam mais as dificuldades que as pioneiras, como ela, encontraram para conquistar esse lugar. Aponta como maior empecilho, por incrível que possa parecer, a ação das feministas, por trazerem como lema serem “superiores em tudo” ou por considerarem as mulheres “vítimas da arrogância e da tirania masculina”.⁴³ Mesmo o discurso posterior, o dos “direitos iguais”, Rachel de Queiroz contesta-o por direitos diferenciados, já que a mulher não é, nem vai ser, nunca, igual ao homem, precisando, por natureza, de direitos específicos, por exemplo, no período da maternidade.⁴⁴

A autora atribui a elevação do nível cultural das mulheres não às conquistas de movimentos e organizações que trabalharam “pela causa”, mas por acharem, elas mesmas, necessário o seu crescimento social e, portanto, estudarem como já estudavam os rapazes, formarem-se nas escolas superiores de forma a adquirirem condições de competirem no mercado de trabalho. O estudo superior foi, na opinião da escritora, o grande responsável pelo seu crescimento, a sua grande arma na luta social. Desta forma, observa que a auxiliar de enfermagem estudou medicina e, nas repartições, as moças, que não passariam de datilógrafas ou, no máximo, chegariam a secretária, passaram a ocupar cargos de chefia, tendo homens como subordinados.⁴⁵ Insiste em apontar, também, a lenta e sutil invasão das mulheres nas profissões tradicionalmente exercidas pelos homens, como a engenharia, a arquitetura e, até mesmo, as forças armadas – fazendo ressurgir as guerreiras da

⁴² QUEIROZ, R. de. “Açucenas e matriarcas”. *Estado de São Paulo*, 25 abr. 1998.

⁴³ QUEIROZ, R. de. “Masculino e feminino”. *Estado de São Paulo*, 26 jul. 1997.

⁴⁴ QUEIROZ, R. de. “O chamado ‘eterno feminino’”. *Estado de São Paulo*, 28 fev. 1998.

⁴⁵ QUEIROZ, R. de. “Mulher moderna”. *Estado de São Paulo*, 12 dez. 1998.

antigüidade, como as amazonas, por exemplo. Mas isso tudo sem perder a feminilidade herdada da Europa, o cultivo da beleza e a capacidade de sedução.⁴⁶

Da antiga Escola Normal – em que se ocupavam do bordado, da costura e das noções de enfermagem oferecidos pelas freiras –, as mulheres passaram aos cursos preparatórios, que lhes davam acesso aos vestibulares. Em sua crônica, intitulada “Mulher moderna”, lamenta: “Quantas vocações se perderam, quantas carreiras frustradas, porque, nos colégios religiosos, não se preparavam profissionais, apenas boas mães de família.”⁴⁷

Lembra que quem primeiro se insurgiu contra o esquema “casa, criança e cozinha” foram as americanas, após a primeira guerra mundial, formando-se principalmente em medicina, profissão na qual podiam se dedicar à pediatria. À ginecologia, só quando a doutora se casava, pois que o estado de solteira supunha a correspondente virgindade e como poderia uma virgem atrever-se a acudir aos distúrbios e aos resultados do convívio sexual entre mulher e homem? Profissão de mulher, até então, só a de professora. Exigia apenas o curso normal e era destinada às que renunciavam – ou eram renunciadas – aos deveres e alegrias do matrimônio. Só o ensino lhes restava, pois representava uma espécie de maternidade alternativa.⁴⁸

E como se não bastasse a chegada delas às universidades, nas listas de formandos raros são os cursos em que predominam os rapazes, ou seja, as moças estão também disputando os primeiros lugares – acrescenta na crônica “A eterna causa da emancipação feminina”. Se antes se pensava que, assumindo a posição tradicionalmente masculina, fossem abandonar seu destino prioritário na maternidade e no lar, abrindo um vácuo na família e, por conseqüência, na sociedade, muito se subestimou a sua capacidade, não prevendo que fariam jornada dupla. É certo que puderam contar com as instituições que surgiram em seu auxílio, como as escolas maternais, os berçários, as creches. Pode-se ver, entretanto, que não aumentou o número de colégios com internatos, que pudessem liberar as mães dos meninos e meninas, pelo contrário, eles acabaram. O que também acabou foi a ama-de-leite, resquício da escravidão, que privava o bebê do leite materno para dar lazeres à mãe rica e poupá-la da deformação dos seios.⁴⁹

⁴⁶ QUEIROZ, R. de. “A feminilidade”. *Estado de São Paulo*, 4 jul. 1998.

⁴⁷ QUEIROZ, R. de. “Mulher...”

⁴⁸ QUEIROZ, R. de. “Profissão de mulher”. *Estado de São Paulo*, 16 ago. 1997.

⁴⁹ QUEIROZ, R. de. “A eterna causa da emancipação feminina”. *Estado de São Paulo*, 27 jun. 1999.

Um problema levantado pela autora numa outra crônica, “Homem & mulher”, é o de saber conciliar, sem danos para a prole, os talentos da mulher e as exigências da família, pois admite que, assumindo deveres que cabiam secularmente à parte masculina, elas apenas acumularam novas tarefas, já que os novos costumes não as liberaram das tarefas impostas pela natureza. Soluções como a contratação de babás, por exemplo, criaram um novo problema, pois estas se ressentem de não poderem criar seus próprios filhos.⁵⁰ Rachel de Queiroz chega a defender, como solução, uma legislação específica que garantisse o direito a horários especiais ou, mesmo, afastamento que fossem além da licença maternidade, a seu ver, insuficiente. Para ela, ter filhos e criá-los como cidadãos é uma função social importantíssima, que deveria ser remunerada da mesma forma que o governo paga soldados e outros profissionais, que exercem uma função social. Ao invés disso, acrescenta: “o que temos são grandes injustiças, como salários desiguais para mulheres que executam as mesmas tarefas que os colegas homens enfrentam, demonstrando que a luta ainda continua”.⁵¹

Confessa, em “Mulher moderna”, nunca ter sido feminista, vê o homem como o par natural e diz jamais ter sido atraída pela guerra do sexo.⁵² Indagada sobre essa contraditória antipatia pelas feministas, já que criou grandes personagens femininas astutas e determinadas, ela responde que as mulheres descobriram que podem e devem avançar ao lado do homem, em vez de contra ele.⁵³ Também justifica sua posição pelo fato de ter se engajado no Partido Comunista, em oposição ao governo, algo incompatível com os movimentos feministas, então identificados com o grupo getulista. Além de uma clara divergência política, sua aversão está ligada à associação das atividades artísticas e literárias femininas de pouca monta, estilo “água com açúcar”. Mas não deixa de alertar, a todo momento, que as mulheres estão mais satisfeitas que os homens com os novos costumes sociais:

Mulher é danada: quem pensar que ela veio ao mundo para ser acomodada, gentil, boazinha, está muito enganado. Sabem qual é o lema atual da maioria das mulheres? _ “Guerra é guerra”. E, pelo andar das coisas, parece que, de batalha em batalha, são elas que estão ganhando.⁵⁴

⁵⁰ QUEIROZ, R. de. “Homem e mulher”. *Estado de São Paulo*, 22 mai. 1999.

⁵¹ QUEIROZ, R. de. “Trabalho feminino”. *Estado de São Paulo*, 17 out. 1998.

⁵² QUEIROZ, R. de. “Mulher...”

⁵³ QUEIROZ, R. de. “Perguntas e respostas”. *Estado de São Paulo*, 2 out. 1999.

⁵⁴ QUEIROZ, R. de. “O eterno feminino”. *Estado de São Paulo*, 18 dez. 1999.

Sua emancipação profissional não a impediu de constituir família, tendo sido casada por duas vezes, a primeira com Zé Auto, com quem teve uma filha, Clotildinha, que faleceu, por volta dos dois anos de idade, de meningite, perda da qual nunca se recuperou. Sua vida intelectual e seu envolvimento partidário eram partilhados com o marido, com quem viveu um período em Itabuna-BA, seguindo depois para São Paulo nos conturbados anos da Revolução de 32. Posteriormente, volta a Fortaleza, onde se lança a um novo projeto:

Foi então que um dia resolvi tomar uma decisão radical. Eu estava enjoada da minha vida, enjoada de tudo. O casamento não ia bem. Resolvi trabalhar no comércio. Procurei emprego na firma G. Gradhvol et Fils, uma firma de judeus, onde me encarreguei da correspondência em francês e inglês.⁵⁵

Se Rachel de Queiroz considera de fundamental importância que o homem assuma a posição de “cabeça do casal”, que ele se delega, protegendo e provendo a família, principalmente quando se tem filhos pequenos, também para si assumiu o ideal da mulher moderna – definida por ela como a que não tem filhos pequenos, ou porque já os criou ou porque nunca os teve.⁵⁶ Em seu caso específico, uma doença fatal impedira-a de ser, apenas, mãe de família. Dessa forma, lança-se na área comercial no início de 1936, fazendo carreira rápida, comprovando a nova posição da mulher no mercado de trabalho. Em 1938, já é gerente de uma empresa em expansão, mas compreende que o comércio não é sua carreira e volta para o jornalismo. Migrando para o Rio de Janeiro já desquitada de Zé Auto, por intermédio do primo Pedro Nava conhece Oyama, com quem se casa. Embora este segundo casamento venha a ser bastante sólido, ela não deixará de escrever:

Uma amiga minha, malcasada, diz que bicho doméstico, só marido, e olhe lá! Claro que ela radicaliza. Marido, fora as suas funções óbvias, tem muitas utilidades, dá o braço à gente nos cortejos de casamento, sabe nos pilotar nos restaurantes grã-finos, e mata de inveja as amigas que não conseguiram arranjar o seu e vivem dizendo ao nosso que ele não é de se jogar fora.

Brincadeiras à parte, marido pode ser o mal necessário, mas que é necessário demais, isso ninguém pode negar.⁵⁷

A diferença que a autora atribui às mulheres, em relação aos homens, está na forma como elas, seja qual for a posição que ocupam, não pensam só em si, na carreira política ou

⁵⁵ QUEIROZ, R. de & QUEIROZ, M. L. de. *Tantos...*, p. 68.

⁵⁶ QUEIROZ, R. de. “Mulher...”

⁵⁷ QUEIROZ, R. de. “Marido, mulher e casamento”. *Estado de São Paulo*, 20 mar. 1999.

na sua projeção, o que, segundo ela, caracteriza o homem, sempre preocupado em ser a primeira figura em um grupo. Assim formula:

Já mulher, não conheço nenhuma que se trace uma carreira solitária. É sempre ela e os seus. Família ou amigos. “Partido” para mulher é palavra que não tem sentido igual ao que tem para os homens. E as poderosas chefes políticas, como as havia tanto antigamente, sempre agem em nome do clã e não no seu próprio. Falo assim, talvez, com um pouco de saudosismo das grandes matriarcas que estão desaparecendo. Nunca mais se viu, no nordeste, uma sucessora para dona Federalina. Aquela que mandava dar uma surra no inimigo, deixando este recado: “Tá aqui, que dona Federalina mandou!”⁵⁸

A preocupação da escritora com as matriarcas antigas é recorrente em suas falas e escritos e parece ter servido de inspiração para que criasse tantas personagens de romances e peças de teatro equivalentes na força e crueldade. Entrevistando Rachel de Queiroz, Heloísa Buarque de Hollanda conta ter descoberto tal inesperado tema renascido com força pela escritora. Comenta o grau de interesse e fascínio que, invariavelmente, esse tipo de relato desperta, provocando certa cumplicidade entre narradores e ouvintes, através da evocação dessas mulheres arrogantes, arbitrárias, descritas com hábitos e gestos masculinos. Ela reconhece um diferencial nas matriarcas de Rachel de Queiroz comparadas às personagens correspondentes de romances brasileiros anteriores, figuras bárbaras, opressoras e, em geral, caricatas. Para ela, as suas histórias, ao contrário, brilhavam de feitos e audácia das senhoras do sertão, trazendo a memória das várias formas de poder feminino esquecidas ou destruídas ao longo da história. Por isso, afirma: “Percebi que estudar a mulher no Brasil e na literatura brasileira sem passar por Rachel de Queiroz é, no mínimo, imprudência.”⁵⁹

Levando em consideração tais apontamentos, inicia-se a análise das personagens femininas de Rachel de Queiroz por Conceição.

⁵⁸ QUEIROZ, R. de. “Mulher política”. *Estado de São Paulo*, 17 abr. 1999.

⁵⁹ HOLLANDA, H. B. de. “O ‘éthos’...”, p. 105.

3.1. Conceição

Com apenas 22 anos, Conceição já havia abandonado suas poucas tentativas de namoro aos dezoito, no tempo de normalista. Considera-se solteirona, e o fato de ostentar tal condição, com certo orgulho e desdém, faz o pretendente dela, Vicente, comentar: “Dona Conceição toda dura, sem querer saber de ninguém”. Como primos, inicialmente não escondem a admiração de um pelo outro, mas a aproximação não vinga em casamento. O fato de Vicente tratá-la por Dona no final do romance, quando, no início, dirigia-se à prima com grande expectativa e interesse, demonstra certo rancor e distanciamento. Não conseguiu dobrá-la. Sem dúvida, Conceição, personagem do romance da ainda adolescente Rachel de Queiroz, em suas atitudes singulares, já delineia um perfil de mulher constante, nas outras obras da autora. Dessa forma, entende-se a necessidade de estudar essa personagem feminina – Conceição, mulher emancipada e solitária, que encontra na vida sertaneja sua razão de luta.

Nota-se, pois, desde *O quinze*, a preocupação da autora com as personagens femininas e é Conceição a primeira de uma série que marcará esta espécie de projeto para configurar a mulher nordestina. Por isso Maria Alice Barroso escreve sobre a importância da atuação da escritora na história literária a partir da sua primeira obra:

É com Rachel de Queiroz na prosa de ficção, que a fala da mulher ingressou no campo social, abandonando os salões de chá para narrar a áspera tragédia da seca nordestina. A partir de *O quinze*, pode-se dizer que a literatura feminina no Brasil resguardou-se das amenidades, focalizando, de maneira aguda e humanizada, indivíduos, clima e civilização, personagens de caráter, situadas num meio adequado e realizando uma ação conseqüente. Eis como se pode definir o romance de Rachel de Queiroz, que constitui um “turning point” no contexto da literatura brasileira.⁶⁰

Rachel de Queiroz não pode ser vista sob o mesmo prisma com que se vêem os demais representantes do chamado romance nordestino, porque, em suas obras, o fenômeno da região e dos homens aparece filtrado, pelo olhar feminino que o atenua, delimitado pela

⁶⁰ BARROSO, M. A. *A mulher na literatura brasileira*, p. 117.

formação característica da mulher de posição destacada no ambiente rural da cana e do gado.

Davi Arrigucci Jr., em sua análise do romance, aponta a resignada leitora solitária como a matriz de toda a organização formal, pois nela já se desenha a configuração total do enredo, apresentando-se como uma unidade de sentido:

A narração, concentrando-se no interior da leitora, atua primeiro como revelação lírica. Ganha ainda intensidade maior, mediante a linguagem descarnada, sugerindo o modo de ser independente: de um lado, a “seca, com aquele sol eterno”; de outro, “Conceição com sua indiferença tão fria e longínqua”.⁶²

Além desses traços subjetivos, Conceição revela-nos parte desse esboço: mulher forte, inteligente, independente e solícita. Ela não consegue obter realização no plano amoroso, pois abandona Vicente, seu pretendente, porque não vê maneira de conciliar suas convicções com as do homem de seu tempo. Assim irá se pronunciar no final do romance, quando se vê apreciando a felicidade de Lourdinha, irmã de Vicente, com o casamento e é interpelada pelo marido desta (“– Mas, Dona Conceição, a senhora não tem felicidade igual porque não quer...”):

– Ora o amor!... Essa história de amor, absoluto e incoerente, é muito difícil de achar... eu, pelo menos nunca o vi... o que vejo, por aí, é um instinto de aproximação muito obscuro e tímido, a quem a gente obedece conforme as conveniências... Aliás, não falo por mim... que eu, nem esse instinto... Tenho a certeza de que nasci para viver só.⁶³

Conceição demonstra dificuldade em aceitar as imposições do comportamento próprio às mulheres da sociedade à qual pertence. Transitando livremente nos espaços públicos sem a recomendada companhia masculina, vai mais além e elimina a possibilidade de relacionar-se com Vicente ao tomar conhecimento de um possível envolvimento deste com a filha de um empregado da fazenda. Se a avó é complacente perante tal comportamento, a neta decepciona-se: não quer um marido nos padrões da sociedade da época, que aceita, como natural, a infidelidade do homem. Não se encaixa nesse contexto social em que a mulher espera obter segurança e estabilidade através do casamento, devendo, por sua vez, submeter-se ao domínio do marido.⁶⁴ Desta forma, assim julga: “Metido com cabras... não se dava a respeito... E ainda por cima, não se importava nem em

⁶¹ ARRIGUCCI Jr., D. “O sertão em surdina” in *Folha de São Paulo*, 12 mai. 2001.

⁶² Ibidem.

⁶³ QUEIROZ, R. de. *O quinze*, p. 148.

⁶⁴ BARBOSA, M. de L. D. L. *Caminhos...*, p. 45.

negar... Mãe Nácia, porque naturalmente, no tempo dela, agüentou muitas dessas, diz que não vale nada... Então Mãe Nácia acha uma tolice um moço branco andar se sujando com negras?”⁶⁵

Não se pode deixar de notar a contradição presente na sua postura: embora avançada para as mulheres de seu tempo, conquistando maturidade política e colocação no trabalho, demonstra, na distinção racial, a sua posição de classe, quando se refere ao episódio que envolve Josefa. Aponta a classe a que pertence a filha de Zé Bernardo, mas, acima de tudo, identifica sua própria posição na hierarquia social, com uma fala preconceituosa, determinando os limites de sua consciência: “uma cabra, uma cunhã à-toa, de cabelo pixaim e dente podre!...” Nem o consolo de Mãe Nácia, a dizer-lhe que “a gente se acostuma à força”, nem a observação de não se tratar de uma negra, mas de uma caboclinha clara, demovem-na de seu despeito, pois “julgara ter sido ela quem lhe acordara o interesse arisco e desdenhoso do coração!...” Afrontada, sua indignação chega às raias da crueldade. É de consenso que moço branco, patrão, não se mistura aos de cor. Ela supunha-o indiferente e distante a todo o resto das mulheres, a parecer-lhe apenas como “uma massa confusa e indesejada”, mas Vicente, interpelado por Conceição sobre Zefa, responde ingenuamente:

– Ela me falou em todos. Deu notícia de tudo, da ida de seu povo para o Quixadá... Até da gente do Zé Bernardo...

Vicente não compreendeu a intenção oculta:

– O Zé Bernardo, sim! Cabra de vergonha, bom de verdade! É minhas mãos e meus pés. De dia e de noite, como se tudo fosse dele.

Conceição, olhando-o de frente, insistiu:

– As filhas também são muito boas, não são? A Zefinha mormente...

Ele, com o mesmo gesto inocente, confirmou:

– Muito boa rapariga. É quem cuida de minha roupa.

– É!... – e Conceição, furiosa com a incompreensão verdadeira ou fingida, e com o sossego dele, concentrou nesse “é” toda sua ironia despeitada.⁶⁶

Vicente não percebera o despeito de Conceição, não entendera, depois, sua indiferença. Quanto mais se prolonga a estiagem da seca, mais aumenta a frieza de Conceição. E Vicente, ao desejar vê-la longe como uma forma de reagir à sua desconsideração, utiliza-se de uma imagem de inverno, em que as águas da chuva voltam a

⁶⁵ QUEIROZ, R. de. *O quinze*, p. 78.

⁶⁶ Ibidem., pp. 76-7.

encher os riachos sempre secos. A chegada da chuva é, portanto, o alento esperado: trará o inverno, que levará, por sua vez, Conceição. Ao final, a esperança é renovada pelas primeiras chuvas, mas eles estão desolados, cada qual seguirá seu caminho. Conceição tenta se concentrar na leitura: “sentindo sempre que carece de qualquer coisa superior e nova...”. Pensa em sua vida, na complexidade do que escolheu para si e acaba num encolher de ombros, num “sei lá!...”, deixando em suspenso, inacabado, a resolução de tudo. Para Vicente, ela não tem mais a lhe desejar: “– Nada... Lembranças, também...” E a história finda com Conceição vendo Vicente sumir-se no nevoeiro dourado da noite, passando a galope, como um fantasma, por entre o vulto sombrio dos serrotes, como se estivesse desdenhando das convenções românticas.

Quando interpelada pela avó por sua excessiva dedicação aos flagelados, a consumir-lhe o tempo e o ordenado, ela se compara ironicamente a uma heroína de um romance que lera outra dia: “Não sei amar com metade do coração...”. A avó, espécie de tutora insistente, mas que não consegue demover a neta de suas próprias convicções, alerta: “– Pois vá se guiando por heroína de romance, e depois não acabe tísica...”. Mas a sua dedicação é toda à vida pública, necessidade premente de um coletivo: “– Mãe Nácia, quando a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe... Senão a vida fica vazia demais...” Conceição não se dobra ao amor, dizendo de revés, maliciosa, ambígua: “– Nunca achei quem valesse a pena...”⁶⁷

Em seu estudo do romance, Sânzio de Azevedo revela não ser fora de propósito ver, em Conceição, se não o símbolo, pelo menos o retrato das primeiras décadas do século, a mulher que começa a se emancipar e, em vez de ler os livros que o padre manda, como queria Mãe Nácia, mergulha na leitura de obras reformadoras que discutem o papel da mulher na sociedade moderna. O autor lembra o seguinte trecho do capítulo 22, em que Dona Inácia, querendo saber que obra Conceição está lendo, toma o volume de suas mãos, olha o título, mas nada entende, porque se trata de um livro em francês. E a neta esclarece: “– Trata da questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternos, do problema...”⁶⁸

⁶⁷ QUEIROZ, R. de. *O quinze*, p. 124.

⁶⁸ AZEVEDO, S. “Rachel de Queiroz e o romance da seca” in *Dez ensaios de literatura cearense*, p. 97.

Sem dúvida, a imagem da leitora emancipada, que parece dispensar quase tudo que a rodeia naquele ambiente agreste, é fundamental para a configuração da personagem. Conceição destoa da valoração da avó sobre os comportamentos e idéias. Insistindo teimosamente no seu modo de vida solitário, rejeita os velhos padrões e absorve o conhecimento dos livros herdados do avô, que fora um livre pensador, maçom e herói da Guerra do Paraguai. A heroína de *O quinze* já escrevia um livro sobre pedagogia, atrevia-se nas poesias e empenhava-se em estudar tratados filosóficos e religiosos, que lhe dariam independência intelectual.

Um artigo de Helena Rodrigues de Oliveira, a respeito desse romance, faz uma apresentação das diversas figuras femininas, enfatizando que Conceição destoa de todas as outras pelas características que a consagram como mulher independente. Desta forma, não segue os conselhos de sua avó Dona Inácia, nem se submetendo totalmente à fé, nem se casando, como era do gosto dela; cumpre sua missão de mãe, ao criar o afilhado Manuel (o Duquinha), mas sem a exclusividade cobrada no sertão – como se dedicou a mãe de Vicente ao filho, mantendo-o próximo de si e nele concentrando todo seu afeto; não se mostra delicada, protótipo das mulheres apregoadas na região, como Lourdes e Alice, irmãs de Vicente, absortas pelas vestimentas e mimos; não se casa como Cordulina, que segue o marido Chico Bento, vendo a desgraça acontecer aos filhos na sua grande fuga da miséria e da seca; não fica sem opção como Mocinha, irmã de Cordulina, que desiste de seguir a marcha com a família para trabalhar como doméstica, no que não consegue êxito, assim entregando-se à prostituição e à mendicância junto ao filho que tem.⁶⁹

O vínculo com o mundo de fora é feito por Conceição através do seu trabalho voluntário em solidariedade aos retirantes. Espiridião Queiroz de Lima, tio da escritora, em seu livro *Antiga família do sertão*, registra a história de dez gerações sucessivas de sua ascendência, apreendendo os fatos e acontecimentos mais marcantes da família. Nele relata que D. Rachel, avó da escritora, dada uma secreta promessa feita por piedosa devoção, acolhia e criava grande número de crianças desamparadas, formando, em sua casa, um verdadeiro asilo, bem conhecido em toda a ribeira. Pela promessa, não deveria negar nenhuma espécie de socorro a quem pedisse “uma esmola pelo amor de Deus”. O autor

⁶⁹ OLIVEIRA, H. R. “As mulheres e o sertão – um estudo de *O quinze*, de Rachel de Queiroz”, pp. 2-3.

narra um episódio marcante ocorrido na seca de 1900:

Descia pela estrada real, em rumo a Fortaleza, uma leva de retirantes marchando, entre eles uma viúva que, entre outros filhos, carregava uma menina de 4 anos, tão fraca que já não podia andar.

Na fazenda Barro Vermelho, uma mulher, com pena da menina, aconselhou a mãe:

– Quando você passar no Recife, na beira do Choró, largue a estrada e passe pela Califórnia, onde mora a D. Rachel; e dê a ela essa menina, que não agüenta a viagem.

A mulher nem quis saber da conversa de abandonar a filha. Mas, na floresta, no junco e no Recife, por onde ia passando, foi ouvindo o mesmo conselho:

– Vá entregar essa menina a D. Rachel, na Califórnia!

Obstinada, seguiu com a filha na estrada abaixo.

Mas na Biscaia, no Juá e no Cangati, ouvindo ainda a recriminação:

– Por que você não deixou essa menina com a D. Rachel, na Califórnia?

A pobre mãe ponderou:

– Já sete pessoas, nessas sete léguas de estrada, me deram o mesmo conselho! Essa D. Rachel deve ser mesmo muito boa! Vou voltar para entregar-lhe minha filha.⁷⁰

Segundo o autor, o episódio revela a bondade que caracterizou essa senhora do sertão, falecida em 1931, aos 79 anos de idade, ainda muito robusta. Morreu com a piedade e resignação de uma santa, causando consternação a uma população inteira. Foi inumada na Capela de S. Francisco das Chagas, ao lado da sepultura de seu marido. Dela disseram com Santo Agostinho: “Pensou demais nos outros para ser esquecida”. A própria escritora revela sua forte ligação com a avó, de quem roubava afeição especial, por ter-lhe herdado o nome. Confessa ter-lhe rendido grande luto na sua morte e descreve como a casa da fazenda fora, nessa ocasião, ocupada pelo povo. Eram dezenas de pessoas que ficavam ali, a noite toda, sentadas nos degraus durante os dez dias da agonia que a levou.⁷¹ A figura da matriarca familiar parece resistir nas personagens de Rachel de Queiroz, com Conceição a reavivar tal assistencialismo.

Esse aspecto altruísta do romance fez com que o crítico Antonio Arnoni Prado se detivesse na face humanizada dos retirantes, ressaltando que estes se descolam da realidade para figurar na metáfora como símbolos de coragem e dignidade. Harmonizam-se com o despertar da consciência empenhada dos que, como Conceição, reconhecem o peso das desigualdades e acabam se solidarizando com o sofrimento dos pobres, a ponto de dedicar-lhes o tempo. Segundo o autor, haveria, então, “uma distância poética da elocução centrada nos fragmentos líricos do desencanto, pois, à medida que cresce o drama dos retirantes,

⁷⁰ LIMA, E. de Q. *Antiga...*, pp. 323-4.

⁷¹ QUEIROZ, R. de. *Tantos...*, p. 254.

aumenta, em razão equivalente, o drama do coração ferido de Conceição, que vem para o centro da cena e oblitera o martírio dos mutilados em marcha batida para fora do romance”.⁷²

A leitura de Davi Arrigucci Jr. fornece uma visão mais psicológica de Conceição, caracterizada como aquela que encontra, na paisagem da seca, um espelho moral de seu ressecamento interior, aquela cujo destino mostra-se paralelo ao acontecimento em curso na natureza, mas cujo universo sertanejo não corresponde às aspirações de sua alma:

É que para ela, a seca, com seu estirão de desgraça, foi um meio de ler o mundo e de buscar-se a si mesma. No espaço deserto, buscou o sentido fugidio de sua existência, selado, desde o começo, na solidão da leitura.

Daí nasce ressequido o romance da desilusão: relato moderno da moça independente, emancipada e infeliz, que só tem por companheiro o livro em sua travessia solitária.⁷³

Desafiando a seca e resistindo junto aos flagelados, Conceição se fortalece em luta diária pela sobrevivência do trabalhador sertanejo expulso de seu meio antes produtivo, agora perdido pela grande estiagem. Aliando-se aos grupos dos resistentes, junto com eles atravessa tal situação de penúria, sendo apenas corpos exíguos para agüentar o desprezo e a pouca assistência, ambos trágicos.⁷⁴

A seca tem fundamental importância no romance, como atesta o título da obra, que se refere ao ano de 1915, período de intensa estiagem no estado do Ceará. Muitos críticos, como vimos, atribuem a ela papel primordial para a construção da personagem Conceição. Há também quem afirme que a verdadeira protagonista do romance é a estiagem, espécie de “fada-moira” que ameaça a realidade nordestina,⁷⁵ a ponto de, culturalmente se designar de tempo bom a formação de nuvens carregadas de promessas de chuvas. Somente no final do romance, há uma esperança, com a chuva a encerrar tal ciclo doloroso.

Na obra, há uma desalentada perscrutação a Deus da improfícua estiagem, que a tudo dana e perde, somada ao arraigamento dos hábitos religiosos do povo humilde daquelas paragens sertanejas. Sempre há o costume, como o de D. Inácia, de puxar o terço e fazer a reza em atos solícitos. Um retrato de Conceição encontra-se na parede da casa da avó, junto ao quadro do Coração de Jesus. A personagem carrega no nome a concepção de

⁷² PRADO, A. A.. “O quinze renovou a ficção regionalista” in *Estado de São Paulo*, 12 nov. 2000.

⁷³ ARRIGUCCI Jr., D. “O sertão...”

⁷⁴ GOMES, A. M. *Imaginário social da seca*, pp. 168-73.

⁷⁵ STEGAGNO-PICCHIO, L. “Rachel de Queiroz” in *História da literatura brasileira*, p. 527.

Maria, que, embora virgem, traz ao mundo o filho de Deus para salvar o homem. A protagonista, por sua vez, vai renegar o casamento, a maternidade e, assim, intocada, salvar Duquinha, acolhendo-o como afilhado. Compromete-se ao apadrinhamento com Vicente e chega a gostar de ver o seu nome junto ao dele:

E lembrara-se de ter achado graça ao ver, na procuração que enviara, o seu nome junto ao de Vicente, num papel sério, eclesiástico, em que eles se tratavam mutuamente por nós, bem expresso na fórmula final: “reservando para nós o parentesco espiritual”... Conceição gostara daquele ‘nós’ de bom agouro, que simbolizava suas mãos juntas, unidas, colocadas protetoramente, pela autoridade da Igreja, sobre a cabeça do neófito...”⁷⁶

A decisão de criar Duquinha, entretanto, é uma determinação solitária, da qual Vicente mal toma conhecimento, pois ambos já haviam abandonado qualquer possibilidade de união. Importante notar que toda alusão feita ao romance de Conceição e Vicente é apenas para reforçar a diferença que se criou entre ambos, aumentando sua impossibilidade.

Ao dividir suas atividades entre a escola e o “campo de concentração” – local da cidade reservado aos retirantes –, Conceição toma para si as duas tarefas vistas, normalmente, como próprias para mulheres – professora e enfermeira –, pois se aproximam das atividades domésticas: o cuidado e a formação. No entanto, são tais atividades que a colocam na esfera público/social.⁷⁷ Conceição não deixa de enfrentar as dificuldades encontradas em sua atuação junto ao campo de concentração. O clima hostil castiga aqueles que dali retiram o mínimo para sobreviverem. Ela sente o cheiro fétido dos corpos moribundos e recua ante a asquerosa imundície das crianças.

Quando adota seu afilhado em estado moribundo, porém, salvando-o da seca e do fim trágico de quase toda criança naquelas condições, Conceição cumpre o desígnio por ela mesma determinado no final do romance: “Afinal, o verdadeiro destino de toda mulher é acalantar uma criança no peito...” Mas o faz “torcendo sua natureza”, como acusa Mãe Nácia. Acreditando não valer a pena casar-se e ter seu próprio filho, renuncia a essas obrigações. Prefigura aqui o destino das donzelas-guerreiras, como afirma o narrador do romance: “Seria sempre estéril, inútil, só... Seu coração não alimentaria outra vida, sua alma não se prolongaria noutra pequenina alma... Mulher sem filhos, elo partido na cadeia da imortalidade.”⁷⁸

⁷⁶ QUEIROZ, R. de. *O quinze*, p. 88.

⁷⁷ OLIVEIRA, H. R. “As mulheres...”, p. 4.

⁷⁸ QUEIROZ, R. de. *O quinze*, p. 148.

A vida convencional, que Conceição interrompe, recusando-se a casar, na verdade coloca-a diante de uma nova perspectiva, a de cumprir outra possibilidade futura, seja na profissão, seja no voluntariado. Em *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, publicado em 1934, quatro anos depois de *O quinze*, há uma personagem feminina de condição semelhante, mas que aceita se casar. Diante da luta pela liberação feminina, que ganhou forças nos anos de 1920, inicia-se uma resistência às funções atribuídas tradicionalmente às mulheres: ser mãe, professora (primária) ou religiosa.⁷⁹ Madalena, de *São Bernardo*, assume duas dessas funções, o lar e a escola, mas rebela-se contra a terceira, foi comunista; Conceição, de *O quinze*, embora não se case, assume a escola, é devotada ao retirante e acolhe o afilhado. Há uma semelhança entre as duas personagens: ambas são professoras independentes e à frente de seu tempo, ligadas a homens rústicos e pertencentes ao universo rural.

Madalena aceitou o pedido de Paulo Honório e foi vitimada pela enorme diferença entre eles, ao passo que Conceição interrompe sua ligação com Vicente. Ao negar o compromisso, furta-se não só ao modo de vida convencional, mas a impiedosos confrontos de natureza diversa, entrevendo, com cautela, essa espécie de fosso existente entre o impossível par amoroso.⁸⁰ E remói a diferença:

E a moça comparou Dona Inácia àquelas senhoras de “alma azul”, de que fala o Machado de Assis...

Foi então que se lembrou que, provavelmente, Vicente nunca lera o Machado... Nem nada do que ela lia.

Ele dizia sempre que, de livros, só o da nota do gado...

Num relevo mais forte, tão forte quanto nunca o sentira, foi-lhe aparecendo a diferença que havia entre ambos, de gosto, de tendências, de vida.

O seu pensamento, que até há pouco se dirigia ao primo como a um fim natural e feliz, esbarrou nessa encruzilhada difícil e não soube ir adiante.⁸¹

Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa observa que a constatação, feita por Conceição, da impossibilidade de um diálogo com o primo, vem através da comparação que esta faz, ironicamente, entre a avó e as senhoras de “alma azul” de Machado de Assis –

⁷⁹ QUEIROZ, R. de. “A condição de mulher”. *Estado de São Paulo*, 4 out. 1997.

⁸⁰ A atitude ponderada de Conceição assemelha-se à que será tomada por Dona Isabel Pimenta, também professora, no romance escrito 34 anos depois, *O Coronel e o lobisomen*, de José Cândido Carvalho. Ela repele o pedido de casamento de Ponciano de Azeredo Furtado, entrevendo o distanciamento da figura “casca grossa” do Coronel, e optando pelo primo, doutor formado no Rio de Janeiro.

⁸¹ QUEIROZ, R. de. *O quinze*, pp. 78-9.

que é a cor que o escritor comumente usa para se referir à pureza, fidelidade, ideal de boa mãe e boa esposa.⁸² Não se percebendo como integrante desta classe de mulheres, Conceição se vê destoando. Mais além, comparando Vicente à natureza, percebe, pouco a pouco, a dificuldade de tal união. A princípio, o primo parece-lhe um recanto de mata, próximo a um riacho, espécie de sombrio misterioso e confortante que, sob o sol de meio-dia, pode-se interromper o trote penoso do cavalo e se recolher à sombra e ao verde como se fosse um cantinho do céu. Mas seu pensamento não pára aí, desenvolvendo-se de forma acusatória:

Mas volvendo-se depois, numa manhã chuvosa, encontra-se o doce recanto enlameado, escavacado de minhocas, os lindos troncos escorregadios e lodosos, os galhos de redor pingando tristemente.

Da primeira vez, pensa-se em passar a vida inteira naquela frescura e naquela paz; mas à última, sai-se com o coração pesado, curado de bucolismo por muito tempo, vendo-se na realidade como é agressiva e inconstante a natureza...

Ele era bom de ouvir e de olhar, como uma bela paisagem, de quem só se exigisse beleza e cor.⁸³

Conceição não entrevê, nessa união, a completude de que necessita. Então, indaga-se: “onde iria buscar o seguro companheiro que entende e ensina, e completa o pensamento incompleto, e discute as idéias que vêm vindo, e compreende e retruca às invenções que a mente vai criando nas horas de tempestade e de abandono?” Percebeu que qualquer coisa maior se cavava entre os dois e que mesmo o poderoso encanto, que a sua saudável compleição exercia nela, não preencheria a tremenda distância que os separava:

Pensou no esquisito casal que seria o deles, quando à noite, nos serões da fazenda, ela sublinhasse num livro querido um pensamento feliz e quisesse repartir com alguém a impressão recebida. Talvez Vicente levantasse a vista e lhe murmurasse um “é” distraído por detrás do jornal... Mas naturalmente a que distância e com quanta indiferença.⁸⁴

Vicente passa para segundo plano, diminuído perante a protagonista. Ela já não sentia o mesmo orgulho de antes, ao vê-lo como “uma rajada de saúde e de força invasora”. O que antes era apenas receio para Vicente, passou a acontecer. Conceição intimida-o “com o mesmo olhar de superioridade meio compassiva usado pelo irmão, quando falava em sua existência de cidadão ‘blasé’, e aludia às suas preocupações intelectuais”. E Vicente, mais do que depressa, “doendo-lhe que ela também o julgasse incapaz de uma sensação delicada,

⁸² STEIN, I. citado por BARBOSA, M. de L. D. L. *Caminhos...*, p. 46.

⁸³ QUEIROZ, R. de. *O quinze*, p. 79.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 80.

de um mais alto interesse nesta vida, que não fosse vaquejar ou nadar”, fecha-se em seu orgulho áspero, como uma porta hostil. “Fechou-se a qualquer intimidade com a prima”. Tem uma leitura ingênua do mundo, e a falta de instrução é percebida por ele como uma perda, um diferencial que o diminui também perante o pai. Não é como o irmão Paulo, que abandonara a vida do campo para conquistar o título de doutor por força dos estudos. Moço puro, mas rude, colocando a terra e a criação acima de tudo, não conquista Conceição, moça culta.

Se Conceição, de um lado, parece realizar-se no plano intelectual, estando à frente das moças de sua época — realização que alguns autores consideram o *alter ego* da autora —, por outro lado, permanece triste pela desventura amorosa. Atraída pela figura de Vicente, não deixa de considerar seu aspecto inculto e rude que contrasta fortemente com sua ambição intelectual. Vicente, por sua vez, pouco reage diante da recusa de Conceição em se casar com ele. Mantém-se silencioso e vê, na voz e nos modos da moça, uma espécie de aspereza espevitada, característica de todas as normalistas que conhecia:

Vicente a ouvia, com o pensamento distante, desagradando-lhe aquele tom indiferente e didático em que a moça se exprimia. (...)

E ele foi descobrindo uma Conceição desconhecida e afastada, tão diferente dele próprio, que, parecia, nunca coisa nenhuma os aproximara.

Em vão procurou naquela moça grave e entendida do mundo, a doce namorada que dantes pasmava com a sua força, que risonhamente escutava os seus galanteios, debruçada à janela da casa-grande, cheirando o botão de rosa que ele lhe trouxera.

Quando saiu, ia debaixo dum sentimento de desgosto, vago, mas opressivo. Por que estava Conceição tão longínqua e distraída?... E ao fim da visita, quando ela falava sobre o efeito da seca na vida da cidade, pareceu-lhe até pedante...⁸⁵

Ele percebe a distância que separa suas vidas e não reage agressivamente, mas de modo conformado, quase alheio. Quanto à Conceição, esta, a princípio, apreciava a figura de Vicente:

Conceição, calada, olhava o primo. Estava mais bonito. Ficava-lhe bem, a roupa cáqui; muito vermelho, queimado do sol, os traços afinados pela labuta desesperada, as pernas fortes cruzadas, as mãos pousadas no joelho, falava lentamente com seu modo calmo de gigante manso.

Era o mesmo homem forte do sertão, de beleza sadia e agreste, tostado de sol, respirando energia.⁸⁶

⁸⁵ QUEIROZ, R. de. *O quinze*, pp. 77-8.

⁸⁶ Ibidem, p. 75.

Essa figuração de virilidade, no entanto, não foi suficiente para tomá-lo como parceiro, logo vendo nele defeitos. Culta e sensível, mostra-se à frente das idéias da avó, mantendo, porém, um traço arrogante de classe e um certo repúdio, portanto, a esse homem que se mostra apenas vaqueiro, belo, mas vaqueiro. A busca de seu ideal futuro não está junto a um par amoroso, mas na conquista solitária. Assim é anunciada no início do romance: “Acostumada a pensar por si, a viver isolada, criara, para seu uso, idéias e preconceitos próprios, às vezes largos, às vezes ousados, e que pecavam principalmente pela excessiva marca de casa”.⁸⁷

⁸⁷ QUEIROZ, R. de. *O quinze*, p. 10.

3.2. A Beata Maria do Egito

Rachel de Queiroz, em sua crônica “História de Beata”, revela seu grande interesse por um tema singular: o comportamento de uma criatura considerada excepcional – uma santa, por exemplo –, colocada na correnteza de paixões e conflitos em que se debatem as pessoas comuns. Tomou, então, como ponto de partida, a velha lenda cristã da Santa Maria Egípcíaca, que sempre a atraía e cuja sedução misteriosa se tornara ainda maior depois que Manuel Bandeira a tinha eleito como tema de sua balada. A escritora conta, desta forma, o que havia sido o trabalho de colocar o drama da Beata no papel:

Fixara-me numa Maria Egípcíaca nordestina, uma daquelas beatas de hábito de freira que outrora pululavam pelo Cariri, dei o nome de Maria do Egito – única analogia direta que me permiti com a Santa verdadeira, criada pelos “penitentes” da Serra da Mombaça, devota do Padre Cícero, a quem pretende socorrer com um grupo de “romeiros”, quando soldados rabelistas cercavam a cidade Santa do Juazeiro. Presa no caminho, ela tal como a Santa vê-se obrigada a lançar mão do corpo, fazer o sacrifício de sua pureza a fim de obter passagem livre na sua cega marcha para a terra santa. Mas isso sem a participação e sem pecado – a paixão do homem e suas obras passando por ela “como o sol pela vidraça”. Esse o tema que me fascinou.⁸⁸

Rachel de Queiroz constrói, então, sua segunda peça de teatro a partir deste mote. Nela, tem-se a devotada irmã santificada, conhecida por seus milagres ao arrebanhar forças para o movimento criado pelo padre Cícero em Juazeiro. A junção dessa condição de fé aos elementos do nordeste faz da Beata Maria do Egito uma personagem singular, pois nela se vê também certo regionalismo, próprio de seu local e tempo, espécie de líder que comanda um grupo de fanáticos, reafirmando uma personalidade regional de força mística popular e, especificamente, nordestina.

A Beata, santa sofrida e perseguida, conquista, com o sacrifício de sua pureza, a liderança dos romeiros, que lutam pela causa de Padre Cícero. Torna-se uma santa ímpar ao lembrar as antigas hetairas e hieródulas, prostitutas sagradas que se entregavam a um passante como forma de servir ao seu templo. Entrega seu corpo por uma causa política do

⁸⁸ QUEIROZ, R. de. “História de Beata” in *O cruzeiro*, nº52, ano XXXI, 10 out. de 1959.

Juazeiro, sem, no entanto, pecar. Ao se manter impassível perante o desejo do Tenente, que a possui dentro da delegacia, não participa do pecado, mantém-se incólume “como o sol pela vidraça”, ou seja, não se macula. O pecado não existe se sua atitude é tomada com outra finalidade que não o prazer. Trata-se de uma Beata que luta por uma causa político-religiosa e que não tem uma vida pregressa de prostituição. Ela apenas lembra, com suas atitudes, as hetairas, hieródulas e a Maria Egípcíaca, sem, no entanto, ser equiparada a elas.

Esta heroína religiosa também se furta ao destino padronizado das mulheres, o de ser mãe e esposa. Walnice Nogueira Galvão alerta que este rol de mulheres religiosas, que se sacrificam sexualmente pela ordem religiosa, não devem ser confundidas com as donzelas guerreiras, pois, para as primeiras, a virgindade não é tabu e a atividade sexual consta no cumprimento a votos igualmente oficiantes do sagrado, enquanto, para as segundas, o ato sexual é permitido, embora optem por não cumprirem os papéis sexuais femininos. O que une estas duas categorias de mulheres é o fato de se desviarem da função padronizada das mulheres na sociedade, e fazerem isso de modo transgressor, rebelando-se às convenções.

3.2.1. Na hagiografia, Santa Maria Egípcíaca

Na peça de teatro de Rachel de Queiroz, a personagem Beata não conheceu pai nem mãe, foi enjeitada. Deixaram-na dentro de um forno, no quintal de uma casa. Quem a pegou foi ver na folhinha, na qual, em vez do santo do dia, estava escrito: “Fuga para o Egito”. Assim batizaram-na de Maria do Egito. Foi criada por padrinhos que viviam na Serra da Mombaça, região repleta de penitentes. Provavelmente nascera a 2 de abril, dia devotado à Santa Maria Egípcíaca, padroeira que viveu na Palestina há cerca de mil e quinhentos anos, e que teve vida semelhante à das cortesãs sagradas. Assim diz o livro de santos:

Nasci no Egito, e nos meus 12 anos, dirigi-me para Alexandria, onde durante 17 anos me entreguei à pública depravação, e a toda a gente me prestava. E como alguns homens se preparavam para fazerem a viagem de Jerusalém para irem adorar a Vera Cruz, eu pedi aos marinheiros que os transportavam para me deixarem ir com eles. Quando me exigiram o frete da passagem, logo lhes disse: “Irmãos, nada tenho que vos dar, mas aqui está o meu

corpo para pagamento da minha passagem”. Nestas condições me levaram e dispuseram-se do meu corpo para pagamento da minha passagem. Chegamos todos a Jerusalém e tendo-me apresentado com essa gente às portas da igreja para adorar a Vera Cruz, eu senti-me repelida por uma força invisível. Tornei-me muitas vezes, debalde, até às portas da igreja, e sempre me sentia retida, ao passo que os demais entravam desembaraçados.⁸⁹

A dificuldade de Maria Egípcíaca para entrar na igreja fez com esta se recolhesse e pensasse nos seus numerosos pecados como a causa de tal rejeição. Flagelando-se, arrependida, vê, então, a imagem da Virgem Maria, a quem roga que perdoe seus pecados, para que possa adorar a Santa Cruz, prometendo voto de castidade. Abençoada, consegue entrar na igreja sem obstáculo. Assim é narrada a continuação desta hagiografia:

Depois de ter adorado bem devotamente a Santa Cruz, um homem me deu três dinheiros, com que comprei três pães. Ouvi então uma voz que me dizia: “Se transpuseres o rio Jordão, tu serás salva.” Atravessei então o Jordão e vim para este deserto, onde durante quarenta e sete anos não vi viva alma; os três pães que trouxe endureceram e me bastaram até o dia de hoje. Os meus vestidos caíram em frangalhos e, durante os dezessete primeiros anos de minha vida solitária, tive de sofrer as tentações da carne, mas com a divina graça foram todas vencidas. Até aqui narrei minha história.⁹⁰

Após 47 anos de penitência no deserto palestino, Zózimas,⁹¹ um eremita do Mosteiro de São João Batista, vê Maria Egípcíaca, nas margens do Jordão, numa visão diabólica: estava nua dos pés à cabeça, com sua cabeleira de anciã. Pensando tratar-se de um dos diabos que havia tentado a Cristo, enfrenta a criatura, perseguindo-a. Ela, então, abre-lhe o coração e narra sua história, depois de pedir-lhe seu manto para que pudesse se cobrir. Neste momento, os dois seres, cheios de santidade, lançam-se à terra em adoração mútua, implorando um ao outro a bênção inicial. Maria diz, então, que cumpre mais ao padre benzê-la, uma vez que ele possui o santo ofício do sacerdócio. Emocionado e maravilhado, por perceber que a mulher defronte a si conhece sua vida sem jamais tê-lo visto, o padre fica, por isso, mais convencido de que ela primeiro deveria dar-lhe a bênção e a oração, pois estaria coberta de graça espiritual dada pelas boas obras e bons costumes, os quais sobrepujam a dignidade da ordem do sacerdócio. Mas ele acaba por concordar em

⁸⁹ ROSAYRO, D. de. *Flos sanctorum das vidas e obras insignes dos santos*.

⁹⁰ Ibidem..

⁹¹ A vida de Zózimas é descrita, por Joyce E. Salisburg, como a de um monge que não estava ainda satisfeito com o seu empenho e indagou de melhor progresso em direção a Deus, ao que foi instruído a passar a Quaresma no deserto, isolado e em jejum, ocasião em que teria se deparado com a Santa. SALISBURG, J. E. *País da igreja, virgens independentes*.

benzê-la antes, tornando o momento o da compunção pelos pecados, e combina novo encontro, comprometendo-se a ministrar-lhe a Santa Comunhão.⁹²

Maria dá-lhe as instruções e previsões para o próximo ano, em que, revela, terão um encontro. Primeiro, pede-lhe segredo de tudo o que viu e ouviu; depois, mostra conhecer a regra do mosteiro em que Zózimas mora e prediz-lhe que, na próxima Quaresma, Zózimas não sairá em peregrinação pelo deserto, mas ficará no mosteiro e, à véspera da Santa Ceia, levar-lhe-á o corpo e o sangue de Cristo até às margens do Jordão, para que ela possa tomar o sacramento da comunhão. Maria termina suas previsões, pedindo a Zózimas que alerte o abade do mosteiro, *Johane*, para que corrija alguns de seus frades, e vai-se embora pelo deserto.⁹³

A visão e a narrativa da Santa edifica Zózimas na mais legítima alegria espiritual, pois torna-o consolado em sua peregrinação terrena e mais próximo de Deus. Ao chegar a Quaresma do próximo ano, sobrevêm-lhe uma forte febre e, não podendo sair para o deserto, cumpre-se a profecia de Maria. À data da Santa Ceia, a penitente recebe de Zózimas o Pão da Eucaristia. Marcam, então, um terceiro encontro, mas, retornando ao local, ele vê um clarão: o corpo de Egipcíaca já sem vida, com a face voltada para o Oriente. O velho monge corre a beijar-lhe os pés, molhando-os com muitas lágrimas. Canta muitos salmos e faz as orações apropriadas para a ocasião. Querendo enterrá-la, eis que vê surgir um grande leão, beijando as pegadas da Santa, ao qual diz: “Esta Santa me encarregou de sepultá-la e eu não posso cavar a terra porque sou velho e não tenho aprestos. Cava pois a terra com as unhas, para que possamos sepultar o santo corpo”. E o leão, como um cordeiro manso, começou a cavar, fazendo uma cova suficiente, e Zózimas voltou para seu mosteiro glorificando a Deus. Lá ele relata toda a história aos monges, ficando entronizado pelo texto o culto à santa mulher Maria do Egito no dia 2 de abril.⁹⁴

Rainer Maria Rilke inspira-se na Santa para fazer o poema “Maria Egipcíaca”, enfocando o episódio de seu sepultamento:

⁹² CANDOLO, T. *Desejo de Deus: as lágrimas e a representação do ideal monástico primitivo em hagiografias medievais portuguesas*, p. 214.

⁹³ Ibidem, p. 217.

⁹⁴ MOTT, L. *Rosa Egipcíaca: uma santa africana no Brasil*, pp. 164-5.

Desde aquel día en que, como ardiente ramera,
había huido sobre el Jordán y, afrenciéndose
cual una tumba, había dado a beber, fuerte
y sin mezcla, su puro corazón a la eternidad,

creció irresistible su temprana capacidad
de entrega hasta un grado tan sublime
que, al fin, como la eterna desnudez
de todo lo crado, yació en la seca caspa

de sus cabellos de amarilleado marfil.
Y un león comenzó a dar vueltas, y un viejo
le llamó a una señal para que ele ayudase.

(Y ambos a dos se pusieron a cavar.)

Y el viejo la reclinó dentro de la fosa.
Y el león, como um animal heráldico,
se sentó a su lado y soutuvo la piedra.⁹⁵

Além da Santa Maria Egipcíaca, há outras meretrizes arrependidas que mereceram a devoção popular e a glória dos altares nos primeiros séculos do cristianismo. A partir do século IV, há Santa Taís⁹⁶ e Santa Pelágia da Síria.⁹⁷ Santa Taís não chegou a ter seu nome incluído no Martirológio Romano, e várias delas foram cassadas na reforma do calendário litúrgico empreendida por Paulo VI.

Tanto quanto Madalena, Santa Maria Egipcíaca foi bastante popular na Idade Média, sendo incorporada ao folclore cristão. No entanto, apesar do seu nome constar do calendário litúrgico, nunca recebeu grande devoção no mundo luso-brasileiro, sendo Maria Madalena a preferida e quase símbolo das pecadoras arrependidas presentes no imaginário dos nossos antepassados. Porém, em ambas, o arquétipo da prostituta recuperada é explorado, pois, convertendo-se à vida cristã, não somente foram perdoadas por sua vida pregressa, como tornaram-se aptas a transcendê-la.

Sabe-se que a lenda de Maria Egipcíaca chegou ao Brasil por duas vias: uma primeira, através do livro litúrgico *Lendas douradas*, traduzidos do latim, de *Flos sanctorum*;⁹⁸ uma segunda, através do folheto de cordel português *Auto de Santa Maria Egipcíaca*, bastante raro hoje. Luiz Mott conta-nos que a primeira biografia desta Santa, *Vita Mariae Aegyptiae*, foi escrita no século VII por São Sofrônio, monge no Egito e

⁹⁵ RILKE, R. M. *Antologia poética*. 3 ed. Madrid: Espasa-Calbe, 1979.

⁹⁶ Cortesã síria convertida pelo Pe. Pafúncio: ficou tão perturbada com a luz de Cristo que queimou toda sua riqueza em praça pública, passando o resto de sua vida em penitência, presa num cubículo.

⁹⁷ Bailarina famosa do Oriente que se arrepende e recebe o batismo em Jerusalém, distribuindo todas as suas jóias aos pobres. Passa o resto de sua vida como Ermitã numa gruta no Monte das Oliveiras, e só se descobre ser ela uma mulher depois de sua morte.

⁹⁸ O *Flos Sanctorum* é a principal coletânea da vida de santos. Segundo o Bibliófilo Inocêncio Silva, houve oito edições dessa coletânea em Língua Portuguesa entre 1513 e 1741. Foi possível localizar, durante esta pesquisa, os exemplares dos seguintes organizadores: Diogo de Rosayro e Francisco de Jesu Maria Sarmento.

Palestina, depois Patriarca de Jerusalém. Em 1260, já corria pela Europa Ocidental a *Legenda Áurea*,⁹⁹ sendo no século XIII o apogeu de sua devoção e divulgação.¹⁰⁰ Em Portugal, temos a obra de Francisco de Sá e Miranda, que reescreve a hagiografia, com um tom bastante humorado, no século XVI, conservada inédita até o século XIX, quando, então, é trazida por Teófilo Braga. Affonso Arinos situa a lenda dourada dentre as *Lendas e tradições brasileiras*. Escrita pelo Frei Dominicano Jacobus de Voragine, a obra torna populares assuntos antes conhecidos apenas por padres, clérigos, teólogos e eruditos, que tinham acesso à literatura sagrada. De fato, foi escrita numa época em que se popularizava a religião e secularizava-se a educação, trazendo as narrativas sacras para fora dos muros dos conventos e das bibliotecas monásticas. O sucesso desse volume deveu-se à sua simplicidade ao alcance do povo, tornando-se um manual da vida cristã e não cabendo a nenhum outro ser tão copiado e traduzido.¹⁰¹

Na França, além da obra de Frei Jacob Voragine – *La Légende Dorée* –, é conhecido um poema sacro de Hildeert de Lavardin. Na Inglaterra, o bispo Robert Grosseteste dedica-lhe outro poema, enquanto na Espanha aparece o mais longo deles “La Vida de Santa Maria Egipcíaca”, com 1451 versos, conservado no Arquivo do Escorial. Em Portugal, já existia, desde o século XIV, o manuscrito *Vida de Maria Egípcia*, guardado na antiga biblioteca do Mosteiro de Alcobaça, da Ordem Cisterciense. No século XVII o Pe. Pedro de Ribadaneira escreve *Histórias das vidas de Santa Maria Egipcíaca, Santa Taís e Santa Teodora*, folhetim que intensifica sua devoção em Portugal, trazendo estampada uma bela xilogravura. Há ainda mais duas biografias da Santa escritas em Portugal pelos Freis Eloi Ferreira e Hilário de Lourinhã, ambos do Real Mosteiro de Alcobaça.¹⁰² No século XVII, aparece ainda *A conversão miraculosa da felice Egypcia penitente Santa Maria, sua vida e morte*, de Leonel da Costa, escritor português.

⁹⁹ A escritora Rachel de Queiroz demonstra ter bastante apreço pelo estudo de santos. Ao configurar sua personagem Padre Maria José, do *Memorial de Maria Moura*, em penitência por ermos caminhos de fuga, depois do atroz assassinato de sua amante, lista as *Lendas douradas* em dois grossos volumes como uma leitura assídua do Padre, a entreter-lhe a devoção: encontrou nelas muito sofrimento parecido com o seu, muita tentação e muita queda.

¹⁰⁰ MOTT, L. Rosa..., pp. 167-8.

¹⁰¹ ARINOS, A. *Lendas e tradições brasileiras*, pp. 6-10.

¹⁰² MOTT, L. Rosa ..., pp. 167-8.

Embora não tenha sido comprovada sua realidade histórica, Egípcíaca, largamente difundida, mantém uma existência ficcional que serviu de modelo às vidas de algumas mulheres ascetas reais. No Brasil, o culto a esta Santa, se bem que escasso, ainda pode ser encontrado. Serviu de devoção à escrava africana Rosa Courana, que, sensibilizada pela padroeira, adota o nome de Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz e abandona a vida de meretriz para seguir a monástica. Luís Mott descreve sua vida em *Rosa Egípcíaca*: uma santa africana no Brasil.

Adaptações literárias podem ser encontradas sobre a vida da santa, como a “Balada de Santa Maria Egípcíaca” de Manuel Bandeira, trazida como epígrafe por Rachel de Queiroz em sua peça *A Beata Maria do Egito*:

Santa Maria Egípcíaca seguia Em peregrinação à terra do Senhor.	Caía o crepúsculo, e era como um triste sorriso de mártir...
Caía o crepúsculo, e era como um triste sorriso de mártir...	— Não tenho dinheiro. O senhor te abençoe. Leva-me à outra parte.
Santa Maria Egípcíaca chegou À beira de um grande rio. Era tão longe a outra margem! E estava junto à ribanceira, Num barco, Um homem de olhar duro.	O homem duro escarneceu: — Não tens dinheiro, Mulher, mas tens teu corpo. Dá-me o teu corpo, e vou levar-te. E fez um gesto. E a santa sorriu, Na graça divina, ao gesto que ele fez.
Santa Maria Egípcíaca rogou: — Leva-me à outra parte do rio. Não tenho dinheiro. O Senhor te abençoe. O homem duro fitou-a sem dó.	Santa Maria Egípcíaca despiu O manto, e entregou ao barqueiro A santidade da sua nudez.

Há também, no Brasil, a peça *Oratório de Santa Maria Egípcíaca* de Cecília Meireles – composta em 1957, mas publicada postumamente em 1996 –, que compõe sua trilogia de poema coral, juntamente com *Pequeno oratório de Santa Clara* e *Romance de Santa Cecília*. Utilizando três cenários, a hagiografia de Maria do Egito é cantada em sua peregrinação até obter sua remissão: Alexandria, Jerusalém e Jordão. Alternando voz descritiva, voz mística, coro dos romeiros, fala e canto de Maria do Egito, temos uma peça musicada pelo compositor alemão Ernst Widmer.

Joyce E. Salisbury estuda, em *País da Igreja, virgens independentes*, narrativas de mulheres que foram consideradas santas, mesmo sem corresponder aos padrões da virgindade sagrada. Dentre estas, aponta a de Maria do Egito como um relato altamente miraculoso, formado por elementos de várias histórias anteriores. Alguns elementos, por

exemplo, teriam sido extraídos da *Vida de Paulo, o Hermitão*, de Jerônimo. A autora afirma, ainda, a probabilidade de ter havido mulheres ascetas vivendo no deserto, como Maria, mas considera pouco provável uma Maria do Egito histórica.¹⁰³

Também Francisco Vizmanos, autor de *Las virgenes cristianas de la iglesia primitiva*, salienta que todas as vidas das santas pecadoras foram profusamente adornadas pela fantasia novelesca, tratando-se, na maioria dos casos, de hagiografia legendária, com poucas chances de comprovação histórica. Uma prova da nebulosidade da vida de Santa Maria Egipcíaca é que não se tem certeza nem do século em que teria vivido. Verogine afirma que a Santa chegou ao deserto no ano de 280, sob o governo do Imperador Cláudio. Os eglandistas, jesuítas estudiosos que pesquisavam a vida de santos, afirmaram ter sido 421 o ano de sua morte. Para o escritor Cirilo de Escitópolis, a santa foi levada aos céus por dois anjos no reinado de Justino em 520, sendo esta a versão aceita pelo Martirológio Romano, que a festeja no dia 2 de abril. A Igreja Oriental já a comemora no dia 9 do mesmo mês.¹⁰⁴

3.2.2. O espírito religioso fanático e as forças políticas

Em sua peça *A Beata Maria do Egito*, Rachel de Queiroz introduz a figura da Santa no meio cultural nordestino, resultando numa boa junção da figura lendária ao messianismo do Juazeiro de Padre Cícero, cidade esta anunciada pelos romeiros como a nova Jerusalém.

O episódio reporta-se ao final do ano de 1913, quando as forças rabelistas, lideradas por Franco Rabelo, governador do Ceará, rivalizam-se com a missão comandada por Pe. Cícero, sob a influência de chefes políticos ligados à família Accioly, ex-detentores do poder no Ceará, e ao governo federal, na figura do Presidente Hermes da Fonseca. A “sedição do Juazeiro” marcou o início de um processo de luta armada que culminou com a derrota de Franco Rabelo e o controle político do Estado do Ceará pelos grupos ligados aos

¹⁰³ SALISBURY, J. *Pais...*, p. 95.

¹⁰⁴ MOTT, L. *Rosa...*, p. 167.

Accioly. Figura controvertida, o Pe. Cícero age com uma força messiânica que arrebatava os moradores do lugar, transformando-os em jagunços por ele chefiados.

Rachel de Queiroz situa esta peça no início dos combates, em algum lugarejo próximo a Juazeiro, onde a primeira expedição das tropas rabelistas foram rechaçadas pelos seguidores do Pe. Cícero. Escrita em três atos, expõe, no início, as forças políticas, acentuando o conflito entre o governo e Pe. Cícero. Deixa claro, também, o motor da peça – a religiosidade popular transformada em fanatismo pela população pobre e desvalida do nordeste. No trecho que se segue, evidencia-se a distância entre Estado e povo:

Cabo: Desculpe, Tenente. O senhor vai dizer que eu sou soldado, ganho do Governo, não posso cuspir no bocado que como... Mas o senhor acha direito mandar cercar de soldado a cidade santa do Juazeiro e jurar de trazer o Padre Cícero preso ou morto? O senhor não acha que é até arriscado acontecer alguma desgraça medonha? Afinal o Padre velho nunca fez mal a ninguém – todo o mundo sabe que ele é santo, mandado por Deus a este mundo para ajudar quem sofre...

Tenente: O caso não é esse, Cabo Lucas. O Governo não tem rixa com o Padre. Há mais de quarenta anos que ele é a bem dizer dono do Juazeiro, e o Governo não se mete – quando não ajuda, como fez na briga com o bispo. Mas agora é diferente. Foi o Padre que atacou o governo, não reconheceu o Presidente eleito, juntou um exército de jagunços, e chegou ao cúmulo de inventar outro governo – outro presidente, outra assembléia, com sede no Juazeiro!

Cabo: Mas se tem um governo na capital e outro no Juazeiro, por que não fica cada um mandando na sua terra?

Tenente: Juazeiro faz parte do Estado do Ceará, tem que acatar as ordens da Capital. Não pode haver dois governos no mesmo Estado – o Ceará é um só. Ou o Padre Cícero reconhece o governo legal, ou o presidente do Estado tem que obrigar o reconhecimento, nem que seja a ferro e a fogo.

Cabo: Tenente, Deus que me perdoe, mas quem é Franco Rabelo para obrigar a sujeição a um santo – e que santo! Meu padrinho Padre Cícero!¹⁰⁵

Neste cenário conflitante, o Tenente busca cumprir o seu dever enquanto Delegado e justifica ao Cabo os motivos políticos do conflito, que está a eclodir em Juazeiro. Mas as posturas assumidas por ele, Tenente, e pelo Cabo são conflitantes, já que o primeiro apóia o Governo, pois representa-o diretamente e está sob as intervenções diretas do Coronel Chico

¹⁰⁵ QUEIROZ, R. de. *A Beata Maria do Egito*, pp. 5-6.

Lopes, e o segundo, pertencendo ao extrato social mais baixo, alia-se à crença popular e, deste modo, à Beata, acabando por tomar o partido dela diante de sua prisão:

Cabo: Ai, Beata, seu eu me governasse! Se eu não fosse cativo desta farda, soltava a senhora agora mesmo. Com que gosto estas mãos haviam de abrir aquela porta!

Beata (esperançosa): Os santos anjos do Céu e o nosso Padrinho do Juazeiro haveriam de lhe pagar em dobro, Cabo Lucas!

Cabo (abana a cabeça): Mas... a senhora não vê? Hei de fazer isso com o Tenente? Quem pagava o pior era ele, que é o chefe.

Beata: Quem obedece ao mau, aos maus se iguala.

Cabo: Mas eu não posso, Beata! Aquilo é como um filho – ando com ele desde rapazinho, quando sentou praça. Enganar – não tenho coragem. E pedir – não adianta. Nem que eu me arrastasse de joelhos no chão! É homem de cabeça dura que só pedra.

Beata (suspira): Enfim... quem sabe se ele não há de enxergar a luz, mais cedo ou mais tarde?

Cabo: Sei lá! Mas pode ser... A senhora pedindo, Deus escuta...¹⁰⁶

Há, então, o temor do Cabo com relação a alguma desgraça que possa acontecer perante o ultraje ao Santo, ao passo que o Tenente, inicialmente, apenas cumpre ordens superiores: as ameaças de intervenções diretas do Coronel para que prenda a Beata como a causadora de desordem e de insurreição popular. Ele mesmo se diz, mais à frente, de mãos amarradas, um Tenente dos “macacos”, alugado do Governo.

Do tema político, no qual se contextualiza a obra, a peça vai, no segundo ato, encaminhar-se para o tema amoroso, através da participação do Tenente. Forçado pelas circunstâncias, este prende a Beata e, mantendo-a prisioneira por 3 dias, sente-se atraído por ela. O Cabo é o primeiro a perceber a mudança sofrida pelo Delegado, anunciando-a à Beata, mas não compreende totalmente o teor do problema, apenas pressente uma fatalidade, inicialmente atribuída ao descaso do seu superior quanto à santidade da Beata e

¹⁰⁶ QUEIROZ, R. de. *A Beata...*, p. 25.

ao reconhecimento do povo.

Cabo: E daí, noto que ele anda muito demudado. Sim, mudou demais! Ele não se agastava nunca... Mas nestes três dias, depois que a senhora está presa... só tem boca para fumar e beber café. Vive desinquieto e se vai dormir em casa, passa numa madorna, de repente se levanta, sai no meio da noite, vem pela rua de cabeça no sereno. Quando eu pergunto o que foi, diz que tem que ver a senhora, que não confia na guarda.

Beata: Eu sei. Eu vejo a luz e escuto os passos.

Cabo: Ainda esta tarde, ele se deitou para dormir um pouco, e eu fiquei esperando na sala pegada. Quando vi, ele pegou num pesadelo, gritando pelo nome da senhora. Entrei no quarto, sacudi a rede – de leve – e no que ele acordou, em vez de me agradecer, me botou uns olhos assim, encadeados e me enxotou de perto, gritando comigo porque eu não estava aqui, de sentinela!

Beata: Está vendo, Cabo Lucas? É o remorso! Louvada seja a Mãe das Dores! É remorso de saber que pôs uma inocente atrás das grades da prisão!

Cabo: Pode ser, sim, senhora. Só sei que ele anda mesmo desnorteado. E é por isso que eu lhe peço: tenha paciência.¹⁰⁷

A Beata vê tudo pela sua ótica, a da fé. Não percebe que, para o Tenente, há somente uma mulher ali presa. O Cabo coloca-se de intermediário entre o povo e a Beata, descumprindo a ordenança do Tenente em mantê-la incomunicável. Desta forma, vai informá-la da movimentação e do motim dos homens sob a liderança de Pedro Cigano e, pego em flagrante e acuado pelo Tenente, alega desobedecer em nome da Paz, do acordo entre forças armadas e romeiros, quebrando a fidelidade que mantinha há anos como homem de confiança da polícia:

Tenente (cruza os braços, e fica a olhar o Cabo, com severidade e mágoa): Cabo Lucas, sabe que, em tempo de revolução como o de agora, você cometeu um crime? Levar comunicações para o inimigo! Como seu comandante, eu podia mandar encostar você num muro e passar-lhe fogo. Pena de morte!

Beata (pondo-se novamente diante do Cabo): Este homem tem fé, Tenente! É soldado, sim – mas não é maçom nem rabelista! Ele viu que era para o bem, e achou que podia me atender!

Tenente (ainda falando com o Cabo): Soldado não acha nada! Soldado obedece! E a mulher estava incomunicável!¹⁰⁸

¹⁰⁷ QUEIROZ, R. de. *A Beata...*, pp. 25-6.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 28.

Aos olhos do Tenente, a Beata desencaminha o Cabo, assim como, aos olhos do Coronel, ela teria aliciado todos os romeiros para a defesa do Juazeiro. A força da personagem feminina é construída a partir desse seu poder de mobilização, atuando de tal modo que nada permanece incólume. A sua excepcionalidade deve-se, segundo ela, à força de sua fé e de sua entrega a Deus. Na mesma velocidade em que cresce a obediência do Cabo à Beata, amplia-se a atração do Tenente pela beleza da Maria, o seu desejo de protegê-la e com ela viver uma vida em comum. O fato de chamarem um ao outro apenas pelo nome, sem emitir a categoria social, religiosa ou policial a que pertencem, faz romper o distanciamento, anunciando a intimidade eminente.

Beata: Escute Tenente – escute, João... se eu lhe pedisse...

Tenente (chega-se por trás dela, põe-lhe as mãos nos ombros, e encosta o rosto nos seus cabelos): Sim, João, me chame João... Se você soubesse! Tem sido uma agonia tão grande! Três dias e três noites – desde a primeira hora em que vi você. E eu sabendo que é pecado... pensando naquilo tudo... Sem tirar você do juízo... imagine, uma santa a quem o povo toma a bênção de joelhos... Eu tinha vergonha... tinha medo... sei lá! [pausa] E então vinha espiar pelas grades do cubículo – você rezando, ajoelhada. Uma vez vi que você batia com a testa no chão... [acaricia-lhe a testa]... aqui... me deu um baque no peito – me doeu como se fosse em mim! Saí correndo... Outra vez, você estava dormindo na esteira. Deitada de lado, um braço em cima dos olhos – parecia uma meninazinha, respirando tão manso! Tão desamparada! E o meu coração se apertou de novo, senti vontade de abrir a porta, segurar você... deixar você dormir no meu colo... mas tive medo, e saí de perto antes que você acordasse...

Beata: João, se eu lhe pedisse...

Tenente: Não tenho nada para lhe dar. Nem poder, nem riqueza – nada. Uma casa não tenho! Tenente dos “macacos” – alugado do Governo – sei que é isso o que eu sou. De meu, tenho o triste corpo. Tivesse o mundo, lhe dava... [abraça-a subitamente] Maria, se você quisesse!

Beata (volta-se dentro dos braços dele e, afastando-se um pouco, fita-o no rosto): João, pela sua promessa...

Tenente (não a quer ouvir, abraça-a de novo): Não faça preço! Não faça preço. Queria você de graça! Que se esquecesse desta mortalha – se esquecesse de que é santa... [desata-lhe com um gesto o cordão da cintura e o atira ao chão]... tirasse isto! [puxa o decote do vestido, descobre-lhe um pouco o ombro – beija-lhe o ombro].

Beata (sem resistir): João... se você promete...

Tenente: Não fale! Eu sei que estou doido! Sei que é crime... pecado... uma santa! [segura-lhe o rosto entre as mãos, murmura]. Maria... Maria! [num gesto rápido, toma-a ao colo e a carrega para o cubículo. A Beata não resiste. Quando atravessam a porta gradeada, o palco escurece].¹⁰⁹

Julgando alcançar a passagem para o Juazeiro, a Beata entrega seu corpo ao Tenente, numa atitude de sacrifício, ao passo que ele avança, rompendo a censura, transtornado de desejo. Pelo trecho transcrito acima, há, de fato, um desacordo sendo prometido. Ele quer lhe dar a proteção e o conforto que ficam ao encargo social do homem ao assumir uma mulher; ela pede apenas que a retire da prisão para que possa cumprir com sua missão religiosa, não vai adotar nenhuma convenção social feminina que o Tenente lhe reserva. Quando ele percebe o ato sacrificial de Maria do Egito, revolta-se e, deste sentimento, é extraído todo o drama:

Tenente (surpreso): Mas... você ainda está pensando em ir para o Juazeiro?

Beata: E por que não? Não vejo notícia de que tenham levantado o cerco. O Padre ainda carece de socorro.

Tenente: Maria... Mas que loucura é essa? Será que você esqueceu? Então, esta noite... [aproxima-se mais, segura-lhe os braços] Como é que você vem falar de novo em Juazeiro? [tenta beijá-la] Maria... Vai começar tudo outra vez? Meu bem, você esqueceu?

Beata (repele-o): Não, não me esqueci de nada. Você, sim, é que parece ter esquecido tudo. Ou pelo menos o que me prometeu.

Tenente: Que lhe prometi? Mas o que foi que eu lhe prometi? Meu Deus, Maria, você não entendeu o que houve? Pensou que fosse só por uma noite? Não, para mim você é tudo! Ontem, hoje e toda a vida! [Tenta novamente abraçá-la].

Beata (afasta-o friamente): Chega. Não me toque mais. Esta noite, foi porque eu pensei que você cumpria o trato.

Tenente: Mas você será mesmo louca? Depois desta noite... depois de tudo! [Segura-a nos braços, sem se importar com a repulsa que ela mostra.] Maria, agora tudo mudou!

Beata: Eu não mudei. Abra aquela porta e me solte.¹¹⁰

O desacordo é brutal para ambos, quando desvelado. Sentem-se mutuamente

¹⁰⁹ QUEIROZ, R. de. *A Beata...*, pp. 35-6.

¹¹⁰ Ibidem, pp. 38-9.

traídos, o Tenente por não ter sido correspondido na sua proposta, a Beata por ter pagado um preço pela sua liberdade ilusória. Ele não se conforta no desamor, passa a lembrar-lhe o seu consentimento, a sua mansidão; ela alega ter encontrado força nos santos e na reza para tudo suportar.

Tenente: Mas quem sabe tudo isso não é fingido! Você não é maluca nem nada. Só uma mulher ruim. Toda essa conversa de missão, de jejum, essa voz de santo que vive escutando e, no final de contas, você não passa de uma criatura que se serve do corpo para conseguir o que quer...

Beata: Não me importo com o que você fique pensando. Só queria que me soltasse.

Tenente: Mas não! Eu vi, eu senti... Conheci! Você era moça! Nunca homem nenhum tinha lhe tocado. Diga, não é verdade? Você nunca... nunca, não é mesmo?

Beata: Nunca. Você sabe. E agora – depois de tudo – pensa que estou diferente? Não me tocou. Foi como o sol passando pela vidraça.¹¹¹

A Beata continua afirmando não conhecer homem nenhum. Para ela, não existe homem, feio ou bonito, moço ou velho. Não enxerga ninguém, servindo unicamente a Deus. Tudo suporta, não dá mesmo uma palavra, nem um suspiro. Paga o preço, cumpre sua missão e assim se explica diante do engano do Tenente, que já a tratava por uma mulher livre, com quem poderia fazer planos conjugais futuros:

Beata: Esta noite, você me cobrou um preço e eu paguei. Como se pagasse uma passagem de trem – ou como se pagasse a carceragem! Pensei que, se eu lhe desse tudo que você queria, em troca você me soltava, deixava que eu fosse cumprir a minha missão.

Tenente: Não sei como pensou isso. E não me fale em missão! Eu não lhe prometi nada, estava iludido. Julguei que fosse amor também.¹¹²

A forma com que a Beata Maria do Egito se entrega ao Tenente, como quem compra o preço da passagem ao Juazeiro, evoca a passagem da Maria Egípcíaca, pagando o barqueiro com o seu corpo, quando vai, em peregrinação, a Jerusalém. O Tenente, por sua vez, não aceita as condições do trato e resolve manter a Beata encarcerada. Há um clima de fanatismo religioso com a evocação de clamores populares, acendidos pelo devotado Santo,

¹¹¹ QUEIROZ, R. de. *A Beata...*, pp. 42-3.

¹¹² *Ibidem*, p. 40.

para que a Beata seja libertada. Os romeiros querem-na livre, mas o Tenente prefere que tudo “vire cinza” a libertá-la. Julga os defensores do Juazeiro uma “cabroeira desenfreada”, verdadeiros assassinos, cada um com mais de cinquenta mortes “nas costas”. E seu julgamento à Beata, quando irado, é este:

Tenente: – Deixe de orgulho! Não sabe que o orgulho é pecado? O que eu digo é isto: se fosse uma velha – vá lá! Não tinha nada a perder! Mas assim como é – então não se conhece? Com essa cara bonita – me desculpe... mas com esse corpo... – como é que pode se juntar, sem perigo de desgraça, a um bando de cabras sem lei?

Beata: – O senhor pode pensar essas coisas – mas eles, sei que não pensam. Debaixo deste pano... [pega no hábito]... eles não enxergam nada – nem imaginam. [O Tenente baixa a cabeça]. – Quanto a guerrear – serei a primeira? E eu nem arma tenho: só este rosário. – Eu não brigo, Tenente, eu rezo.

Tenente: – Sim, reza. É santa. A santa cangaceira!¹¹³

Confuso quanto a se tratar mesmo de uma santa, ou louca, ou cigana ladra, ou espiã de Padre Cícero, o Tenente prefere tomá-la apenas como moça, desprendendo-se dessa forma da culpa. Se o Tenente não se contém e a possui, a alma da devota não se macula: “como um raio que passa pela vidraça”, é movida pelo amor a Deus e, por Ele, entrega o corpo, considerado menor. Sua fé transcende a matéria, seu corpo é um templo do Senhor, o que coloca a Beata acima das preocupações humanas.

A figura dela enquanto Santa é reforçada a todo instante, cabendo-lhe lugar especial dentre os romeiros. Maria do Egito, criada desde pequena pelos padrinhos em meio religioso, na serra da Mombaça, aprende a ler nas escrituras. Desta forma, mostra-se afiada no uso das parábolas e personagens bíblicos, quando se vê diante das forças policiais. Compara, por duas vezes, o Coronel Lopes a personagens do Livro Sagrado. Primeiro com Pilatos, depois com Herodes. A comparação com o primeiro foi devida, talvez, à incapacidade de Pilatos de compreender a religiosidade dos judeus. Por acreditar na inocência de Cristo, quando de seu julgamento, poderia tê-lo libertado, se não fosse o receio de ser removido da sua posição de Procurador (governador). Já a segunda comparação pode se referir à crueldade do governador da Palestina, responsável pelo

¹¹³ QUEIROZ, R. de. *A Beata...*, p. 31.

massacre das crianças de Belém. Assim se revolta furioso o Coronel Lopes, diante das acusações:

Coronel: – Como Pilatos, não senhora! Porque eu lavo as mãos desse interrogatório, mas vou agir! Se esse moço não cumpre o que deve, eu, como chefe político desta terra, tomarei minhas medidas – nem que faça correr sangue!¹¹⁴

A própria Beata compara-se a Judite, a mulher que não teve medo de atacar o general Assírio Holofernes, salvando, assim, os judeus presos na cidade sitiada de Betúlia. Holofernes encanta-se com a beleza de Judite e a seduz, e, na terceira noite que passam juntos, ela o decapita enquanto ele dormia.

A Maria do Egito é elevada a Santa, como o Padre Cícero, por fazer milagres. Teria adivinhado que um homem ia morrer, de repente, assim como teria devolvido a visão a um menino cego de nascença. Mas ela se diz, simplesmente, serva ou escrava dos pobres, sendo o único curador o próprio Cristo. Também se põe a rogar pragas naqueles que a afrontam, assumindo uma postura do Deus vingativo do Velho Testamento:

Beata (encarando-o): – Não tem medo de castigo, irmão? O braço que me prende pode se cobrir de chagas... os olhos que me enfrentam podem cegar de repente... Se eu levantasse esta mão e dissesse: “Cegai, olhos atrevidos...”

Tenente (recuando): – Que santa será essa que roga praga nos outros?

Beata: – Não é praga. É aviso. Não brinque com os poderes de Deus!¹¹⁵

Com os personagens em desacordo, irrompe o terceiro ato, bastante simétrico ao primeiro, mas com as forças deslocadas de lugar. A peça inicia-se com a chegada do Coronel Lopes à Delegacia, exigindo, como chefe político do município, que o Tenente prenda a Beata em nome da ordem local. O movimento missionário ainda estava se articulando, e a Beata, encaminhada por dois soldados, apresenta-se às autoridades, que estão fortalecidas e à espera de um reforço de dois mil soldados da guarda pernambucana. A ordem do governo prevalece, e a rebelião liderada pelos romeiros é apenas uma ameaça.

Após o turbulento segundo ato, porém, o terceiro inicia-se também com a chegada do Coronel Lopes, que vem para tentar esclarecer os boatos que ouvira da sujeição da Beata

¹¹⁴ QUEIROZ, R. de. *A Beata...*, p. 11.

¹¹⁵ *Ibidem*, pp. 17-8.

aos abusos do Delegado. Sua tentativa é de abafar o escândalo e conter a irritação pública. O clamor público havia se fortalecido ao longo da peça, ganhando tanto mais adeptos quanto mais corrupta a polícia se mostra. Mais uma vez, Coronel e Delegado não se entendem, mas desta vez a palavra final é do Delegado, que convida o Coronel a se retirar antes que as coisas piores. Há uma turba lá fora, à espera. Mais um pouco e eles prometem pôr abaixo a porta de entrada, afim de libertarem a líder santificada. O Coronel, então, sem obter nenhuma confissão do Tenente nem da Beata e vendo que a situação pode se agravar ainda mais, retira-se do local e é desarmado pelos romeiros.

O poder de polícia, neste momento, praticamente se restringe à figura do Delegado. Diante da turbulência e murmúrios de que ele teria se prevalecido da sua autoridade para submeter a vexames a pobre moça, até mesmo a guarda da delegacia, temendo o pior, passa para o lado dos romeiros, que, irados, dão pancadas de estaca à porta numa tentativa de arrombamento. O Tenente, acuado, agarra a Beata e encosta-lhe o revólver à cabeça, fazendo-a refém. Em seguida, porém, descontrola-se e toma-a num abraço desesperado, apertando seu rosto contra o pescoço dela, o que desencadeia, finalmente, o movimento do Cabo Lucas, a quem é reservado o desfecho:

Cabo: Tenente, pelas chagas de Cristo! Se lembre que é uma santa, uma santa! [O Tenente não o escuta, e o Cabo procura tirar a mulher dos seus braços. A Beata aproveita o auxílio, livra-se. Enquanto isso, a estaca volta a bater, em pancadas lentas, cavas, regulares. Lutando com o Cabo, o Tenente rola pelo chão, mas não soltou ainda a arma. Em certo momento, está de frente para a Beata, aponta para ela. O Cabo, porém, consegue arrancar-lhe o revólver. O Tenente luta, rola de novo, o Cabo fica sobre ele. Está de costas para o público, ajoelhado sobre o outro, que caiu em decúbito dorsal. Por fim, o Cabo retira a faca que traz à própria cintura, ergue a mão para o ar, e por duas vezes fere o Tenente. Durante a luta, a Beata lentamente se recompõe, passa as mãos pelo cabelo e pelo vestido. Parece que lá fora os atacantes pressentiram a peleja e aguardam o resultado. Súbito, como se cansasse de esperar, a estaca bate outra vez. A Beata, como que desperta à pancada, dá um passo, quase tropeça com os dois corpos – o Tenente morto, no chão, o Cabo de joelhos, chorando sobre ele].¹¹⁶

O Cabo, ao final, rompe a hesitação que o caracterizava ao longo da obra e confessa ao superior sua decisão. Pede-lhe desculpas por não obedecer mais às suas ordens e diz que o faz em nome de sua família e de sua fé em Deus. O temor do castigo e da reação pública

¹¹⁶ QUEIROZ, R. de. *A Beata...*, pp. 59-60.

ao sacrilégio fortalecem-no para a difícil empreitada final, em que é reservado a ele dar “cabo” do Tenente. Desta forma, finaliza-se a peça de Rachel de Queiroz.

Estudando os movimentos de insurreição, Rui Facó aponta que o termo fanático migrou dos meios cultos para o sertão, afim de designar pobres insubmissos que acompanhavam os conselheiros, monges ou beatos surgidos no interior, como representações dos sacerdotes católicos ou missionários do passado. Para o autor, o termo é pejorativo por apresentá-los como extremados e agressivos, o que justificaria o seu esmagamento pelas armas:

Era mais do que natural, era legítimo, que esses homens sem terra, sem bens, sem direitos, sem garantias, buscassem uma “saída” nos grupos de cangaceiros, nas seitas dos “fanáticos”, em torno dos “beatos e conselheiros”, sonhando a conquista de uma vida melhor. E muitas vezes lutando por ela a seu modo, de armas nas mãos. Eram eles o fruto da decadência de um sistema econômico-social que procurava sobreviver a si mesmo.¹¹⁷

Os beatos, em geral, têm função intermediária. Como auxiliares, passam a cumprir o ofício dos padres, quando estes, em número insuficiente, não conseguem cobrir toda a extensão territorial do país. São populares e próximos do povo, pertencem a essa classe e têm, por isso, a função de intermediar essas duas instâncias, igreja e povo. E, uma vez que a igreja está unida com o governo, os beatos intermediam também cúpula do poder e povo. Há um personagem de fundamental importância em *Os sertões*, de Euclides da Cunha, que pode ser citado: Antônio, o Beatinho. Como auxiliar do Conselheiro, é este quem vai interceder pelos sobreviventes, no final da luta que quase dizima Canudos. Portando bandeira branca, faz cessar, imediatamente, os ataques da tropa do governo. Apresenta-se ao comandante de um dos batalhões, juntamente com outro companheiro, com o fim de render mulheres, crianças e velhos que já não resistem mais. Vem também noticiar a morte de Antônio Conselheiro, fazendo o papel mediador entre a população de Canudos e a guarda do governo. A Beata, da peça de Rachel de Queiroz, também é intermediária da negociação entre povo e governo na batalha de Juazeiro. Apesar de uma comparação entre os seguidores de Padre Cícero e Antônio Conselheiro, eles se assemelham à medida que os seguem por fé, como romeiros, espontaneamente, buscando apenas a salvação do Céu, já que aqui na Terra não encontram nenhum tipo de assistência.

¹¹⁷ FACÓ, R. *Cangaceiros e fanáticos*, p. 13.

Diferentemente do cangaço, reação ativa à exploração e opressão dos despossuídos, o misticismo assume um caráter passivo. De fato, Maria do Egito mantém-se passiva perante a violência sofrida, sem, no entanto, deixar de lutar e clamar por ajuda aos romeiros. A atuação destes só se torna ativa quando se deflagra a luta armada, sob a liderança do chefe Floro Bartolomeu da Costa, levando adiante o projeto iniciado pelo Padre Cícero, o qual, a partir deste momento, passaria a ter apenas o papel de guia espiritual, transferindo o comando efetivo dos romeiros ao chefe civil reconhecido. Mas a peça não avança até esses acontecimentos, atendo-se ao drama ficcional vivido pela Beata e pelo Tenente.

Rui Facó escreve que o fanatismo religioso é um movimento místico para a constituição de uma ordem religiosa de cunho popular, que se opõe à religião dominante, embora seja fortemente influenciado pelo catolicismo. Seus métodos de ação vão gradativamente entrando em choque com a comunidade religiosa oficial. Esta dissensão pode ser confirmada pelo fato de Padre Cícero ter sido suspenso da ordem católica e jamais ter se reconciliado inteiramente com ela. A Igreja desempenharia uma espécie de papel de polícia ideológica, antecipando-se à força repressiva militar, dando o alarma do desvio das normas de conduta estabelecidas pela religião dominante e apontando a rebeldia contra a ordem constituída.¹¹⁸

A figura do Padre Cícero é polêmica e há quem afirme ser ele um coronel como tantos outros – distinguindo-se apenas pela batina –, pois era capaz de se utilizar de métodos comuns aos grandes latifundiários, tais como dar abrigo a capangas e cangaceiros, aproveitar-se deles ou permitir que outros se aproveitassem, para a consecução de objetivos políticos que também eram os seus. Há também acusações e comprovações de que o milagre acontecido com a Beata Maria do Araújo (hóstia que se transformava em sangue) não passara de um truque químico feito à revelia do Padre, mas por ele não desmentido. São de Rui Facó estas indagações do comportamento do Padre Cícero Romão Batista:

Mas de onde lhe vinha o prestígio entre aquela massa que o cercava, senão da convivência diária com ela, do sermão cotidiano à multidão aglomerada em frente a sua casa, da esperança dos romeiros em seus “milagres”? Porque o sacerdote nem uma vez desautorizou os consabidos embustes apresentados como milagres seus, preferindo, pelo silêncio, alimentar a crença de que era capaz de fazê-los. Com sua cultura restrita, sua mentalidade

¹¹⁸ FACÓ, R. *Cangaceiros...*, p. 47.

provinciana, seus parques dons tribunícios, ele devia ter suficiente bom-senso para reconhecer que fora de Juazeiro, mesmo em Fortaleza, muito menos no Rio, teria um papel mais do que medíocre, apagado.¹¹⁹

O Padre Cícero adquiriu fama e popularidade, fazendo com que multidões de fiéis seguissem para Juazeiro, transformando-a em município e elegendo o padre seu primeiro prefeito. Sua figura política, no entanto, foi limitada ao meio em que vivia. Parecia ser conivente ao manter uma concentração de fanáticos que garantisse reserva de mão-de-obra barata à região. O ano de 1930, com a queda da Primeira República, assinala o fim do prestígio político de Juazeiro, uma vez que Padre Cícero apoiava a classe latifundiária, naquele momento enfraquecida. É retirado o seu retrato da sede da municipalidade e, despojado de seu poder político, morre em 1934, fazendo acorrer ainda ao local milhares e milhares de fiéis que se comoveram com sua atuação.¹²⁰

3.2.3. As críticas ao texto dramático

Rachel de Queiroz, em crônica publicada na Revista *O Cruzeiro*, faz comentários sobre *A Beata Maria do Egito* e, numa comparação entre peça e livro, acentua o destino mais complexo da primeira, já que um livro passa por apenas duas etapas para se realizar – a escrita e a publicação –, enquanto a peça, posta no papel, cumpriu apenas metade de seu destino e nem mesmo a principal. Segundo ela, a verdadeira vida de uma peça só começa depois da chamada “prova de palco”:

... quando o drama escrito sobe à ribalta, a gente de carne e osso encarna as personagens imaginadas, e o mistério cênico transforma em realidade as sombras, os diálogos, os gestos que você apenas indicara no papel, dando-lhes substância, presença viva.¹²¹

A diferença entre a arte literária e a cênica é preocupação de todos os que se interessam pelo teatro. Também o crítico Anatol Rosenfeld faz sua comparação. Do teatro enquanto literatura dramática, acentua que se podem avaliar apenas aspectos como o ritmo,

¹¹⁹ FACÓ, R. *Cangaceiros...*, p. 162.

¹²⁰ Ibidem, pp. 194-5.

o movimento, a dramaticidade, o diálogo. O “status” da palavra modifica-se radicalmente ao passar de uma manifestação artística, a literatura, a outra, qual seja, o teatro. Na primeira, são as palavras que medeiam o mundo imaginário, ao passo que, na segunda, são os atores que medeiam a palavra e, através desta e de outros componentes artísticos, compõem suas personagens: “Na literatura a palavra é a fonte do homem (das personagens). No teatro o homem é a fonte da palavra”. A arte de transformar tal literatura em espetáculo, ou seja, a “mise-en-scène”, a encenação que adapta a peça teatral ao palco, é que se permite apreciar a peça.¹²²

Dispensando a mediação de um narrador, a personagem teatral dirige-se ao público sem requerer deste imaginação para transformar narração em ação. O público, sem acesso direto à consciência moral ou psicológica da personagem, já que não se encontra, na peça estudada, nenhum outro recurso que possibilitaria prospecção interior – como o monólogo, o aparte ou a presença de um confidente –, pode apenas apreendê-la a partir daquilo que ela revela sobre si mesma, do que faz e do que as outras personagens dizem a seu respeito. Se Maria do Egito se mostra versada na leitura bíblica, denotando toda sua formação religiosa, o Tenente a julga “Santa Cangaceira”, pois não a vê no plano sagrado, apenas personagem épica. E o público deve ficar com esse paradoxo, essa junção antitética, já que o seu comportamento revela uma ação desbravadora e sagrada conjuntamente. Há uma ausência de relação direta entre o que a personagem Beata diz de si mesma e o que o Tenente a acusa de ser. Isto é favorecido pela forma textual escolhida para esse drama, que é o teatro. A ausência do narrador, do cronista, e o não entendimento das personagens, que argumentam cada uma por si, sem chegar a um acordo, faz com que a história fique um pouco solta, frágil a críticas negativas no que tange às encenações.

Quanto à recepção das várias apresentações da peça, a crítica não foi unânime, pois orientou-se radicalmente, ou elogiando a peça, destacando suas qualidades, ou denegrindo-a, apontando as falhas. Fica-se, portanto, com as críticas que levam em consideração o texto dramático e não somente as encenações.

Paulo Rónai, em *Encontros com o Brasil*, confessa-se mais habituado a ler teatro do que a vê-lo representado, não sabendo avaliar, portanto, suas possibilidades cênicas, apenas

¹²¹ QUEIROZ, R. de. “História de Beata” in *O Cruzeiro*, ano XXXI, nº52, 10 out. 1959.

sua existência potencial. Aponta esta peça como uma chance extraordinária a uma companhia que dispusesse de quatro atores igualmente bons. A obra viria consagrar a autora no teatro, fazendo desaparecer de vez qualquer impressão de tateamento e de insegurança que a sua estréia, com *Lampião*, pudesse ter causado. O autor considera a junção da hagiografia com o misticismo nordestino um bom drama, capaz de evocar, com vivo poder de sugestão, a antiga fonte:

Um achado realmente notável estabelece ligação efetiva entre a santa do Egito e a Beata do Nordeste. O nome de Maria do Egito, que o acaso impôs a esta, determina-lhe o comportamento. Alma primária e selvagem, saturada de leituras bíblicas, que para ela são letra viva, sem simbolismo nem hermetismo, a Beata leva a sério todas as partes do seu estranho papel.¹²³

O crítico afirma ainda que, valendo-se de algumas alusões magistralmente disseminadas pela peça, Rachel de Queiroz sabe suscitar a “atmosfera alucinatória da loucura coletiva e tornar palpável a presença, atrás dos bastidores, de toda uma multidão ofegante impelida por um vento de demência”. Paulo Rónai está se referindo ao “cultuamento místico” à Beata e à luta pela causa política do Padre Cícero. E o que intensifica as situações trágicas e a brutalidade das cenas é “o vigor do diálogo, sem o arremedo servil da pronúncia e da sintaxe regional, mas conservando uma síntese mais profunda da linguagem do povo, tendo antes de mais nada a sua imaginosa expressividade, verdadeira demonstração prática da incorporação cênica da fala popular”.¹²⁴ Tal maestria na arte do diálogo também é evidenciada por Adonias Filho, que aponta “a capacidade da autora de apreender heróis na projeção de sua personalidade regional, dando-lhes um enquadramento literário sem traí-los no comportamento, na ação e nas reações, fixando-os em plena projeção coletiva”.¹²⁵

Encerrando sua crítica, Paulo Ronái diz que um outro ponto forte, que contribui para a fascinação do leitor pela peça, é “a total ausência de intenções moralizadoras e de qualquer intervenção sensível da dramaturga, capaz de pôr o leitor à parte dos antecedentes sem qualquer esforço manifesto, com extraordinária habilidade, fazendo do cruzamentos

¹²² ROSENFELD, A. *Prismas do teatro*, p. 22 e 75.

¹²³ RÓNAI, P. *Encontros com o Brasil*, pp. 192-3.

¹²⁴ Ibidem, p. 194.

¹²⁵ ADONIAS Filho, “A Beata Maria do Egito” em *Revista da Leitura*, p. 19, jun. 1958.

dos destinos das personagens um desfecho com a precisão e a inexorabilidade da tragédia grega.”¹²⁶

Maria Jacinta, por sua vez, deixa-nos, na *Revista Leitura*,¹²⁷ uma crítica severa à representação da peça, ocorrida em novembro de 1959 no Rio de Janeiro (Teatro Serrador), pela Companhia Teatro Nacional de Comédia. Conclui o artigo asseverando que a obra ainda não criou a teatrológica. A encenação, segundo ela “sem vida”, deve a sua insuficiência ao texto, que não consegue dar rendimento dramático. A crítica inclui uma reprimenda à escolha da atriz Glauce Rocha para o papel da Beata, que, embora fosse uma das mais versáteis e sensíveis atrizes e houvesse interpretado bem o papel, não corresponde ao que se esperava dessa personagem. Para ela, haveria de ser uma nordestina fanática, áspera, curtida de sol e de areia, que se adequasse melhor à poética agreste e primitiva. A figura suave, quase lírica e simpática, acentuou demais o universalismo e destoou. No entanto, acredita-se que a fusão de elementos universais e regionais, maneira pela qual Rachel de Queiroz costuma construir suas personagens, parece ter sido uma boa saída para a montagem da peça. Reclamar uma acirrada “cor local”, quando, na verdade, estaria evocando elementos do Egito, não seria solução, pois corre-se o risco de restringir o espetáculo a um regionalismo demasiado.

Já a crítica de Henrique Oscar, no *Diário de Notícias*, conclui que Glauce Rocha, embora atriz de qualidade, poderia ter apresentado uma atuação brilhante se tivesse recebido outra orientação. Não releva os aspectos físicos da atriz como empecilho, mas sua ação cênica. O seu artigo é de outubro do mesmo ano, portanto um pouco anterior ao de Maria Jacinto. Ele considera a peça uma obra menor de Rachel de Queiroz, a qual não consegue se consagrar no teatro como fizera no romance e na crônica. Segundo o crítico, falta-lhe teatralidade, carência de ação pelo fato da peça trazer os acontecimentos relatados e não acontecendo em cena. Os episódios parecem-lhe bons, assim como a linguagem, que considera excelente, e o cenário um trabalho de gosto, mas o autor queixa-se da falta de técnica teatral e de marcação, o que torna a peça monótona e sem interesse para o público.¹²⁸

¹²⁶ RÓNAI, P. *Encontros...*, p. 194.

¹²⁷ JACINTA, M. “A Beata Maria do Egito” em *Revista da Leitura*, p. 57, nov. 1959.

¹²⁸ OSCAR, H. “A Beata Maria do Egito pelo TNC no T. Serrador”, *Diário de Notícias*, 28 out. 1959.

Acompanhando as críticas feitas, pode-se verificar certo consenso na qualidade literária do texto, porém uma falha no seu aspecto dramático. Bárbara Heliodora confirma isto ao publicar o seu texto de maio de 1958:

Parece-nos, na leitura, que a maior dificuldade na realização da obra é que a voz do cronista fala mais alto. A crônica (e quem melhor sabe do que Rachel de Queiroz?) caracteriza-se por uma certa atitude de observação, de registro de acontecimentos que — por serem registrados de acordo com determinado ponto de vista — cumpre a sua função de retratar um momento e colocá-lo em sua perspectiva. Na obra dramática, entretanto, sendo impossível a inclusão do comentário direto, ou avaliação, do cronista, é necessário que toda a significação dos acontecimentos relatados se torne evidente pela própria ação; é preciso que o assunto seja focalizado com tal concisão e penetração que de ação se torne patente a significação maior do tema tratado. Donde a natureza do conflito intenso característica da forma dramática.¹²⁹

E, no que concerne aos acontecimentos da peça para Bárbara Heliodora, a principal falha da dramaturgia estaria na premissa política, pois, na passagem do primeiro para o segundo ato, muda-se o tema para a incontida paixão do Tenente pela Beata e abandona-se a premissa inicial, conferindo uma perda à obra. A entrega da Beata ao Tenente, sob acordo, significa um conflito estritamente emocional ou, ainda, uma submissão ao fanatismo, condição humilhante para a Beata que, tomada pela crença, perde a capacidade de uso do raciocínio. Neste ponto, pode-se levantar a questão defendida por Paulo Rónai, que interpreta a cena final da peça como um episódio trágico. Já vem dado no preâmbulo da peça, com o poema de Manuel Bandeira, o fim destinado à personagem. Evocada pelas hetairas ou hieródulas, estas não são levadas a uma condição humilhante no ato de entrega, uma vez que o fazem com um fim sagrado, sem se macularem: “...como o sol passando pela vidraça”.

¹²⁹ HELIODORA, B. “Crônica da Beata Maria do Egito” em *Jornal do Brasil*, 11 mai. 1958.

3.3. *Maria Moura*

Como já foi dito, vê-se, nas obras de Rachel de Queiroz até aqui analisadas, a mistura de elementos nacionais e estrangeiros, apresentando valorosas contribuições tanto de uma cultura local, nordestina, quanto de uma externa, povoada de mitos e figuras estrangeiras. Antônio Cândido qualifica de dialético este processo resultante da tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição européia (que se apresentam como forma de expressão).¹³⁰

É a partir desse pressuposto que também se analisa o *Memorial de Maria Moura*, extraindo-se da forte tensão entre elementos estrangeiros e locais uma concepção estético-literária. Dessa forma, Maria Moura recebe inspiração externa da Rainha Elizabeth I, da sua herança moura e das heroínas guerreiras; e inspiração local de velhas matriarcas, de personagem literária cearense e das cangaceiras.

3.3.1. A inspiração na Rainha Elizabeth I

Vislumbra-se a Rainha da Inglaterra, Elizabeth I, que havia reinado de 1558 a 1603, como chefe de estado de características másculas e viris, na construção da personagem Maria Moura. No início do romance, Rachel de Queiroz dedica a obra a tal personalidade marcante, agradecendo, desta forma, pela inspiração. A admiração da escritora é tão grande que confessa ter lido tudo que pôde sobre a Rainha, principalmente suas biografias.

Jacques Chastenet conta que Elizabeth I, filha de Henrique VIII e de Ana Bolena, reinara sobre uma Inglaterra fraca, pouco povoada, arruinada, despedaçada internamente por lutas religiosas e ameaçada externamente pela França e Espanha. No entanto, devido à

¹³⁰ CÂNDIDO, A. *Literatura e sociedade*, p. 109.

sua grande capacidade diplomática e persuasiva, deixa seu país próspero, temido e a caminho de tornar-se uma grande potência. Com meios materiais extremamente reduzidos e uma frota pouco numerosa, Elizabeth I era estadista: “mais que a força, teve que usar a diplomacia; mais do que o constrangimento, foi preciso recorrer à persuasão.”¹³¹

O mesmo autor informa que a Rainha, quando tinha apenas dois anos e oito meses, vivencia o trágico acontecimento da morte de sua mãe, Ana Bolena, decapitada pelo próprio pai, que se encontrava numa de suas sangüinolentas mudanças sentimentais. Elizabeth, órfã também de pai com 15 anos incompletos, fica só no mundo, tendo que cuidar de si mesma para não sucumbir. Entre outras mazelas, é vítima de brincadeiras atrevidas de seu pai adotivo, o almirante Seymour, que se casara com sua madrasta, após a morte de Henrique VIII. Com a morte da esposa, poucos meses depois, o almirante ambiciona chegar ao poder supremo, casando-se com Elizabeth. Mas seus planos são descobertos a tempo, sendo ordenada sua decapitação.

Elizabeth tinha aversão ao casamento, por isto torna-se apenas “esposa de seu reino”. Sendo chamada de “Rainha Virgem”, não lhe faltavam pretendentes, no entanto ela prefere a companhia do predileto Conde de Leicester, a quem cobre de privilégios, embora tivesse ele sua própria esposa. Esta paixão domina-lhe a existência até o momento em que o conde perece. Após a sua morte, a Rainha transfere seus desvelos ao enteado, o Conde de Essex, que ingressara na corte aos 18 anos, como general da cavalaria. Sua carreira na corte é de ascensão brusca, dado seu ar travesso, dominador, e as qualidades de exímio dançarino, caçador e poeta — encantos que logo agradam a Rainha.

Esta tem por Essex um amor possessivo, não lhe permitindo uma vida independente, longe de suas vistas. Ele, porém, de temperamento irrequieto, não lhe obedece de todo, afrontando-a, desacatando suas ordens ou declarando publicamente que “era uma velha tão encarquilhada e retorcida de espírito como de corpo”.¹³² Elizabeth não lhe perdoa e decide sua sorte: é encerrado na torre, julgado traidor e decapitado.

Para a Rainha, o fim de Essex é o colapso de sua soberania. Atacada por uma crise de icterícia, é tomada pela febre e as forças a abandonam. Não aceita a assistência de

¹³¹ CHASTENET, J. *A vida de Isabel I*, p. 11.

¹³² *Ibidem*, p. 291.

nenhum médico e teima em não se tratar. Mantém-se isolada e recusa qualquer tipo de alimento. Quando falece, já está muda e incomunicável há muito tempo.¹³³

3.3.2. Uma matriz literária

Na literatura brasileira de fins do século XIX, há bons exemplos de personagens femininas que possuem cunho de força, independência e comando, como Dona Guidinha do Poço, do romance de Manuel de Oliveira Paiva. Esta personagem literária, baseada na vida de uma fazendeira cearense, é aqui estudada por se tratar de uma importante matriz para a construção da personagem Maria Moura. O romance¹³⁴ narra a curiosa vida de Maria Francisca de Paula Lessa, latifundiária que teve um caso de justiça em Quixeramobim em 1853. Dona Guidinha do Poço, mulher impetuosa, independente e liberal, foi, portanto, um caso verídico transposto para a literatura.

Margarida, ou Guida, tem traço voluntarioso, quase masculino, devidamente estimulado pela educação recebida do pai, desgostoso de não ter tido um filho homem. A faceta máscula da personagem não corresponde a um caso de homossexualismo, ao contrário: “Margarida era muitíssima de seu sexo, mas das que são pouco femininas, pouco mulheres, pouco damas, e muito fêmeas.”¹³⁵ Querendo “desfrutar a vidoca”, Margarida vai retardar ao máximo o casamento, assegurada por uma abastada vida herdada do pai e por uma educação de mimo da avó, que fortemente a influenciara. Quando decide se casar, seu pai já havia, então, falecido. A sua opção é para unir-se a um pernambucano 16 anos mais velho, Joaquim Damião de Barros, que viera ao Ceará para comprar cavalos.

¹³³ O poder é passado ao filho de Mary Stuart, cuja mãe, defensora dos católicos, disputou o poder com Elisabeth, sendo esta última responsável pela excomunicação, em 1570, e execução, em 1587, de Mary Stuart. SCHPUN, M. R. “Lé com lé, cré com cré?”, p. 178.

¹³⁴ O romance, porém, foi publicado quase 60 anos depois graças ao empenho de Antônio Sales, escritor pertencente à Padaria Espiritual, e de Lúcia Miguel Pereira, que descobre sua publicação incompleta, de quatro capítulos apenas, na *Revista Brasileira* e empenha-se em encontrar o original, que havia sido deixado aos cuidados de Américo Facó.

¹³⁵ PAIVA, M. de O. *Dona Guidinha do Poço*, p. 15.

Não demoram a aparecer as diferenças entre a vitalidade indomável da mulher e a mansidão medíocre do marido. Diante de sua figura fraca e inexpressiva, D. Guidinha torna-se a prestigiosa Senhora do Poço da Moita, acostumada a mandar, sabendo proteger e perseguir como ninguém. Vingativa, respeitada e temida, sabe assistir os retirantes da seca, de passagem por sua fazenda, deixando-os acampar em suas terras. Já madura, ressentida da falta de amor. Vulnerável, passa a aproximar-se do sobrinho Secundino, que para lá fôra, a fim de se esquivar de uma acusação injusta de crime. Em obediência aos padrões sertanejos, D. Guidinha protege-o e, pelo prazer de sua companhia e por interesse na sua pessoa, logo instala-o com loja na vila para vender miudezas. Como parente de família influente,

Secundino adapta-se à vila, enamorando-se da filha do juiz de direito, Eulália. Não correspondida no seu interesse e acostumada a ser obedecida a qualquer preço, D. Guidinha passa a vigiar a moça.¹³⁶

Vendo a distância entre ela e a pretendente do sobrinho e sabendo da intenção de Secundino em pedir Eulália em casamento, passa a demonstrar atributos de poder e generosidade, fazendo-se influente. Durante uma festa organizada para seduzi-lo, D. Guidinha pede ao sobrinho que a acompanhe até a casa por um trajeto escuro, ação que sugere o início do envolvimento físico.

Embriagada por essa experiência, a fidalga é atormentada pelo ciúme do leviano rapaz, que já estava firmando um compromisso com Eulália, e provoca um conflito que o indis põe seriamente com o juiz de direito, pai de sua noiva. Graças à D. Guidinha, Secundino transforma-se em fazendeiro de gado, com perspectiva de abastança e “status” de patrão. Como proprietário, vai se esquecendo do compromisso com Eulália e voltando suas atenções para a tia, que o recebe em sua paixão violenta e total.

O Major Quim, por sua vez, confirma suas suspeitas do envolvimento da esposa com o sobrinho e, na condição de ressentido, passa a planejar o divórcio, já que não tem forças para recorrer à solução do suicídio. O divórcio para D. Guidinha, entretanto, significava nivelar sua reputação, em todo o Ceará, à das rameiras que ela tanto desprezava. Para impedir a difamação ou o assassinato e, sem tomar conhecimento de que Quim

¹³⁶ BEIGUELMAN, P. *Viagem sentimental a Dona Guidinha do Poço*.

pretendia ser discreto, D. Guidinha antecipa a morte do marido, que é assassinado à luz do sol. O crime que libertaria D. Guidinha deveria ser realizado por Lulu Venanço, que a ela devia o favor de tê-lo acobertado da justiça em razão de crime de honra. Venanço, armado com um rico punhal antigo, três vezes levantara o braço para cravá-lo, mas recuara perplexo perante a falta de coragem de atacar alguém, assim, a frio. Desta forma, quem planeja o crime é Silveira e quem o realiza é Naiú, afilhado do Major. Apunhala-o às seis horas da tarde, na casa da vila. O crime tem enorme repercussão. D. Guidinha e, posteriormente, Secundino são presos.

3.3.3. As matriarcas

Com a iniciativa de Heloísa Buarque de Hollanda e Rachel de Queiroz, foram realizadas publicações¹³⁷ sobre as matriarcas nordestinas (maranhenses, pernambucanas e cearenses), com o intuito de registrar vidas de mulheres desconhecidas pela história, mas confirmadas pelo saber de comunidades sertanejas. A existência de vidas incríveis, atuantes, figuras marcantes que atravessam os limites do tempo e lugares, desafia a história e exige re-leitura e reescrita que incluam estas biografias de estilo tão peculiar.

As matriarcas eram, geralmente, mulheres que, de repente, se viam sós, com os maridos mortos deixando-lhes meia ou uma dúzia de filhos para criar e educar. E, às vezes, com a morte deles para vingar. Desta forma, assumiam-lhes os encargos, inclusive a chefia política local. Aprendiam a usar os mesmos métodos tradicionais, a prestar serviços a grandes e pequenos, cobrando-lhes, por fim, apoio em comando e obediência. Para a autora, as matriarcas obtinham melhores resultados que os finados por serem mais minuciosas e mais exigentes, pois acreditavam que governo se começa dentro de casa, no trato com os filhos. A sua manipulação, assim como a de parentes e agregados, é o foco inicial do poder, o raio de influência que, posteriormente, alarga-se e passa a englobar a rede de poderes do nordeste: o Estado e a Igreja. As grandes oligarquias do início do século XX dependiam,

¹³⁷ Publicações do Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos da UFRJ em início da década de 90.

mais do que dos homens, das donas viúvas, comandando com mão firme os seus municípios e elegendo fielmente qualquer candidato sob a força de sua magistral influência, sem examinar os méritos, apenas pelo sistema de apadrinhamento das donas aos chefes da capital, que era a relação predominante na época.¹³⁸

Heloísa Buarque de Hollanda, entrevistando Rachel de Queiroz, suscita histórias de matriarcas nordestinas:

Foram horas a fio, ouvindo, sem sentir o tempo passar, os feitos e as aventuras das senhoras do sertão oitocentista, mulheres fortes, independentes, poderosas, crudelíssimas. Vieram os casos de dona Bárbara de Alencar, dona Federalina de Lavras, dona Marica Macedo. Personagens que faziam lembrar algumas figuras dominadoras e temíveis que povoam os romances de José de Alencar, de Machado, de Aluizio Azevedo; que faziam pensar em Dona Guidinha do Poço, nas senhoras baianas de Jorge Amado, nas mineiras de Pedro Nava. Imagens femininas paradigmáticas de um Brasil arquetípico e familiar.¹³⁹

A construção de personagens literárias a partir de pessoas que viveram realmente, e que, de certa forma, foram mitificadas por sua bravura, obedecem a modalidades próprias da ficção, capazes de reproduzir traços destas figuras que viveram e inventar outros, mas que se confundem com os primeiros, ecoando-os.

É necessário certo esclarecimento a respeito dessas matriarcas apontadas, ressaltando estar, na tradição, na história e, conseqüentemente, na literatura, a mulher valente e de ação. A primeira citada, Bárbara de Alencar Araripe, foi avó de José de Alencar, portanto parenta de Rachel de Queiroz pelo lado materno. Nasceu em 1760 em Freguesia do Cabo, estado de Pernambuco. Ao casar-se, muda-se, junto com o marido, para o Crato, onde se estabelecem, tornando-se grandes proprietários e constituindo família de vasta influência política.

No livro *Antiga família do sertão*, Espiridião de Queiroz Lima escreve como ocorreu a luta pela independência dos revolucionários republicanos, entre eles D. Bárbara e os filhos. Sendo pegos à traição, os irmãos ficam sob a guarda portuguesa, que os submetem a castigos infligidos não só por seus condutores, como também pela população. Em frente à cadeia, sob as vistas da multidão, são rebatidos os cravos das algemas, os quais iam sendo ligados pelo pescoço a uma longa corrente de ferro, forma como foram

¹³⁸ QUEIROZ, R. de. “Açucenas...”. *Estado de São Paulo*, 25 abr. 1998.

¹³⁹ HOLLANDA, H. B. de. “O ‘éthos’...”, p. 105.

conduzidos. D. Bárbara seguia apenas algemada, chegando pouco tempo depois de seus filhos em Fortaleza, sob inauditos tormentos.¹⁴⁰

Toda a família Queiroz, sentindo assomos de indignação pelos martirizados, reúne-se, na fazenda Casa-Forte, para tratarem da questão política e tramarem uma fuga dos presos. O plano fracassa, uma vez que são apanhados em ação. Por ordem do governo do Ceará, os prisioneiros são postos em grilhões e encerrados em masmorras. Desesperados com a situação, Tristão fere o braço e escreve com sangue o seguinte bilhete dramático: “hoje ou amanhã, na ocasião da comida, fugiremos, dê no que der”. E envia-o a D. Bárbara, que, temendo as consequências, reenvia-o ao governador. Este, impressionado, permite-lhes um melhor tratamento.

Quando, em 1818, os presos foram enviados a Recife, no meio deles ia D. Bárbara, vestida apenas de saia e camisa. No porto, uma sua escrava cobriu-lhe os ombros nus. Esta, agradecida, abençoou-a. Foram depois remetidos à Bahia, onde sofreram os maiores tormentos até 1821, sendo posteriormente libertados em consequência dos movimentos populares ocorridos no final do ano anterior em Portugal. Só nas vésperas de sua libertação, D. Bárbara pôde encontrar-se novamente com os filhos.

Após sair da cadeia, passa a morar em uma fazenda no Piauí, cultivando agricultura de subsistência e engenho. Por intriga de desafetos políticos, veio à tona a suspeita de que alguns de seus filhos não seriam do marido, mas de um padre local. Em seu estudo sobre a donzela guerreira, Walnice Nogueira Galvão informa que o marido de Dona Bárbara de Alencar havia sido, realmente, um homem sem energia diante da vontade imperiosa da mulher. Mas o filho mantivera o caráter dominante da progenitora. Mais tarde os netos, entre eles José de Alencar, herdaram um dinheiro escondido pela avó na igreja matriz do Crato, numa espécie de esconderijo sagrado. Dona Bárbara teria morrido por volta de 1860.¹⁴¹

A própria escritora conta a saga da avó distante na crônica “Açucenas e matriarcas”, mas numa outra versão, em que o filho Tristão não escapa ao fuzilamento. Sendo Bárbara

¹⁴⁰ LIMA, E. de Q. *Antiga...*, p. 71.

¹⁴¹ GALVÃO, W. N. *As donzelas guerreiras* – um estudo de gênero, p. 219.

líder, juntamente com os filhos, da Revolução do Equador,¹⁴² acaba no calabouço depois de ver seu filho morto a tiros e recostado a uma árvore, onde se mumificou ao sol.¹⁴³

Por sua vez, Federalina Augusto Lima foi figura cearense famosa por seu destemor e arrogância, sobre quem Rachel de Queiroz escreve um artigo na revista *O Cruzeiro* no ano de 1946 e, mais recentemente, em 1990, um opúsculo assinado também por Heloísa Buarque de Holanda.¹⁴⁴ Descrita como corpulenta, com medidas avantajadas, quadris largos, rosto cheio, bonita, dominando toda a política dos Cariris, conta-se que o recado fatal que ela mandava aos inimigos era o tiro ou a facada, seguido da frase: “Tá aqui, que Dona Federalina mandou...”. Depois da execução, era apresentada a orelha do finado como prova.¹⁴⁵

Tendo sido seu neto Ildefonso assassinado por um rival, que também pretendia se casar com a Dulce, filha de um chefe político do município, Dona Federalina reúne cem cabras para vingar a morte de seu neto. Tinham a incumbência de trazer as orelhas de cada um dos seus assassinos, fazendo crescer a lenda de que a matriarca rezava toda noite num rosário feito das orelhas dos inimigos mortos.¹⁴⁶

Nascida em 1832 na cidade de Lavras, recebeu seu nome em pia batismal, graças aos entusiasmos republicanos, provocados pelos movimentos revolucionários no levante de 1817 e na Confederação do Equador em 1824. Descendia de uma família poderosa, sendo a mais velha de 12 irmãos. Com a mãe também envolvida na política, familiariza-se desde cedo com o poder, revelando temperamento forte e desprezo por regras estabelecidas, realizando só o que fosse de seu desejo. Recém-casada, com 15 ou 16 anos, já levava fama de mandona, motivo pelo qual a família do marido não aprovara a união – não queriam o filho submisso à mulher. A morte prematura de Ildefonso Correa Lima, major da Guarda Nacional, aos 42 anos, livra-o, porém, de uma submissão duradoura.

Habilmente ela consegue manter o poder político herdado do pai e do marido. Seja na sucessão de cargos políticos ou na orientação dos casamentos da família, é sempre

¹⁴² Revolução pela independência preparada pelas sociedades secretas e lojas maçônicas, bem como pelos elementos mais jovens do clero. Fora marcada para irromper em Recife a 6 de abril de 1817, no domingo de Páscoa, dia designado para a solenidade de aclamação ao El-Rei D. João VI.

¹⁴³ QUEIROZ, R. de. “Açucenas...”.

¹⁴⁴ QUEIROZ, R. de & HOLLANDA, H. B. de. *Matriarcas do Ceará: Dona Federalina de Lavras*.

¹⁴⁵ QUEIROZ, R. de. “Açucenas...”.

¹⁴⁶ QUEIROZ, R. de & HOLLANDA, H. B. de. *Matriarcas...*, p. 4.

mantido o privilégio da matriarca. Assumindo uma posição tirânica, desperta na população medo e curiosidade por sua coragem, valentia, destemor e por mandar executar os inimigos. Com poder político e econômico, mantém certos hábitos interditos à mulher: fala o que lhe vem à cabeça, usa palavrões em qualquer circunstância e levanta a voz para os homens. Suas medidas de proteção não diferiam muito dos costumes do coronelado da região. Mantinha um grupo de capangas para proteger a propriedade e garantir a família; andava sempre com um bacamarte sobre as pernas ou ao alcance das mãos.

A derrubada da família Acioli faz com que seu poder político fique ligeiramente enfraquecido. Mesmo assim, consegue manter um bom relacionamento com os governos. Por fim, converte-se de monarquista a republicana, tendo apenas como interesse dominar a região de Lavras da Mangabeira. Há quadras populares, que lhe rendem homenagem, como esta:

O Belém manda no Crato
Padre Cícero em Juazeiro
Na Missão Velha, Antônio Rosa
Barbalha, Neco Ribeiro
Das Lavras, Federalina
Quer mandar no mundo inteiro.¹⁴⁷

Acostumada a conversar em altos brados, na primeira vez em que baixou a voz era certa a doença fatal que a levaria à morte aos 87 anos. A oligarquia de sua família, porém, permaneceu ainda por meio século.

Outra matriarca famosa naquela região foi Marica Macedo. Nascida em Missão Velha, logo muda-se para Aurora, onde, anos mais tarde, casa-se com José Antônio Macedo, seu parente. Marica e Federalina tiveram muito em comum, o que talvez justificasse a aliança política feita por elas. Ambas perderam o marido cedo, ficando com um grande número de filhos para criarem. Sem disputas políticas, defendiam-se mutuamente, com a ajuda de capangas e acobertamento de parentes que tivessem cometido crimes. Poderosas, mantinham-se no partido do governo e exerciam, com grande violência, o matriarcado.

Marica casa-se novamente, apesar da oposição dos filhos. O marido, conhecido por sua burrice incomum, tolo e ingênuo, é defendido com toda a força pela mulher. Com

¹⁴⁷ QUEIROZ, R. de & HOLLANDA, H. B. de. *Matriarcas...*, p. 10.

influência política e excelente administração, ela mantém sua riqueza apoiada no tripé engenho/agricultura/pecuária. Faz do Tipi um famoso esconderijo de cangaceiros, com os quais mantinha ótimo relacionamento, tendo-os à disposição sempre que fosse necessário. E lançava mão destas forças, assim como contava com o apoio de chefes políticos. Sua capacidade de reunir verdadeiros exércitos de “cabras” deu-lhe o respeito do povo e dos coronéis. Falece em 1926.

Dos estudos realizados nestes diversos tipos de representações, pode-se deduzir que o termo matriarca não se refere, como se poderia pensar, ao feminino de patriarca.¹⁴⁸ O termo é apontado como inadequado por Heloísa Buarque de Hollanda porque nem o comportamento, nem a inserção social e as formas de sexualidade, que caracterizam essas mulheres nordestinas, escapam do modelo patriarcal no seu pior estilo. As Senhoras do sertão possuem uma natureza autoritária em sua liderança, e os seus envolvimento amorosos são baseados na sujeição de parceiros de condição social inferior – fatores que não correspondem à expectativa libertária que a noção de matriarcado sugere. Mas, mesmo reforçando a lógica do patriarcalismo rural brasileiro, a história das matriarcas e sua extensa repercussão desmontam, de certa forma, os modelos tradicionais com que se costuma caracterizar a submissão feminina.¹⁴⁹

Para as autoras, as matriarcas brasileiras remetem à mulher européia da era vitoriana, uma vez que as semi-lendárias proprietárias de terras e gado do sertão levavam uma vida rústica e exerciam grande poder de liderança. Estavam distantes das pretensões fidalgas das casas grandes das zonas açucareiras, influenciadas pelos padrões culturais europeus, que, na época, inspiravam as sociedades do litoral nordestino.

O fato das matriarcas históricas estarem presentes em quase todo o território brasileiro demonstra certa fertilidade nacional à configuração destas. Além das já citadas cearenses, temos outros estados brasileiros que guardam na memória história de marcantes

¹⁴⁸ O poder das mulheres e das mães na antigüidade clássica foi estudado por Johann Jakob Bachofen (1815-1887), que elabora uma teoria sobre o direito materno, o *Mutterrecht*. Trata-se da preponderância ou mesmo a superioridade da mulher tanto no contexto familiar como no da sociedade, com reconhecimento exclusivo da ascendência materna, associada ao direito de sucessão reservado às mulheres. O termo “matriarcado”, forjado nos finais do século XIX sobre o modelo do termo “patriarcado”, tem a vantagem de recobrir sozinho estes dois aspectos principais. GEORGOUDI, S. “Bachofen, o matriarcado e a antigüidade: reflexões sobre a criação de um mito” in *Histórias das mulheres no ocidente*, p. 570.

¹⁴⁹ QUEIROZ, R. de & HOLLANDA, H. B. de. *Matriarcas...*, p. 3.

mandonas. Luzilá Gonçalves Ferreira registra Dona Totonha, Dona Anália Furtado, Dona Fortunata Bela e Dona Maria Jurubeba como as matriarcas pernambucas.¹⁵⁰ Maria Michol Pinho de Carvalho não deixa escapar a exemplaridade de Dona Noca como a Senhora do sertão maranhense.¹⁵¹ No estado de Minas Gerais, há a vida de D. Joaquina do Pompéu e de Maria Tangará, escritas por Agripa Vasconcelos em *Sinha brava*, assim como Maria da Cruz, mulher de grande coragem, guerreira audaciosa, cuja pontaria certa a tornara a mais respeitada combatente na Conjuração de São Francisco em 1736.¹⁵² Esta última foi figura histórica, que Guimarães Rosa teria incorporado em sua ficção. Todas estas chefes regionais formavam uma espécie de caudilho típico das sociedades agrárias, que parece extrapolar os limites brasileiros. É o que atesta o romance venezuelano *Doña Bárbara*, de Romulo Gallegos, que mantém sua protagonista nesta forma de representação oligárquica. Este tipo de mulher, portanto, não é só nordestina ou brasileira, mas também latino-americana, o que demonstra todo um continente fértil a estas vivências devido, talvez, ao modo de ocupação destes países.

3.3.4. As cangaceiras

Na peça de teatro *Lampião*, Rachel de Queiroz procura centrar a personagem Maria Bonita, conhecida figura histórica do cangaço, que abandona a pacata vida do lar e o marido para acompanhar o líder cangaceiro em sua vida de banditismo. No entanto, a própria autora revela, em entrevista, o resultado da obra:

A peça ia chamar-se *Maria Bonita*, e era principalmente a história dramatizada da companheira do bandido. Maria Bonita é que devia ser a estrela. Mas, de repente, o danado do cego foi crescendo, se apossando das cenas, diminuindo as oportunidades de Maria Déa, botando-a machistamente no seu lugar. E eu não pude resistir a ele.¹⁵³

¹⁵⁰ FERREIRA, L. G. *Dentro da vida, à margem da história, matriarcas de Pernambuco*, pp. 7-22.

¹⁵¹ CARVALHO, M. M. P. de. *Matriarcas do Maranhão, Dona Noca: a senhora do sertão*, pp. 1-35.

¹⁵² GALVÃO, W. N. *A donzela...*, pp. 218-20.

¹⁵³ QUEIROZ, R. de. Entrevista concedida a Edla van Steen in *Viver & escrever*, p. 189.

Maria Déa é ousada ao enfrentar o marido Lauro, chamando-o de medroso e pondo sua macheza em dúvida. Diminui-o por não montar a cavalo, não andar com uma faca na cintura, não tomar cachaça, nunca ter dado um tiro e ganhar a vida trabalhando como sapateiro. À frente de Lauro, ela é arrogante e destemida. Mostra-se ainda capaz de abandonar a ele e aos filhos, sem mesmo se despedir, para seguir sua vida com Lampião. Mas quando se vê na convivência com o chefe dos cangaceiros, passa a desempenhar o papel de mulher prestimosa e submissa, pois é assim que Lampião deseja. É obrigada a enjeitar os filhos e entregá-los a estranhos, que se encarregam de criá-los. Nas discussões em que busca colocar seu ponto de vista, vem logo a resposta atravessada: “Cala a boca, não se compare comigo. Você é mulher, e basta.”¹⁵⁴

A conquista de uma personagem feminina, que impõe, de fato, suas vontades, vem somente com o *Memorial de Maria Moura*, romance com o qual Rachel de Queiroz consegue vingar-se de Lampião, pois, neste, haverá mesmo uma espécie de “Lampiona”, como diz a autora:

Eu estava fazendo um trabalho com minha irmã Maria Luiza sobre a seca do Nordeste. Fomos procurar livros antigos e descobrimos que a primeira grande seca registrada oficialmente aconteceu em Pernambuco em 1602. Nesta seca, uma mulher chamada Maria de Oliveira tornou-se conhecida, porque, juntamente com os filhos e uns cabras, saiu assaltando fazendas. Pois eu fiquei com essa mulher na cabeça. Uma mulher que saía com os filhos e um bando de homens assaltando fazendas — era a “Lampiona” da época, pensei. Ao mesmo tempo, eu sempre admirei muito a rainha Elisabeth I da Inglaterra, que morreu no início do século XVII; li várias biografias dela, a ponto de me sentir uma espécie de “amiga íntima”, dessas que conhecem todos os pensamentos e sofrimentos. A certa altura, eu pensei: “Essas mulheres se parecem de algum modo”. E comecei a misturar as duas. Estava pronto o esqueleto do romance.¹⁵⁵

Segundo Rinaldo Santos, Maria de Oliveira teria vivido não no sertão pernambucano em 1602, como informa Rachel de Queiroz, mas no sertão paraibano em 1721, onde teria formado um bando que provocou muitas misérias, afeito à pilhagem e à fortuna fácil nas propriedades vizinhas. Era composto por parentes e escravos.¹⁵⁶ José Américo de Almeida, em *A Paraíba e seus problemas*, menciona a figura histórica, cujo bando depredou o interior da capitania, dizendo ter residido a 12 léguas da cidade da Paraíba.¹⁵⁷ Nenhuma informação mais foi possível obter sobre essa curiosa figura.

¹⁵⁴ QUEIROZ, R. de. *Lampião*, p. 35.

¹⁵⁵ QUEIROZ, R. de. Entrevista concedida a *Cadernos de literatura brasileira*, nº 4, p. 34.

¹⁵⁶ SANTOS, R. *A revolução nordestina; a epopéia das secas*. Recife: Tropical, 1984.

¹⁵⁷ ALMEIDA, J. A. de. *A Paraíba e seus problemas*, p. 165.

O interesse da escritora pelo tema da bandidagem é constante. Em sua crônica “Já não se fazem mais bandidos como antigamente”, encontra-se uma referência particular a Jesuíno Brilhante como o cangaceiro mais notório do século XIX. Em sua opinião, Lampião só o teria excedido em publicidade porque contou com a ajuda da mídia – imprensa, rádio, cinema – ou seja, teve a sorte de viver um pouco mais tarde e contar com o desenvolvimento dos meios de comunicação. Segundo ela, Lampião teria sido amoral, perverso, sem o sentimento de honra sertaneja personificada por Jesuíno. E até mesmo Antônio Silvino, que completa o trio dos bandoleiros mais famosos do sertão, jamais havia se igualado ao Brilhante.¹⁵⁸

O estudo de Walnice Nogueira Galvão dá-nos exemplar definição do cangaceiro. O termo jagunço, usado alternadamente com o do cangaceiro, significa guarda-costas a soldo, sendo mais utilizado nos sertões do norte de Minas Gerais e da Bahia, enquanto cangaceiro é mais corrente nos estados do nordeste:

Quanto à origem desses termos, cangaceiro é aquele que vive debaixo do cangaço, sendo o cangaço o conjunto típico de armas que ele usa – duas cartucheiras cruzadas no peito, duas mochilas suspensas nos ombros e levadas em baixo dos braços, punhal, garrucha e o rifle. Não se deve esquecer, por sua importância emblemática, o conhecido chapéu de couro com os seus enfeites. A palavra jagunço se deve a um deslocamento por metonímia, pois é o mesmo nome da vara com ferrão que se usa para conduzir gado, instrumento de trabalho obrigatório para o habitante pobre das zonas de pecuária extensiva que compõem o sertão.¹⁵⁹

Já Rui Facó estabelece como necessária a distinção entre jagunço, capanga e cangaceiro, entendendo que são termos às vezes utilizados como correlatos, mas cuja diferença vai além de uma mera localização geográfica. Os jagunços seriam aqueles conhecidos popularmente por pegarem em armas para a defesa de Canudos e de Juazeiro,

¹⁵⁸ Jesuíno descendia do primeiro Brilhante, seu tio José, bandoleiro também temido. Assume o nome do tio por considerar-se herdeiro e seguidor do parente, mas jamais assaltou ou roubou, apenas “requisitou” os comboios de gêneros mandados pelos governos, durante a tremenda seca de 1877, para distribuí-los aos retirantes famintos que desciam pelas estradas. Era também defensor das famílias, obrigando a casamento os que desonravam donzelas ou, ainda, protegendo senhoras sozinhas, viúvas ou casadas com maridos ausentes. Aproveitou o mesmo reduto do tio na Serra do Cajueiro para construir a sua fortaleza, a “Casa da Pedra”, espécie de gruta cavada entre os penedos, onde se protegia, principalmente dos Limões, seus inimigos, os responsáveis por tramar uma emboscada policial fatal. Sua saga deu até romances e intermináveis cantorias no folclore do Nordeste. Seu crânio, exumado por um estudioso, foi dado de presente ao alienista Juliano Moreiro, no Rio. O crânio, porém, desaparece inexplicavelmente. Lá no sertão se acredita que foi o próprio Jesuíno que veio buscar a sua caveira. QUEIROZ, R. de. “Já não se fazem mais bandidos como antigamente” in *As terras áspers*, p. 100.

¹⁵⁹ GALVÃO, W. N. *Gatos de outro saco*, p. 75.

enquanto os capangas seriam homens armados, às dezenas, para defender grandes proprietários. De um papel puramente defensivo, os capangas passaram a exercer funções ofensivas, atacando as propriedades vizinhas, quando se fazia necessário, para resolver questões de divisas ou alguma intriga entre famílias proprietárias – são homens a soldo, pistoleiros, matadores profissionais:

Sua dependência econômica e social em relação ao grande proprietário, o avassalamento da economia seminatural, a falta de terras para a pequena propriedade, tornavam-no um semi-servo que deveria obedecer, sem discutir, as ordens do patrão, cumprir todas as suas vontades, executar os crimes mais hediondos por ele ordenados.¹⁶⁰

O cangaceiro, diferente do assalariado do crime, é o que conquista autonomia, ingressando num bando para praticar assaltos a fazendas, pilhar armazéns de víveres, aprisionar ricos proprietários e exigir-lhes resgates, conquistar todos aqueles que, de alguma forma, possam ser úteis, seja para abrigá-los, seja para enviar mensagens ou recados a seu serviço. O cangaceiro pratica os crimes por sua conta e risco, é comumente um rebelde contra a ordem dominante, seja a política, seja a jurídica. Quanto à origem, não se distinguem. O capanga e o cangaceiro são, de maneira geral, homens de ascendência humilde, que sofrem com a exploração e a arbitrariedade vigente. Há fácil transição entre eles, podendo tornar-se um o outro, mas é maior o número de capangas que se tornam cangaceiros.

Eric Hobsbawm, no apêndice à segunda edição de *Bandidos*, escreve sobre as guerreiras, mulheres que estiveram novamente sob as atenções dos estudiosos por sua participação no cangaço. Havia aquelas que seriam as guerreiras-consorte, como Maria Bonita e Dadá, que acompanhavam o bando na condição de esposa e mãe, seguindo o marido. E havia, ainda, as guerreiras propriamente ditas, como a Marimacho, destacada pelas perícias nas armas e pela bravura.¹⁶¹

Maria Bonita, amante do Chefe indiscutível dos bandidos, é a figura primacial dos grupos, a ninguém mais cabendo tanto prestígio, decorrente do alto conceito que desfrutava junto a Lampião. Portava somente armas curtas, dando um ou outro tiro sem preocupação com a eficiência e sem tomar parte nas decisões. Era antes companheira dedicada que

¹⁶⁰ FACÓ, R. *Cangaceiros...*, p. 56.

¹⁶¹ HOBSBAWM, E. J. *Bandidos*.

lutadora, de indiscutível beleza e honestidade, tendo ainda seis ou sete filhos, dos quais sobreviveu apenas um. Contudo, nas palavras de Estácio de Lima, temos:

De todas as que viveram a vida de vicissitudes das caatingas, aquela que possuía personalidade mais incisiva não foi Maria Bonita. A fama nem sempre envolve, merecidamente, as criaturas. A auréola que a cercava provinha de suas graças e da efetiva ligação com o maioral. Também concorreu para o crescimento de seu nome, a rara dedicação ao companheiro, e tão forte a dedicação, que morreram juntos, como desejavam, em Angicos, naquele amanhecer.¹⁶²

É Dadá, companheira de Corisco – cangaceiro do bando de Lampião que, posteriormente, teve seu próprio grupo –, quem mais se aproxima do perfil da guerreira. Embora não lhe faltasse a dedicação de esposa e mãe, a tudo socorrendo no papel zeloso de mulher, esta se mostra, quando necessário, uma boa combatente, marchando com firmeza, poucos se medindo com ela no manejo das armas. Com um espírito lúcido e uma observação atenta, entrega-se à “missão de justiça”, que pensava o destino ter-lhes reservado:

Nas marchas difíceis, Corisco e Dadá se revezavam na vanguarda e na retaguarda do grupo, ocupando, sempre, os postos mais difíceis.

Ela atirava, com precisão, em pé, deitada, ou de joelhos, conforme as exigências da luta. Mantinha-se, indefinidamente, sem nervosismo, nas emboscadas. Tornou-se perita na arte difícil de rastejar e dissimular o rasto.

Dizia-se confiar Lampião que, depois do seu desaparecimento, Corisco seria o melhor dos substitutos, desde que Dadá permanecesse a seu lado.¹⁶³

Estas descrições parecem desmentir a menina, de apenas 13 anos, que fora tirada do pai no pequeno povoado de Macureré, Fazenda Baixa do Ribeiro, município de Glória, e arrastada contra a vontade, ainda às voltas com as brincadeiras de sua infância. Dominara leitura e contas e, sob os cuidados atenciosos de Cristino, deixa o amor suceder ao ódio violento de que fora tomada nos primeiros anos dessa ríspida vida do sertão, aprendendo, depois, a gostar do Diabo Loiro.

Além destas duas companheiras, outras houve que participaram do fenômeno do cangaço junto ao bando de Lampião. Rui Facó aponta, entre elas, Enedina, abatida junto a Maria Bonita no cerco que deu fim ao líder Lampião; Inacina, mulher de Gato; Sebastiana, mulher de Moita Brava. A presença de mulheres participantes do cangaceirismo aponta a significância social do fenômeno naquelas paragens sertanejas.¹⁶⁴ Recentemente, no

¹⁶² E. de Lima citado por W. N. Galvão em *A donzela...*, p. 95.

¹⁶³ Ibidem, p. 97.

¹⁶⁴ FACÓ, R. *Cangaceiros...*, p. 61.

romance *Os desvalidos*, Francisco F. C. Dantas recria a figura da cangaceira em Maria Melona: esposa dedicada que era, após ser injustamente difamada pelo cunhado, afasta-se da vida caseira e torna-se cangaceira, integrando o bando de Lampião.

3.3.5. As heroínas guerreiras

A figura da personagem guerreira não é exclusiva do cangaço. Ela se perfila por toda a história, literatura, civilizações, culturas, épocas e mitologia, como nos mostra o estudo de Walnice Nogueira Galvão em seu ensaio “Ciclo da donzela-guerreira”,¹⁶⁵ ou na publicação mais recente e completa, *A donzela-guerreira* – um estudo de gênero. Exemplos como Joana D’Arc, Palas Atena e Iansã são figuras que permanecem. Segundo a ensaísta, a heroína guerreira é filha de pai sem concurso de mãe, com destino assexuado, não podendo ter nem amante, nem filho. Ela interrompe a cadeia das gerações como se fosse um desvio do tronco central e a natureza a abandonasse por inviabilidade. Dinâmica, ela invade o mundo masculino, cortando o cabelo e envergando trajes de homens. Abdica das fraquezas femininas e destina-se à morte, real ou simbólica.

Há certa semelhança deste privar-se dos cabelos com o ritual dos casamentos espartanos, em que a noiva cortava o cabelo e era travestida com trajes e calçados masculinos. Marcando um rito de passagem, o travestismo suscitava a imagem do andrógino primordial, cuja troca de indumento configurava uma síntese do homem e da mulher, uma conjunção “anima-animus”, possibilitando a cada um dos sexos adquirir as energias do sexo oposto.¹⁶⁶ E Walnice Nogueira Galvão lança a interrogativa: por que o sacrifício do cabelo seria um sinal de reconhecimento de que estamos diante de uma donzela-guerreira? A primeira hipótese, levantada por ela, é de que seria o mito de Sansão às avessas. Se para este o cabelo representa a força vital, que se degrada uma vez que lhe é

¹⁶⁵ GALVÃO, W. N. “Ciclo da donzela-guerreira” in *Gatos de outro saco*, pp. 58-9.

¹⁶⁶ BRANDÃO, J. de S. *Helena* – o eterno feminino, p. 52.

tosado, para as heroínas, perdê-lo é ganhar a guerra, uma espécie de articulação primária de oposição sexual. O corte de cabelo teria, nesse momento, o caráter de uma investidura:

Para o homem, aquilo que cresce em seu corpo é a sua força; donde, para um homem, cortar aquilo que cresce em seu corpo é castração, é perda, é fraqueza. Para uma mulher, cortar aquilo que cresce em seu corpo não é castração, é ganho, é aquisição de força.¹⁶⁷

Há também considerações secundárias para o ritual. O cabelo poderia representar, por projeção e contigüidade, as coisas que estão “na cabeça”, ou seja, fantasias, pensamentos, criatividade. Ao sacrificar a cabeleira, ela estaria sacrificando também seu estereótipo feminino, de docilidade e ternura, para apossar-se do masculino, do raciocínio: “a donzela-guerreira, completa ou embrionária, sempre se destaca por seus dotes intelectuais. Passando de um código para outro, não é por acaso que Iansã é a protetora das mulheres de cabeça forte. Essas associações estão presentes no nascimento de Palas Atena da cabeça de Zeus.”

É imprescindível retomar a lenda das amazonas, ou das Icamiabas (mulheres sem maridos, como eram conhecidas pelos índios), pois vemos traços delas de luta e de independência nas personagens aqui estudadas. No Brasil, foi Orellana, explorador espanhol e descobridor do rio Amazonas, quem primeiro contou a história das guerreiras no Brasil. As amazonas eram índias altas, esbeltas e formosas, de longos cabelos negros trançados em volta da cabeça. Formavam uma nação independente e dominadora, constituída exclusivamente de mulheres. Vários povos indígenas eram-lhes subjugados como vassalos. Casavam-se com os guacaris uma vez por ano, a fim de evitar que a tribo desaparecesse. O casamento, porém, durava um dia apenas. As filhas que nasciam eram criadas cuidadosamente, para que pudessem manter as tradições gloriosas das amazonas, mas os filhos eram cruelmente sacrificados ou entregues aos pais por ocasião de suas visitas anuais.

Moravam em casas construídas com pedras, solidamente fortificadas, e as suas aldeias eram cercadas de muros altos e resistentes, o que as tornavam inatacáveis. Eram robustas, ágeis e corajosas, guerreiras temíveis, que lutavam com valentia e ferocidade. Manejavam o arco e a flecha com perícia extraordinária. Lembravam imagens das criaturas

¹⁶⁷ GALVÃO, W. N. *A donzela...*, pp. 175-6.

aladas que comprimiam e queimavam o seio direito, afim de atirarem com o arco mais facilmente.¹⁶⁸

A lenda das amazonas é de origem européia. Os índios e sertanejos do Brasil não falam dela, podendo Orellana tê-las confundido com os índios Cumuris, de cabelos compridos, que o atacaram.¹⁶⁹ Os mitos mediterrânicos trazidos pelos europeus convergem para os mitos indígenas pré-colombianos acerca da existência da tribo de mulheres guerreiras em períodos anteriores aos descobrimentos: “Por isso, não é de estranhar sua persistência nas mesmas paragens, quando reaparecem em *Macunaíma*, com suas icamiabas e a fascinante Ci, Mãe do Mato, guerreira e chefe de guerreiras.”¹⁷⁰

Na mitologia nórdica, as mulheres guerreiras são conhecidas como Valquírias, as virgens com escudo, verdadeiras sacerdotisas a serviço de uma feroz deusa da guerra. Eram dotadas de qualidades marciais e elementos sobrenaturais, como asas, sendo, portanto, mulheres aladas. Na *Ilíada*, Homero descreve as Valquírias como mulheres-homens capazes de realizar proezas de um herói grego. Para mostrar seu valor, um jovem guerreiro devia empreender uma expedição contra as Valquírias, dominando-as. Verdadeiras matadoras de homens, quando expostas ao perigo, recorriam, entretanto, a subterfúgios femininos como lágrimas trágicas e suplicantes.¹⁷¹

No mito grego, as amazonas eram filhas de Ares, o deus da guerra, e teriam inventado a cavalaria e queimado o seio direito para o manejo do arco, daí provindo o nome Amazonas, que significa “sem seio”. Viviam a leste da Grécia, na Líbia ou no mar Negro.¹⁷² Camila, lembrada pela deusa Diana na *Eneida* de Virgílio, é talvez a amazona mais conhecida. Paulo Sérgio de Vasconcellos, em *Efeitos intertextuais na “Eneida” de Virgílio*, evoca Camila nas construções de Dido, amante de Enéias, sendo as duas

¹⁶⁸ MORAIS, R. *Anfiteatro amazônico*, p.10.

¹⁶⁹ Versão lamentada por W. N. Galvão, que reitera estar tal mito, de uma maneira ou de outra, no imaginário dos descobridores europeus.

¹⁷⁰ GALVÃO, W. N. *A donzela*, p. 49.

¹⁷¹ FIUZA, M. G. M. *A força da mulher guerreira em Memorial de Maria Moura*, pp. 21-2.

¹⁷² “Estão ligadas à gesta grega, como Pentésiléia lutando ao lado dos troianos na Guerra de Tróia, e a alguns heróis gregos, como Belerofonte e Hércules, cujo nono trabalho foi obter o cinto de Hipólita, rainha delas, com quem acabou se casando, e sobretudo ao herói ático Teseu, por quem se apaixonou outra rainha, Antíope. A primeira invasão estrangeira que a Ática sofreu após ter-se constituído foi obra delas – como rememora a deusa Atena nas *Eumênides*, de Ésquilo – e sua expulsão, liderada por Teseu, está celebrada em amazonomaquias tematizadas em frisos de templos. Frequentam os mitos e a iconografia grega, de onde vieram quase diretamente para o Brasil, onde os descobridores as reencontraram milênios depois”. In GALVÃO, W. N. *A donzela*..., pp. 48-9.

representadas com qualidades masculinas, segundo o ideário romano, porém derrotadas pelo lado feminino: Dido por sua paixão a Enéias e Camila pelo desejo de possuir as belas vestes de Cloreu, tendo ambas um fim trágico e sofrido.¹⁷³ As duas heroínas são levadas à perda por uma falta semelhante, que se contrapõe ao universo heróico. Cedendo ao coração de mulher, sucumbem “aos afetos que a razão heróica considera elementos desagregadores a serem sofreados”. Trata-se de mulheres com as mais altas qualidades heróicas, mas que, por fraqueza, deixam-se dominar por seu lado mais feminino e, assim, se perdem inapelavelmente.

3.3.6. A herança moura

O sobrenome atribuído à personagem Maria Moura exige um olhar atento, pois tem forte carga semântica. Gilberto Freyre diz ser significativo “trabalhar como mouro, pois foi ele a grande força operária em Portugal, o técnico, o lavrador, quem melhor utilizou e valorizou a terra”.¹⁷⁴

Um segundo significado ao nome moura refere-se ao que segue a religião dos gentios, sendo infiel e idólatra. Quem eram, pois, os mouros? Consultando a Enciclopédia,¹⁷⁵ obtemos que, na história antiga, os romanos chamavam o povo do noroeste da África de *mauri* e a região por ele habitada de *Mauritânia*. Esse povo pertencia a um grupo maior, o dos *berberes*. Estes se tornaram muçulmanos e muito deles adotaram o árabe, além de seu próprio idioma berbere. Eles se juntaram aos árabes na conquista da Espanha, durante o século VIII. Os mouros, no entanto, perderam grande parte de seu território na Espanha no final do século XIII, num grande movimento de expulsão.

¹⁷³ É digno de nota que Dido fora comparada a Diana, e Enéias a vira pela primeira vez após contemplar, entre as pinturas do templo de Juno em Cartago, a imagem de Pentesiléia, a amazona que é o grande protótipo da figura de Camila; desse modo, associa-se a rainha de Cartago às amazonas e a Camila. In VASCONCELLOS, P. S. de. *Efeito intertextual na “Eneida” de Virgílio*, p. 285.

¹⁷⁴ FREYRE, G. *Casa...*, p. 264.

¹⁷⁵ *Enciclopédia Delta Universal*, vol.10, p. 5504.

Jean Delumeau, em *História do medo no ocidente*, afirma que os muçulmanos, permanecidos na Espanha, em princípio tornaram-se cristãos no século XVI, tendo sido convertidos por ordem governamental. No entanto, os convertidos conservavam a sua língua e seus costumes, celebrando seu culto clandestinamente e recusando-se a adotar os costumes cristãos. Junto com os mouriscos, os muçulmanos mostram-se hostis, investindo contra os cristãos, destruindo suas casas e desrespeitando o santo sacramento. Estes povos, misturados, *ruminam* ódio e medo recíprocos, e o mourisco permanece inassimilável, pois está ligado a um mundo infiel e hostil ao mundo cristão. E o medo explica a ação persecutória conduzida pelo poder político-religioso.¹⁷⁶

Culturalmente, é de se esperar, permanece a luta entre os cristãos e os mouros, assim como o medo a estes últimos, tomados como perversos. É constante a luta contra eles, como presente em *Euríco, o Presbítero*, de Alexandre Herculano. Em coletânea lendária de Portugal, como a de Emília de Sousa Costa, encontram-se títulos como “Entre mouros e cristãos”, o que demonstra quão popular a temática havia se tornado. Outro bom exemplo de popularidade do tema é a “Chegança dos mouros”, trazida em versos por Sílvio Romero, em *Folclore brasileiro*.¹⁷⁷ Nos autos de chegança nordestinos, a donzela-guerreira é “a filha do capitão”, que lutará contra os mouros ao receber do pai as armas. A guerreira corta os cabelos, veste as fardas, usa botas e óculos de homem, para assim não ser reconhecida como mulher.¹⁷⁸

Gilberto Freyre afirma que a cultura peninsular, no largo trecho em que se exerceu o domínio árabe ou mouro, deixou-se impregnar, nos seus gostos mais íntimos, pela influência árabe ou moura. Quando essa maioria acomodativa refluíu à Europa cristã, sob a forma de moçárabe, foi para constituir em Portugal o substrato mesmo da nacionalidade:

Quando aquela população socialmente móvel voltou à Europa cristã, foi trazendo consigo uma espessa camada de cultura e uma enérgica infusão de sangue mouro e negro que persistiram até hoje no povo português e no seu caráter. Sangue e cultura que viriam ao Brasil, que explicam muito do que no brasileiro não é europeu, nem indígena, nem

¹⁷⁶ DELUMEAU, J. *História do medo no ocidente*, pp.272-4.

¹⁷⁷ ROMERO, S. *Folclore Brasileiro 1* – Cantos populares do Brasil, p.324-9. A edição, anotada por Luís Câmara Cascudo, revela-nos a sua origem portuguesa checada em Júlio Dantas, em *O amor em Portugal no século XVIII*: Chegança, como elemento coreográfico, era uma dança de par solto, popularíssima durante o reinado de dom João V de Portugal e por ele proibida em maio de 1745. (...) Chamamos ‘Chegança’ no Brasil a um auto popular, de assunto guerreiro, luta entre uma nau cristã assaltada pelos Mouros que são vencidos e batizados.

¹⁷⁸ *Chegança dos marujos* de O. Alvarenga, citado por W. N. Galvão em *A donzela...*, pp.180-2.

resultado do contato direto com a África negra através dos escravos. Que explicam o muito de mouro que persistiu na vida íntima do brasileiro através dos tempos coloniais e que ainda hoje persiste até mesmo no tipo físico.¹⁷⁹

O tema também é bastante estudado por vários pesquisadores: Mário de Andrade em *Música do Brasil*, Renato Almeida em *História da música brasileira*, Martins de Oliveira em *Marujada*, e outros. Luís Câmara Cascudo alerta, ainda, que é de época imprevisível a popularidade em que se mantém, na Espanha, a rivalidade entre cristãos e mouros. Sabe-se que os autos e as danças vieram de lá para a América, sendo representados em outros países como México e Nicarágua. E que no Brasil, de sua forma autônoma, convergiu para o Fandango ou Marujada, continuando independente apenas em Natal e Recife.

Uma lenda sobre os mouros e que também tem origem portuguesa é o da Moura Torta. Bem contado por Silvio Romero, em *Contos populares no Brasil*, e por Luís Câmara Cascudo em *Contos tradicionais do Brasil (folclore)*. A história narra o episódio da Moura Torta, que confunde sua feia imagem no lago com a de uma bela donzela posta sobre uma árvore. Aproximando-se dela, finge afagá-la para conseguir aplicar em sua cabeça um alfinete encantado, feitiço que transforma a bela moça em pombinha, deixando livre o príncipe para casar-se com ela.¹⁸⁰

Luís Câmara Cascudo indica que a lenda também foi colhida no Brasil com o nome de *A história da rolinha*¹⁸¹ e que, nas coleções européias, pode ser facilmente encontrada, assim como nas orientais, especialmente na Índia. Há também uma versão coligida pelos irmãos Grimm. Atribuindo o superlativo *popularíssimo* ao conto, Angela Leite de Souza denota a visível influência portuguesa na transmissão da lenda:

Como é sabido, os árabes invadiram a Península Ibérica e ali se instalaram por oitocentos anos, deixando marcas indeléveis na cultura. ‘Mouro’, para o português, adquiriu a conotação de inferioridade e era aplicado o termo aos árabes por eles aprisionados e escravizados. ‘Moura torta’ intensifica ainda mais a idéia depreciativa.¹⁸²

Há um estudo da lenda da “moura torta”, de Ana Beatriz Demarchi Barel, abrangendo cinco autores que adaptaram à escrita a lenda oral: Teófilo Braga, Sílvia Romero, Monteiro Lobato, Luís da Câmara Cascudo e Gomes Ferreira. O primeiro e o

¹⁷⁹ FREYRE, G. *Casa...*, pp. 264-5.

¹⁸⁰ SOUZA, A. L. de. *Contos de fada: Grimm e a literatura oral no Brasil*.

¹⁸¹ Citado por A. L. de Souza em *Contos...*, p.100.

¹⁸² SOUZA, A. L. de. *Contos...*

último intitularam suas obras de “As três cidras do amor”,¹⁸³ diferentemente dos outros, que mantiveram “moura torta”, pois, segundo a pesquisadora, tal mudança decorre do conflito étnico e religioso que a expressão moura suscitava ainda na Europa e, por isso, em Portugal, manteve-se a lenda com outro nome. Nos textos portugueses, ao invés da utilização da palavra “moura”, encontra-se “negra” ou “preta” – o que é apontado como tabu lingüístico:

Nas versões brasileiras o substantivo “moura” poderia ser mais facilmente encontrado por não termos tido o mesmo tipo de contacto com os árabes, o que não criou conflitos religiosos, culturais e de poder como na Europa. A palavra não assumiria, no Brasil, o valor que teria no contexto europeu, podendo ser mencionada sem surtir efeitos desagradáveis ao leitor e a quem a escreveu.¹⁸⁴

Quanto ao adjetivo “torta” atribuído à personagem, Ana Beatriz Demarchi Barel faz uma leitura abrangente, podendo se referir desde àquele que não é direito, mas sinuoso, torcido, enganado, desleal, até ao estrábico, que só tem um olho. Na versão de Câmara Cascudo, a escrava negra é cega de um olho, portanto caolha, o que lhe confere ar sinistro e imagem de feiticeira, capaz de transformar pessoas em pássaros, através do uso de objetos encantados.

Também Rachel de Queiroz colhe esta lenda e escreve o conto “A donzela e a Moura Torta”, mesmo título em que publica uma coletânea de contos. O que a autora irá fazer é adaptar, mais uma vez, a lenda aos elementos próprios da cultura nordestina. A história é trazida para um colégio religioso de moças, em que duas colegiais se atritam ao ponto de se tornarem tradições familiares a rivalidade e os morticínios.

Para Gilberto Freyre, na lenda da ‘moura-torta’ repercute o ciúme ou a inveja sexual da mulher loura contra a de cor ou, ainda, o ódio religioso dos cristãos louros descidos do Norte contra os infiéis de pele escura. Ódio que resultaria, mais tarde, em toda a Europa, na

¹⁸³ Outra importante contribuição dada pela pesquisadora é a referência à cidra ou cidreira: “fruta da qual se faz doce muito apreciado e que é chamada no Extremo Oriente de Mão de Buda, sendo tomado como símbolo de longevidade, felicidade, fecundidade e potência criadora. Segundo a Bíblia, Moisés ordenou que se entrelçassem ramos de cidreira e de palmeira junto com galhos de salgueiro para fazer os tirsos consagrados por ocasião da festividade dos Tabernáculos. Para os Judeus, a cidreira era uma árvore sagrada, cujo fruto não estava sujeito ao dízimo: costumava-se levá-lo na mão, ao entrar no Templo. Na Idade Média, a cidra era utilizada nas operações mágicas”. In BAREL, A. B. D. *Recolhas de contos da tradição oral: a Rainha Moura virada no avesso*, p. 43.

¹⁸⁴ Ibidem, p. 38.

idealização do tipo louro identificado com personagens angélicas e divinas em detrimento do moreno, identificado com os anjos maus, com os decaídos, os malvados, os traidores.¹⁸⁵

Gilberto Freyre conta-nos que o longo contato com os sarracenos deixara idealizada, entre os portugueses, a figura da ‘moura encantada’, tipo de mulher morena e olhos pretos, envolta em misticismo sexual, sempre de encarnado, penteando os cabelos ou banhando-se nos rios ou nas águas das fontes mal-assombradas. Para o autor, este tipo de misticismo, os colonizadores vieram encontrar entre as índias nuas e de cabelos soltos no Brasil, que tinham também os olhos e os cabelos pretos, o corpo pardo pintado de vermelho. A conotação sensual atribuída aos mouros é comum, como se pode averiguar pelos apontamentos acima. Em *Contos populares portugueses*, de Adolfo Coelho, há “A moura encantada”, que narra uma peculiar história de quebra de encanto a partir da esperteza da moura.

3.3.7. Enfim, Maria Moura

Além das influências enunciadas até o momento para a construção da Maria Moura, cabe alertar, no início desta análise, a importância de seus ascendentes na configuração de sua própria personalidade. Ela busca, obstinadamente, herdar os ensinamentos paternos, os modos da representação masculina, mas não consegue livrar-se da influência da mãe, as fragilidades femininas a condenam. É o que se verá a seguir.

Maria Moura inicia o romance, confessando ao Padre José Maria sua pouca sorte. Ela fala de dois pecados, o da carne, que cometera com o padrasto, e o que ainda pretende realizar, que é mandar matá-lo. Através das lembranças dela, o leitor apreende como a história acontecera. Ela conta a morte de sua mãe, assassinada pelo padrasto Liberato – que

¹⁸⁵ FREYRE, G. *Casa...*, pp. 74-5.

nem padrasto era, pois sua mãe não havia se casado de fato.¹⁸⁶ Liberato não teve receio de eliminá-la, simulando seu suicídio, diante da decisão da mãe de não lhe ceder a propriedade: “Eu que descobri. Minha mãe morta, enforcada no armador da parede. Em redor do pescoço, um cordão de punho de rede, os pés a um palmo do chão, o rosto contra a parede”.¹⁸⁷ Maria Moura conhece assim, pela primeira vez, o medo, maior mesmo que a dor da morte, e que, para sempre, vai amargar com um gosto de fel e sangue, a boca:

Olhei e fiquei, não só impressionada, mas apavorada. Apavorada pelo resto da minha vida. Nas noites de pesadelo, que eu hoje ainda tenho, só que mais espaçadas – sonho com aquela cara de enforcada, a face roxa, os olhos estatelados, a ponta da língua saindo da boca. Ai meu Deus, valei-me! Todos os santos, valei-me! Era só o que eu gemia, sempre ajoelhada, sem poder me despregar da borda do colchão, o rosto enterrado nos panos da cama.¹⁸⁸

Não considerava Liberato seu pai. Nunca havia se esquecido do seu próprio pai, pois não era tão pequena na ocasião da sua morte e tinha muito apreço por sua figura: “Meu Pai, esse vivia fechado no meu coração, sozinho”. Após a terrível morte da mãe, querendo, por vontade própria, dormir na cama do casal, passa a entender “a noite escura traidora”, a tentação do corpo e a lição da mãe, desculpando-se de sua ligação ilegítima com Liberato: “não sei viver só, um dia você vai me entender”.¹⁸⁹

Como é que Mãe dizia para afastar a tentação? “Valha-me a Virgem Puríssima!” Mas a virgem Puríssima não me valeu. Afinal, ele era um homem bonito, devia ser mais novo do que Mãe. Pelo menos parecia, e era o que dizia todo mundo.¹⁹⁰

Liberato tomou liberdade com Maria Moura aos poucos, dizendo-lhe que “carinho não dói”. O que começou como um acalanto foi ficando uma brincadeira perigosa, com “os afagos se tornando cada noite mais atrevidos, se adiantando, indo longe demais”. Só percebeu a real dimensão de tudo quando Liberato, seis meses depois, pede que ela, sendo menor de idade, assine um documento, passando a propriedade para o nome dele. Maria Moura, porém, mostra-se dona de si e, embora desonrada e intimidada, não lhe cede a

¹⁸⁶ Sempre devota, a mãe de Maria Moura sofre recriminação pela amizade “de porta aberta” com o Liberato. As comadres da vila, depois de sua morte, espalham que, na camarinha da finada, a santa da parede não era Nossa Senhora, mas Maria Madalena, a pecadora. Sua morte causou pouca estranheza, já a achavam esquisita, capaz de, numa de suas venetas, acabar com a própria vida.

¹⁸⁷ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, pp. 17-8.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 18.

¹⁸⁹ *Ibidem*, p. 20.

¹⁹⁰ *Ibidem*.

herança, recusando-se, como já havia feito sua mãe, a assinar a procuração como requeriam suas ameaças. Somente assim, percebe toda a emboscada armada:

Podia muito bem – por exemplo – o Liberato ter fingido aquela viagem. Quem sabe ele só andou uma parte do caminho, voltou na calada da noite, entrou no quarto pela janela que tinha o fecho quebrado (ele sabia do dismantelo do ferrolho, dormia toda noite naquele quarto) e se enfiou pela cama dizendo mansinho que tinha tido saudade... Eu conhecia muito bem a tentação dele. E quando apanhou nos braços a pobrezinha de Mãe, descuidada e amorosa, foi só lhe dar uma pancada para desacordar, e aí bastava arrancar os cordões do punho da rede, pendurar Mãe no laço. Com ela, tão magrinha, leve, ficava fácil. Tudo muito fácil.¹⁹¹

Percebeu, então, que o mesmo podia lhe acontecer, tal e qual. Ele mesmo já lhe incutira o medo, contando-lhe “como desacordar uma pessoa com uma batida no queixo, pendurando-a depois numa corda, com o pescoço estalando com o peso do corpo”.¹⁹² Ela passou a remoer a castidade tirada, assim como o assassinato da mãe e o interesse dele por suas terras. Prometeu sua vingança: ninguém iria “meter a mão” no que lhe era de direito, pois era chegada a sua vez. Cabia a ela, neste momento, defender o seu patrimônio de todos que quisessem usurpá-lo, mesmo sabendo que deveria partilhar a herança com os primos:

O pior é que eu, tal como Mãe, não queria assinar nada. Ademais, em se tratando das Escrituras do Limoeiro, eu não podia mesmo assinar coisa nenhuma. Estava tudo em demanda com os primos das Marias Pretas. Eram três as partes dos herdeiros do Limoeiro; e cabendo cada parte a cada um dos irmãos, filhos do meu avô materno [o marinheiro Belo]. Esse inventário andava em juízo para mais de vinte anos. A gente ocupava o sítio na raça. Pai dizia que o direito era nosso e, até então, ninguém tinha conseguido nos tirar de lá.¹⁹³

Para defender-se das ameaças do padrasto, arma-lhe uma tocaia, valendo-se de terceiros, e elimina-o, sem sujar as mãos. Mostra, com isso, ser ardilosa, com o medo a lhe incitar o cuidado. Para tal episódio, seduz Jardimino, empregado do Limoeiro, enganando-o tal qual Liberato a havia enganado e enganado a mãe, mas sem chegar a consumir a entrega do seu corpo. Para toda sinhazinha, bem ensinada pela mãe, caboclo não era homem, era traste de fazenda. Pairava, naquele período, a concepção de que todo índio é bicho enrustido, manhoso, pouco confiável. Ela o fez crer que o amava, provocando-o. Já atrevido, Jardimino é conduzido a pensar no Liberato como um empecilho ao casamento de ambos. Assim, a idéia de eliminá-lo parecia partir dele próprio. Com o bacamarte velho do

¹⁹¹ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, p. 23.

¹⁹² *Ibidem*.

¹⁹³ *Ibidem*, p. 21.

próprio Liberato, espera-o à noite:

Que alívio. Tudo se passou muito bem. Na noite de terça-feira, Liberato vinha da Vargem da Cruz, encharcado de Genebra, tombando em cima do cavalo. O caboclo esperou escondido numa moita, à beira do lajeado, numa dobra da estrada. Me contou depois que só precisou dar um tiro, encheu ele de chumbo, bem na arca do peito. O desgraçado soltou a rédea e desabou no chão. Já deve ter caído morto. Tiro de bacamarte é muito violento.¹⁹⁴

Da mesma forma, elimina em seguida o empregado que lhe fizera o serviço sujo. Depois do crime cometido contra o padraсто – entendido na delegacia da vila como obra de seus muitos inimigos –, Maria Moura arma-se contra Jardimino e planeja a sua morte pelas mãos de João Rufo, empregado de confiança do Limoeiro, um afilhado do seu pai a quem havia sido confiada a segurança da família. Desta forma, imitando os senhores do tempo antigo, que mandavam fazer o trabalho por um escravo e depois matavam o negro, Maria Moura eliminava todas as provas e consumava sua vingança:

Assim que João Rufo saiu, chegou Jardimino com as suas exigências. E eu então fingi que estava de acordo, que também não podia mais resistir. Afastei a mão dele e combinei: – Agora não dá. Volte no tarde da noite, empurre a janela do meu quarto. Eu vou deixar só encostada.

De novo tudo se passou sem um erro. João Rufo, encostado no oitão, divisou o vulto do homem se aproximando, chegar perto, empurrar de leve a janela; levantar o joelho para subir um pouco e pular. O tiro pegou no caboclo pelas costas. João Rufo tinha boa pontaria, foi ensinado por Pai.

Assim morreu Jardimino, quase do mesmo jeito de que tinha morrido o outro, o Liberato com um tiro do próprio bacamarte dele. E a garrucha, meu Pai devia ter deixado para defender a filha dos ataques de homem, que é coisa que não falta a mulher, neste mundo.¹⁹⁵

Maria Moura logo é cercada pelos primos, que se aproveitam de tantas mortes para virem reaver o direito pelas terras do Limoeiro e condená-la a casar-se com um deles, para “ficar tudo em família”. Negando-se ao apelos de Irineu e Tonho, que já tinham como seus o Limoeiro e a prima, e avessa a tudo que a aprisionava e cerceava sua liberdade, Maria Moura segue na conquista de sua posição. Ser desalojada das terras onde morava desde que nascera ou dividir a casa com Irineu, tudo lhe parecia demasiadamente insuportável:

Minha primeira ação tinha que ser a resistência. Eu juntava os meus cabras – os três rapazes, João Rufo (que em tempos antes já tinha dado as suas provas). Os dois velhos podiam servir pra municiar as armas, na hora da precisão. Eu queria assustar o Tonho. Nunca se viu mulher resistindo à força contra soldado. Mulher, pra homem como ele, só serve pra dar faniquito. Pois, comigo eles vão ver. E se eu sinto que perco a parada, vou-me embora com os meus homens, mas me retiro atirando. E deixo um estrago feio atrás de

¹⁹⁴ QUEIROZ, R. de. *Memorial*, p. 29.

¹⁹⁵ *Ibidem*, pp. 31-2.

mim. Vou procurar as terras da Serra dos Padres – e lá pode ser para mim outro começo de vida. Mas garantida com os meus cabras. Pra ninguém mais querer botar o pé no meu pescoço; ou me enforcar num armador de rede. Quem pensou nisso já morreu.¹⁹⁶

Maria Moura deixa o Limoeiro, sítio onde morava, fugindo do cerco dos primos, que pretendiam fazer cumprir a partilha da herança à qual tinham direito, mas que seu pai lhes havia negado. Depois de pôr para correr tanto os primos como os soldados e, resolvida a só sair da casa à força bruta, Maria Moura arrebanha capangas, que a seguem em sua empreitada. Após a troca de tiros, prefere abandonar o sítio, incendiando-o, a ceder-lhes qualquer benfeitoria que Liberato não havia ainda consumido.¹⁹⁷ Sua raiva à gente ruim das Marias Pretas era maior que o medo, e isso a mantinha na forte resistência, ataque e posterior retirada.

Sentia que havia chegado numa encruzilhada, à hora de escolher um caminho novo. Há, na personagem, a obrigação de fazer valer todos os direitos familiares, assumindo a posse dos bens, da mesma forma que herda as vestimentas do pai, seus objetos e o cavalo Tirano. A figura paterna era, para todos, a de um homem meio perigoso: o Tonho costumava dizer que “onde ele botava a mão, ficava a marca de sangue!”¹⁹⁸ E ela herda também tal violência como única filha e, ainda por cima, mulher. Dispõe-se, daquele momento em diante, a aprender ofícios reservados ao mundo masculino. Já sabia dar tiro de bacamarte, limpar a arma e carregá-la, aprendera com o Liberato, mas nada entendia de pólvora e de compras de armamentos, afinal fôra educada para ser sinhazinha. Vai, então, contrariar os ensinamentos do padrasto, que dizia ser uma moça só falta de entendimento, só ignorância da vida:

¹⁹⁶ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, p. 40.

¹⁹⁷ A fuga de Maria Moura das terras do Limoeiro, cuja posse fora garantida por seu pai, é bastante semelhante à iniciação dos cangaceiros nesse novo tipo de vida: pessoas que sofreram algum tipo de violência, seja pelos próprios cangaceiros, seja por parte das “volantes” policiais, e que são impulsionadas ao cangaceirismo como forma de vingança.

¹⁹⁸ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, p. 36.

Sabem lá o que é uma luta de verdade – pólvora, tiro, aço frio? Gente nova pensa que tudo se resolve na valentia. E ele botava em mim aquele olho enviesado:

— Não vê você? Grita e esperneia, mas quando chegar a hora do pega-para-capar, vai correr se esconder na cozinha, chorando. Se juntar com as cunhãs, já que não tem mais o rabo de saia da Mãe!¹⁹⁹

Proibida pela mãe de andar na companhia dos meninos, quando pequena, e não tendo nenhum irmão, Maria Moura preferiu andar só, pois, segundo ela, as meninas eram muito bestalhonas e medrosas. E o fato dela aparecer no romance, já órfã, é fundamental para a formação da heroína que, desta maneira, age por conta e risco próprios, tendo ocasião para sair de situações difíceis e romper os comportamentos de boa moça e as amarras que a prendem ao espaço acanhado e reduzido do distrito de Vargem da Cruz:

Quando menina, ainda, saía pela mata (...) matando passarinho de baladeira, pescando piaba no açudinho, usando como puçá o pano da saia. Mas, depois de moça, a gente fica presa dentro das quatro paredes de casa. O mais que saí é até o quintal para dar milho às galinhas, uma fugidinha ao roçado antes do sol quente. (...) O curral é proibido, vive cheio de homem. E ainda tem o touro, fazendo pouca vergonha com a vaca. Fica até feio moça ver aquilo.

Restava ainda o banho no açude, tomado muito cedinho, a água ainda morna. Mas banho só naquela hora certa, que os homens respeitam. (...)

Passeio na vila era ainda muito difícil, só mesmo nas festas da igreja. Mas nunca entrei numa dança – filha de fazendeiro não vai a samba de caboclo, nem mesmo a baile de bodegueiro da vila.²⁰⁰

Ela mesma diz ter chegado a hora de largar o ninho, do pinto quebrar a casca e pular do ovo. O mundo era grande, e ela tinha loucura para conhecer além das extremidades do sítio. A sua casa, a impressão que lhe dava, era de estar se fechando sobre ela: tinha que escapar daquele aperto perigoso, ganhar o mundo protegida pelos seus cabras. Vendo que o cerco dos primos continuava, guardou o resto de dinheiro que ainda tinha no papo-de-ema,²⁰¹ vestiu o casaco, espalhou pelos cantos da casa pólvora e azeite, botou a tiracolo a munição e a faca, tudo do pai, e atçou fogo. Aproveitando-se do susto dos cabras do cerco com as labaredas altas, foge com o seu bando:

¹⁹⁹ QUEIROZ, R. de. *Memorial*, p. 43.

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 62.

²⁰¹ Um rolo grosso, feito de tecido, onde se colocava objetos de valor e amarrava-se na cintura, para proteger contra roubos.

Montamos de mansinho. O tirano, me vendo, ainda arregaçou o beijo para me dar um rincho de boa-noite, mas eu falei no ouvido dele, alisei-lhe a crina e ele se aquietou. Voei em cima da sela – sela de homem – claro que era também a sela de Pai. Ali era tudo dele, até eu – até eu, não – principalmente eu, sangue e carne dele.²⁰²

Como a donzela-guerreira padrão, Maria Moura passa a trajar vestes masculinas e cortar o cabelo na altura do pescoço, para impor respeito. O Beato Romano, referindo-se à personagem, descreve-a como aquela que “calçava botas de cano curto, trajava calças de homem e camisa de xadrez de manga arregaçada”.²⁰³ Ela tomou os pertences do pai como herança, não queria que a mãe os desse ao Liberato:

Ela bem que tentou, mas eu fiz um escândalo, me agarrei com a roupa de Pai, saí correndo abraçada com a trouxa dela para esconder no meu baú. E nesse tempo eu nem tinha idéia de usar aquelas roupas, era só pela relíquia que queria guardar e, naturalmente, pra não ver o Liberato se pavoneando com a roupa de Pai. Já bastava o que ele tinha.

Mas agora eu sentia um gosto especial em enfiar as calças pelas pernas, apertar no cós o cinturão (também dele), arregaçar as mangas da camisa, compridas demais para os meus braços.

Ai, Pai, se o senhor não tem morrido, a vida nossa seria tão diferente. Talvez eu já estivesse casada, dormindo nos braços do meu marido.²⁰⁴

Se a idéia de ter um marido não era ruim, difícil era encontrá-lo. Orfã, só restava ser, ela mesma, pai e mãe e, quem sabe, marido. Os sonhos de menina, em esperar que um noivo chegasse todo vestido de branco, de bigode louro como o de seu pai, montado num alazão, voltava, por vezes, a sacudir-lhe a alma, mas ela deixava tudo para lá, como se isso não passasse de imaginação de mulher. Mesmo porque, romance nunca lera. Ela se desfaz do papel de heroína romântica, aprendendo a ler, com o pai, na novela de cavalaria *Vida do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França*. “Escanchada” num cavalo e usando sela de homem, contrariava os apontamentos paternos – que a instruía a andar de lado, num silhão ou em andilhas, logo que ficasse moça –, assim como os apontamentos da mãe, que a queria aprendendo a reza e o bordado. Maria Moura assim avisa seu bando, recém formado, para comunicar sua mudança:

²⁰² QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, p. 65.

²⁰³ *Ibidem*, p. 10.

²⁰⁴ *Ibidem*, pp. 226-7.

– Vou prevenir a vocês: comigo é capaz de ser pior do que com cabo e sargento. Têm que me obedecer de olhos fechados. Têm que se esquecer que eu sou mulher – pra isso mesmo estou usando estas calças de homem.

Bati no peito:

– Aqui não tem mulher nenhuma, tem só o chefe de vocês. Se eu disser que atire, vocês atiram; se eu disser que morra é pra morrer. Quem desobedecer paga caro e tão depressa que não vai ter tempo nem para se arrepender.

– Não sei que é que tinha na minha voz, na minha cara, mas eles concordaram, sem parar para pensar. Aí eu me levantei do chão, pedi a faca de João Rufo, amolada feito uma navalha – puxei o meu cabelo que me descia pelas costas feito numa trança grossa; e encostei o lado cego da minha faca na minha nuca e, de mecha em mecha, fui cortando o cabelo na altura do pescoço.²⁰⁵

Com o corte de cabelo, ela afirma: “Agora se acabou a Sinhazinha do Limoeiro. Quem está aqui é a Maria Moura, chefe de vocês, herdeira de uma data na sesmaria da Fidalga Brites, na Serra dos Padres”.²⁰⁶ Perdendo os cabelos compridos, Maria Moura cumpre o último ritual do travestismo da donzela-guerreira, ganhando, com isso, a força de que necessitava para sua empreitada. Mas diferentemente da donzela-guerreira, ela não segue a caracterização modelo de realizar um pacto com o pai para não se tornar mulher, ou simplesmente manter-se intocada, sem parceiro sexual. Não permanece casta como as donzelas-guerreiras, seja Joana D’Arc, personalidade histórica, seja Diadorim, personagem de Guimarães Rosa em *Grande sertão veredas*. É curto o espaço no romance dedicado ao período em que Maria Moura era a sinhazinha e, como tal, agia como mulher de sua classe, devendo se “comportar”, os escravos rendendo-lhe obediência, e, ela mesma, obedecendo ao chefe da casa, que primeiro foi seu pai e depois o seu padraсто. Assim como a mãe, estava mal falada e, segundo os primos, elas nem mesmo eram as primeiras. As mulheres de sua família sempre foram escandalosas: “– É. O mulherio da nossa raça parece que nasceu com fogo no rabo. É mesmo raça de índia: não enjeita homem.” Ela mesma confessa adiante:

²⁰⁵ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, pp. 83-4.

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 84.

Já tinha fogo por homem; não por aqueles matutos que eu encontrava na igreja ou na rua, nas raras vezes em que ia à missa. Uns pacholas de chapéu e banda, alisando aqueles fiapos de bigode, se fazendo de importante. Nem queria os cabras da fazenda, eram brutos demais para mim. Não viu, mais tarde, o Jardimino? O fim que teve?
Eu sonhava com um homem – não sei que homem eu queria, mas sabia que tinha que ser um homem. Algum dia.²⁰⁷

Quanto à maternidade, é compreensível o fato de Maria Moura não desejar conciliar os papéis de mãe e guerreira. Ela segue a sina de interromper a cadeia das gerações, como se fosse um desvio do tronco central e a natureza a abandonasse por inviabilidade. Em suas conjecturas, revela: “Afim no tempo de Liberato, também não peguei filho nenhum; a falta era de ser comigo mesma.”²⁰⁸ A sua preocupação era mesmo a de se impor ao grupo, como líder, transformando-se em salteadora e guerreira na condição de mulher:

O meu cuidado maior era não dar liberdade demais a eles – quero dizer, ter liberdade com eles, e eles comigo. Não consentia que chamassem de Sinhá, que isso era coisa de cativo. Mas todos tinham que chamar de Dona, ou mesmo Dona Moura. (...) Nem tinha pegado aquela história de “Chefe” que o João Rufo inventou. Muito macho para o meu gosto.²⁰⁹

Como observou Joelma Rodrigues da Silva, ser chamada de Dona era ter força, poder e coragem sem ser “macho demais”. O termo é um pronome de tratamento que não carrega o signo da submissão do escravo, como Sinhá, nem a fragilidade feminina.²¹⁰ O orgulho de Maria Moura não são as prendas da moça comportada, mas a astúcia e a valentia para se manter líder de seus capangas. Para Irineu, a imagem da prima era negativa, a de uma bruxa, que tinha pautas com o cão, cabelo na venta e um jeito de encarar que divergia do feminino: “olho duro, nariz para cima, igual mesmo a um cabra macho”.²¹¹ Dessa forma, ela é apelidada com os nomes de inúmeros animais selvagens pelos primos, irados por não conseguirem domá-la: “essa cascavelzinha tem a quem puxar”; “pegar a gata brava, nem que fosse atada com corda”; “assim que eu tiver domado a jaguatirica”; “a cabrita é espartada mas bonitinha”; “a mulher é uma piranha de valente”; “seriam raça de saramanta?”; “que natureza de fera o diabo daquela mulher!”; “a víbora da Moura botando soldado pra correr”.²¹²

²⁰⁷ QUEIROZ, R. de. *Memorial*, p. 122..

²⁰⁸ Ibidem, p. 343.

²⁰⁹ Ibidem, p. 149.

²¹⁰ SILVA, J. R. da. *As cinco Marias de Rachel de Queiroz: uma análise de gênero*, p. 38.

²¹¹ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, p. 50.

²¹² Ibidem, p. 92.

Como prefere a fuga dos que não conseguem capturá-la, Maria Moura passa ao tipo de vida errante. Vai, aos poucos, apossando-se do necessário para se virar na estrada, “vivendo encima das apragatas e embaixo do chapéu” – como ouvia dos cantores de desafio, cuja liberdade fazia-lhe inveja quando criança. Junto a isso, apodera-se também de tudo que tem valor e que lhe permite acumular riqueza, mas é piedosa, não gosta de provocar suas vítimas, mantém controle total sobre sua tropa. Não quer violência desnecessária e desenvolve, desde o princípio, uma imagem de lealdade:

É bom ter força. Quando eu descobri o medo nos olhos da velha, senti que tinha força. E foi bom. Podia ter matado, ferido, maltratado – ela não ia reagir, estava tremendo de medo. E quando eu não fiz ‘nada’ porque não queria, isso também foi bom, sinal de que eu comandava a minha força. Eu só fazia o que queria.²¹³

Maria Moura pregava sermão aos seus, quando a prudência exigia. Não queria abuso, nem perversidade, que não maltratassem para não se encherem de inimigos. Isso fez com que sua fama corresse não somente pela pilhagem, mas também por sua autoridade, que poupava os vizinhos e conhecidos: “era muito importante que me respeitassem, que o povo tivesse fé na minha fama de mulher de palavra”.²¹⁴ Sua figura destemida era construída sobre os crimes mal explicados do Limoeiro e pela sua intolerância com relação ao assunto. Sabia que o temor era necessário para ser respeitada. E também não suportava traição. Corria a fama de que, quando preciso, ela mesma julgava e dava a sentença, sem buscar ajuda de nenhum delegado.

A vida de correria miúda, porém, logo teria fim. Procuravam um ponto de parada, um lugar escondido, que tivesse água perto: “um lugar nosso mesmo, de onde a gente saia e para onde volte, por mais que se vá, e se meta no que se meter”.²¹⁵ Num espaço de três semanas, descobrem o que queriam, passando a chamá-lo, significativamente – como faziam os pequenos habitantes do lugar, quilombolas fugidos –, Lago do Socorro, localizado a dez léguas do Limoeiro:

Num vale entre duas lombadas verdes, se deitava uma lagoa de bom tamanho, chão de areia, água clara. O mato que subia pelas lombadas era de capoeira: ali já tinha se plantado; na parte baixa se plantava ainda, muito pouco; uma espécie de quintalzinho com restos de

²¹³ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, p. 36, 46, 51, 51, 55, 67, 69 3 92. Inúmeras outras personagens também são apelidadas com nomes de animais, algumas pela valentia, como a Firma, que é chamada de onça, besta-fera, cascavel; outras pela fidelidade, como João Rufo, cão de guarda de Maria Moura – o que traduz, de fato, certo costume popular.

²¹⁴ Ibidem, p. 295.

²¹⁵ Ibidem, p. 114.

palha de milho e moitas secas de feijão. Mais para lá, perto da água, umas bananeiras. E, mais além, dois ranchos de barro, meio tombados, cobertos de palha, e um deles era fechado com porta de vara.²¹⁶

Ali se começou a semente da grande fazenda que Maria Moura iria fundar na Serra dos Padres. Como o oportuno nome anuncia, o grupo descansa seus corpos da grande correria incitada desde o momento em que haviam deixado o Limoeiro. Num lugar quase abandonado, fazem as primeiras plantações, juntam as criações, acumulam o início de riquezas, tomadas dos viajantes, que circulavam localmente, e erguem ranchos provisórios. As modificações eram tantas que o acampamento acabou sendo chamado de ‘a fazenda’. Como viver no mato em cabana escondida, como índio ou quilombola, roubando bode e garrote das fazendas abaixo não era o que Maria Moura queria, ela preferiu viver em estrada aberta, num alto descoberto, deixando ver de longe o casarão lá em cima. Decide, então, por seguir viagem, afim de realizar tais conquistas.

Vencendo o grande percurso, empreitada que ela mesma preferiu chamar de romaria,²¹⁷ vai se estabelecer na Serra dos Padres, terra de que tinha certeza ser sua e que ficava, não se sabia mais, a quantas léguas, sertão adentro: “Lá ficava o meu destino: disso eu tinha a maior certeza. O caminho era sabido, todo mundo ensinava a quem quisesse ir à Serra dos Padres; quase uma rota batida” a trinta léguas de Socorro. Mesmo que não a ensinassem, ela tinha todo o roteiro na cabeça. Aprendeu as coordenadas com o avô, como quem decora reza: “No que se avistasse a Serra, era procurar os serrotes do Pai e do Filho”.²¹⁸

Devagar, devagar, se desenhando dentro da claridade, foi aparecendo o serrote grande todo cinzento e manchado de listas pretas; um cabeçote de pedra dura, arredondando o vulto, no alto. Tinha que ser o Serrote do Pai. E quando andamos mais um pouco, logo deu para ver, à direita do Pai, o serrote menor, como se agasalhando na sombra dele. Lá estava o Serrote do Filho!²¹⁹

Esta referência dos serrotes de pedra simboliza a herança paterna de Maria Moura. O avô, desgostoso de não ter um neto macho, obrigava-a a aprender todos os seus direitos

²¹⁶ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*

²¹⁷ Alusão a uma rota de cunho religioso, no qual encontraria os serrotes do Pai e do Filho, imagem também religiosa.

²¹⁸ *Ibidem*, p. 229.

²¹⁹ *Ibidem*, p. 231.

para, quem sabe, repassar ao seu marido ou filho. Reaver essa posse era o sonho do seu avô, o qual passou ao filho, que, por sua vez, deixou a Maria Moura o direito.

É fundamental a propriedade da terra que assegure à Maria Moura a posição de poder e mando. A quantidade possuída e a capacidade de gerenciar estes bens conferem-lhe obediência local. Ela trocou suas regalias (empregadas, banho-de-cheiro, roupa lavada, comida pronta) pela liberdade, pela decisão de conquistar tais terras. Muito lhe foi facilitado ao encontrar na Serra dos Padres apenas uma mulher e seu filho, remanescentes dos posseiros que ali haviam se instalado. Não foi preciso nenhuma disputa pelas terras, tudo foi feito com muita facilidade, em acordo, Maria Moura agregando e apadrinhando os que ali viviam. Era uma região rica, com madeira, barro e água em fartura, tudo esperando ser usado na construção da fazenda: “Ali eu senti, de verdade, que havia encontrado o meu canto no mundo, o meu condado”²²⁰ – o lugar onde iria construir o seu castelo.

Corria a lenda de que este território fora ocupado por padres da Companhia que lá amansaram aldeias de bugres, por isso chamando-se Serra dos Padres. Nas desavenças entre religiosos e bugres, teriam morrido muitos índios, ou por se desentenderem com os jesuítas, ou por se atriarem entre si, assim como com tribos vizinhas. Conta-se também que os jesuítas de lá se afastaram por decisão do Marquês de Pombal, que os mandou para Lisboa. Assim aponta a narração de Rachel de Queiroz:

E quando a aldeia acabou deserta, quer de padre, quer de índios, começou a se espalhar a lenda de um tesouro que o derradeiro padre tinha enterrado debaixo do altar na capelinha. Foi atrás disso que chegaram os primeiros invasores, escavacaram tudo e não encontraram nada. (...) Muita gente, até mesmo o avô, chegou a sonhar com esse “haver encoberto” (era assim que ele dizia). E os que viram o tesouro nos sonhos, falavam que era exatamente igual ao que se contava em ouro em pó e dos vasos sagrados.²²¹

Anos depois, o avô compra de um herdeiro uma parte da sesmaria da Serra dos Padres doada pelo rei a uma tal de Fidalga Bries. Para Maria Moura, a idéia do avô seria a de procurar pelas botijas dos padres. Pensava ser loucura, mas sabia que o povo era doido por histórias de ouro enterrado por algum dono morto, pois só debaixo da terra é que se pode mesmo esconder a riqueza. Gilberto Freyre, em *Casa grande & Senzala*, bem descreve esse costume:

Mas a casa-grande patriarcal não foi apenas fortaleza, capela, escola, oficina, santa casa, harém, convento de moças, hospedaria. Desempenhou outra função importante na economia

²²⁰ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, p. 239.

²²¹ Ibidem, p. 22.

brasileira: foi também banco. Dentro das suas grossas paredes, debaixo dos tijolos ou mosaicos, no chão, enterrava-se dinheiro, guardavam-se jóias, ouro, valores.²²²

A sina de Maria Moura completa-se ao longo do romance, ocupando a Serra dos Padres como fizera o avô, porém sem a ilusão de encontrar as botijas de ouro. Ajunta, ela mesma, as moedas e o ouro, guardando-os tal qual pregava a tradição, intactos sob a terra.²²³ Assim pensava nos momentos em que se dava a lembranças:

Deitada no mato, olhando as estrelas no céu escuro, eu ia me lembrando das conversas do Avô, os casos que ele me contava tantas vezes, tantas. Começou a me contar quando eu era pequena e me deitava com ele, em noite de lua, na rede do alpendre. Depois, eu já mocinha, ouvia os mesmos casos, repetidos já agora por meu Pai, às visitas, aos parentes. E muito mais explicados do que no tempo em que ainda eu não podia entender.²²⁴

Maria Moura é perseverante em sua ambição, tomando à risca as acusações do avô: “Na verdade, vocemecês só querem a terra ‘para possuir!’ Para dizerem que são os donos. (...) O orgulho de vocês todos é dizerem às visitas: ‘até onde alcançarem os seus olhos, tudo é meu. Da porta da minha casa não se avista terra alheia!’”. O avô ajudou a construir tal ambição, de forma que a personagem almeja não apenas terra para a sua subsistência, mas o latifúndio com todo o poder e riqueza que possa lhe render:

Eu sentia (e sinto ainda) que não nasci pra coisa pequena. Quero ser gente. Quero falar com os grandes de igual para igual. Quero ter riqueza! A minha casa, o meu gado, as minhas terras largas. A minha cabroeira me garantindo.²²⁵

Como já observou Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa, os recursos estilísticos empregados no discurso, comprovando a valorização do ter, tais como os verbos na primeira pessoa, o uso reiterado do possessivo, a oração exclamativa, são uma forma de acentuar essa ganância. Aproveitando-se da mocidade de sua tropa, rapazes naquela idade em que a ambição é pouca e na qual fazem de tudo, pensando mais na aventura, Maria Moura acerta uma porcentagem, ficando, ‘naturalmente’, com a maior parte.

Esta personagem de Rachel de Queiroz parece ter recebido várias das conotações

²²² FREYRE, G. *Casa...*, p. 15.

²²³ No livro *A antiga família do sertão*, o tio da escritora, E. de Q. Lima, descreve um fato ocorrido com um seu antepassado, o Sargento Miguel Francisco, que teria também enterrado ouro como forma de assegurar sua produção de 32 anos de vacas gordas que precederam a seca de 1877. Só negociando a ouro, não tendo herdeiros e nunca se desfazendo de seu capital, concluiu que o cofre emparedado junto à alcova era insuficiente e passou a enterrar o ouro em uma mala de pregaria, feita de cedro, coberta de sola e enfeitada com tachas de metal amarelo. O segredo do local, guardado até a morte, fizera muitos cavoucarem toda a terra da Califórnia – como se chamava providencialmente a fazenda. In LIMA, E. Q. *Antiga...*, p. 238.

²²⁴ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, p. 87.

²²⁵ *Ibidem*, p. 125.

apresentadas na herança moura. Ela abdicou das terras do Limoeiro para ir conquistar a Serra dos Padres por mérito de seus esforços, fazendo da migração uma forma de conquista. Chegou mesmo a ser cogitado, por parte dos primos no momento em que ela incendia a casa do Limoeiro e foge, que tivesse natureza de fera e pacto com o diabo ou fosse bruxa capaz de realizar feitiços, tal qual pregava a tradição moura. Mas, para isso, ela articulou e lutou. Nunca se fez pela beleza, ao contrário, não se achava bonita. Era morena e mantinha traços fortes de virilidade. Adotou, porém, subterfúgios para acelerar a posse das terras e construir riqueza, acumular bens. Agindo como uma verdadeira cangaceira, não vacilou em pilhar os passantes, tramar grandes emboscadas, enterrar o ouro em lugar seguro, fabricar pólvora, acoitar perseguidos. Tudo com a força da arma e da autoridade que ia impondo. É benevolente com os “foras da lei”, desde que estes a tornem mais rica:

[Ela] terá que transpor inúmeros obstáculos (uma espécie de iniciação) durante sua viagem à Serra dos Padres, para, no final, encontrar a terra prometida. (...) Movida pela necessidade e determinação, organiza e expande seu bando, numa região despovoada, onde prevalece a lei do mais forte, passando, rapidamente, dos pequenos furtos aos grandes assaltos. A ambição leva-a a pensar cada vez mais alto.²²⁶

O avô Marinheiro Belo dizia: “se podes lidar com cem, não te limites aos dez...” e Moura quis lidar com mil, tamanha ambição. Embora tivesse sangue frio de sobra, esforça-se, o tempo todo, para que não percebam o medo, o receio de que botem seus planos por água abaixo, pois um passo em falso poderia pôr tudo a perder, aquilo por que se tinha lutado e arriscado até ali. O mundo marginal de Maria Moura parece adequar-se bem à forma como passa a viver: um reduto próprio, sua fazenda, de onde dominaria todos, tendo o poder do ouro e do mando. Constrói nela a Casa Forte – nome que remonta à fazenda de sua quinta-avó D. Bárbara –, que não era propriamente uma casa de fazenda, mas uma fortaleza, uma paliçada construída à maneira dos índios: as estacas enterradas com grande profundidade, socadas com tijolo e pedra miúda. A casa é apresentada pela narração do Padre José Maria:

²²⁶ BARBOSA, M. de L. D. L. *Protagonistas...*, p. 46.

Lá dentro a casa – e me dá vontade de dizer ‘as casas’, porque não era um corpo de casa, só. Na frente se adiantava o alpendre do que devia ser a casa grande. Em redor saíam telhados e paredes de todos os feitios, que decerto serviam de morada para a cabroeira, de paiol para o legume seco, o quarto dos arreios, depósitos.

Do lado de fora da cerca alta, o curral do gado, o chiqueiro da criação.

Tudo limpo e tratado, parecia mesmo uma fazenda igual às outras, não fosse aquele jeito quase de quartel.²²⁷

Com o intuito de abrigar fugitivos da justiça, a casa é construída de acordo com uma planta desenhada pelo avô, incluindo um “cubico” (variante de cubículo, sem portas ou janelas, um quatinho secreto, disfarçado entre as paredes desconstruídas de outros cômodos), onde se pode entrar através de um alçapão. O chão tinha um fundo falso, com um local cavado, que serviria de cofre ao ouro e dinheiro juntado. Essa construção é fundamental à sua soberania, pois lhe garante proteção contra possíveis investidas:

Mas o verdadeiro fim do cubico não era servir de cofre; isso foi invenção minha. Ele se destinava, conforme contava Pai, a esconder algum amigo perseguido, ou a guardar em segredo um prisioneiro. Se viessem atrás de um deles, dando busca, quer os da justiça, quer os inimigos, as paredes, corridas até em cima, não deixavam adivinhar nada.²²⁸

A função principal, porém, do cubico, é apontada mais adiante. Maria Moura é construída primordialmente a partir de uma vertente matriarcal, pela qual a escritora demonstra bastante apreço. Ela possui características dessas senhoras, como a forma de assumir a administração dos bens; o modo como, pouco a pouco, agregam parentes e empregados, adotando o sistema de apadrinhamento e exercendo grande liderança sobre eles, manipulando-os conforme seus interesses, seja na conquista de poder político, no acúmulo de reservas ou, simplesmente, em ato de vingança; há uma enorme vitalidade que as tornam capazes de realizar incriveis façanhas. E, na listagem das características matriarcais, encontra-se também o envolvimento amoroso com parceiros mais novos, à mercê de seus poderios, delas dependendo para proteção e sobrevivendo à sombra de seu prestígio. E é através desse tipo de envolvimento que virá o roubo fatal de uma grande paixão que arrebatou Maria Moura. Mas isso será o episódio amoroso final. Antes disso, é necessário relatar como surgiu o interesse de Maria Moura por ter um companheiro e como isso se dá.

²²⁷ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, pp. 9-10.

²²⁸ *Ibidem*, p. 305.

Nesse início do seu interesse por um companheiro, Maria Moura apenas sente o vazio instalado em sua vida no que tange ao aspecto do amor. Com o malfadado plano de dar uma correção ao Irineu, sofrendo um corte pelo seu punhal, ela percebe que muito havia ainda que aprender. Pensando que sabia armar bem as jogadas, viu-se ferida, justo por Irineu, que julgava tão idiota. O período, porém, que esteve convalescente por causa do corte deixou-a desocupada e solitária, servindo, de certa forma, para que refletisse sobre a falta de um homem, um companheiro:

Outra coisa que eu descobri nesses dias de doença: acho que não nasci para essa vida que arrumei para mim. Sozinha, sem um homem, sim, falando franco, sem um homem. Toda mulher quer ter um homem seu – pelo menos foi isso que Mãe me disse, quando fui reclamar dela a amizade com o Liberato. “Eu não tenho mais costume de viver sozinha. Tenho horror de ficar só. Depois que seu Pai se foi, eu tinha que procurar companhia”. Ela falava em companhia mas agora eu entendo, era pra não me escandalizar. O que ela sentia e agora eu compreendo, era a falta mesmo, não de companhia – mas de um homem. Mão de homem, braço de homem, boca de homem, corpo de homem. É isso. Mas quem – quem? Eu vou querer, chamar pra ficar comigo? Esses meninos? Não me criei considerando caboclo como homem; sim, é uma questão de criação.²²⁹

A partir desse incidente, Maria Moura passa a ficar dividida entre o desejo de ser a senhora, de comandar, de ter o primeiro lugar sempre, e o de ter um homem exigindo-a, seguindo-a com um olho cobiçoso, ciumento, como se ela lhe pertencesse. Confessa, então, só para si, cheia de vergonha, ter cedido, por um relâmpago de tempo, à violência do Irineu, encostando nela o seu corpo e imobilizando-a com o punhal:

Ele era lavado, cheirava bom. Encostou a cara na minha, ao mesmo tempo em que me feria o queixo com o punhal; e eu senti as pontas da barba dele me rasparem o rosto. Que ódio! Mas é verdade.

Então, venho pensando muito nesta vida que escolhi – não pode ser como eu queria antes. Não sou cabra macho pra viver no meio dos homens e não sentir nada. Talvez se eu não conhecesse a vida, não conhecesse homem, se o Liberato não tivesse me ensinado o que é o prazer do corpo.

Assim mesmo, hoje pela madrugada, quando acordei, me vi descobrindo o lado do avesso dos pensamentos da insônia. Não é tão simples, afinal, mudar as coisas.²³⁰

O que sentira, porém, fora apenas atração. Maria Moura não descobrira ainda o amor e tinha aversão ao casamento. Posteriormente, já instalada na Casa Forte, sente uma afeição pelo Duarte, meio-irmão de Tonho e Irineu, que ali chegara pedindo trabalho:

Era muito melhor apessoado que os irmãos. Moreno fechado – ‘morenãu’ – cabelo crespo, mas bom, feição bem recortada (...). Olhei para ele, cada vez me agradava mais, até mesmo

²²⁹ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, p. 201.

²³⁰ *Ibidem*, p. 202.

como homem. Nunca tinha andado perto de mim nenhum rapaz como aquele – na força do homem, bonito de cara –, alto, forte, calmo, bom de riso.²³¹

Por ser Duarte da família, Maria Moura coloca-o na posição de feitor, a auxiliar João Rufo, que já vinha dando mostras de cansaço com o avanço da idade. Garante-lhe, então, certa soberania perante os outros que já lá estavam. O seu envolvimento com Duarte, meio-primo, filho de uma escrava com o seu senhor, assemelha-se ao amor da Rainha Elizabeth I por Leicester, já que eles lhes prestam total obediência, agradecimento à proteção recebida, mantendo-se dentro das fronteiras do território dominado por elas, como espécie de instrumento sexual. Estes dois envolvimento são favorecidos pela ocasião e pela complacência dos parceiros, o que os torna subjugados e manipulados. Têm presença instrumental, sem envolvimento por parte das mulheres, por quem eles trabalhavam e zelavam. Respeitavam-nas e sabiam prestar obediência às suas ordens. Elas jamais pensaram em oficializar tais relações, sequer permitir que viessem comprovadamente a público. Leicester não tinha poder para se alçar a Rei; Duarte era filho de escrava alforriada, e isso parece ter pesado na avaliação de Moura, que assim explicita:

Apesar daquela grande amizade que nos ligou [Maria Moura e Rubina, Mãe de Duarte], nunca ninguém pensou que eu chegasse a casar com Duarte. Acho que nem ele pensaria. Afinal, era filho de escrava alforriada e a gente não se casa com filho de cativo, mesmo que tenha do nosso sangue nas veias.

E talvez fosse mesmo pelo impossível da idéia de um casamento entre nós, que aos poucos foi havendo o que chegou a haver.

Além do mais, eu tinha horror a casamento. Um homem mandando em mim, imagine; logo eu, acostumada desde anos a mandar em qualquer homem que me chegasse perto. Até com o Liberato, que era quem era – perigoso –, eu achei jeito de dar-lhe a última palavra.²³²

Desta forma, Duarte logo entende que deveria sujeitar-se a ela, esperar o sinal de sua vontade, dado de modo oculto, sem que ninguém desconfiasse da relação dos dois. Ele deveria chegar de mansinho e tomá-la somente na sombra da noite, no escuro do quarto, sem se atrever a impor vontades ou ciúmes, numa posição intrinsecamente inferior, mantida pela fronteira da extinta escravidão. Esta, profundamente interiorizada por todos, separava os negros e os mulatos dos brancos.

Os novos amores, porém, não se apresentam às duas mulheres, Elizabeth I e Maria Moura, da mesma maneira cordial que os primeiros. Quando trai a Rainha, Essex é mantido

²³¹ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, pp. 296-9.

²³² *Ibidem*, p. 324.

prisioneiro e morto. Maria Moura será também vingativa. Cirino, filho de Tibúrbio, velho fazendeiro das vizinhanças da Serra dos Padres, é um rapaz que, guardadas as proporções, se parece com Essex: filho de família abastada, encantador e refinado, porém presunçoso. Acontece que não andara na linha e estava sendo perseguido. Roubara uma noiva e a desonrara. Ela é morta pelo próprio noivo inconformado. A pedido do pai e mediante pagamento adiantado, Maria Moura dera couto ao rapaz, que aparentava ser inofensivo, em sua aparência de menino – alto, claro, de bigodes louro arruivado, aparência muito próxima à de seu pai e à do noivo que sonhava –, mas que se mostrou portador de muitas particularidades, uma delas, o de ser transgressor. O moço era de família, rico, mas mal-acostumado. Pela sua história, Maria Moura já desconfiara do seu riso torto, que o povo diz ser sinal de falsidade: “E deve ser mofino, se deixou matarem a moça e fugiu”. O pai, meio encabulado, tenta refazer-lhe a imagem, mas certo de quem se tratava:

O Cirino é meio doido, leviano com mulher, mas não é mal-ouvido com os mais velhos... O que não é o caso com vocemecê. Não parece que seja mais velha do que ele. E, pensando bem, eu acho até que a senhora pode açoitar o Cirino, que ele se conforma, contanto que a peia esteja na sua mão”.²³³

Envergonhado, mas desejoso de ter o filho escondido na Casa Forte, sem ter mais a quem recorrer, Tibúrcio dá toda autoridade à Maria Moura com relação ao filho. Desta forma, Maria Moura consente em mantê-lo em sua propriedade, afim de obter a oferta generosa em dinheiro que o velho fazendeiro lhe oferecia. Mal sabia ela que criaria em casa a própria cobra que a morderia. O moço era ousado e fazia-lhe o cortejo declarado. À base da brincadeira, ela o alerta:

– Chamar mulher de dama, aqui, é agravo tão grande que talvez eu tenha que mandar lhe matar.

De novo ele apanhou minha mão no ar, me apertou com força os dedos e saiu correndo:

– Manda!”²³⁴

E o moço desafia, mostrando toda sua leviandade. Gosta de arriscar, se diz doente para atraí-la ao seu quarto, derrubando-a à força sobre sua cama:

²³³ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, p. 339.

²³⁴ *Ibidem*, p. 358.

E num pulo, como se fosse um gato, saltou por cima de mim, prendeu minhas pernas entre os joelhos. Com o peso do corpo, me esmagava o peito, os seios. E apertando a boca na minha, me mordia. Afinal, com um gesto rápido a mão, me levantou a camisola e me forçou – como se me desse uma facada.

Eu poderia ter gritado, ou pelo menos gemido alto, entre os dentes dele.

Mas a verdade é que não lutei. Amoleci o corpo, parei de resistir, deixei que ele fizesse comigo o que queria.

Não sabia que homem fosse capaz daquela violência. E logo depois senti que eu estava gemendo, baixinho, no compasso dele. E não era gemido de dor, muito menos de raiva. Nem sei dizer o que era.²³⁵

A violência do primeiro encontro dava a medida da paixão de que Maria Moura nunca pensou ser vítima. Num segundo momento, ela já se vê preparada para aguardá-lo em seu quarto. E veste, para isso, camisola e perfume do tempo em que era apenas Sinhazinha. Ela se permite a entrega. Levado para ser protegido, Cirino é, ironicamente, quem tudo corrói. Apodera-se do coração dela com gentileza e galanteios, numa paixão inevitável e tão avassaladora a ponto de fazê-la perder o domínio de si. Dá-se o arrefecimento das forças da heroína:

Se eu largar os meus modos, se eu perder a minha fama e o meu comando, ele logo se abusa de mim e sai atrás de outra. É, não me engano. Queria me enganar, mas a esse ponto eu não me engano.

Falo e penso isso tão claro, mas no meu peito só existe confusão. Porque eu fico tremendo só com a idéia de vê-lo ir embora. Já pensei, me rindo sozinha em trancar aquele diabo no cubico e só tirar ele de lá quando me desse na veneta. Deve ter homem que faz isso com mulher. Por que eu não posso fazer o mesmo com Cirino?

Ai, loucura, loucura de quem tem paixão. Quem quer bem e não tem segurança, só tem medo. E o que eu sabia, de certeza verdadeira, é que aquilo que me acontecia era mais forte do que eu. Nas mãos de Cirino eu não me governava.²³⁶

O desejo de Maria Moura é totalmente exposto ao leitor através do foco narrativo em primeira pessoa, que não se acanha em revelar a todo momento os seus segredos íntimos de feminilidade e dor. Sabia que o seu mal era aquela grande atração por ele, não apenas um desejo violento e passageiro, que se desvanece depois de satisfeito, mas também uma paixão que incluía loucura, carinho, amizade.

Mônica Raisa Schpun analisa que Maria Moura une poder pessoal e recusa da vida conjugal, o que a deixa apenas com seu “preferido”, sem querer se casar. As razões são evidentes:

²³⁵ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, p. 359.

²³⁶ *Ibidem*, p. 394.

sua atração pelo padrasto Liberato traz o risco de morte e de confisco dos bens; sua atração pelo primo Irineu traz o risco de perda de propriedade, senão o de morte também. Sua atração pelo ‘protegido’ Cirino traz um risco diferente, o da perda de poder num sentido mais complexo: toda a dinâmica da obra desenvolve-se em torno de uma inversão entre o feminino e o masculino operada por Maria Moura que, apesar de apresentar-se como Dona Moura, veste-se como homem, tem os cabelos curtos, anda armada e reina sobre seus homens executando a lei e a justiça.²³⁷

Ainda segundo Mônica Raisa Schpun, assumir a paixão que Cirino desperta nela seria, então, fatal, o que ele mesmo espera, para inverter os papéis e reinar não somente em seu lugar, mas sobre ela. Moura não se deixa levar, sabe o preço de seu poder duramente conquistado, sabe bem que este depende de sua solidão, de não transformar preferidos em esposos, ainda que informalmente. Trazer a público seu envolvimento bastaria para seu poder sucumbir. Na figura de Cirino, não há um companheiro que somaria forças, mas alguém que se apossaria das suas.

O envolvimento de Maria Moura com Cirino assemelha-se aos romances das senhoras mandonas e autárquicas apresentadas no tópico “Matriarcas”. São espécies de chefes respeitadas que optam por manter um caso amoroso secreto com parceiros mais novos, de posições inferiores na hierarquia obedecida no local, e cujas aparições nos cenários dominados por elas foram quase fortuitos. Eles se apresentam para serem protegidos pelo poder que elas representam, sendo, por vezes, foragidos da justiça. Não se mostram verdadeiramente apaixonados por elas, mas não deixam isso transparecer totalmente porque delas dependem. Pode-se dizer que tiram proveito da situação e não vacilam em traí-las na primeira oportunidade encontrada, deixando claro que a ligação é demasiadamente tênue. Estas sentem-se humilhadas e paralisadas. Todas se desesperam e, embora saldem seus compromissos de honra, é esse ato que confere suas derrocadas como chefes e como mulheres.

Vilma Arêas, em “Rachel: o ouro e a prata”, faz uma aproximação da personagem Cirino com uma crônica de Rachel de Queiroz, intitulada também “Cirino”. Ela levanta a hipótese da personagem ter sido aí inspirada por se tratarem ambos de um caso de morticínio e vingança. A crônica descreve uma toada triste e monótona, cantarolada pelo pai de Rachel de Queiroz, com um floreio na viola ao fim de cada estrofe.²³⁸ Herói

²³⁷ SCHPUN, M. R. “Lé com lé, cré com cré?”, p. 179.

²³⁸ ARÊAS, V. “Rachel: o ouro e a prata” in *Cadernos da literatura brasileira*, p. 100.

malcriado e, portanto, temerário, sem medo, espécie de homem que não carrega insulto para casa, Cirino leva um tiro de clavinote que lhe atravessa o corpo e sai-lhe na arca do peito, abrindo um rombo. Delfino, seu inimigo, esperava-o por trás de um pé de pau. Atacará quando Cirino já lhe dava as costas.²³⁹

De modo semelhante será o fim do Cirino de *Memorial de Maria Moura*. Com um mal traçado plano, Cirino trai a confiança da amada, difamando-a e entregando, por dinheiro, a um bandido escondido por ela, quando nenhum homem, naquela ribeira toda, se atrevia a vir atrás de alguém que estivesse debaixo de sua proteção. E, para isso, convence alguns cabras de Maria Moura a segui-lo nessa empreitada. Da mesma forma, mata, sem piedade e sem precisão, homens que faziam a segurança do protegido Peba Preto. Sentindo-se traída, não no amor, o que julga poder perdoar, mas na fidelidade, que ameaça o seu poder – sua palavra de honra fora posta abaixo, já que Cirino fizera todo o trâmite como se estivesse sob suas ordens, deixando-a metida em suja combinação –, organiza e participa, pessoalmente, de seu resgate da prisão, ordenando que ele seja mantido sob vigilância, preso no “cubico”, cujo alçapão dava para seu quarto.

Desta forma, chega o grande momento do uso deste compartimento secreto, dando lugar à passagem mais densa do romance, quando Cirino nele é encarcerado. O espaço físico diminuto e sufocante, mal dando para ficar em pé, revela o drama vivido pelos personagens. Maria Moura já não consegue dormir, ouvindo a respiração sofrida de Cirino, sabendo que tem que dar fim ao homem que ama, mas que a traíra covardemente. Dividida entre o amor e a honra, padece perante o sacrifício que deve realizar. A aflição aumenta seu desatino e, consumida, ouve os gemidos e súplicas do amado, pedindo compaixão, adivinhando o pior.

Pode-se interpretar o “cubico”, portanto, como metáfora do coração, assim como a fortaleza como a própria Maria Moura. Ou pode-se ir mais adiante e ver, no cúbico, o próprio útero resguardado, escondido, tão negado, que só pôde ser invadido pela intimidade. E no encontro do amor, a esterilidade, aquela incapaz de dar frutos. Ela constrói a Casa Forte, omitindo o esconderijo, da mesma maneira que consolida sua imagem, negando sua feminilidade, acobertando seu sexo. O fato de possuir esse pequeno

²³⁹ QUEIROZ, R. de. “Cirino” em *A donzela e a moura torta*, pp. 173-4.

compartimento no interior da casa, onde fica o escondido (sua paixão), trancafiando Cirino e mantendo a chave pendurada no peito, demonstra sua extrema necessidade de ocultar os sentimentos e emoções e colocar em sigilo a guarda de seus segredos, para que ninguém os perceba, uma vez que isso significaria sua derrocada. O ouro é posto sob a terra do cubíco, e ela demonstra poderio por guardar riquezas. A paixão, por sua vez, se explicitada, aniquilaria-a fatalmente.

Como se tem acesso a seus pensamentos, pode-se ver que a feminilidade da personagem Maria Moura não foi, de nenhuma maneira, sufocada por sua força de mulher guerreira, apenas acobertada pelo esforço próprio de negar a todos o que realmente sentia. A paixão, a vontade de ser desejada e o medo da solidão acompanharam-na em suas viagens e conquistas, transparecendo inúmeras vezes tais anseios, ora em pensamentos, ora em confidências. Esse aspecto de sua personalidade leva Wilson Martins a defini-la, ao mesmo tempo, como donzela guerreira das novelas medievais e heroína da literatura romântica, segundo o gênero de Bernardo Guimarães:

Superando todas as dificuldades, escapando dos perigos e situações desesperadas, vencendo e humilhando os inimigos, sempre com um entremez sentimental em que outros personagens e ela mesma vivem o amor inocente e triunfante.²⁴⁰

A excitação pelo primo Irineu na sua rápida tentativa de dominá-la, a sedução sofrida na sua iniciação sexual com o padraсто, o seu envolvimento tácito com Duarte e a brusca paixão por Cirino são verdadeiros elementos, que mantêm Maria Moura feminina.²⁴¹ E ela assim revela sua paixão incontida por Cirino:

Nem posso dizer direito como é que eu me sentia. Tudo era novidade para mim, mas uma novidade esperada. Meu corpo chegava a doer quando a gente se tocava – e continuava doendo quando se separava. Assim mesmo, eu procurava disfarçar de todo mundo as fraquezas da Moura nova, fingindo a antiga dureza, a da Moura de antes.²⁴²

Mesmo com o desejo de se tornar apenas mulher de Cirino, entregando a ele o comando de tudo – da casa, da fazenda e dos homens –, Maria Moura mantinha-se consciente dos seus delírios. Sabia que não tinha a beleza nem o jeito das mulheres, não se vestia como elas e nem era nova. Concluía, então, que o que ele queria era a sua força de

²⁴⁰ MARTINS, W. “Rachel de Queiroz em perspectiva” in *Cadernos da Literatura Brasileira*, p. 83.

²⁴¹ FIUZA, M. G. M. *A força...*, p. 37.

²⁴² QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, p. 393.

líder, a Moura capaz de enfrentar outros homens sem medo. Sabia que, se largasse os seus modos, se perdesse a fama e o comando, ele não mais iria querê-la:

Aquilo tem astúcia. E, armada a briga com o Pai, tratou de me levar pelo beijo, fazer com que eu perdesse a cabeça por ele. Aí ficava fácil acabar comigo e se apossar do que é meu. Porque me liquidando – mulher sem marido, sem ninguém de meu no mundo, só eu com os meus cabras, ele tomava o meu lugar, se fazia o meu herdeiro...²⁴³

Oscilando entre a força de mantê-lo sob seu jugo e o desejo de deixar-se dominar por ele, Maria Moura recupera-se e pede a Valentim, um atirador de facas que vivia na Casa Forte, a importante e difícil missão de matá-lo:

Nem sei quantos minutos depois, Valentim apareceu, com a cara branca como um papel, tremendo os cantos da boca. Pedia desculpas, gaguejando.

– Tive de gritar o nome dele, pra ele se virar de frente. O homem vinha muito de lado, tive medo de errar.

Eu ainda não conseguia dizer nada. Valentim continuou:

– Mas está morto. Acertou bem no coração. (...)

Tanto esforço que eu tinha feito para ele não saber que ia ser morto naquela hora. A bem dizer, pela minha mão. Para isso inventei de usar o Valentim; mandar a faca pela costas e ele cair, sem tempo de saber de nada. Aquele idiota do Valentim, que estragou tudo. Cadê a pontaria dele?²⁴⁴

As formas como Moura desvencilha-se do padrasto e de Cirino, posteriormente, também foram soluções ao modo oligárquico. Encomenda-se a morte, com ou sem subterfúgios, valendo-se, simplesmente, de um subalterno amoitado que realiza o ato, quando a vítima se descuida. A morte de Liberato é realizada com sucesso, sem nenhum imprevisto a atrapalhar o plano de execução, visto que ele voltava embriagado e totalmente desalertado do perigo. No entanto, a morte de Cirino contou com o imprevisto. Realizada pelo atirador de facas, não se conseguiu ocultar da vítima a mandante do crime. Valentim teve que chamá-lo para se virar de frente, pondo a fatalidade à vista. Não morrera apunhalado pelas costas, ignorante da sua vingança, como era do gosto de Maria Moura. Isso a derruba em febre, num estupor dormiente, madorna, espécie de meia-morte, que a faz tentar se esquecer do mundo. Nesse estado, ela se coloca inúmeras questões:

²⁴³ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, pp. 419-20.

²⁴⁴ *Ibidem*, pp. 459-60.

Afinal, como é que eu ia acabar com Cirino sem acabar também comigo? Como é que eu posso abrir a arca do peito e arrancar o coração pra fora? Ninguém pode fazer isso e continuar vivo. (...) E se eu não agüentar, paciência; se o sangue pisado aqui dentro me matar envenenada – pois bem, eu morro! Vou morrer um dia, afinal. Todo mundo morre. Mas quero morrer na minha grandeza.²⁴⁵

Com esta determinação, temos o desfecho do romance, no qual Maria Moura tem o cuidado de providenciar em testamento toda sua herança ao afilhado Xandó, filho de Valentim e Marialva, para depois trilhar, com o seu grupo, uma empreitada eminentemente desafiadora e fatal – ela que raramente participava pessoalmente dos assaltos desde que havia se instalado na Casa Forte – num desespero último de aplacar a dor da perda amorosa.

– Ainda está na hora de mudar de idéia, Sinhá. Vai ser uma luta muito dura, com esses homens traquejados pra matar. Não é briga pra mulher. E se lhe matam?
Saltei na sela. Mas, antes de dar partida, me dobrei sobre o pescoço do cavalo e disse, olhando nos olhos de Duarte:
– Se tiver que morrer lá, eu morro e pronto. Mas ficando aqui eu morro muito mais.²⁴⁶

Maria Moura, no fechamento do romance, marcha contra um bando muito superior ao seu em número e força, deixando em suspenso o final, possivelmente trágico, que a espera. Pode-se dizer que sua decisão em tal empreitada é determinada pela inconciliação entre duas forças conflitantes da personagem, ao mesmo tempo, cangaceira e heroína romântica. Cabe a ela, portanto, diante da paixão que sufoca o seu interior, a tentativa desesperada de encerrar tamanha dor. É notável lembrar, no entanto, que não há uma queda sua, pois o romance termina antes, mantendo-a na posição mais alta de conquista e atuação guerreira, colocando-a de forma destemida diante do perigo iminente. Do ponto de vista romanesco, morrer ou não morrer é o que menos importa. Maria Moura sufoca, galhardamente, todas as dores que sente, afim de ocultá-las.

²⁴⁵ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, pp. 420-1.

²⁴⁶ *Ibidem*, p. 482.

4. As conquistas das personagens femininas

Buscando apreender a complexidade do universo ficcional de Rachel de Queiroz, o crítico Almir de Andrade levanta interessante paradoxo, no qual se centra, a seu ver, a mobilidade da escritora: de um lado, há um mundo inexorável com as suas imposições fatais, com a sua injustiça permanente – dos homens na luta social, dos elementos no seu determinismo cósmico, da própria natureza na sua distribuição desigual e incoerente dos destinos, das tendências, até das afeições mais sinceras e mais profundas; de outro, uma força de expansão interior, que remove todos os obstáculos, renuncia a todas as imposições, despreza tudo o que é rotina, preconceito, influência exterior e procura se afirmar imensamente livre na sua espontaneidade selvagem, nas suas aspirações, nas suas atitudes e compreensão da vida real. Como conciliar essas duas tendências paradoxais? – é a pergunta que faz o crítico.²⁴⁷

Se, em *O quinze*, podemos notar certo equilíbrio dessas duas tendências, bem distribuídas nos dois episódios, que dividem o livro – a trágica história da família de retirantes e o drama da emancipação da mulher –, de outra forma, os romances posteriores vão perdendo, gradativamente, tal equilíbrio, passando a pender menos para as imposições fatais e mais para o mando e controle da mulher. Devemos notar, portanto, a existência de uma preocupação crescente que se sobrepuja à fatalidade, que Rachel de Queiroz mantinha em seus livros iniciais: as conquistas das mulheres. Como se dá a afirmação das suas personagens femininas? É o que se analisará a seguir no conjunto de protagonistas da autora.

²⁴⁷ ANDRADE, A. “Tendências atuais do romance brasileiro”, pp. 46-7.

4.1. Orfandade

Maria Moura abdica de sua condição de Sinhazinha após seis meses de orfandade, ao sentir-se pressionada pelo padrasto, que requer a posse de seus bens. Fazendo com que o padrasto morra, toda a narrativa de perseguição dos primos se inicia e, com isso, Maria Moura passa para a conquista da Serra dos Padres, propriedade maior e mais próspera, porém distante. Será necessária longa travessia em direção a ela. A questão da orfandade é importante – como estuda Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa – pois é a partir desse estado que as protagonistas de Rachel de Queiroz se sentem livres para se tornarem donas de si.

Conceição, de *O quinze*, também é órfã e fôra criada pela avó, que representa para ela a vida tradicional do sertão, a dona do Logradouro para onde se refugia sempre que pode. Sem nada sabermos de sua mãe ou de seu pai, Conceição é criada com mais autonomia, advindo daí certa independência e emancipação no plano das idéias e na profissão. Noemi, de *Caminhos de pedras*, é a única para quem não se explicita a orfandade, mas tem grande distanciamento da mãe, que já está bastante velhinha e há tempos não lhe dá notícias. Nascida do terceiro casamento, quando a mãe estava beirando os quarenta anos, a última de uma imensa prole, Noemi vive longe da família, tendo como ausentes as figuras materna e paterna.

Guta, ou Maria Augusta, de *As três Marias*, já inicia o romance reclusa em escola de freiras. Sente a frieza dos parentes e afirma que quem não tem mãe não tem família. Sempre ausente, a madrasta ou madrinha, como prefere ser chamada, acentua sua orfandade. A figura materna para Guta é sempre acompanhada de boas lembranças, como um ente amoroso, brincalhão, quase infantil: “... idéia que eu guardo de mamãe, espécie de anjo leviano e sorridente, toda feita de coisas leves, claras, sem peso nem forma”.²⁴⁸ E divide sua infância em duas fases: o tempo da mamãe e depois.

²⁴⁸ QUEIROZ, R. de. *As três Marias*, p. 36.

A Beata Maria do Egito é criada desde pequena por padrinhos, que lhe dão uma educação bastante religiosa. Nada se sabe sobre sua origem, seus pais, sua história familiar. E Moura já inicia o romance órfã de pai e mãe, contando como encontrara, aos 17 anos, a mãe morta, enforcada no armador de rede. Relata suas dificuldades em esquecer a imagem que vira e as saudades de uma mãe boa. Aos poucos, subjugada pelo plano do padrasto, cede aos carinhos dele, admitindo a inveja da mãe por ter como companheiro um homem bonito, mais novo que ela:

Sempre no escuro, nunca de dia – isso era ele. Ah, bem se diz, carinho não dói. E talvez, desde menina, no fundo do coração, eu tivesse inveja de Mãe: aquele homem enxuto de corpo, branco de cara, cabelo crespo, mostrando os dentes sem falha quando se ria. Começou mais como uma brincadeira. E aos poucos, bem aos poucos, é que foi ficando uma brincadeira perigosa. Devagar, devagar. Os carinhos se tornando cada noite mais atrevidos, se adiantando, indo longe demais.²⁴⁹

Seu envolvimento com o padrasto aconteceu de forma lenta, sem remorso, pois tudo era envolto em mistério, segredo sem transparência, como se o que se passasse à noite fosse coisa a ser feita sonhando, sem culpa. Afinal, foi após a morte de sua mãe.

Já em *Dôra, Doralina*, ocorre o avesso desse episódio. A protagonista, reconhecendo no nome o seu sofrimento, atribui seu amor ao pai, já falecido, e seu ódio à mãe, que prefere chamar de Senhora. Condena-a por ter-lhe atribuído tal nome, Maria das Dores, predestinando-a a uma triste vida e descobre, no pai, a figura que a chama de Dôra ou Doralina, nunca “das Dores”. Tanto ódio tem sua razão de ser, pois Senhora realiza planejadamente o casamento da filha com Laurindo, como forma de continuar mantendo um caso amoroso com aquele que passa a ser seu genro.

Senhora também é dona de fazendas, como a mãe de Moura. Ao descobrir o envolvimento de seu esposo com sua própria mãe, Dôra deseja que este morra, no que é bem atendida pelo velho Delmiro. Indignada com a traição de Senhora, Dôra sai de casa e junta-se à Companhia Circense Brandini Filho, estilo de vida errante, que lhe permite conhecer o Comandante, por quem se apaixona e com quem se casa. É somente no final do romance que Senhora vem a falecer, quando a vida de Dôra também já está diversa. Morrera o Comandante e, vivendo atribulações no Rio de Janeiro, prefere retornar à

²⁴⁹ QUEIROZ, R de. *Memorial...*, p. 20.

Soledade, à propriedade que herdara da mãe. Vem para reconstruir a fazenda abandonada. Uma novilha de primeira cria, parida no momento de sua chegada, anuncia novos tempos.

O fato de o *Memorial de Maria Moura* iniciar-se com a morte da mãe da protagonista é significativo, pois dá idéia de uma certa continuidade do romance anterior, *Dôra, Doralina*, que finaliza com a morte da Senhora e a volta de Dôra à fazenda. Também em *As três Marias* há uma espécie de prenúncio do próximo romance, quando Isaac, enciumado com o silêncio de Guta, depois de sua volta ao Crato, escreve como se antevisse o romance de Dôra com o Comandante:

Como viverá você aí longe de mim? Como terá feito a viagem? Suas cartas não dizem nada. Espero que não tenha consentido em ouvir as sandices sentimentais de algum oficial de bordo, encostado à amurada, suspirando e olhando o céu ou a espuma na esteira do navio. Prefiro mil vezes que tenha ficado enjoada no camarote.²⁵⁰

Finalmente, prepara-se o caminho para a construção da filha emancipada, ou seja, da personagem que busca desvincular-se, totalmente, das amarras de sua ascendência. Dessa forma, Maria Moura descende diretamente de Conceição, fecha o círculo – ata uma ponta na outra –, pois pouco mantém da influência cerceadora da mãe: ambas são livres. Conceição nega-se a se casar com Vicente; Moura deita-se com o padraсто, mas ao perceber o golpe que ele pretende dar-lhe, manda matá-lo, como Dôra indiretamente fez com o marido. Mostram-se mais fortes e mais espertas que suas mães, pois não sucumbem diante da dificuldade, vão em busca de suas próprias conquistas.

Quanto à questão amorosa, todas elas fracassam. Conceição constata que Vicente não correspondia ao seu desejo de par ideal. Noemi vê no marido, João, uma figura distante, que não acompanha sua militância ao Partido, nem se envolve com os seus anseios, de forma que o relacionamento logo acaba em separação. Quando tenta sua felicidade junto a Roberto, um companheiro do partido, afinado com seus ideais, sofre a condenação e o preconceito social, de modo a ter também essa relação desfeita. A Beata Maria do Egito apenas se entrega ao Tenente, em troca de sua liberdade, sem amá-lo; os amores humanos não lhe cabem. Guta reconhece que não deseja Raul, seu primeiro namorado, por ter a sensação de viver um romance estúpido e fracassado. Mesmo com Isaac, um namorado que conhece no Rio de Janeiro, vive um amor efêmero demais, com

²⁵⁰ QUEIROZ, R. de. *As três...*, p. 148.

um angustiado aborto final. Dôra, por sua vez, casa-se com Laurindo, mas frustra-se ao saber da armação de Senhora. Quando pensa ter conquistado sua felicidade junto ao Comandante, ele morre. Moura envolve-se com o padrasto e com o primo Duarte, mas ama só Cirino, a quem manda matar para salvaguardar sua integridade ética.

4.2. Linguagem e foco narrativo feminino

O modernismo trouxe inovações na ordem estrutural, na arte de contar e descrever, no estilo, nos artifícios retóricos e estilísticos. Não só no nordeste, mas em todo o Brasil, os romancistas de 30 trouxeram inovações norteadas por princípios estéticos e filosóficos. A posição politicamente radical de vários dos autores desse período fizera-os adotar modos populares de linguagem e recusar soluções acadêmicas. A desliteralização, a quebra de tabus e a desarticulação estrutural da sintaxe – conquistas do primeiro movimento modernista – foram assimiladas pelos posteriores. São palavras da própria escritora, quando se atém à questão da linguagem:

Conseguir uma linguagem literária que se aproxime o mais possível da linguagem oral, naturalmente no que a linguagem oral tem de original e espontâneo, e rico, e expressivo. E essa linguagem oral pode ser fala de nordestino ou gíria de carioca, pode ser qualquer fala de brasileiro que meus ouvidos escutem e apreciem. (...) Já a linguagem regional não corre esse risco de obsolescência rápida, como dizem os fabricantes de automóveis. Por isso tento, com maior insistência, embora com tão precário resultado (como se tornou evidente), incorporar a linguagem que falo e escuto no meu ambiente nativo à língua com que ganho a vida nas folhas impressas. Não que o faça por novidade, apenas por necessidade. Meu parente José de Alencar quase um século atrás vivia brigando por isso e fez escola.²⁵¹

Rachel de Queiroz carrega a bandeira do Modernismo na preocupação com a simplicidade, buscando o despojamento, a depuração, fugindo do enfático e do oratório, aproximando, desta forma, a linguagem literária da falada. No entanto, Vilma Arêas não parece confirmar de todo a afirmação da própria autora:

Um ponto pacífico na avaliação crítica dessa prosa concentra-se na qualidade da linguagem, sua despreensão e impressão de transparência. Trata-se na verdade “daquela suposta naturalidade”, segundo ela, escondendo o próprio avesso pelo domínio técnico. Mas o segredo fundamental do acerto é que Rachel orienta a escrita em direção às tendências mais

²⁵¹ QUEIROZ, R. de. “Língua” in *O caçador de tatu*, pp. 25-6.

profundas da fala do povo, contornando entretanto o arremedo falso da pronúncia e da sintaxe regionais, em favor de uma síntese feliz do culto e do popular.²⁵²

Deste modo, a escritora, respeitando-se as devidas proporções, aproximaria-se mais de Guimarães Rosa porque, apoiada na memória, busca recriar a tradição narrativa comunitária. Os diálogos de Rachel de Queiroz precisos e ricos fizeram o reconhecimento de Graciliano Ramos. Ele constata que a novidade e contribuição da escritora estão no fato de suas personagens saberem falar, ou seja, poucas vezes podia se achar um diálogo razoável na literatura anterior.²⁵³ São transpostas, com precisão e coerência, ao plano literário, situações da realidade sertaneja, com um rico aproveitamento das formas de oralidade. Suas narrações simples, sem as discrepâncias da fala culta e limpa dos cacoetes regionalistas, aparecem perfeitamente integradas às necessidades concretas de expressão de suas personagens e do mundo ficcional da autora. A sustentação de sua prosa é dada pela variação da oralidade, do *causo*, tradição oral nunca interrompida no Brasil, como podemos ver pela presentificação do mito e do conto popular. Vilma Arêas aí justifica a posição de cronista de Rachel de Queiroz:

Nos anos 30 a crônica se definiu como forma propriamente brasileira e moderna, pois que unia tradição e prosa modernista no fio da oralidade. Nada mais próximo do projeto de Rachel de Queiroz e mais iluminador das particularidades de sua escrita.²⁵⁴

Essa escrita enxuta e sólida de Rachel de Queiroz, presente já no momento de estréia, garantiu boa recepção ao conjunto de sua obra. O fato de terem-na julgado homem, tamanha a crueza dos episódios que descreve em *O quinze*, não a impede de ser qualificada porta-voz das personagens femininas. Ao dar a palavra a elas, amplia um projeto político próprio, sua certeza de que as mulheres vieram para vencer. E isso pode ser observado na forma como constrói o foco narrativo das suas obras.

João Miguel, *Lampião* e *O galo de ouro* foram as únicas obras da escritora que priorizaram uma temática e um ponto de vista masculinos. No primeiro, conta-se o drama de João Miguel, feito prisioneiro após uma briga de bar, em que, embriagado, esfaqueia outro homem. No segundo, o drama de um homem em fuga, disposto a enfrentar todas as atribulações do cangaço, até mesmo morte violenta, para não ser pego pelas “volantes”. E,

²⁵² ARÊAS, V. “Rachel...”, p. 95.

²⁵³ RAMOS, G. “Decadência do romance brasileiro” in *Literatura*, p. 21

²⁵⁴ ARÊAS, V. “Rachel...”, p. 96.

no terceiro, narra-se a história de Mariano, o homem suburbano que busca sobreviver às mazelas de uma vida envolta em jogos de azar, apostas e vício.

Essas histórias divergem do conjunto por adotarem o foco narrativo masculino, ainda que apresentem personagens femininas destacadas, como Santinha, Maria Bonita e Nazaré. Por motivos diversos, todas elas abandonam o marido para seguir com o amante.

As demais obras da autora centram-se em personagens femininas, espécies de vórtices em torno dos quais giram as narrativas. Ao romance *O quinze*, é dado o enfoque feminino de Conceição, assim como em *Caminho de pedras* é dado o de Noemi. *A Beata Maria do Egito*, peça de teatro, é centrada na protagonista, em cuja figura misteriosa é agrupada toda a expectativa do drama. Já *As três Marias*, *Dôra*, *Doralina* e *Memorial de Maria Moura* são obras narradas em primeira pessoa. Nesse modo de contar, a autora parece ter encontrado o melhor meio de explorar o universo feminino. Ainda que em seu último romance haja também vozes masculinas entremeadas, todas elas são conduzidas a redor da existência de Maria Moura, como se ela os arregimentasse numa espécie de liderança imposta. Trata-se, afinal, de seu memorial.

Estas três narrativas em primeira pessoa compõem igualmente as três idades fundamentais: a da formação escolar inicial até a entrada no mercado de trabalho, passando pelas primeiras experiências amorosas e suas conseqüências; a da juventude rebelde, que vê na educação materna rígida a desorientação, até a fuga para a conquista profissional e realização amorosa; a da maturidade, que leva ao abandono da condição de Sinhazinha para a conquista do lugar de grande proprietária oligárquica. Não podemos considerar fortuita a escolha desse conjunto a ser narrado em primeira pessoa. Considerando o projeto de Rachel de Queiroz de construir personagens protagonistas femininas emancipadas, temos em Guta, Dôra e Maria Moura as melhores representações ficcionais deste arquétipo. Maria Moura completa o que, de certa forma, ensaiam as protagonistas anteriores.

Tanto Guta quanto Dôra partem em busca de um novo lugar, um espaço próprio, mas, malogradas suas aventuras, retornam. Guta se ausenta por somente três meses, tempo de conhecer e namorar rapidamente Isaac; retorna porque não consegue prorrogar sua licença no trabalho, o que demonstra sua forte ligação ao Crato. Dôra vivencia um período maior, de reais conquistas no plano amoroso e no trabalho. Quando conhece o Comandante, já está fora de casa há três anos. Permanece algum tempo em viagens com o circo até se

fixar em Santa Tereza, no Rio de Janeiro, permanecendo casada por mais um ano. Somente Maria Moura não retorna às suas origens porque não apenas experimenta o novo, mas se apossa dele e conquista um lugar definitivo. Vale lembrar, no entanto, que se trata de posses deixadas pelo avô, o que demonstra o quanto assumiu as incumbências que cabem ao primogênito.

A conquista feminina alcança, em *Memorial de Maria Moura*, seu ápice, com infindáveis assomos que asseguram à protagonista uma posição de destaque em relação às outras. A riqueza psicológica, já presente em narrações anteriores, ganha maior espaço por manter uma multiplicidade de focos narrativos, que variam de acordo com cinco personagens, sempre revelando suas preocupações e sentimentos em primeira pessoa: Maria Moura, Irineu, Tonho, Marialva e Beato Romano. O leitor situa-se no romance pelos títulos dos capítulos, nomeados por cada personagem, que irá nos relatar parcialmente a história, como se a autora se desincumbisse de qualquer responsabilidade sobre os atos e pensamentos de suas ‘criaturas’.

Sobre a narração em primeira pessoa, Maria Lucia Dal Farra, em *O narrador ensimesmado*, aponta que o autor, enquanto mentor e escritor, compõe o texto com um poder insondável, pelo próprio fato de não estar presente explicitamente, cabendo ao narrador o papel explícito de emissor do romance. Por isso a pessoa responsável pelo romance, cujo nome aparece na capa, tem a sua face apagada dentro da ficção, encoberta pela mistificação romanesca e velada pela perspectiva do narrador que criou. Sendo em primeira pessoa, é a partir de si mesmo que o narrador vê as outras personagens e segue a estória:

O interior das personagens é vasculhado desde o interior deste narrador “com” quem se está, de maneira que ele só é conhecido através da descodificação que elabora sobre as personagens e a “realidade”. De um modo geral, este tipo de romance é de “sugestão”, porque o narrador vê “sentimentalmente” os outros, em função do que sente por eles.²⁵⁵

O uso magistral dessa técnica, que permite o aprofundamento psicológico da última obra de Rachel de Queiroz, é bem apontado por Antônio Houaiss, que ressalta como este tipo de narração pôde engrandecer a criação literária e dar força ao relato. Para ele, essa exploração psicológica enriquece por expor as contradições inerentes à condição

²⁵⁵ Dal FARRA, M. L. *O narrador ensimesmado*, pp. 126-7.

humana.²⁵⁶ Percebemos que o estilo, além de enriquecer os conteúdos da narrativa com novas situações e possibilidades, dá mais dinamismo e colorido ao romance, ao mesmo tempo em que impede que o curso da história seja conduzido exclusivamente pela onisciência da narradora principal.

Essas cinco personagens que conduzem a narração desempenham importantes papéis no romance. O Beato Romano é um agregado do bando de Maria Moura, enquanto os outros se apresentam como parentes que disputam a herança familiar – as terras do avô. Tonho e Irineu são os antagonistas, os que querem tomar as terras do Limoeiro, ocupadas e asseguradas pelo pai de Maria Moura, mas que pertenceriam, por direito, a todos os primos. Quando o pai falece, eles se agitam e julgam as terras sem proteção. Decidem preparar a sua ocupação e casar a prima com Irineu, mas deparam com uma outra pessoa, não mais a prima desprotegida de outros tempos. Na surdina, já se formava a personagem atrevida e ousada às futuras conquistas.

Marialva, por sua vez, tem participação secundária, pois não se envolve diretamente na disputa pelas terras. Irmã de Irineu e Tonho, maltratada pela cunhada Firma, consegue apenas apoio do meio-irmão Duarte – o único que a compreende e que não compactua com o plano de tomar as terras do Limoeiro. Ela é trancafiada em casa por receio de que se case e exija sua parte nos bens da família, podendo ainda ter descendentes herdeiros:

Com o ouro se sonha, é o que eles dizem. Mas a terra é viva, está fervilhando debaixo dos nossos pés. Quanto sangue corrido, quanta moça emparedada pra não casar, ficar solteirona, moça-velha e não dividir as heranças! Visse o que acontecia comigo: bastou me ouvir falar no Valentim, a Firma tomou fogo na patrona. Ralhou que espumava, só porque eu tinha dado trela a esse sujeito adiantado, a um tocador de rabeca, veja só! E com essa pabulagem de ser saltimbanco, ainda por cima!²⁵⁷

Sua aparição no romance é relativamente importante, porque apesar de participar de um episódio secundário, ela é o avesso de Maria Moura, é a personagem que larga tudo, família e seu direito de herança, para fugir com Valentim, seu único e grande amor. A forma como ela se entrega à vida errante dos espetáculos mambembes da família do marido, casando e tomando parte dos espetáculos, demonstra um tipo de personalidade feminina diverso das mulheres de Rachel de Queiroz que foi estudado nesta pesquisa. Ela

²⁵⁶ HOUAISS, A. “Memorial de Maria Moura” em *Jornal do Commercio*, 6 out. 1992.

²⁵⁷ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, p. 91.

estaria mais próxima de Dora, que, para se desvencilhar da mãe dominadora, segue junto a uma companhia circense, que só abandona no momento de se casar e ter filhos. A entrega de Marialva e de Dora ao amor é cega: desde o momento em que elas se encontram com os pares, sabem que ficarão com eles. A de Marialva é simbolizada pelo número que faz com Valentim, servindo de alvo para o atirador de facas. Importante salientar a construção do seu nome: ela é a Maria Alva, branca, sujeita a ser alvo do marido. Embora tivesse, todo o tempo, o medo a lhe roer os pensamentos, cumpre o seu papel, a ponto de Maria Moura admirar tal entrega e se confessar incapaz do mesmo:

Eu não me cansava de ver o atirador de faca trabalhando. E pensava comigo que nunca no mundo seria capaz de colocar a minha vida na mão de outra pessoa e me postar como alvo, encostada àquela tábua, como Marialva me disse que era a parte dela na função.²⁵⁸

Marialva e Dora não se assemelham, então, só por tomarem parte da vida artística errante, mas por se casarem e aceitarem a submissão, a entrega ao marido, não insistindo em sua autonomia como as demais.

Beato Romano, a personagem sob cuja ótica se inicia o romance, tem participação fundamental, com uma história própria, mas secundária e paralela à de Maria Moura. Porém ele é o padre que irá ouvir a confissão do crime a ser praticado por ela, que planejava ter, com isso, uma testemunha das exigências do padrasto, caso precisasse proteger-se da justiça. A vinculação do Padre com a ordem religiosa é repleta de transgressões e adaptações. Maria Moura recolhe em suas terras o Padre José Maria, nomeando Beato o fugitivo, que se havia posto em fuga desde a morte de sua amante, assassinada com um violento golpe pelo próprio marido ao tomar conhecimento da traição. Em tentativa de aplacar a violência, o Padre acaba, ele mesmo, matando, em legítima defesa, o marido de Dona Bela. Em seguida, numa tortuosa fuga, pede acolhida na Casa Forte. Desde então, Moura o batiza de Romano, tirando-lhe das costas o peso de sua fuga e tornando-o figura popular, representativa da ordem religiosa católica, pelo menos por aquelas paragens tão transfiguradas pelas leis próprias adotadas por essa chefe.

Com o aval dos que ali estão, passa a batizar os pagãos, nomeando de José aos

²⁵⁸ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, p. 391.

homens e Maria às mulheres,²⁵⁹ ele que, significativamente, mantinha os dois nomes enquanto atuava como padre. Cabe a observação de ser ele um interdito, que não deveria, mas que acaba rompendo o fraco liame que separa o homem comum dos homens da ordem religiosa. E a diferença deste e da Beata Maria do Egito é que, para ela, o pecado da carne não a desgraça, cometendo-o com fé e em nome da ordem, não transgride a ordem por alguma paixão humana.

Beato Romano é um dos poucos do gênero masculino que tem voz nos romances de Maria Moura, confirmando a acusação de Mário de Andrade, à época do lançamento de *As três Marias*, de que a escritora “se vinga do eterno masculino, lhe penetrando pouco ou mal a incapacidade de grandeza. (...) Talvez só haja um homem bem homem no livro (...) Mas desse a escritora só nos mostra um braço!... São homens fortemente incapazes, figuras de... vingança, entre mulheres nítidas. Em compensação, estas vivem com riqueza esplêndida, todas descritas com uma segurança de análise, uma firmeza de tons, uma profundidade de observação verdadeiramente notáveis.”²⁶⁰ Observando a diferença do tratamento dado aos gêneros pela escritora, ele entende bem o seu propósito.

Tanto o Beato Romano como Marialva são personagens que se encarregam, de certa forma, de também contar ao leitor trechos das histórias que fazem parte do Memorial. Embora tenham ligações com acontecimentos relacionados à vida de Maria Moura, trilharão caminhos próprios até certa altura do romance, quando, então, passam a integrar a vida comunitária naquela espécie de fortaleza, a Casa Forte construída na Serra dos Padres.

O fato do memorial ser contado em cinco vozes faz com que se reitere, de algum modo, os episódios contados. A repetição torna os eventos verossímeis e dão força ao relato, já que não se trata de uma voz, mas várias. Estes narradores se relacionaram, de um modo ou de outro, com Maria Moura. São personagens que ou desejaram se apossar dela ou a tiveram próxima de si, seja no confessionário, seja nas confidências íntimas. Eles têm o que contarem de Maria Moura, e suas participações tornam-se fundamentais.

A migração de Maria Moura e do seu bando das terras do Limoeiro até a Serra dos Padres, com as dificuldades próprias desse tipo de viagem, a cavalo, pilhando os passantes,

²⁵⁹ Rachel de Queiroz incorpora, em sua obra romanesca, a tradição nordestina de se nomear todo homem de José e toda mulher de Maria, justificando, assim, o fato de quase todas as suas personagens protagonistas terem um segundo nome acoplado ao de Maria.

arranchando onde podiam – o romance se passa por volta de 1830 –, em constante fuga da perseguição dos primos, fez com que se acelerasse a maturidade da personagem principal. Este percurso, desenvolvido até o meio do romance, quando ela e seu bando se instalam nas terras a que Maria Moura tinha direito exclusivo, pode ser visto também como o percurso de formação, de construção de sua nova personalidade, já que aprende a lidar com o poder, os homens, a força e a violência.

²⁶⁰ ANDRADE, M. de. “As três Marias” in *O empalhador de passarinho*, p. 117.

Conclusão

Retoma-se, no fechamento deste trabalho, a afirmação de Adonias Filho, trazida logo no início desta pesquisa, mas desta vez contrapondo-se a ela, uma vez que foi um bom ponto de partida, mas não de chegada. Com o desenvolvimento do trabalho, constatou-se que a preocupação da escritora Rachel de Queiroz não foi a de destacar a personagem feminina e, através dela, penetrar em aspectos do universo cultural nordestino, mas o contrário. Através de temas como a seca, o cangaço e o fanatismo, Rachel de Queiroz construiu uma imagem de mulher, capaz de quebrar com as convenções estabelecidas socialmente. Vilma Arêas confirma este fato ao colocar que, em *O quinze*, a conotação alegórica da seca é dada à Conceição, sublinhando a inversão do esquema clássico. Assim diz:

(...) uma leitura atenta pode compreender esta “seca” como figuração inesperada e original do caminho da mulher moderna de uma certa classe, “retirante às avessas” como diz João Cabral de Melo Neto referindo-se a uma outra situação, pois desloca-se do conforto das posições e proteções patriarcais para a secura de sua autoconstrução, necessariamente solitária e radical.²⁶¹

Na busca de seu próprio estilo de viver, suas conquistas pessoais, Conceição logo destrói o “clima de romance” que havia entre ela e Vicente. No início, Vicente verifica, pouco a pouco, que a prima o fitava com grandes olhos de admiração e carinho, que o considerava um animal superior e forte, à parte da mesquinharia e das intrigas em que se engalfinhavam os outros. Ele foi-lhe grato por essa simpatia, perdendo com ela a timidez receosa que o entravava, abrindo-lhe o seu coração de “menino crescido depressa demais, onde dormia, concentrada, muita energia desconhecida, muita força primitiva e virgem”.²⁶² Assim ele se confessa em devaneios, embora deixe claro a distância que a separa das demais:

Havia de ser quase um sonho ter, por toda a vida, aquela carinhosa inteligência a acompanhá-lo. E seduzia-o mais que tudo a novidade, o gosto de desconhecido que lhe traria a conquista de Conceição, sempre considerada superior no meio das outras, e que se

²⁶¹ ARÊAS, V. “Rachel...”, p. 94.

²⁶² QUEIROZ, R. de. *O quinze*, p. 44.

destacava entre elas como um lustro de seda dentro de um confuso montão de trapos de chita.²⁶³

Como pôde ser visto, porém, fica em suspenso toda a alusão feita ao romance de Vicente e Conceição. Isso também ocorre no episódio da Beata Maria do Egito e o Tenente João, pois a passividade é completa na Beata. E o duro entendimento de Vicente, que guarda para si toda a decepção, é, em João, um sem fim de lamúrias:

Tenente: – Mas você será mesmo louca? Depois desta noite... depois de tudo! [segura-a nos braços, sem se importar com a repulsa que ela mostra]. – Maria, agora tudo mudou!

Beata: – Eu não mudei. Abra aquela porta e me solte.

Tenente: – Não posso! Vou soltar você, sim, mas não aqui, no meio desses cabras. Não para você ser arrastada às trincheiras do Padre Cícero. Quero levar você comigo, mas para longe, para qualquer lugar do mundo onde não a conheçam, e a gente possa começar vida nova... [olha-a, sente-a rígida e cheia de repulsa – e afrouxa o abraço]. – Pelo menos era essa a minha idéia... era a minha esperança.

Beata (desprendendo-se-lhe das mãos): – Já vejo que me enganei... ou por outra, você me enganou.

Tenente: – Nunca enganei você! Mas é incrível você pensar... Como é que eu podia? Como é que, agora, eu podia largar você assim? Você é minha! Me quer bem... eu lhe quero bem... Quero até ao ponto de largar tudo – vida, profissão... até ao ponto de desertar! Às vezes penso que estou desatinado!

Beata: – Não lhe pedi nada disso.

Tenente: – Não foi porque você pedisse. Mas entenda: não digo só para convencer você, digo porque é verdade. Minha vida agora, está nas suas mãos. [Tenta segurar-lhe as mãos].²⁶⁴

Como pode ser observado nas análises dos textos realizadas ao longo deste trabalho, as mulheres construídas por Rachel de Queiroz são colocadas em um plano acima dos seus pares. Conceição pela força dos estudos; a Beata, pela fé. Caminho semelhante trilha Maria Moura, que também insiste em se desvencilhar de Cirino, dizendo, por sua vez, não ter se casado por nunca encontrar ninguém que valesse a pena – como revela insistentemente Conceição –, colocando-se numa posição excludente: ele ou eu.

²⁶³ Ibidem.

²⁶⁴ QUEIROZ, R. de. *A Beata...*, p. 39.

Da mesma forma como são alçadas a um plano superior por conquistas sociais, estas três personagens se tornam inatingíveis. Vejam-se as associações a imagens alegóricas de santos conhecidos. Todas elas se dedicam a uma causa maior, que não contempla a realização amorosa. Nas duas primeiras, a relação é mais direta, pois carregam no nome a referência hagiográfica: Nossa Senhora da Conceição e Santa Maria Egípcíaca, já bastante estudadas neste trabalho. À Maria Moura, a referência é tímida e feita uma única vez, mas nem por isso pouco significativa:

Quando cheguei em casa, depois de tomar banho e mudar de roupa, me enfeitei toda, o pescoço e os dedos, com os ouros da velha. E até arranjei um jeito de enfiar o pente no cabelo. Vim me mostrar para o pessoal, especialmente para a velha Libânia, que caiu de joelhos, de tão embelezada:

Sinhazinha até parece uma santa!

E o Roque corrigiu:

– Santa, só de saia e manto. Sinhá Dona parece mesmo é com São Jorge Guerreiro...²⁶⁵

Cumpre aqui, rapidamente, comentar a vida deste santo, buscando referendar o apontamento associativo realizado. Soldado romano decapitado pelo imperador Diocleciano, no ano 308, na Palestina, São Jorge é representado, pela arte, literatura e religiosidade popular do século XII, como soldado das cruzadas que, vestindo um manto, portando uma armadura com cruz vermelha e uma lança em punho, em seu nobre cavalo branco, vence o dragão do mal, da dominação e exclusão. Ele representa a força de Deus na luta dos excluídos e marginalizados da sociedade.

Como São Jorge, Maria Moura demonstra, no seu modo de acolher os escravos, fugidos dos seus senhores, e os perseguidos pela justiça, certa ânsia em retratar as injustiças sociais, numa atitude à Robin Wood, uma vez que devolve certa dignidade e confiança àqueles a quem oferece moradia na Casa Forte. Ela nunca tira dos que são pequenos, e se gaba disso, de só tomar dos que têm muito: assim não rouba, mas faz justiça.

A escritora Rachel de Queiroz confessa, em entrevista, obsessão em construir mulheres “danadas”, e isso se deve, talvez, ao ressentimento do que não foi, mas gostaria de ter sido. Desta forma, embora rompa com a convenção do feminino em todo o conjunto de sua obra ficcional, ela mesma põe limites a essas conquistas, ou seja, respeita a tradição da qual faz parte, mantendo ainda sua identidade original de dama senhorial. Isso pode ser

²⁶⁵ QUEIROZ, R. de. *Memorial...*, pp. 176-7.

observado na forma como cada protagonista feminina sua não se sustenta plenamente enquanto conquistadora, vindo a se trair pela sexualidade, ou seja, não se emancipam totalmente enquanto mulheres. Não se realizam afetivamente, são sempre incompletas.

Conceição opta pela solidão, sem que haja nenhuma insistência, por parte de Vicente, para que ela abandone sua decisão. O plano sexual e afetivo não é levado em conta pela Beata Maria do Egito, que prefere não responder às indagações e cobranças do Tenente, assim como desconsidera totalmente o ocorrido entre eles, enquanto momento de entrega e de prazer. Maria Moura nega os seus casos de amor, como se tivesse controle absoluto de sua sexualidade por ser matriarca, mas seu poder é ilusório, visto que não consegue o domínio sobre Cirino, sua grande paixão, levando-a a perder o próprio domínio.

Dessa forma, a inquietação dessas personagens, que não permite a elas se adequarem ao lar e à vida doméstica, permanece teimosamente em cada uma delas, levando Conceição a negar o amor; Beata, a alma; e Maria Moura, sua paixão avassaladora. Esse impedimento mantém-nas aquém de suas emancipações. O projeto de mulher impositiva parece escorregar nesse momento, demonstrando o que Rachel de Queiroz não consegue cumprir e que já vem revelado, de certa forma, nas matriarcas às avessas, mulheres que perpetuam o modelo patriarcal.

Outro fator presente em suas obras e que parece evidenciar a sua visão fortemente realista das classes sociais é o da hierarquia entre branco, mestiços e negros. Tanto em *O quinze*, quanto em *Dora*, *Doralina* e em *Memorial de Maria Moura*, são ressaltadas as devidas distâncias que os empregadores tomam da classe dos ex-escravos. Conceição desdenha, enciumada, da suposta relação de Vicente com Josefa, filha de empregado. Senhora agrega, no nome, a posição da mandante da fazenda, assim como Maria Moura no título de Dona da Casa Forte, perpetuando, num misto de orgulho classista, a auto-afirmação obtida pelo mando e ordenação. Ambas são intolerantes, verdadeiras matronas a subjugarem seus subordinados, que, alforriados, não adquirem hábito de homens livres, mas empregados submissos. Estas permanências levam Mônica Raisa Schpun a afirmar sobre a autora e sua obra *Memorial de Maria Moura*:

A violência, intrínseca ao conjunto de relações sociais representadas pela autora, não ameaça em nada a ordem vigente, da qual faz integralmente parte. A ruptura desenhada através do percurso de Moura vem certamente apoiada no discurso e nas práticas da violência, incontornáveis. Entretanto, não encontra aí seu verdadeiro motor de subversão.

Quanto às relações entre brancos, negros e mestiços, não somente a ordem estabelecida não parece encontrar-se ameaçada pelo eventual emprego da violência sob a forma de rebeldia, como não parece precisar, para se afirmar, de qualquer intervenção violenta, silenciadora.²⁶⁶

A esta afirmação, cabe lembrar que já foi atribuído a Rachel de Queiroz uma “curva ideológica paradoxal”, definida por Alfredo Bosi desta forma:

Ela passaria ‘do socialismo libertário de *Caminho de pedras* às crônicas (...) de espírito conservador. (...) Curva ideológica que se explica muito bem se inserida no roteiro do tenentismo que a condicionou; verbalmente revolucionário em 30, sentimentalmente liberal e esquerdizante em face da ditadura, acabou enfim, passada a guerra, identificando-se com a defesa passional das raízes do *status quo*’.²⁶⁷

Vista assim, Rachel de Queiroz pode ser definida como uma escritora do *status quo*. Mas, de outro lado, deve-se reservar-lhe um lugar especial na história de nossa literatura: a de uma pioneira, a primeira que inaugurou o discurso da mulher escritora, num momento em que a literatura era dominada por homens, e, através do conjunto de sua obra ficcional, conquistou o lugar da protagonista: a mulher nordestina emancipada, com todas as suas contradições.

²⁶⁶ SCHPUN, M. R. “Lé com lé...”, p. 186.

²⁶⁷ “Escritora defendia as raízes do *status quo*” in *Folha de São Paulo*, 5 nov. 2003.

Bibliografia

a) Da autora:

100 crônicas escolhidas. 6 ed. São Paulo: Siciliano, 1994.

A Beata Maria do Egito. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

A casa do morro branco. São Paulo: Siciliano, 1999.

A donzela e a Moura Torta. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

Andira. São Paulo: Siciliano, 1992.

As menininhas e outras crônicas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

As terras ásperas. São Paulo: Record/Altaya, 1993.

As três Marias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

Cafute & Pena de Prata. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

Caminho de pedras. 13 ed. São Paulo: Siciliano, 1992.

Cenas brasileiras: crônicas. São Paulo: Ática, 1995.

“Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras”, 4 nov 1977. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

Dôra, Doralina. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

João Miguel. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

Lampião. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

Memorial de Maria Moura. 5 ed. São Paulo: Siciliano, 1992.

O brasileiro perplexo. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1964.

O caçador de tatu. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

O galo de ouro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

O jogador de sinuca e mais historinhas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

O menino mágico. São Paulo: Siciliano, 1997.

O não me deixes – suas histórias e sua cozinha. São Paulo: Siciliano, 2000.

O padrezinho santo. 1 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

O quinze. 64 ed. São Paulo: Siciliano, 1993.

Vingança (para a tv)

b) Em parceria:

Brandão entre o mar e o amor. Com José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Aníbal Machado e Jorge Amado. São Paulo: Martins, 1942.

Matriarcas do Ceará: Dona Federalina de Lavras. Com Heloísa Buarque de Hollanda. Papéis Avulsos nº24, Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos, Escola de Comunicação / Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.

Elenco de cronistas modernos. Rachel de Queiroz et alii. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972.

Histórias do acontecerá. Com: Álvaro Malheiros, André Carneiro, Antônio Olinto, Clóvis Garcia, Dinah Silveira de Queiroz, León Eliachar, Zora Seljan. Rio de Janeiro: GRD, 1961.

Luís e Maria (cartilha de alfabetização de adultos). Com Marion Vilas Boas Sá Rego. São Paulo: Lisa, 1971.

“Main dialogues and readings” in *Modern Portuguese*. New York: Alfred A. Knopf, 1971.

Meu livro de Brasil (Educação Moral e Cívica - 1º grau), vols. 3, 4 e 5. Com Nilda Bethlem. Rio de Janeiro: José Olympio/Fename-Mec, 1971.

Nove elas são. Com Maria Eugênia Celso, Emi Bulhões de Carvalho, Dinah Silveira de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Ondina Ferreira, Leandro Dupré, Lasinha Luís Carlos, Francisca Barros Cordeiro. Rio de Janeiro: Freitas Barros, 1957.

“Noel Nutels” in *Memórias e depoimentos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

O mistério dos MMM. Com Viriato Corrêa, Dinah Silveira de Queiroz, Lúcio Cardoso, Herberto Sales, Jorge Amado, José Condé, Guimarães Rosa, Antônio Callado e Orígenes Lessa. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1962.

Os cem melhores contos brasileiros do século. Org. por Ítalo Moricone. Ed. Objetiva

Quatro vozes. Com Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Manuel Bandeira. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Tantos anos. Com Maria Luiza de Queiroz. São Paulo: Siciliano, 1998.

“Natal a bordo” (Conto). In *O natal através do conto*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1958.

c) Prefácios:

ALENCAR, José de. *Iracema – lenda do Ceará; Ubirajara – lenda tuí*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

_____. *Perfis de mulher, Lucíola, Diva, Senhora*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

_____. *Ubirajara*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

- ANÍSIO, Chico. *O enterro do anão*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BUTLER, Samuel. *Destino da carne*. Rio de Janeiro: José Olympio, s/d.
- CAFÉ Filho. *Do sindicato ao Catete: memórias políticas e confissões humanas*. V. 1 e 2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- CAMPOS, Moreira. *Dizem que os cães vêem coisas*. 2 ed. São Paulo: Maltese, 1993.
- _____. *O puxador de terço – contos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- CARVALHO, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem*. 13 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- COARACY, Vivaldo. *Paquetá*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- COSTA Filho, Odylo. *A faca e o rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- DRUON, Maurice. *O menino do dedo verde*. 14 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- FLAG, Suzana (pseudônimo de Nelson Rodrigues). *Minha vida*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- GALSWORTHY, John. *A crônica dos Forsyte*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.
- HESS, Erich Joachim. *Isto é o Brasil*. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- JARDIM, Luís. *Proezas do menino Jesus*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. *A moreninha*. Rio de Janeiro: Z. Valverde, 1945.
- MAGALHÃES, Juracy. *O último tenente*. Rio de Janeiro: Record.
- MEIRA, Sílvio. *Os naufragos do Carnapijó*. Rio de Janeiro: José Olympio, s/d.
- MELVILLE, Herman. *Moby dick*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- MOTA, Leonardo. *Sertão alegre* (poesia e linguagem do sertão nordestino). Rio de Janeiro: Edições de Ouro.
- PALMÉRIO, Mário. *Vila dos confins*. 22 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- REGO, José Lins do. *Eurídice*. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. *Menino de engenho*. 18 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- SUASSUNA, Ariano. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- TÁVORA, Juarez. *Uma vida e muitas lutas*. Vol. III. Rio de Janeiro: José Olympio, s/d.

d) Trabalhos esparsos:

- “Quais os dez melhores romances brasileiros? — Resposta de Rachel de Queiroz à pergunta: quais os melhores livros da ‘Brasília’”? *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, mai. 1941.
- “João Miguel” in *Dez romancistas falam de seus personagens*. Rio de Janeiro: Condé, 1946.
- “Como foi escrito *O quinze*” in *Revista Academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Inst. Ceará Ltda., ano LXXVII, nº37, 1976.
- “Literatura cearense” in *Revista Academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Imprensa Oficial do CE, ano LXXXII, nº38, 1977.
- “O cego Aderaldo” in DIÉGUES Jr., Manuel (org.). *Estudos da literatura popular em verso*. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: Edusp / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- “Centenário da padaria espiritual” in *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Inst. Ceará Ltda., Ano XCIII, nº49, 1991/92.
- “Discurso de Posse” à Academia Cearense de Letras. *Revista Academia Cearense de Letras*, ano XCIV, v.50, Fortaleza: Instituto Ceará, 1993/94.

e) Crônicas esparsas:

- “Propaguemos o ensino profissional”. *O Povo*, Fortaleza, 7 jan. 1928.
- “Poetas tristes”. *O Povo*, Fortaleza, 26 jan. 1928.
- “Pela vulgarização do sonho abenhaenga”. *O Ceará*, Fortaleza, 8 abr. 1928.
- “Nheengarêcaua”. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1930.
- “Raymundo Moraes e ‘O país das pedras verdes’” in *O povo*, Fortaleza, 14 de set. 1930.
- “Papangús”. *Boletim de Ariel*, nº 4, jan. 1932.
- “Luizinha, a manicura, conto”. *Rev. Semana*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1943.
- “Não jures pela lua inconstante” (Conto). In *Contos Brasileiros*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1944.
- “O pão nosso”. *O Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 out. 1944.
- “Futebol”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXI, nº 15, 29 jan. 1949.
- “Ano novo”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1950.
- “Televisão”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 50, 29 set. 1951.
- “Bourrage de crânes”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 51, 6 out. 1951.

“Viagem”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 52, 13 out. 1951.

“O jogo do bicho”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, 24 nov. 1951.

“Maria Candelária”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 20, 1 mar. 1952.

“Campinas”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 20, 15 mar. 1952.

“Goiânia”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 34, 7 jun. 1952.

“Viagem de volta”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 39, 12 jul. 1952.

“Problemas de feminismo”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 41, 26 jul. 1952.

“Josephine e sua associação anti-racista”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 49, 20 set. 1952.

“Caridade preventiva”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 1, 18 out. 1952.

“Chaplin”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, 1 nov. 1952.

“Cabo-Frio”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 9, 13 dez. 1952.

“O balanço obrigatório”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 13, 10 jan. 1953.

“Dicionários”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 15, 24 jan. 1953.

“Memórias da Rua do Ouvidor”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 16, 31 jan. 1953.

“Calor”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 17, 7 fev. 1953.

“A morte em 4 rodas”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 25, 4 abr. 1953.

“Futebol internacional”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 26, 11 abr. 1953.

“Mãe d’água”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 28, 25 abr. 1953.

“Seca, assunto nacional”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 29, 2 mai. 1953.

“Imperial”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 42, 1 ago. 1953.

“Coração”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 43, 8 ago. 1953.

“O rei floquinhos”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 46, 29 ago. 1953.

“Rodovias”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 51, 3 out. 1953.

“Aracate e Genebra”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 4, 7 nov. 1953.

“Brasil no Uruguai”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 6, 21 nov. 1953.

“Filhos perdidos”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 8, 5 dez. 1953.

“Último do ano”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 11, 26 dez. 1953.

“A epopéia paulista num romance”. *O Povo*, Fortaleza, 21 jan. 1954.

“São Paulo”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 15, 23 jan. 1954.

“Uma romancista”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 18, 13 fev. 1954.

“Prêmios literários”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 21, 6 mar. 1954.

“A água nem rolou”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1954.

“Assunto de dinheiro”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 23, 20 mar. 1954.
 “Assunção”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 24, 27 mar. 1954.
 “Mês de maio”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 29, 1 mai. 1954.
 “Novíssima geração”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 30, 8 mai. 1954.
 “Não me deixes”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 35, 12 jun. 1954.
 “O caminho de Pasárgada”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 37, 26 jun. 1954.
 “O congresso eucarístico e a cidade”. *O Povo*, Fortaleza, 10 jul. 1954.
 “A hora dramática”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 47, 4 set. 1954.
 “Sombra e luz”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 48, 11 set. 1954.
 “Do povo, para o povo, pelo povo”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 49, 18 set. 1954.
 “Teatro e gente de cor”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 3, 30 out. 1954.
 “Crônica partida em duas”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 27, 13 nov. 1954.
 “Aniversário”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 7, 27 nov. 1954.
 “Discos voadores”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 8, 4 dez. 1954.
 “Correspondência”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 12, 1 jan. 1955.
 “Professorandos no novo Atheneu”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 13, 8 jan. 1955.
 “Manual do bom turista”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 18, 12 fev. 1955.
 “Exit Paschoal”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 25, 2 abr. 1955.
 “Hiléia amazônica”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 26, 9 abr. 1955.
 “Capital nova, Brasil novo”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 27, 16 abr. 1955.
 “Aqui dél Rei”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 29, 30 abr. 1955.
 “Teatro para o Brasil”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 30, 7 mai. 1955.
 “A ordem dos jornalistas”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 31, 14 mai. 1955.
 “Mora na filosofia”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 32, 21 mai. 1955.
 “Br 4 e Br 13”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 39, 9 jul. 1955.
 “Fim de viagem”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 40, 16 jul. 1955.
 “Conversa de política”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 44, 13 ago. 1955.
 “Indústria hoteleira”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 4, 20 ago. 1955.
 “Perguntas de política”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 50, 24 set. 1955.
 “Ancar”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 53, 15 out. 1955.
 “Remate do ano”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 4, 12 nov. 1955.

“Os marcianos”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 7, 3 dez. 1955.

“Futebol em preto e branco”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVII, nº 11, 31 dez. 1955.

“Dezembro de 1955”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 12, 7 jan. 1956.

“Saci-Pererê”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 13, 14 jan. 1956.

“Literatura”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 14, 21 jan. 1956.

“Jornal”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 15, 28 jan. 1956.

“Montanha”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 19, 25 fev. 1956.

“O gênio engarrafado”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 20, 3 mar. 1956.

“Bandarilhas”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 22, 17 mar. 1956.

“Petróleo no Rio Grande do Norte”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 25, 7 abr. 1956.

“A lei Afonso Arinos”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 26, 14 abr. 1956.

“Notícias da ilha”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 27, 21 abr. 1956.

“A Sé nova de Fortaleza”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 30, 12 mai. 1956.

“Voz humana”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 33, 2 jun. 1956.

“Romance de pracinha”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 34, 9 jun. 1956.

“São João e São Pedro”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 35, 16 jun. 1956.

“Amor traído”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 36, 23 jun. 1956.

“Corpo de baile”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 37, 30 jun. 1956.

“Matar”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 38, 7 jul. 1956.

“Abre as asas sobre nós”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 49, 22 set. 1956.

“Fim de semana”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 50, 29 set. 1956.

“Dinheiro do povo”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 1, 20 out. 1956.

“Lei”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 2, 27 out. 1956.

“Vieira”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 5, 17 nov. 1956.

“O bem”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 7, 1 dez. 1956.

“Estrela-Guia”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 1), 22 dez. 1956.

“Santa”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 11, 29 dez. 1956.

“Vila dos confins”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 13, 12 jan. 1957.

“Três rapazes e um jipe”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 15, 26 jan. 1957.

“Ir à Europa”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 16, 2 fev. 1957.

“Alfabetização”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 18, 16 fev. 1957.

“Caso de incêndio”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 19, 23 fev. 1957.

“Açudes na serra”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 20, 2 mar. 1957.
 “Falar francês”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 26, 13 abr. 1957.
 “Goiás e a capital nova”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 27, 20 abr. 1957.
 “Caruaru”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 30, 11 mai. 1957.
 “Convivência de contrários”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 31, 18 mai. 1957.
 “Escrever literatura II”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 33, 1 jun. 1957.
 “Árvore da ciência”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 34, 8 jun. 1957.
 “Bichos e homens”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 40, 20 jun. 1957.
 “Marcoré”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 36, 22 jun. 1957.
 “Carta ao correio”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 37, 29 jun. 1957.
 “A nova literatura”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 41, 27 jul. 1957.
 “Clóvis”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 42, 3 ago. 1957.
 “Governo”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 43, 10 ago. 1957.
 “Feliz eleição”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 44, 17 ago. 1957.
 “Vão despejar a escolinha de arte”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 45, 24 ago. 1957.
 “Paz e amor em Portugal”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 46, 31 ago. 1957.
 “O galo na torre”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 47, 7 set. 1957.
 “Analfabetos”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 48, 14 set. 1957.
 “Mulher com febre”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 49, 21 set. 1957.
 “Poesia que canta”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 51, 5 out. 1957.
 “Little rock”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, nº 52, 12 out. 1957.
 “O sputnik”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 3, 2 nov. 1957.
 “Flamengos”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 4, 9 nov. 1957.
 “Medo”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 6, 23 nov. 1957.
 “Os ladrões de crianças”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 7, 30 nov. 1957.
 “Natal de livros”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 9, 14 dez. 1957.
 “História de natal”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 10, 21 dez. 1957.
 “Maria Antonieta”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 11, 28 dez. 1957.
 “A pedra encantada”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 13, 11 jan. 1958.
 “Poucos são os eleitos”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 14, 18 jan. 1958.
 “Livro novo”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 15, 25 jan. 1958.
 “Cigarras da Paraíba”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 16, 1 fev. 1958.

“Cartões de natal”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 17, 8 fev. 1958.
 “Dia santo no Maracanã”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 25, 29 mar. 1958.
 “Semana de Rondon”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 28, 19 abr. 1958.
 “A caça às feiticeiras”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 29, 26 abr. 1958.
 “Lúcia Benedetti e as crianças”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 31, 17 mai. 1958.
 “Os dormentes”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 38, 5 jul. 1958.
 “Os dois pintos – (para Cora)”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 42, 26 jul. 1958.
 “Cantiga de obrigado”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 44, 9 ago de 1958.
 “Teatro amador”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 45, 16 ago. 1958.
 “Eleições”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 47, 30 ago. 1958.
 “Nós, portugueses”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 48, 6 set. 1958.
 “O arcebispo e a seca”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 49, 13 set. 1958.
 “Mocidade transviada”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 51, 27 set. 1958.
 “De Gaulle”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, 4 out. 1958.
 “Antes da eleição”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, 11 out. 1958.
 “Rescaldo de fogo”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 1, 18 out. 1958.
 “Mar de histórias”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 2, 25 out. 1958.
 “Moacyr”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 3, 1 nov. 1958.
 “O hábito não faz o monge”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 4, 8 nov. 1958.
 “Enfermeiras, enfermagem”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXX, nº 5, 15 nov. 1958.
 “Na crista da onda”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 6, 22 nov. 1958.
 “Carta”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 7, 29 nov. 1958.
 “Cornélio”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 8, 6 dez. 1958.
 “Indisciplina? Provocação?”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 9, 13 dez. 1958.
 “Criar universidades”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 10, 20 dez. 1958.
 “A estrada perigosa”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 11, 27 dez. 1958.
 “Papai Noel”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 12, 3 jan. 1959.
 “Alarico”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 14, 17 jan. 1959.
 “O alto da compadecida”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 16, 31 jan. 1959.
 “Socorro!”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 17, 7 fev. 1959.
 “Meditações de janeiro”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 18, 14 fev. 1959.
 “Emagrecer”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 19, 21 fev. 1959.

“Vocabulário”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 21, 7 mar. 1959.

“Eletrônica”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 22, 14 mar. 1959.

“Openo”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 23, 21 mar. 1959.

“As flores”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 25, 4 abr. 1959.

“O novo herói”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 26, 11 abr. 1959.

“Um mundo novo”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 27, 18 abr. 1959.

“Felicitas”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 28, 25 abr. 1959.

“Questionários”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 33, 30 mai. 1959.

“Carta do Ceará”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 37, 27 jun. 1959.

“Segunda carta”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 38, 4 jul. 1959.

“Bibliotecas”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 39, 11 jul. 1959.

“Presidências”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 40, 18 jul. 1959.

“Nada é sagrado”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 42, 1 ago. 1959.

“La garçonne”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 43, 8 ago. 1959.

“Gastão”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 46, 29 ago. 1959.

“O dilema”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 50, 26 set. 1959.

“História de Beata”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 52, 10 out. 1959.

“Três assuntos cariocas”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 3, 31 out. 1959.

“Retificando impressões erradas”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 3, 4 nov. 1950.

“Vocação”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 4, 7 nov. 1959.

“Bienal”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 7, 28 nov. 1959.

“Um discurso”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 8, 5 dez. 1959.

“Livros de soldado”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 9, 12 dez. 1959.

“Nordestinos profissionais”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 10, 19 dez. 1959.

“Carta aberta aos juizes do Supremo Tribunal Federal”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 12, 2 jan. 1960.

“Literatura infantil”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 13, 9 jan. 1960.

“Três mortos no avião”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 14, 16 jan. 1960.

“Dois livros”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 15, 23 jan. 1960.

“Teatro Santa Rosa”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 17, 6 fev. 1960.

“José Amádio apresenta a Rachel de Queiroz que ninguém conhece”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 18, 13 fev. 1960.

“O sol que nasce”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 19, 18 fev. 1960.

“Cruz swastika”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 19, 20 fev. 1960.

“As matas”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 20, 25 fev. 1960.

“Jantar imperial”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 20, 27 fev. 1960.

“Ciência e governo”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 21, 4 mar. 1960.

“Oswaldo Goeldi, artista brasileiro”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 22, 11 mar. 1960.

“Festa”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 22, 12 mar. 1960.

“Carnaval e cinzas”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 23, 19 mar. 1960.

“Mudar”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 24, 25 mar. 1960.

“Inferno”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 24, 26 mar. 1960.

“Notícias do banco da providência 1”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 25, 2 abr. 1960.

“A enciclopédia brasileira”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 26, 8 abr. 1960.

“O caso do Dr. Vilhena”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 26, 9 abr. 1960.

“SOS por Teresópolis”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 27, 15 abr. 1960.

“Desta vez foi a água”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 27, 16 abr. 1960.

“Impressões de atropelada”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 28, 23 abr. 1960.

“Crise”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 29, 30 abr. 1960.

“O drama da África do Sul”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 30, 7 mai. 1960.

“Associação de assistência ao adolescente”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 31, 14 mai. 1960.

“Guanabara”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 32, 21 mai. 1960.

“A história do Brasil de Pedro Calmon”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 33, 28 mai. 1960.

“Cola eletrônica”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 35, 11 jun. 1960.

“Os retardatários eleitorais”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 39, 9 jul. 1960.

“Falta de quorum”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 41, 23 jul. 1960.

“A morte pendurada”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 42, 30 jul. 1960.

“Baleia”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 43, 6 ago. 1960.

“Fila do leite”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 44, 13 ago. 1960.

“Carta aberta ao futuro presidente”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 45, 20 ago. 1960.

“Um romance”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 47, 3 set. 1960.

“Volta Redonda”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 49, 17 set. 1960.

“Milton”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXII, nº 51, 1 out. 1960.

“Votar”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 1, 15 out. 1960.

“O tempo das falas novas”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 3, 29 out. 1960.

“Questionário”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 5, 12 nov. 1960.

“Moça”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 6, 19 nov. 1960.

“Dostoiewski em brasileiro”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 10, 17 dez. 1960.

“Cantiga do nascimento”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 11, 24 dez. 1960.

“Balanço de fim de ano”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 12, 31 dez. 1960.

“As duas mortes”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 30, 6 mai. 1961.

“Nordeste 1”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 30, 6 mai. 1961.

“Imigrantes”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 31, 13 mai. 1961.

“Nordeste 2”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 33, 27 mai. 1961.

“Carta do ‘Não-me-deixes’”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 34, 3 jun. 1961.

“Meu tio Adriano”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 36, 17 jun. 1961.

“Capital I”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 37, 24 jun. 1961.

“Capital II”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 38, 1 jul. 1961.

“Rebanho”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 40, 15 jul. 1961.

“Mundo”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 41, 22 jul. 1961.

“Aqui-del-rei, Brasília”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 42, 29 jul. 1961.

“Os dois romances de Amando Fontes”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 43, 5 ago. 1961.

“Notícias do banco da providência 2”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 44, 12 ago. 1961.

“David Nasser e o seu ‘Velho Capitão’”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 49, 16 set. 1961.

“Maré”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 50, 23 set. 1961.

“A tragédia no circo”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 14, 13 jan. 1962.

“Semana de arte moderna”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 22, 10 mar. 1962.

“Segunda carta ao patrão”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 27, 14 abr. 1962.

“Seja lá o que Deus quiser”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 1, 14 out. 1962.

“Açude”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 28, 21 abr. 1962.

“Caderno de viagem”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 38, 30 jun. 1962.

“Nacional”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 39, 7 jul. 1962.

“Preparação eleitoral”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 41, 21 jul. 1962.

“Colunista”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 42, 28 jul. 1962.

“Miss”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 45, 18 ago. 1962.

“O menino que nasceu duas vezes I”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 47, 1 set. 1962.

“O menino que nasceu duas vezes II”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 48, 8 set. 1962.

“Em órbita”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 49, 15 set. 1962.

“Baianos”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 52, 6 out. 1962.

“Alfabetização e cultura”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 1, 13 out. 1962.

“Cartas de leitores”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 2, 21 out. 1962.

“O aterro da glória”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 3, 28 out. 1962.

“Plebiscito”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXV, nº 5, 10 nov. 1962.

“ABC de 1961”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 6, 18 nov. 1962.

“O santo aposentado”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXV, nº 37, 25 jun. 1963.

“Liderança”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXV, nº 39, 6 jul. 1963.

“A carta de Pero Vaz de Caminha”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXVI, nº 17, 1 fev. 1964.

“Carta aos meninos”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXVI, nº 29, 25 abr. 1964.

“Os mestres das obras feitas”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXVI, nº 35, 6 jun. 1964.

“Ceará industrial”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXVI, nº 16, 23 jan. 1965.

“A carne é forte”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXVII, nº 4, 30 out. 1965.

“Os carcarás”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXVIII, nº 16, 22 jan. 1966.

“SOS”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXVIII, nº 24, 19 mar. 1966.

“Risco calculado”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, 11 set. 1966.

“O amigo do homem”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIX, nº 30, 22 abr. 1967.

“Retrato do Brasil I”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIX, nº 36, 3 jun. 1967.

“Retrato do Brasil II”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIX, nº 37, 10 jun. 1967.

“A morte provisória”. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIX, nº 47, 19 ago. 1967.

“Questionário do menino pequeno ante os mistérios do natal”. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1968.

“Colóquio 9”. *Revista de Letras*, Lisboa, 1972.

“As modas que vêm e vão”. *Estado de São Paulo*, 1996.

“Mercosul, esse desconhecido”. *Estado de São Paulo*, 1996.

“Óculos de grau”. *Estado de São Paulo*, 1996.

“Por falar em ano-novo”. *Estado de São Paulo*, 5 jan. 1996.

“Por falar em reeleições”. *Estado de São Paulo*, 12 jan. 1996.

“A nova família”. *Estado de São Paulo*, 19 jan. 1996.

“Cadê os nossos trens de ferro?”. *Estado de São Paulo*, 28 jan. 1996.

“A origem das espécies”. *Estado de São Paulo*, 2 fev. 1996.

“O presidente viaja”. *Estado de São Paulo*, 9 fev. 1996.

“Carnaval e quaresma”. *Estado de São Paulo*, 23 fev. 1996.

“Não saber ler nem escrever”. *Estado de São Paulo*, 8 mar. 1996.

“De boxe e futebol”. *Estado de São Paulo*, 22 mar. 1996.

“O coração dos homens”. *Estado de São Paulo*, 12 abr. 1996.

“Tem gente demais no mundo”. *Estado de São Paulo*, 1 mar. 1996.

“O mar e os donos do mar”. *Estado de São Paulo*, 19 abr. 1996.

“SOS pelas estradas”. *Estado de São Paulo*, 26 abr. 1996.

“Mundo mundo, vasto mundo”. *Estado de São Paulo*, 3 mai. 1996.

“Dia das mães”. *Estado de São Paulo*, 10 mai. 1996.

“O homem e a guerra”. *Estado de São Paulo*, 31 mai. 1996.

“A impossível arte de governar”. *Estado de São Paulo*, 21 jun. 1996.

“José Simeão Leal”. *Estado de São Paulo*, 5 jul. 1996.

“Essa questão de família”. *Estado de São Paulo*, 27 jul. 1996.

“Em busca do ouro”. *Estado de São Paulo*, 3 ago. 1996.

“É melhor não provar do fruto”. *Estado de São Paulo*, 28 set. 1996.

“Carta aberta ao ministro da Previdência Social”. *Estado de São Paulo*, 9 out. 1996.

“No tempo dos satélites”. *Estado de São Paulo*, 27 dez. 1996.

“As heranças”. *Estado de São Paulo*, 1997.

“Reeleições”. *Estado de São Paulo*, 17 jan. 1997.

“Armamento”. *Estado de São Paulo*, 24 jan. 1997.

“A partida de Antônio Callado”. *Estado de São Paulo*, 31 jan. 1997.

“Onde é a cracolândia?”. *Estado de São Paulo*, 15 fev. 1997.

“Herman Lima, um centenário”. *Estado de São Paulo*, 10 mar. 1997.

“Amor e casamento”. *Estado de São Paulo*, 22 mar. 1997.

“A matemática do tempo”. *Estado de São Paulo*, 29 mar. 1997.

“Os clones”. *Estado de São Paulo*, 29 mar. 1997.
 “Brasil brasileiro”. *Estado de São Paulo*, 12 abr. 1997.
 “A menina de São Paulo”. *Estado de São Paulo*, 26 abr. 1997.
 “Oração por Galdino, o índio morto”. *Estado de São Paulo*, 26 abr. 1997.
 “Saudades da garoa”. *Estado de São Paulo*, 17 mai. 1997.
 “Areia da praia”. *Estado de São Paulo*, 31 mai. 1997.
 “As memórias póstumas de Machado de Assis”. *Estado de São Paulo*, 21 jun. 1997.
 “A chave do tamanho”. *Estado de São Paulo*, 28 jun. 1997.
 “As melindrosas”. *Estado de São Paulo*, 28 jun. 1997.
 “Um bebê no caminhão do lixo”. *Estado de São Paulo*, 12 jul. 1997.
 “Bonito fim de festa”. *Estado de São Paulo*, 26 jul. 1997.
 “Masculino e feminino”. *Estado de São Paulo*, 27 jul. 1997.
 “Morro em país tropical”. *Estado de São Paulo*, 9 ago. 1997.
 “Profissão de mulher”. *Estado de São Paulo*, 16 ago. 1997.
 “O progresso e a usina de Itaipu”. *Estado de São Paulo*, 23 ago. 1997.
 “Nós e o oceano pacífico”. *Estado de São Paulo*, 6 set. 1997.
 “A morte da Cinderela”. *Estado de São Paulo*, 13 set. 1997.
 “O sócia”. *Estado de São Paulo*, 20 set. 1997.
 “O papa peregrino”. *Estado de São Paulo*, 27 set. 1997.
 “A condição de mulher”. *Estado de São Paulo*, 4 out. 1997.
 “O papa e o seu carisma”. *Estado de São Paulo*, 11 out. 1997.
 “A língua que falamos”. *Estado de São Paulo*, 18 out. 1997.
 “Conversa de arataca”. *Estado de São Paulo*, 25 out. 1997.
 “Liberdade, liberdade”. *Estado de São Paulo*, 1 nov. 1997.
 “Os perigos da ciência”. *Estado de São Paulo*, 1 nov. 1997.
 “O céu bonito para chover”. *Estado de São Paulo*, 8 nov. 1997.
 “Magreza de rico e de pobre”. *Estado de São Paulo*, 15 nov. 1997.
 “A fala da mocidade”. *Estado de São Paulo*, 29 nov. 1997.
 “Alerta aos meninos do trem”. *Estado de São Paulo*, 6 dez. 1997.
 “Direito e avesso”. *Estado de São Paulo*, 13 dez. 1997.
 “O rio continua lindo”. *Estado de São Paulo*, 14 dez. 1997.
 “Dia de natal”. *Estado de São Paulo*, 20 dez. 1997.

“Vasco da gama, tricampeão”. *Estado de São Paulo*, 27 dez. 1997.
 “Ano bom, ano-novo” – *Estado de São Paulo*, 3 jan. 1998.
 “Cem anos de Prestes”. *Estado de São Paulo*, 10 jan. 1998.
 “O problema das reeleições”. *Estado de São Paulo*, 17 jan. 1998.
 “Os escândalos americanos”. *Estado de São Paulo*, 31 jan. 1998.
 “Fábula da cidade grande”. *Estado de São Paulo*, 7 fev. 1998.
 “Pena de morte”. *Estado de São Paulo*, 7 fev. 1998.
 “Carnavália”. *Estado de São Paulo*, 21 fev. 1998.
 “Conversa de quaresma”. *Estado de São Paulo*, 28 fev. 1998.
 “O chamado ‘eterno feminino’”. *Estado de São Paulo*, 28 fev. 1998.
 “Três perguntas”. *Estado de São Paulo*, 7 mar. 1998.
 “Quadrilhas no sertão”. *Estado de São Paulo*, 14 mar. 1998.
 “A passagem do asteróide”. *Estado de São Paulo*, 21 mar. 1998.
 “As reeleições”. *Estado de São Paulo*, 28 mar. 1998.
 “Uma tradição nacional”. *Estado de São Paulo*, 4 abr. 1998.
 “A hora da cidadania”. *Estado de São Paulo*, 18 abr. 1998.
 “Açucenas e matriarcas”. *Estado de São Paulo*, 25 abr. 1998.
 “Brasília”. *Estado de São Paulo*, 2 mai. 1998.
 “Mãe é fogo”. *Estado de São Paulo*, 9 mai. 1998.
 “O cruel recomeço”. *Estado de São Paulo*, 9 mai. 1998.
 “Este mês é do mar”. *Estado de São Paulo*, 16 mai. 1998.
 “O bilingüismo emergente”. *Estado de São Paulo*, 23 mai. 1998.
 “O pior dos males”. *Estado de São Paulo*, 30 mai. 1998.
 “Amor, amor”. *Estado de São Paulo*, 6 jun. 1998.
 “Sonhando com o penta”. *Estado de São Paulo*, 6 jun. 1998.
 “Eleições e política”. *Estado de São Paulo*, 13 jun. 1998.
 “Conversa com o pessoal do sul”. *Estado de São Paulo*, 20 jun. 1998.
 “Sopa de letrinhas”. *Estado de São Paulo*, 27 jun. 1998.
 “A feminilidade”. *Estado de São Paulo*, 4 jul. 1998.
 “Os doces ingleses”. *Estado de São Paulo*, 4 jul. 1998.
 “O futebol e o rei”. *Estado de São Paulo*, 18 jul. 1998.
 “Como irá a Rússia?”. *Estado de São Paulo*, 1 ago. 1998.

“Dai-me gordura”. *Estado de São Paulo*, 2 ago. 1998.
 “Eleições, reeleições”. *Estado de São Paulo*, 8 ago. 1998.
 “Mãe África”. *Estado de São Paulo*, 15 ago. 1998.
 “O presidente americano”. *Estado de São Paulo*, 22 ago. 1998.
 “Meninos de rua”. *Estado de São Paulo*, 29 ago. 1998.
 “O 7 de setembro”. *Estado de São Paulo*, 5 set. 1998.
 “Reflexões sobre os niños”. *Estado de São Paulo*, 12 set. 1998.
 “O feminismo”. *Estado de São Paulo*, 13 set. 1998.
 “Coisas de criança”. *Estado de São Paulo*, 26 set. 1998.
 “Fazer o quê?”. *Estado de São Paulo*, 3 out. 1998.
 “Repercussão”. *Estado de São Paulo*, 9 out. 1998.
 “Formosura”. *Estado de São Paulo*, 10 out. 1998.
 “O mapa do bom caminho”. *Estado de São Paulo*, 17 out. 1998.
 “Trabalho feminino”. *Estado de São Paulo*, 17 out. 1998.
 “Fala o povo”. *Estado de São Paulo*, 24 out. 1998.
 “Os governantes”. *Estado de São Paulo*, 31 out. 1998.
 “Tempo de esperança”. *Estado de São Paulo*, 7 nov. 1998.
 “Poetas e poetisas”. *Estado de São Paulo*, 8 nov. 1998.
 “Aniversário de república”. *Estado de São Paulo*, 14 nov. 1998.
 “O ler e o escrever”. *Estado de São Paulo*, 21 nov. 1998.
 “Sonha quem pode”. *Estado de São Paulo*, 28 nov. 1998.
 “Deus está vendo”. *Estado de São Paulo*, 5 dez. 1998.
 “Mulher moderna”. *Estado de São Paulo*, 12 dez. 1998.
 “Toga, beca, batina”. *Estado de São Paulo*, 12 dez. 1998.
 “Boas festas, bom natal”. *Estado de São Paulo*, 19 dez. 1998.
 “Nós, pecadores...”. *Estado de São Paulo*, 26 dez. 1998.
 “Filho, quem dá é Deus?”. *Estado de São Paulo*, 2 jan. 1999.
 “A cobra que morde o rabo”. *Estado de São Paulo*, 9 jan. 1999.
 “A família moderna”. *Estado de São Paulo*, 16 jan. 1999.
 “Quarenta graus à sombra”. *Estado de São Paulo*, 23 jan. 1999.
 “Brasil agora”. *Estado de São Paulo*, 30 jan. 1999.
 “A imagem do homem”. *Estado de São Paulo*, 6 fev. 1999.

“O espírito de carnaval”. *Estado de São Paulo*, 6 fev. 1999.

“Os dias grandes”. *Estado de São Paulo*, 13 fev. 1999.

“Linguagem de carnaval”. *Estado de São Paulo*, 20 fev. 1999.

“A inquietação do começo do ano”. *Estado de São Paulo*, 6 mar. 1999.

“Bombeiros”. *Estado de São Paulo*, 13 mar. 1999.

“Quem sabe ler”. *Estado de São Paulo*, 13 mar. 1999.

“Marido, mulher e casamento”. *Estado de São Paulo*, 20 mar. 1999.

“A eterna litania”. *Estado de São Paulo*, 27 mar. 1999.

“A vida e as contingências”. *Estado de São Paulo*, 3 abr. 1999.

“O tempo e a vida”. *Estado de São Paulo*, 10 abr. 1999.

“Minas e os mineiros”. *Estado de São Paulo*, 17 abr. 1999.

“Mulher política”. *Estado de São Paulo*, 17 abr. 1999.

“Machado, Carolina e nós”. *Estado de São Paulo*, 24 abr. 1999.

“Primeiro de maio”. *Estado de São Paulo*, 1 mai. 1999.

“Amor de mãe”. *Estado de São Paulo*, 8 mai. 1999.

“Os paraísos fiscais”. *Estado de São Paulo*, 15 mai. 1999.

“A caça e a pesca”. *Estado de São Paulo*, 22 mai. 1999.

“Homem e mulher”. *Estado de São Paulo*, 22 mai. 1999.

“Campo e cidade”. *Estado de São Paulo*, 29 mai. 1999.

“Nós e a natureza”. *Estado de São Paulo*, 5 jun. 1999.

“O algodão salvador”. *Estado de São Paulo*, 12 jun. 1999.

“O vôo do helicóptero”. *Estado de São Paulo*, 19 jun. 1999.

“A eterna causa da emancipação feminina”. *Estado de São Paulo*, 26 jun. 1999.

“Bom tempo, mau tempo”. *Estado de São Paulo*, 26 jun. 1999.

“Variações sobre o poder”. *Estado de São Paulo*, 3 jul. 1999.

“Sempre o regresso”. *Estado de São Paulo*, 10 jul. 1999.

“Em tempo de paz”. *Estado de São Paulo*, 17 jul. 1999.

“Navegar é preciso”. *Estado de São Paulo*, 24 jul. 1999.

“O mistério da vida”. *Estado de São Paulo*, 31 jul. 1999.

“Já não se cantam pesares”. *Estado de São Paulo*, 7 ago. 1999.

“Maturidade precoce”. *Estado de São Paulo*, 14 ago. 1999.

“Mangerioba, democracia etc.”. *Estado de São Paulo*, 21 ago. 1999.

“Pequena história do dia-a-dia”. *Estado de São Paulo*, 28 ago. 1999.
 “Picasso – encontro ainda esperado”. *Estado de São Paulo*, 4 set. 1999.
 “E como será no próximo milênio”. *Estado de São Paulo*, 11 set. 1999.
 “Pedro, o mundo e os seus perigos”. *Estado de São Paulo*, 18 set. 1999.
 “O gesto final”. *Estado de São Paulo*, 25 set. 1999.
 “Perguntas e respostas”. *Estado de São Paulo*, 2 out. 1999.
 “Amor pós-moderno”. *Estado de São Paulo*, 9 out. 1999.
 “O incrível centenário”. *Estado de São Paulo*, 9 out. 1999.
 “A força que move o homem”. *Estado de São Paulo*, 16 out. 1999.
 “Morreu João Cabral, poeta”. *Estado de São Paulo*, 23 out. 1999.
 “Fanatismo”. *Estado de São Paulo*, 30 out. 1999.
 “O avião caiu”. *Estado de São Paulo*, 6 nov. 1999.
 “A queda do muro”. *Estado de São Paulo*, 13 nov. 1999.
 “Prego de biela”. *Estado de São Paulo*, 20 nov. 1999.
 “Paz e guerra”. *Estado de São Paulo*, 27 nov. 1999.
 “A vida se complica”. *Estado de São Paulo*, 4 dez. 1999.
 “As origens do nosso falar”. *Estado de São Paulo*, 4 dez. 1999.
 “Nosso velho problema”. *Estado de São Paulo*, 11 dez. 1999.
 “O eterno feminino”. *Estado de São Paulo*, 18 dez. 1999.
 “Pensamento de natal”. *Estado de São Paulo*, 25 dez. 1999.
 “Dois mil anos”. *Estado de São Paulo*, 1 jan. 2000.
 “Brasil 2000”. *Estado de São Paulo*, 15 jan. 2000.
 “Longevidade”. *Estado de São Paulo*, 22 jan. 2000.
 “O milênio” – *Estado de São Paulo*, 22 jan. 2000.
 “Chegou janeiro”. *Estado de São Paulo*, 29 jan. 2000.
 “Cada um na sua”. *Estado de São Paulo*, 5 fev. 2000.
 “O saber e o falar”. *Estado de São Paulo*, 12 fev. 2000.
 “Cozinha sertaneja”. *Estado de São Paulo*, 19 fev. 2000.
 “O futuro nos aguarda”. *Estado de São Paulo*, 26 fev. 2000.
 “Cidade grande”. *Estado de São Paulo*, 4 mar. 2000.
 “Tarde no Rio”. *Estado de São Paulo*, 11 mar. 2000.
 “Progresso”. *Estado de São Paulo*, 18 mar. 2000.

“Escrever”. *Estado de São Paulo*, 25 mar. 2000.

“Armas de fogo”. *Estado de São Paulo*, 1 abr. 2000.

“Espanha”. *Estado de São Paulo*, 8 abr. 2000.

“Seu Kamura”. *Estado de São Paulo*, 22 abr. 2000.

“Quem vê cara não vê coração”. *Estado de São Paulo*, 29 abr. 2000.

“Os tumultuados 500 anos”. *Estado de São Paulo*, 6 mai. 2000.

“Este mundo e os outros mundos”. *Estado de São Paulo*, 13 mai. 2000.

“A difícil adolescência”. *Estado de São Paulo*, 20 mai. 2000.

“O homem e suas máquinas”. *Estado de São Paulo*, 27 mai. 2000.

“A imagem feminina”. *Estado de São Paulo*, 3 jun. 2000.

“Noite”. *Estado de São Paulo*, 10 jun. 2000.

“Meu irmão mais velho”. *Estado de São Paulo*, 17 jun. 2000.

“Senhora Juíza”. *Estado de São Paulo*, 24 jun. 2000.

“O poder real”. *Estado de São Paulo*, 1 jul. 2000.

“O fim das famílias numerosas”. *Estado de São Paulo*, 8 jul. 2000.

“Eu e o meu bisneto Pedro”. *Estado de São Paulo*, 15 jul. 2000.

“Barbosa Lima Sobrinho”. *Estado de São Paulo*, 22 jul. 2000.

“Inverno e verão”. *Estado de São Paulo*, 29 jul. 2000.

“A voz da cidade”. *Estado de São Paulo*, 5 ago. 2000.

“Mão-de-obra”. *Estado de São Paulo*, 12 ago. 2000.

“Mancha assassina”. *Estado de São Paulo*, 19 ago. 2000.

“Velhos carros”. *Estado de São Paulo*, 26 ago. 2000.

“Novos horizontes”. *Estado de São Paulo*, 2 set. 2000.

“Tempos antigos”. *Estado de São Paulo*, 9 set. 2000.

“A nova linguagem”. *Estado de São Paulo*, 16 set. 2000.

“Bonecas russas”. *Estado de São Paulo*, 23 set. 2000.

“Os pássaros”. *Estado de São Paulo*, 30 set. 2000.

“Onde está esse coração?”. *Estado de São Paulo*, 7 out. 2000.

“O estado e o direito de matar”. *Estado de São Paulo*, 14 out. 2000.

“Lazer”. *Estado de São Paulo*, 21 out. 2000.

“Brasil, capital Brasília”. *Estado de São Paulo*, 28 out. 2000.

“Amor e poder”. *Estado de São Paulo*, 4 nov. 2000.

“Jogo de bola”. *Estado de São Paulo*, 11 nov. 2000.

“Os tecnocratas”. *Estado de São Paulo*, 18 nov. 2000.

“Os noventa”. *Estado de São Paulo*, 23 nov. 2000.

“Este céu, este mar, esta gente feliz”. *Estado de São Paulo*, 2 dez. 2000.

“Meio ambiente”. *Estado de São Paulo*, 9 dez. 2000.

“O nordestino continua emigrando”. *Estado de São Paulo*, 16 dez. 2000.

“Lavínia e a sua história de natal”. *Estado de São Paulo*, 23 dez. 2000.

“O milênio, o rural e o urbano”. *Estado de São Paulo*, 6 jan. 2001.

“De um punhado de barro”. *Estado de São Paulo*, 12 jan. 2001.

“Você tem medo da morte?”. *Estado de São Paulo*, 20 jan. 2001.

“Os sete pecados capitais”. *Estado de São Paulo*, 3 fev. 2001.

“Titanic”. *Estado de São Paulo*, 10 fev. 2001.

“Posse de armas”. *Estado de São Paulo*, 17 fev. 2001.

“Tempo de carnaval”. *Estado de São Paulo*, 24 fev. 2001.

“Tudo mudou”. *Estado de São Paulo*, 3 mar. 2001.

“Ainda o carnaval”. *Estado de São Paulo*, 10 mar. 2001.

“Um rei caído”. *Estado de São Paulo*, 24 mar. 2001.

“O drama de todo dia”. *Estado de São Paulo*, 31 mar. 2001.

“Tragédia no mar”. *Estado de São Paulo*, 7 abr. 2001.

“Aleluia”. *Estado de São Paulo*, 14 abr. 2001.

“A variedade na suposta unidade”. *Estado de São Paulo*, 15 abr. 2001.

“Antes que cheguem as estatísticas”. *Estado de São Paulo*, 21 abr. 2001.

“O ouro e as águas”. *Estado de São Paulo*, 28 abr. 2001.

“Os trezentos de Gedeão”. *Estado de São Paulo*, 5 mai. 2001.

“Existe outra saída, sim”. *Estado de São Paulo*, 12 mai. 2001.

“O mistério do poder”. *Estado de São Paulo*, 19 mai. 2001.

“Ai que saudade”. *Estado de São Paulo*, 26 mai. 2001.

“O retorno da escuridão”. *Estado de São Paulo*, 2 jun. 2001.

“O círculo vicioso”. *Estado de São Paulo*, 9 jun. 2001.

“O meu embaixador em Paris”. *Estado de São Paulo*, 16 jun. 2001.

“Enxertando a vida”. *Estado de São Paulo*, 21 jun. 2001.

“Variações sobre o fim do mundo”. *Estado de São Paulo*, 23 jun. 2001.

“Falem também na música, nas flores e nos amores”. *Estado de São Paulo*, 30 jun. 2001.

“Mande o seu recado”. *Estado de São Paulo*, 7 jul. 2001.

“Comunicação direta e imediata”. *Estado de São Paulo*, 14 jul. 2001.

“O padrasto”. *Estado de São Paulo*, 28 jul. 2001.

“Novas praias no mapa”. *Estado de São Paulo*, 4 ago. 2001.

“Os zangões estão a postos”. *Estado de São Paulo*, 11 ago. 2001.

“O fantasma atrás da porta”. *Estado de São Paulo*, 18 ago. 2001.

“Mais uma vez”. *Estado de São Paulo*, 25 ago. 2001.

“Religião e política”. *Estado de São Paulo*, 1 set. 2001.

“Quem prende o guarda?”. *Estado de São Paulo*, 8 set. 2001.

“A mocinha e o bê-a-bá”. *Estado de São Paulo*, 15 de set. 2001.

“Terror”. *Estado de São Paulo*, 22 set. 2001.

“A força da gravidade”. *Estado de São Paulo*, 29 set. 2001.

“Levanta os olhos e olha o céu”. *Estado de São Paulo*, 06 out. 2001.

“As vozes do calabouço”. *Estado de São Paulo*, 13 out. 2001.

“Prazeres”. *Estado de São Paulo*, 20 out. 2001.

“Nós e as formigas”. *Estado de São Paulo*, 27 out. 2001.

“Os novos malabaristas”. *Estado de São Paulo*, 7 nov. 2001.

“O coreto e a orquestra”. *Estado de São Paulo*, 10 nov. 2001.

“Eternidade”. *Estado de São Paulo*, 17 nov. 2001.

“Os portões que não foram”. *Estado de São Paulo*, 21 nov. 2001.

“A grande eleição”. *Estado de São Paulo*, 1 dez. 2001.

“Voto não leva assinatura”. *Estado de São Paulo*, 8 dez. 2001.

“O nono lugar”. *Estado de São Paulo*, 15 dez. 2001.

“O sonho de um velho padre”. *Estado de São Paulo*, 22 dez. 2001.

“A fábula do homem e o seu garrafão”. *Estado de São Paulo*, 5 jan. 2002.

“Esse estranho animal”. *Estado de São Paulo*, 19 jan. 2002.

“Assim caminha a humanidade”. *Estado de São Paulo*, 26 jan. 2002.

“Morrer sonhando”. *Estado de São Paulo*, 2 fev. 2002.

“2003”. *Estado de São Paulo*, 4 fev. 2002.

“Imperatriz, Mangueira, Beija-flor, etc.”. *Estado de São Paulo*, 9 fev. 2002.

“Quem com o ferro fere...”. *Estado de São Paulo*, 16 fev. 2002.

“Do nordeste ao infinito”. *Estado de São Paulo*, 25 fev. 2002.

“Soberania”. *Estado de São Paulo*, 2 mar. 2002.

“Muito além do rock”. *Estado de São Paulo*, 9 mar. 2002.

“Estamos quase ultrapassando a linha divisória”. *Estado de São Paulo*, 18 mar. 2002.

“O imaginário mágico”. *Estado de São Paulo*, 23 mar. 2002.

“Conversa de rua”. *Estado de São Paulo*, 30 mar. 2002.

“Sacadura vem de bonde...”. *Estado de São Paulo*, 06 abr. 2002.

“A praga dos novos tempos”. *Estado de São Paulo*, 13 abr. 2002.

“Ah, a vaidade literária!”. *Estado de São Paulo*, 22 abr. 2002.

“Queremos melhoramentos!”. *Estado de São Paulo*, 27 abr. 2002.

“As várias faces da violência”. *Estado de São Paulo*, 4 mai. 2002.

“Nós, os futuros fósseis”. *Estado de São Paulo*, 11 mai. 2002.

“O saber que é feito de experiências”. *Estado de São Paulo*, 18 mai. 2002.

“Tanta sabedoria junta”. *Estado de São Paulo*, 25 mai. 2002.

“Um pão por dia”. *Estado de São Paulo*, 1 jun. 2002.

“Os sonhos e a realidade”. *Estado de São Paulo*, 8 jun. 2002.

“O jargão dos sábios”. *Estado de São Paulo*, 15 jun. 2002.

“Ainda há um jeito de viver”. *Estado de São Paulo*, 26 jun. 2002.

“É bom não esquecer...”. *Estado de São Paulo*, 29 jun. 2002.

“Afinal, não temos poderes divinos”. *Estado de São Paulo*, 6 jul. 2002.

“Na trilha de Herodes”. *Estado de São Paulo*, 14 jul. 2002.

“Amor, eterno amor”. *Estado de São Paulo*, 20 jul. 2002.

“Não uma promessa, mas um vácuo”. *Estado de São Paulo*, 29 jul. 2002.

“Uma espécie em extinção”. *Estado de São Paulo*, 3 ago. 2002.

“Alfazema, velhice e mocidade”. *Estado de São Paulo*, 10 ago. 2002.

“Um prato de feijão”. *Estado de São Paulo*, 17 ago. 2002.

“Um pouco de nostalgia”. *Estado de São Paulo*, 24 ago. 2002.

“A nave em perigo”. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 31 ago. 2002.

“A vida em pedaços”. *Estado de São Paulo*, 7 set. 2002.

“Os aprendizes”. *Estado de São Paulo*, 14 set. 2002.

“Uma outra classe emergente”. *Estado de São Paulo*, 21 set. 2002.

“Pega leve! O cidadão é de menor”. *Estado de São Paulo*, 28 set. 2002.

“O nosso voto livre”. *Estado de São Paulo*, 5 out. 2002.

“Ser alguém”. *Estado de São Paulo*, 12 out. 2002.

“Livro, televisão, internet”. *Estado de São Paulo*, 19 out. 2002.

“Curumim”. *Estado de São Paulo*, 26 out. 2002.

“Ordem e progresso”. *Estado de São Paulo*, 2 nov. 2002.

“Culto aos mortos”. *Estado de São Paulo*, 9 nov. 2002.

“Agora quero falar de flores”. *Estado de São Paulo*, 16 nov. 2002.

“O dia da consciência negra”. *Estado de São Paulo*, 23 nov. 2002.

“Os heróis”. *Estado de São Paulo*, 30 nov. 2002.

“Comida”. *Estado de São Paulo*, 7 dez. 2002.

“Tempos inseguros, tempos sem continuidade”. *Estado de São Paulo*, 14 dez. 2002.

“As feiras”. *Estado de São Paulo*, 21 dez. 2002.

“Vadiações de antigamente”. *Estado de São Paulo*, 28 dez. 2002.

“Um punhado de areia (I)”. *Estado de São Paulo*, 11 de jan. 2003.

“Um punhado de areia (II)”. *Estado de São Paulo*, 18 de jan. 2003.

“Cara de leão, alma de macaco”. *Estado de São Paulo*, 25 jan. 2003.

“Ave real”. *Estado de São Paulo*, 1 fev. 2003.

“Menina e moça”. *Estado de São Paulo*, 8 fev. 2003.

“Mármore e cimento”. *Estado de São Paulo*, 16 fev. 2003.

“A entrevista”. *Estado de São Paulo*, 22 fev. 2003.

“Amais-vos uns aos outros”. *Estado de São Paulo*, 1 mar. 2003.

“Arte e técnica”. *Estado de São Paulo*, 8 mar. 2003.

“Enfim, o Juazeiro”. *Estado de São Paulo*, 15 mar. 2003.

“A ‘inspiração’ não vem para todos”. *Estado de São Paulo*, 22 mar. 2003.

f) Sobre a autora:

- ABDALA Jr., Benjamin. “Utopia e ideologia em *O quinze*, de Rachel de Queiroz” in *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Natal: UFRN Universitária, 1995.
- AGUIAR, Adonias Filho. “A Beata Maria do Egito”. *Revista Leitura*, Rio de Janeiro, nº 12, ano XVI, junho, 1958.
- _____. “Rachel de Queiroz” in *O romance brasileiro de 30*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1969.
- _____. “O romance *O quinze*” in *O quinze*. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. “A prosa da região luz (a seca na literatura regionalista)” in *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)*. Dissertação de Mestrado, IFCH-UNICAMP, Campinas, 1988.
- _____. *O engenho anti-moderno: a invenção do nordeste*. Tese de Doutorado, IFCH, Unicamp, 1994.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- ALVES, Osvaldo. “Um romancista no meio do povo”. *Revista Leitura*, Rio de Janeiro, 1943.
- AMADO, Gilberto. “Rachel de Queiroz, escritor profissional” in *100 crônicas escolhidas*. Obra reunida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- AMADO, Jorge. “Rachel de Queiroz” in *30 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1961.
- AMANCIO, Moacir (org.). “Rachel de Queiroz” in *Cronistas do estado*. São Paulo: Estado de São Paulo, 1991.
- ANDRADE, Almir. “Rachel de Queiroz” in *Aspectos da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1939.
- ANDRADE, Mário. “As três Marias” in *O empalhador de passarinho*. 3 ed. São Paulo: Livraria Martins/INL-MEC, 1972.
- _____. “Rachel de Queiroz” in *Taxi e crônicas no diário nacional*. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- Antologia cearense*. 1ª série. (org.) Academia Cearense de Letras. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1957.
- Anuário da Academia Brasileira de Letras – 1993-1997*. Rio de Janeiro, 1997.
- ARAUJO, Antonio Augusto Pessoa de. *Rachel de Queiroz - Dôra, Doralina: texto e contexto*. Tese de Mestrado em literatura brasileira. Brasília, UnB, 1988.
- ARÊAS, Vilma. “Rachel: o ouro e a prata da casa” in *Cadernos de literatura brasileira – Rachel de Queiroz*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, no. 4, set. 1997, pp. 87-102.

- ATHAYDE, Tristão de (Alceu Amoroso Lima). “Rachel” in *Meio século de presença literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- _____. *Estudos*. 5ª série. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1935, pp. 93-6.
- AZEVEDO, Sânzio de (org.). “Rachel de Queiroz e o romance da seca” in *Dez ensaios de literatura cearense*. Fortaleza: Edições UFC, 1985.
- BANDEIRA, Manuel. “Raquel de Queiroz” in *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- BARBOSA, Maria de Lourdes Dias Leite. *Caminhos e descaminhos das protagonistas de Rachel de Queiroz*. Dissertação de Mestrado. Centro de Humanidades – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1996.
- _____. *Protagonistas de Rachel de Queiroz — caminhos e descaminhos*. Campinas: Pontes, 1999.
- BARBOSA, Renata Tatiana Castro. *A feminilidade em ‘Dôra, Doralina’ de Rachel de Queiroz*. Monografia do Curso de Letras. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1998.
- BARROSO, Maria Alice. A mulher na literatura brasileira. In *Seminário de Literatura Brasileira – ensaios*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.
- BARROSO, Olga Monte. “Rachel de Queiroz” in *Quem são elas*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1992.
- BEZERRA, Capitão João. *Como dei cabo de Lampião*. Recife: Massangana, 1983.
- BLOCH, Adolfo et alii. *Rachel de Queiroz: os oitenta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- BOSI, Alfredo. “Rachel de Queiroz” in *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- BRUNO, Haroldo. *Rachel de Queiroz* (crítica, bibliografia, biografia, seleção de textos, iconografia). Rio de Janeiro/Brasília, Cátedra/INL-MEC, 1977.
- CAMARGO, Luís Gonçales Bueno de. *Uma história do romance brasileiro de 30*. Tese de Doutorado. IEL-UNICAMP, Campinas, 2001.
- _____. “Romance proletário em Rachel de Queiroz ou vendo o lado de fora pelo lado de dentro” in *Revista de Letras*. Curitiba: UFPR, nº 47, 1997.
- CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. *Literatura e sociedade*. 5 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- _____. “Literatura y subdesarrollo” in MORENO, César Fernández (coord.). *América Latina em su literatura*. México: Siglo veintiuno editores s/a, Unesco, 1972.
- CÂNDIDO, Antônio & CASTELLO, José Aderaldo. “Rachel de Queiroz” in *Presença da literatura brasileira*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- CARPEAUX, Otto Maria. “Rachel de Queiroz” in *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.

- CARRASCO, Walcyr. “Cabra-macho e Sinhazinha”. Rev. *Veja*, SP, 02 set. 1992.
- CARVALHO, Beni. “Rachel de Queiroz e o seu romance social” in *De florete e de luvas*. Fortaleza: Assis Bezerra, 1935.
- CARVALHO, Francisco. “Memorial de Maria Moura” in *Textos e contextos*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1995.
- CARVALHO, José Cândido de. “Louvação para os 40 anos de João Miguel” in *João Miguel*. 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- CASTELLO, José Aderaldo. Um romance de emancipação” in *As três Marias*. 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. “Raquel de Queiroz” in *Novíssima antologia da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro/São Paulo/Fortaleza: J. Ozon, s/d.
- CHIAPPINI, Lígia. “Rachel de Queiroz: invenção do Nordeste e muito mais” in CHIAPPINI, Lígia e BRESCIANI, Maria Stella. (orgs.) *Literatura e cultura no Brasil*. Identidades e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2002.
- COELHO, Jacinto Prado do. *Dicionário de literatura*. vol. II. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Publicações, 1969.
- COSTA, Dante. “Sobre o romance brasileiro” in *Os olhos nas mãos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- COSTA, Maria Osana de Medeiros. *Ideologia e contra-ideologia na obra de Rachel de Queiroz*. Tese de Mestrado em Literatura Brasileira. PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1973.
- COUTINHO, Afrânio. “Raquel de Queiroz” in *A literatura no Brasil*. vol. V. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1970.
- Dicionário de mulheres do Brasil – de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- DUARTE, Eduardo de Assis. “Rachel de Queiroz - literatura e política no feminino” in *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Natal: UFRN Ed. Universitária, 1995.
- FARIA, Otacvio de. “O novo romance de Rachel de Queiroz”. Rio de Janeiro, *Boletim de Ariel*, I/7, abril de 1932, p. 8.
- FIUZA, Marília Gabriela Machado. *A força da mulher guerreira em ‘Memorial de Maria Moura’*. Monografia do Curso de Letras. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1998.
- FRANCE, Anatole. *Thaïs*. Paris: Calmann-Lévi, 1920.
- GALLEGOS, Romulo. *Doña Bárbara*. 8 ed. Barcelona: Casa Editorial Araluce, 1929.
- GOMES, Renato Cordeiro. “Perfil de Rachel de Queiroz” e “A obra de Rachel de Queiroz” in *Seleção de Rachel de Queiroz*. Brasília/Rio de Janeiro: INL/MEC, 1973.
- GRIECCO, Agrippino. “De Rachel de Queiroz a Moacir Andrade” in *Gente nova do Brasil*, 2 ed. rev. Rio de Janeiro, José Olympio, 1948.

- _____. “Regionalistas e cidadãos” in *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1947.
- _____. “Quatro poetisa” in *Evolução da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1947.
- GUINSBURG, J. “Três romances que vencem o tempo” in *Motivos*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964.
- GURGEL, Ítalo. *Uma leitura íntima de ‘Dôra, Doralina’*: a lição dos manuscritos. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1997.
- _____. “Dôra, Doralina. Uma eloqüente história de amor” in *Vestletras*, Fortaleza: O Povo, 1998.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque. “O ‘éthos’ Rachel” in *Cadernos de literatura brasileira – Rachel de Queiroz*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, no. 4, set. 1997, pp. 103-15.
- JACINTA, Maria. “A Beata Maria do Egito” in *Revista Leitura*, nº 29, Ano XVIII, nov. 1959, Rio de Janeiro.
- LANDIM, Teoberto. *Seca – a estação do inferno*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1992.
- LIMA, Espiridião de Queiroz. *Antiga família do sertão*. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1946.
- LIMA, Herman. “Rachel de Queiroz” in *O caçador de tatu*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- LUFT, Celso Pedro. “Rachel de Queiroz” in *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. 3 ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- MACIEL, Ayrton. *A história secreta – prontuários do Dops*. Recife: Bagaço, 2000.
- MAGALHÃES Jr., Raimundo. “O conto feminino” in *Panorama do conto brasileiro*. v. 10. RJ, SP, BA: Civilização Brasileira, 1959.
- MARTINS, Wilson. *Pontos de vista*. vols. 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 10 e 12. São Paulo: T. A. Queiroz, 1995.
- _____. “Rachel de Queiroz em perspectiva” in *Cadernos de literatura brasileira – Rachel de Queiroz*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, no. 4, set. 1997, pp. 69-86.
- MELLO, Consuelo dos Reis e. “As duas Racheis” in *Revista Leitura*, nº 42, Ano XIX, Rio de Janeiro, dez. 1960.
- MELLO, José Geraldo Pires de. “Rachel de Queiroz e seu romance *O quinze*” in *Revista da Academia Brasiliense de Letras*. Brasília, nº VIII, 1988.
- MENDES, Marlene Carmelinda Gomes. *Edição crítica em uma perspectiva genética de ‘As três Marias’ de Rachel de Queiroz*. Tese de doutorado em Literatura Brasileira. USP, São Paulo, 1996.
- MENEZES, Raimundo de. “Rachel de Queiroz” in *Dicionário literário brasileiro*. 2 ed. São Paulo: LTC, 1978.
- MESQUITA, Esmeralda Ribeiro (org.). *Exposição Rachel de Queiroz 40º aniversário de ‘O quinze’*. Rio de Janeiro: MEC/Conselho Federal de Cultura, 1970.

- MONTEIRO, Adolfo Casais. “Rachel de Queiroz” in *O romance* (teoria e crítica). Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- _____. “Um romance que não envelheceu” in *O quinze*. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- MONTELLO, Josué. “Revisão do romance nordestino de 30” in *O romance de 30 no nordeste*. Seminário realizado no ano de 1981 na Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Proed, 1983.
- MONTENEGRO, Braga. “João Miguel, romance?” in *Correio retardado* – estudos de crítica literária. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966.
- MONTENEGRO, Olívio. “Rachel de Queiroz” in *O romance brasileiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- MONTENEGRO, Pedro Paulo. “O romance de 30 no nordeste” in *O romance de 30 no nordeste*. Seminário realizado no ano de 1981 na Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Proed, 1983.
- MOREIRA, Audenira Tavares Xavier. *A condição feminina no romance ‘Dôra, Doralina’, de Rachel de Queiroz*. Monografia do Curso de Letras. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1999.
- MOURÃO, Rui. O romance brasileiro hoje. In *Seminários de Literatura Brasileira* – ensaios. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.
- MUNERATO, Elice. “Raquel faz o que pode”. Rev. *Isto é*, 17 ago. 1977.
- Nova enciclopédia Barsa*. Vol. 12. Rio de Janeiro/São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publ. Ltda., 1997.
- OLIVEIRA, Américo Lopes de. *Dicionário de mulheres célebres*. Porto: Lello & Irmão, 1981.
- PAES, José Paulo e MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- PALLOTTINI, Renata. “A mulher na dramaturgia brasileira” in COELHO, Nelly Novaes. *Feminino singular*. São Paulo: GRD; Rio Claro: Arquivo Municipal, 1989.
- PEREZ, Renard. “Rachel de Queiroz” in *Escritores brasileiros contemporâneos*. 2 ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1970.
- PINTO, Cristina Ferreira. *O bildungroman feminino: quatro exemplos brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- PONTES, Joel. “Rachel de Queiroz” in *Pequeno dicionário da literatura brasileira*. (org. e dir. José Paulo Paes e Massaud Moisés). São Paulo: Cultrix, 1967.
- PONTES, José Osvaldo. “Monumento em homenagem a Rachel de Queiroz” in *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Anais de 1978, jul-dez, vol. 136.
- PORTELA, Eduardo. “Literatura e revolução em 30” in *O romance de 30 no nordeste*. Seminário realizado no ano de 1981 na Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Proed, 1983.

- PRADO, Décio de Almeida. “Lampião” in *Apresentação do teatro brasileiro moderno*. São Paulo: Livraria Martins, 1956.
- PRATA, Ranulpho. *Lampião*. São Paulo: Traço, s/d.
- RAMOS, Graciliano. “Decadência do romance brasileiro”. *Revista Literatura*. Ano 1, nº 1. Rio de Janeiro, set. 1946.
- _____. “Caminho de pedras” in *Linhas tortas*. 16 ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- RIBEIRO, Edsonízia Mendonça. *Análise literária do romance ‘Dôra, Doralina’ de Rachel de Queiroz*. Monografia do Curso de Letras. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1999.
- RIBEIRO, João. “Rachel de Queiroz” in *Crítica: os modernos*. (org.) Mucio Leão. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, vol. IX, 1952.
- RICARDO, Cassiano. “Os 40 anos d’*O quinze*” in *O quinze*. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- RICCIARDI, Giovani. *Auto-retratos*. v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- RÓNAI, Paulo. “A Beata Maria do Egito” in *Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1958.
- SÁ e MIRANDA, Francisco de. *A egipciaca Santa Maria*. Porto: Livraria Chardron, 1913.
- SAMPAIO, Newton. “Caminho de pedras” in *Uma visão literária dos anos 30*. Curitiba: Fund. Cultural de Curitiba, 1979.
- SCHMIDT, Augusto Frederico. “Uma revelação — O quinze” in *O quinze*. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- SCHPUN, Mônica Raísa. “Lé com lé, cré com cré? Fronteiras móveis e imutáveis em ‘Memorial de Maria Moura’”. in CHIAPPINI, Lúcia e BRESCIANI, Maria Stella. (orgs.) *Literatura e cultura no Brasil*. Identidades e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2002.
- SCHUMACHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário Mulheres do Brasil*. Fortaleza: Jorge, 2000.
- SCHWAMBORN, Ingrid. “Anotações a *Dôra Doralina* de Rachel de Queiroz” in FELDMANN, Helmut & LANDIM, Teoberto (org.). *Literatura sem fronteiras*. Fortaleza: UFC, Coleção Alagadiço Novo, 20, s/d, pp. 91-114.
- SILVA, Joelma Rodrigues da. *As cinco Marias de Raquel de Queiroz – uma análise de gênero*. Monografia da Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Fortaleza, 2000.
- SILVA, Morgana Paula Vale Rodrigues da. *As cores da seca em ‘O quinze’, de Rachel de Queiroz*. Monografia do Curso de Letras. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1999.
- SOUZA, J. Galante de. “Rachel de Queiroz” in *O teatro no Brasil*. vol II. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960.

- STEEN, Edla van. “Rachel de Queiroz” in *Viver & Escrever*. vol.1. Porto Alegre: L&PM, 1981.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. “Rachel de Queiroz” in *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- VENTURA, Aglaeda Facó. “Seminário termina com painel sobre Rachel de Queiroz” in *O romance de 30 no nordeste*. Seminário realizado no ano de 1981 na Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Proed, 1983.
- XAVIER, Elódia. *Declínio do patriarcado, a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1998.
- _____. “Trajetória ficcional de Rachel de Queiroz” in *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Natal: UFRN Universitária, 1995.
- XAVIER, Raul. “O quinze” in *Romance e poesia do norte*. Rio de Janeiro/Brasília: Cátedra/INL, 1980.
- ZAIDAN Filho, Michel. *O fim do nordeste e outros ensaios*. Recife: Ed. Universitária UFPE, 1999.

g) Revistas:

- D’ALGE, Carlos. “Saudação a Rachel de Queiroz” in *Revista de Letras UFC – Centro de Humanidades*. V. 1, Fortaleza: UFC, 1978.
- “A história do Dops revelada” in *Jornal do Commercio*, Recife, 17 out. 2000.
- ALVES, Aluizio. “O nordeste visto de dentro” in *Revista da semana*. Rio de Janeiro, 18 jan. 1958.
- AMÂNCIO, Moacir. “Rachel de Queiroz” – entrevista. *Shopping News – City News*. São Paulo, 06 nov. 1983.
- ANDRADE, Almir de. “Caminho de pedras”. *Boletim de Ariel*, VI/9, jun. 1937, pp. 274-6.
- _____. “Tendências atuais do romance brasileiro”. *Revista Lanterna Verde*, nº 5, Rio de Janeiro, julho, 1937.
- ANDRADE, Mário de. “Raquel de Queiroz — João Miguel”. *Rev. Nova*, São Paulo, ano 2, v. 3, nº 8-10, 15 dez. 1932, pp. 104-5.
- ARAÚJO, Paulo César de. “Raquel de Queiroz sob palavra” in *Revista do Livro*, INL/MEC, nº 42, ano XIII, 3º trim., 1970.
- AZEVEDO, Sânzio. “A literatura das secas” e “O quinze” in *Aspectos*. Fortaleza: Publicação da Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, nº 21, 1984.

- BENEVIDES, Artur Eduardo. “Os 100 anos da Academia Cearense de Letras e Saudação a Rachel de Queiroz” in *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Inst. Ceará, ano XCIV, vol. 50, 1993/94.
- Cadernos de literatura brasileira*, nº 4, set. 1997.
- CAMAROTTI, Gérson. “É preciso romance”. *Veja*, São Paulo, 02 out. 1996.
- CARVALHO, Beni. “A tragédia da seca num romance de mulher” in *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 4 out. 1930.
- CASTRO, Sílvio. “Raquel de Queiroz e o chamado romance nordestino”. *Rev. do Livro* 23-24, Rio de Janeiro, INL, 1961.
- COURTEAU, Joanna. “The problematic – heroines in the novels of Rachel de Queiroz” in *Luso Brazilian Review*, vol. 22, Winter, 1985.
- FARIA, Álvaro Alves de. “Rachel”. *Caros Amigos*, jan. 1999.
- FARIA, Octavio. “Rachel de Queiroz” (Arquivos implacáveis) in *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, 9 fev. 1963, p. 86.
- GAMA, Rinaldo. “A grande dama do sertão”. *Rev. Veja*, São Paulo, 17 jul. 1994.
- GRIECO, Agripino. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933, pp. 163-5.
- MACIEL, Júlio. “A Rachel de Queiroz” in *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Ed. Inst. Ceará, ano XCIV, vol. 50, 1993/94.
- _____. “O quinze” in *Revista Academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Inst. Ceará Ltda., ano LVII, nº 25, 1953.
- MARQUES, Sara. “Elas conhecem a glória” *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 23 out. 1943.
- MENEZES, Geraldo Bezerra. “Cinqüentenário de *O quinze*” in *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Inst. Ceará, ano LXXXV, nº 14, 1980.
- MONTELLO, Josué. “Raquel de Queiroz – a mulher entra para a academia”. *Rev. Manchete*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1977.
- NASCIMENTO, Bráulio de. “Rachel de Queiroz”. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, 13, set-out. 1950, p. 11.
- NISKIER, Arnaldo. *Discurso de recepção na Academia*. Rio de Janeiro: Bloch, 1984.
- _____. “Raquel de Queiroz - uma canção de amor a Israel”— entrevista. *Rev. Manchete*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1983.
- OLIVEIRA, Helena Rodrigues. “O percurso da dor: uma leitura de Dôra, Doralina, de Rachel de Queiroz”. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, nº 16, Brasília, nov/dez. 2001.
- “Resposta de Rachel de Queiroz”. *Rev. Acadêmica*, Rio de Janeiro, mai. 1941.
- RIBEIRO, João. “Estudo sobre *João Miguel*” in *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

- RIBEIRO, Leo Gilson. “O menino mágico”. Rev. *Veja e leia*, São Paulo, 15 out. 1969.
- RONÁI, Paulo. “Estudo” in *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro: MEC, out-dez. 1971.
- _____. “Rachel de Queiroz ou a complexa naturalidade”. *Revista Brasileira de Cultura* 10. Rio de Janeiro: MEC, Conselho Federal de Cultura, out/dez. 1971.
- SÁ, Jorge de. “Um texto vigoroso”. *Fatos*. São Paulo, 25 nov. 1985.

h) Jornais:

- “A Beata Maria do Egito estréia no Castro Mendes” in *Correio Popular*, Campinas, 20 set. 1984.
- “A Beata Maria do Egito” in *O Jornal da Faefi*, ano 1, n. 1, nov. 1984.
- ALMEIDA, Magda de. “Rachel de Queiroz, confidente do país” in *Estado de São Paulo*, 25 jul. 1989.
- AMADO, Gilberto. “A propósito dos romances de Rachel de Queiroz” in *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1958.
- _____. “Consciência profissional” in *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 19 jan. 1969.
- ANDRADE, Emanuel. “Concurso inédito premia maiores cabeças do sertão” in *Jornal do Commercio*, Recife, 22 set. 2000.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. “O sertão em surdina” in *Folha de São Paulo*, 12 mai. 2001.
- ATHAYDE, Tristão. (Alceu Amoroso Lima) “Rachel” in *Folha da Manhã*. São Paulo, 4 mai, 1958.
- BANDEIRA, Manuel. “Rachel” in *Folha da Manhã*, São Paulo, 15 jan. 1958.
- BARONE, Vanessa. “Confraria faz edição de luxo de *O quinze*” in *Estado de São Paulo*, 1996.
- BARRETO, Plínio. “Uma romancista sedutora” in *O estado de São Paulo*, 30 dez. 1956.
- BARSETTI, Silvio. “Beija-flor leva Rachel de Queiroz para a Sapucaí” in *Estado de São Paulo*, 13 jan. 1998.
- “Beata Maria do Egito: o misticismo nordestino no palco” in *Diário do Povo*, Campinas, 20 set. 1984.
- BECHERUCCI, Bruna. “Rachel de Queiroz: escrevendo histórias do cotidiano” in *Jornal da tarde*, São Paulo, 14 dez. 1985.
- “Bibliófilos relançam clássico *O quinze*” in *Estado de São Paulo*, 10 jul. 1996.
- BLOCH, Pedro. “Rachel” in *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 9 set. 1952.
- “Boa prosa e boa pena saíram do Quixadá” in *Visão*, São Paulo, 3 mar. 1961.

- BONFIM, Beatriz. “Um romance de meio-século” in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 out. 1980.
- CAMARGO, Joracy. “*Lampião* – drama documental ” in *Jornal de letras*, Rio de Janeiro, nov. 1953.
- CAMBARÁ, Isa. “A velha senhora na academia” in *Folha de São Paulo*, 17 abr. 1977.
- CARPEAUX, Otto Maria. “Piedade e inconformismo” in *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1957.
- CARPEGIANI, Schneider. “Histórias recheadas da cozinha sertaneja de Dona Rachel” in *Jornal do Commercio*, Recife, 20 ago. 2000.
- CARVALHO, José de. “Comentários sobre *O quinze*” in *O povo*, Fortaleza, 17 jun. 1930 (transcrito de *O correio de Belém*).
- CASOTTI, Bruno. “Rachel foge de Maria Moura” in *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 jun. 1994.
- CASTELLO, José. “Coleção de CDs privilegia prosa e verso brasileiros” in *Estado de São Paulo*, 23 mai. 1998.
- _____. “Rachel espera o século 21 para dar aos leitores outro romance” in *Estado de São Paulo*, 14 jun. 1995.
- _____. “Rachel percorre suas lembranças pelas mãos da irmã” in *Estado de São Paulo*, 29 de set. 1998.
- “Ceará realiza feira de livro e educação” in *Estado de São Paulo*, 12 abr. 1996.
- CELSO, Maria Eugenia. “O quinze” in *O povo*, Fortaleza, 27 set. 1930.
- CICCACIO, Ana Maria. “A família brasileira na berlinda literária” in *Jornal da Tarde*, São Paulo, 08 ago. 1998.
- “Começa Feira do Livro no Ceará” in *Jornal do Commercio*, Recife, 01 out. 1998.
- CUNHA, Helena Parente. “A fala da mulher na literatura dos anos 70/80” in *Jornal de Letras*, jan. 2000.
- ENEIDA. “O menino mágico” in *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 out. 1969.
- “Entrevista de Rachel de Queiroz: Detesto meus livros, tenho vergonha deles” e “Tenho antipatia mortal por *O quinze*” in *Folha de São Paulo*, 26 de set. 1998.
- “Escolha de escritores foi feita por livreiros franceses” in *Estado de São Paulo*, 13 jan. 1998.
- “Escritora defendia as raízes do *status quo*” in *Folha de São Paulo*, 5 nov. 2003.
- “Escritores brasileiros irão ao Salão de Paris” in *Estado de São Paulo*, 8 jan. 1998.
- FERRAZ, Geraldo Galvão. “A sinhazinha que virou cabra-macho” in *O Estado de São Paulo*, 15 ago. 1992.
- FERREIRA, Ascenço. “O quinze e o autor de Catimbó” in *O povo*, Fortaleza, 25 jul. 1930.
- FIGUEIREDO, Guilherme. “*Lampião*” in *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 set. 1953.

- “Fortaleza tem sua Feira do Livro” in *Jornal do Commercio*, Recife, 06 out. 1998.
- GERSEN, Bernardo. “Intuição e simpatia — perspectivas sobre a obra de Rachel de Queiroz” in *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1960 (I); 25 dez. 1960 (II); 8 jan. 1961 (III); 15 jan. 1961 (IV); 22 jan. 1961 (V).
- GOMES, Renato Cordeiro. “Memórias ríspidas de Rachel em torno do pacto familiar” in *Jornal da Tarde*, São Paulo, 13 fev. 1999.
- HAAG, Carlo. “Revista analisa obra de Rachel de Queiroz” in *Estado de São Paulo*, 15 de out. 1997.
- HELIODORA, Bárbara. “Crônicas da Beata Maria do Egito” in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 mai. 1958.
- HOUAISS, Antonio. “Memorial de Maria Moura” in *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 6 out. 1992, p. 4.
- LIMA, Domingos Gusmão de. “Rachel e o teatro” in *O povo*, Fortaleza, 10 jun. 1958.
- LIMA, Raul. “Livros e fatos – três romances” in *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1957.
- LINS, Letícia. “Antes de tudo, uma dama do sertão” in *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 set. 1994.
- LIRA, Marcelo. “Maria Moura sofre na seca de Pernambuco” in *Estado de São Paulo*, 10 nov. 2000.
- LUZ, Celina. “Raquel de Queiroz” in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 ago. 1970.
- MAGALDI, Sábato. “A beata Maria do Egito” in *O Estado de São Paulo*, 24 mai. 1958.
- MARIA, Antônio. “Mesa de pista – Rachel de Queiroz me manda a terceira das suas *Três Marias*” in *O globo*, Rio de Janeiro, 19 dez. 1956.
- “Maria Moura é o mais adiantado” in *Jornal do Commercio*, Recife, 24 ago. 2000.
- MARTINS, Maria. “A saga da rainha bandida” in *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 fev. 1992.
- MEDEIROS, Jotabê & SILVA, Beatriz Coelho. “Salão abre premiando os 45 vencedores do Jabuti 98” in *Estado de São Paulo*, 21 abr. 1999.
- MENEZES, Cynara. “Rachel relembra o século” in *Folha de São Paulo*, 26 set. 1998.
- MILLIET, Sérgio. “100 crônicas” in *O Estado de São Paulo*, 9 set. 1958.
- MIRANDA, Manoel. “As três grandes escritoras” in *Correio da semana*, Sobral-CE, 5 mar. 1952.
- MOCARZEL, Evaldo. “Rachel de Queiroz faz 80 anos e *O quinze*, 60” in *O Estado de São Paulo*, 15 nov. 1990.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. “*O quinze* – uma obra para sempre”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 mar. 1958.
- “Morre, aos 92, pioneira das letras brasileiras” in *Folha de São Paulo*, 5 nov. 2003.

- MURICY, Andrade. “O menino mágico” in *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1969.
- NADDAF, Ana. “Verbetes femininos” in *O povo*, 14 nov. 2000.
- NAME, Daniela. “A doce anarquia de 65 anos de literatura” in *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1995.
- NÉSPOLI, Beth. “Clássicos brasileiros têm edição de luxo” in *Estado de São Paulo*, 4 ago. 1997.
- NÊUMANE, José. “Uma obra repleta de surpresas e novidades” in *Estado de São Paulo*, 29 set. 1998.
- NOGUEIRA, João. “De João Nogueira a Rachel de Queiroz” in *O povo*, Fortaleza, 14 de set. 1930.
- NUNES, Mário. “Rachel de Queiroz e as letras teatrais – *A Beata Maria do Egito*” in *Jornal do Brasil*, mai. 1958.
- “O lado negro da história do Brasil nos arquivos do Dops” in *Jornal do Commercio*, Recife, 15 out. 2000.
- OLINTO, Antônio. “A Beata Maria do Egito” in *Para Todos*, Rio de Janeiro, mai. 1958.
- _____. “*O quinze*” in *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 jul. 1958.
- OLIVEIRA, Fausto e CHAME, Luciane. “ABL quer Rachel de Queiroz no Nobel” in *Estado de São Paulo*, 16 nov. 2000.
- OLIVEIRA, José de. “Três médicos no elenco de *A Beata Maria...*” in *Correio Popular*, Campinas, 10 jan. 1985.
- ONELLAS, Manoelito. “Romance, poesia e linguagem” in *Correio do povo*, Porto Alegre, 21 fev. 1961.
- OSCAR, Henrique. “A Beata Maria do Egito pelo INC do Teatro Serrador” in *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 28 out. 1959.
- PEREIRA, Astrogildo. “Folhetim (*A Beata*)” in *Imprensa popular*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1958.
- PÓLVORA, HÉLIO. “Dôra, Doralina” in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1975.
- PONGETTI, Henrique. “3 romances” in *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 dez. 1957.
- _____. “O Realismo da crônica em Rachel de Queiroz” in *O Globo*, Rio de Janeiro, 5 dez. 1967.
- PRADO, Antonio Arnoni. “*O quinze* renovou a ficção regionalista” in *Estado de São Paulo*, 12 nov. 2000.
- QUEIROZ, Dinah Silveira de. “*A Beata Maria do Egito*” in *Jornal do comércio*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1958.
- _____. “Dez retratos de escritoras” in *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, jun. 1958.
- _____. “Da crônica maior” in *Jornal do comércio*, Rio de Janeiro, 14 set. 1958.

- QUINTELLA, Ary. “Rachel de Queiroz” — entrevista in *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 14 março 1970.
- “Rachel de Queiroz deve receber alta amanhã” in *Estado de São Paulo*, 10 ago. 1999.
- “Rachel de Queiroz está internada no Rio” in *Estado de São Paulo*, 4 ago. 1999.
- “Rachel de Queiroz ganha Prêmio Moinho Santista” in *Estado de São Paulo*, 16 ago. 1996.
- “Rachel de Queiroz leva o Moinho Santista” in *Estado de São Paulo*, 16 ago. 1996.
- REBELLO, Gilson. “Rachel, viagem à própria memória” in *O Estado de São Paulo*, 03 nov. 1985.
- RIBEIRO, João. “João Miguel” in *O povo*, 22 jun. 1932.
- RIZZO, Edgar. “Teatro” in *Correio Popular*, Campinas, 1984.
- RÓNAI, Paulo. “A Beata Maria do Egito” in *O Estado*, Fortaleza, 18 jun. 1958.
- _____. “A donzela e a moura torta” in *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1956.
- RUFFATO, Luiz. “Rachel de Queiroz conta cruezas humanas” in *Jornal da Tarde*, São Paulo, 19 jun. 1999.
- SCALZO, Nilo. “Uma escritora autêntica” in *O Estado de São Paulo*, 05 ago. 1977.
- SCARPA, Paulo Sérgio. “As intimidades furtadas pela repressão” in *Jornal do Commercio*, Recife, 09 mai. 1999.
- SCHIMIDT, Augusto Frederico. “Lembranças e presença de Rachel” in *O povo*, Fortaleza, 18 ago. 1953.
- SELJAN, Zora. “Três romances” in *Para Todos*, Rio de Janeiro, 19 dez. 1957.
- SEREZA, Haroldo Ceravolo. “A capacidade de criação é sagrada” in *Estado de São Paulo*, 12 nov. 2000.
- _____. “Rachel, 90” in *O estado de São Paulo*, 12 nov. 2000.
- SILVA, Beatriz Coelho. “Rachel de Queiroz é aplaudida ao chegar à ABL e apoia o novo acadêmico Alberto da Costa e Silva” in *Estado de São Paulo*, 28 jul. 2000.
- SILVA, Marina. “Escritora abre baú de memórias e receitas” in *Diário do povo*, 4 out. 2000.
- SOARES, Ronaldo. “Rádio MEC lança gravações raras” in *Estado de São Paulo*, 5 nov. 1996.
- STEPHANES, Reinhold. “Ministro manda resposta à cronista Rachel de Queiroz” in *Estado de São Paulo*, 27 nov. 1996.
- “Teatro”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 out. 1958.
- “Teatro: o valor feminino na história nacional” in *Correio Popular*, Campinas, 22 set. 1984.
- TEIXEIRA, Maria de Lourdes. “A Beata Maria do Egito” in *Fôlha da Manhã*, SP, 13 jul. 1958.

- THOMÉ, Clarissa. “Mostra retrata vida de Rachel de Queiroz” in *Estado de São Paulo*, 5 mai. 2000.
- TOLEDO, Marcos. “Maria Moura volta às raízes” in *Jornal do Commercio*, Recife, 23 ago. 1998.
- _____. “Mulheres entram com a idéia e a ação” in *Jornal do Commercio*, Recife, 10 mar. 1999.
- _____. “Protagonista masculino de Maria Moura será pernambucano” in *Jornal do Commercio*, Recife, 11 dez. 1998.
- _____. “Trama de Maria Moura recebe inspiração do russo Dostoiévski” in *Jornal do Commercio*, Recife, 04 out. 2000.
- “Um vasto arsenal de livros na III Febralivro” in *Diário do nordeste*, Fortaleza, 27 set. 1998.
- VILLAÇA, Antônio Carlos. “Dôra, Doralina, a volta ao romance após 36 anos” in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 abril 1975.
- VILLAÇA, Nízia. “Uma senhora invulgar” in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 mai. 1992.

j) Internet

- “Análise literária – ‘Caminho de pedras’” em www.spaceports.com/~esquina/autores/rachel05.html
- “Biografia, obras e escola literária” em 222.spaceports.com/~esquina/autores/rachel02.html
- “Enterro de Rachel de Queiroz será amanhã na zona sul do Rio” em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38526.shtml> (04/11/2003)
- “Entrevista” em www.spaceports.com/~esquina/autores/rachel08.html
- GRABOIS, Ana Paula. “Veja a repercussão da morte da escritora Rachel de Queiroz” em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38520.shtml> (04/11/2003)
- “Rachel de Queiroz” em <http://victorian.fortunecity.com/statue/44/Asmulhereseosertao.html>
- “José Sarney lamenta morte de Rachel de Queiroz” em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38531.shtml> (04/11/2003)
- “Memorial de Maria Moura” em www.redeglobo.com.br/prog/19980815/mmmoura.htm
- MENEZES, Cynara. “Leia entrevista de Rachel de Queiroz concedida à Folha em 1998” em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38515.shtml> (04/11/2003)
- MERTEN, Luiz Carlos. “Maria Moura” faz de Rachel uma celebridade <http://www.estadao.com.br/divirtase/noticias/2003/nov/04/151.htm> (04/11/2003)

“Morre no Rio a escritora Rachel de Queiroz” em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38513.shtml> (04/11/2003)

OLIVEIRA, Helena Rodrigues de. “As mulheres e o sertão – um estudo de ‘O quinze’, de Rachel de Queiroz” em www.academia.org.br/cads/5/rachel.htm

PENNAFORT, Roberta. “Rachel de Queiroz é enterrada no Rio” em <http://www.estadao.com.br/divirtase/noticias/2003/nov/05/47.htm> (05/11/2003)

“Presença feminina muda perfil na academia” em www.estado.com.br/edicao/mulher/trabalho/abl1.html

“Rachel de Queiroz” em www.estado.com.br/colunistas/rachel

“Rachel de Queiroz” em www.estado.com.br/jornal/suplem/fem

“Rachel de Queiroz” em www.geocities.com/Athens/Acropolis/8047/

“Rachel de Queiroz morre aos 92 anos no Rio; enterro é nesta 4ª” em <http://br.news.yahoo.com/031104/16/fvf8.html> (04/11/2003)

“Resenhas” em www.spaceports.com/~esquina/autores/rachel106.html

RODRIGUES, Karine. “Amigos e parentes dão adeus a Rachel de Queiroz” <http://www.estadao.com.br/divirtase/noticias/2003/nov/05/25.htm> (05/11/2003)

_____. “Amigos lembram talento e força de Rachel” <http://www.estadao.com.br/divirtase/noticias/2003/nov/04/76.htm> (04/11/2003)

THOMÉ, Clarissa; RODRIGUES, Karine; PENNAFORT, Roberta. Rachel: “Escrevo porque esse é o meu ganha-pão” em <http://www.estadao.com.br/divirtase/noticias/2003/nov/04/54.htm> (04/11/2003)

“Trabalhos interpretam histórias do país” em www.estado.com.br/edicao/mulher/trabalho/abl3.html

I) Obras traduzidas:

AUSTEN, Jane. *Mansfield Park*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

BALZAC, Honoré de. *A mulher de trinta anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

BAUM, Vicki. *Helena Wilfuier*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

BELLAMANN, Henry. *A intrusa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

BOTTONE, Phyllis. *Tempestade d'alma*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

BRUYÈRE, André. *Os Robinsons da montanha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

BUCK, Pearl. *A promessa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

BUTLER, Samuel. *Destino da carne*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

CHRISTIE, Agatha. *A mulher diabólica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

CRONIN, A. J. *A família Brodie*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

_____. *Anos de ternura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

_____. *Aventuras da maleta negra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

DONAL, Mario. *O quarto misterioso e Congresso de bonecas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

DOSTOIÈVSKI, Fiódor. *Humilhados e ofendidos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

_____. *Recordações da casa dos mortos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

_____. *Os demônios*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

_____. *Os irmãos Karamazov*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952. 3 v.

DU MAURIER, Daphne. *O roteiro das gaivotas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

FREMANTLE, Anne. *Idade da fé*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

GALSWORTHY, John. *A crônica dos Forsyte*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946. 3 v.

GASKELL, Elisabeth. *Cranford*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

GAUTHIER, Théophile. *O romance da múmia*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1972.

HEINDENSTAM, Verner von. *Os carolinos: crônica de Carlos XII*. Rio de Janeiro: Delta, 1963.

HILTON, James. *Fúria no céu*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

LA CONTRIE, M. D'Agon de. *Aventuras de Carlota*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

LOISEL, Y. *A casa dos cravos brancos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

LONDON, Jack. *O lobo do mar*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1972.

MAURIAC, François. *O deserto do amor*. Rio de Janeiro: Delta, 1966.

PROUTY, Oliver. *Stella Dallas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

REMARQUE, Erich Maria. *Náufragos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

ROSAIRE, Forrest. *Os dois amores de Grey Manning*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

ROSMER, Jean. *A afilhada do imperador*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

SAILLY, Suzane. *A deusa da tribo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

VERDAIT, Germaine. *A conquista da torre misteriosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

VERNE, Júlio. *Miguel Strogoff*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1972.

WHARTON, Edith. *Eu soube amar*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

WILLEMS, Raphaëlle. *A predileta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

m) Bibliografia Geral:

- ALMEIDA, José Américo de. *A Paraíba e seus problemas*. 4 ed. Brasília: Senado Federal, 1994.
- _____. *A bagaceira*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.
- ANDRADE, Mário. *Aspectos da literatura brasileira*. 5 ed. São Paulo: Martins, 1974.
- AQUINO, Pedro Ferreira de. *O santo do meu nordeste* – Padre Cícero Romão Batista. São Paulo: Letras & Letras, 1997.
- ARINOS, Afonso. *Lendas e tradições brasileiras*. 2 ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & C. A., 1937.
- ATTWATER, Donald. *Dicionário de santos*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Ltda, 1965.
- ÁVILA, Affonso. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.
- AYALA, Maria Ignez Novais. “Mulher repentista: uma profissão, dificuldades várias” in *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Natal: UFRN Ed. Universitária, 1995.
- BACHOFEN, Joahnn Jakob. *Mitología arcaica y derecho materno*. Barcelona: Anthropos, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*, 3 ed., São Paulo: Unesp, 1993.
- BANDEIRA, Manuel. “Balada de Maria Egípcíaca” in *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- BAREL, Ana Beatriz Demarchi. *Recolhas de contos da tradição oral: a Rainha Moura virada no avesso*. Dissertação de Mestrado – IEL-UNICAMP, Campinas, 1995.
- BEIGUELMAN, Paula. *Viagem sentimental a Dona Guidinha do Poço*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1993.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Helena – o eterno feminino*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- BRUNO, Haroldo. “Dois nordestes: o real e o mítico” in *Novos estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio/INL-MEC, 1980.
- CÂNDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- CANDOLO, Teresa. *Desejo de Deus: as lágrimas e a representação do ideal monástico primitivo em hagiografias medievais portuguesas*. Tese de Doutorado, IEL-UNICAMP, Campinas, 2002.
- CARVALHO, José Cândido. *O coronel e o lobisomem*. 34 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

- CARVALHO, Maria Michol Pinho de. *Matriarcas do Maranhão – Dona Noca: a Senhora do Sertão*. Papéis Avulsos, nº23, Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos, Escola de Comunicação / Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.
- CASCUDO, Câmara Luís. *Contos tradicionais do Brasil (folclore)*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1992.
- CHASTENET, Jacques. *A vida de Isabel I de Inglaterra*. Trad. José Saramago. Lisboa: Estudios cor, 1959.
- COELHO, Adolfo. *Contos populares portugueses*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- COSTA, Emilia de Sousa. *Lendas de Portugal*. 2 ed. Porto: Livraria Figueirinhas, s/d.
- COUTINHO, Afrânio (org.). “O regionalismo na prosa de ficção” in *A literatura no Brasil*. vol. II. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1970.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Record / São Paulo: Altaya, 1998.
- DACANAL, José Hildebrando. *O romance de 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- Dal FARRA, Maria Lúcia. “Percurso teórico” in *O narrador ensimesmado*. São Paulo: Ática, 1978.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Dicionário Caldas Aulete*. Rio de Janeiro: Delta Universal, 1982.
- DUARTE, Regina Horta. *Noites circenses*. Campinas: Unicamp, 1995.
- Enciclopédia Delta Universal*. Rio de Janeiro: Delta Universal, 1982.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiro e fanáticos: gênese e lutas*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1978.
- FARIA, Américo. *Dez mulheres na literatura*. Lisboa: Livraria Clássica, 1956.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves. *Dentro da vida, à margem da história, Matriarcas de Pernambuco*. nº14, Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos, Escola de Comunicação / Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.
- FORSTER, Edward M. *Aspectos do romance*. 2 ed. São Paulo: Globo, 1998.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & Senzala*. 13 ed. Brasília: UnB, 1963.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Gatos de outro saco*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- _____. *A donzela guerreira — um estudo de gênero*. São Paulo: Senac, 1998.
- GEORGOUDI, Stella. “Bachofen, o matriarcado e a antigüidade: reflexões sobre a criação de um mito” in *Histórias das mulheres no ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990.
- GIL, Fernando Cerisara. *O romance da urbanização*. Tese de Doutorado, IEL-UNICAMP, Campinas, 1997.
- GOMES, Alfredo Macedo. *Imaginário social da seca*. Suas implicações para a mudança social. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1998.

- GRENTE, Cardinal Georges. “Légende dorée” in *Dictionnaire des lettres françaises*. Paris: Fayard, 1992.
- GUIMARÃES, Ariadne C. & PRÔA, Ana Lúcia. *O livro dos Santos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- HOBSBAWM, E. J. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.
- HOORNAERT, E. *História da igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- KONDER, Leandro. *A democracia e os comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas cidades, 2000.
- LANCIANI, Giulia & TAVANI, Giuseppe (org.). “Flos sanctorum em linguagem portuguesa” in *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.
- LUCA, Leonora De. *A Mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira*. Dissertação de Mestrado. IFCH-UNICAMP, Campinas, 1999.
- MARTINS, Wilson. “Nacionalismo e regionalismo” in *A literatura brasileira*. vol. VI. São Paulo: Cultrix, 1965.
- MEIRELES, Cecília. *Oratória de Santa Maria Egípcíaca*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- MENDONÇA, Wilma Martins de. “A virtude feminina: do texto medieval ao folheto” in *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Natal: UFRN Universitária, 1995.
- MENEZES, Djacir. *O outro nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.
- MIGUEL-PEREIRA, Lucia. “Prosa de ficção” in *História da literatura brasileira*. Álvaro Lins (org.). Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.
- MORAES, Santos. *Heroínas do romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 1971.
- MORAIS, Raimundo. *Anfiteatro amazônico*. 2 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Melhoramentos de São Paulo, s/d.
- MOTT, Luiz. *Rosa egípcíaca — uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1993.
- OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-homem*. 7 ed. São Paulo: Ática, 1978.
- OLIVEIRA, Maria Francinete de. “A mulher na literatura de cordel” in *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Natal: UFRN Universitária, 1995.
- _____. *A representação da mulher na literatura de cordel*. Tese de Mestrado, PUC-RS, Porto Alegre, 1981.
- ORICO, Oswaldo. *Contos e lendas do Brasil*. Rio de Janeiro: Cayeiras / São Paulo: Cia Melhoramentos de São Paulo, s/d.
- PAIVA, Manoel de Oliveira. *Dona Guidinha do Poço*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1965.

- PONTES, Joel. “Situação da ficção regionalista” in *O aprendiz de crítica*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960.
- QUALLS-CORBETT, Nancy. *A prostituição sagrada – a face eterna do feminino*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1990.
- RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- RILKE, Rainer Maria. *Antologia poética*. 3 ed. Madrid: Espasa-Calbe, 1979.
- ROCHA, Melchides da. *Bandoleiros das catingas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- ROMERO, Sílvio. *Contos populares do Brasil*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Clássica de Alves & Companhia, 1897.
- _____. *Contos tradicionais do Brasil* (folclore). Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- _____. *Folclore Brasileiro 1 – Cantos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.
- ROSAYRO, Diogo de. *Flos sanctorum das vidas e obras insignes dos santos*. Lisboa, 1590.
- ROSENFELD, Anatol. *Prismas do teatro*. São Paulo: Edusp, Unicamp, Perspectiva, 1993.
- SALISBURG, Joyce E. *País da igreja, virgens independentes*. São Paulo: Página aberta, 1991.
- SANTOS, Rinaldo. *A revolução nordestina; a epopéia das secas*. Recife: Tropical, 1984.
- SARMENTO, Francisco de Jesu Maria. *Flos Sanctorum ou Santuário Doutrinal*, tomo I. Santa Congregação da Sagrada Ordem Terceira da Penitência, s/d.
- SCHILLER, Friedrich. *Maria Stuart*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955.
- SCHULLER, Donald et al. *Mulher em prosa e verso*. Porto Alegre: Movimento, 1988.
- SETTE, Mário. *Senhora de engenho*. 5 ed. São Paulo: J. Fagundes, 1937.
- SODRÉ, Nelson Werneck. “O post-modernismo”. *Revista Literatura*. Rio de Janeiro, set. 1946, ano 1, nº 1.
- SOUZA, Angela Leite de. *Contos de fada: Grimm e a literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte: Lê, 1996.
- TINHORÃO, José Ramos. *Vida, tempo e obra de Manoel de Oliveira Paiva*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desportos, 1986.
- VARAZZE, Iacopo da. *Legenda Aurea*. Org. por Alessandro e Luceta Vitale Brovarone. Torino: Einaudi Editore, 1995.
- VASCONCELOS, Agripa. *Sinha brava – D. Joaquina do Pompéu*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1966.
- VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Efeito intertextual na ‘Eneida’ de Virgílio*. Tese de Doutorado. FFLCH-USP.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. São Paulo: Cultrix, 1985.

VORAGINE, Jacques de. "Légende de Sainte Marie L'Égyptienne" in *La légende dorée*.
Paris: Librairie Academique, 1920.